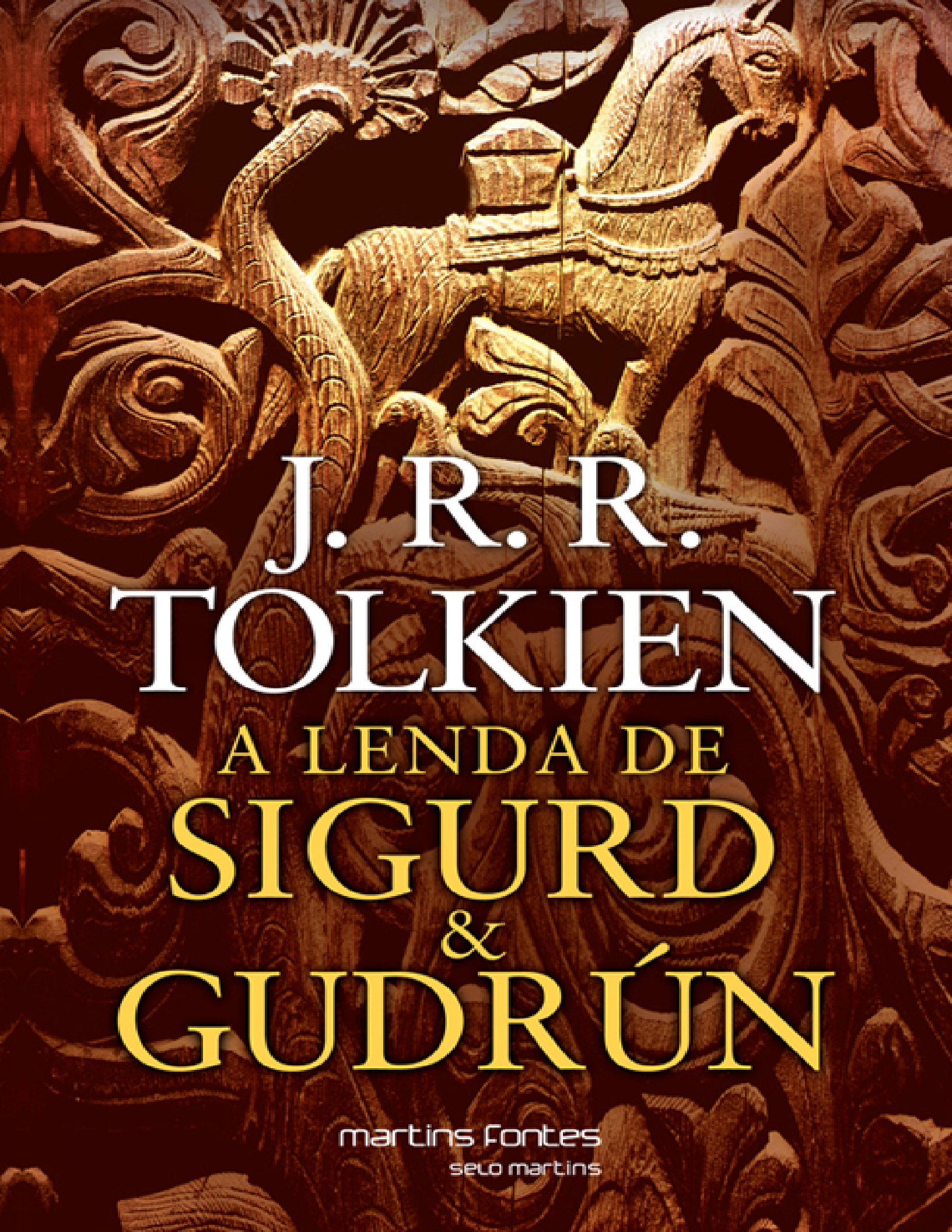




J.R.R.
TOLKIEN

A LENDA DE
SIGURD
&
GUÐRÚN

martins fontes
seco martins



A LENDA DE SIGURD & GUDRÚN

101 Cursed be Atli
King of evil,
of glory naked,
gold-bereaved;
gold-bereaved,
gold-tormented,
murder-tainted,
murder-haunted!"

102 Fires of madness
flamed and started
from eyes of Atli;
anguish gnawed him:
Atli. "Serpents seize him!
snakes shall sting him,
Naked cast him
in the monstrous pit!"

103 There gleaming-eyed
Gudrún waited;
the heart within her
hardened darkly.
Grimmood took her,
Grimhild's daughter,
ruthless hatred,
wrath consuming.

104 There grimly waited
Gunnar naked;
Snakes were creeping
silent round him.
Teeth were poisoned,
tongues were darting;
in lidless eyes
light was shining.

105 A harp she sent him;
his hands seized it,
strong he smote it;
strings were ringing.
Wondering heard men
words of triumph,
long up-swelling
from the serpents' pit.

106 There coldly creeping
coiling serpents
as stones were staring
stilled, enchanted.
There slowly swayed they,
slumber whelmed them,
as Gunnar sang
of Gunnar's pride.

107 As voice in Valhöll
valiant ringing
the golden Gods
he glorious named;
of Odinn sang he,
Odin's chosen,
of Earth's most mighty,
of ancient kings.

108 A huge adder
hideous gleaming
from stony hiding
was stealing slow.
Huns still heard him
his harp thrilling,
and doom of Hunland
dreadfully chanting.

109 An ancient adder
evil-swollen,
to breast it bent
and bitter stung him.
Loud cried Gunnar
life forsaking;
harp fell silent,
his heart was still.

110 To the queen that cry came
clear and piercing;
aghast she sat
in guarded bower.
Erp and Eitill
eager called she:
dark their locks were,
dark their glances.

Estrofes 131-140 do manuscrito da nova Balada de Gudrún.



J. R. R. Tolkien

A LENDA DE SIGURD E GUDRÚN

TRADUÇÃO
Ronald Kymse

martins fontes
selo martins



® é uma marca registrada de
J. R. R. Tolkien Estate Limited

© 2010 *Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, para a presente edição.*

Todos os textos e materiais de J.R.R. Tolkien © The Tolkien Trust 2009, exceto aqueles derivados de The Letters of J.R.R Tolkien © The J.R.R. Tolkien Copyright Trust 1981, de Morgoth's Ring © The J.R.R. Tolkien Copyright Trust 1993 e The Peoples of Middle-Earth © The J.R.R. Tolkien Copyright Trust 1996.

Prefácio, Introdução, Comentários, Apêndices, e todos os outros materiais © C.R. Tolkien 2009.

Ilustrações © Bill Sanderson.

Esta obra foi publicada originalmente em inglês por Harper Collins Publishers Ltd. com o título The Legend of Sigurd and Gudrún.

Os desenhos de capa são tirados de entalhes que ilustram a história de Sigurd, nas portas da igreja de Hylestad, na Noruega, datada do século XII: Grani, cavalo de Sigurd, carregando o tesouro do dragão, e Regin forjando uma espada para Sigurd.

© Werner Forman Archive/Universitetets Oldsaksamling, Oslo.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra em formato digital pode ser apropriada, reproduzida ou transmitida por nenhum meio sem a prévia autorização por escrito do editor. Qualquer duplicação ou exploração não autorizada constitui violação de copyright e estará sujeita a penalidades.

1ª edição: 2010

1ª edição eletrônica: 2013

Publisher

Evandro Mendonça Martins Fontes

Coordenação editorial

Vanessa Faleck

Produção Editorial

Valéria Sorilha

Preparação

Beatriz C. Nunes de Sousa

Revisão

Denise Roberti Camargo

Dinarte Zorzanelli da Silva

Maria Dolores Sierra Mata

Pamela Guimarães

ISBN 978-85-8063-092-3

Todos os direitos desta edição reservados à

Martins Editora Livraria Ltda.

Av. Dr. Arnaldo, 2076

01255-000 São Paulo SP Brasil

Tel.: (11) 3116 0000

info@martinseditora.com.br

www.martinsmartinsfontes.com.br

SUMÁRIO

[NOTA DO TRADUTOR](#)

[PREFÁCIO](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[INTRODUÇÃO À EDDA ANTIGA, POR J. R. R. TOLKIEN](#)

[VÖLSUNGAKVIÐA EN NÝJA](#)

[UPPHAF \(Início\)](#)

[I ANDVARA-GULL \(O OURO DE ANDVARI\)](#)

[II SIGNÝ](#)

[III DAUÐI SINFIÖTLA \(A MORTE DE SINFIÖTLI\)](#)

[IV FÆDDR SIGURÐR \(NASCE SIGURD\)](#)

[V REGIN](#)

[VI BRYNHILDR](#)

[VII GUÐRÚN](#)

[VIII SVIKIN BRYNHILDR \(BRYNHILD TRAÍDA\)](#)

[IX DEILD \(CONTENDA\)](#)

[COMENTÁRIO SOBRE VÖLSUNGAKVIÐA EN NÝJA](#)

[GUÐRÚNARKVIÐA EN NÝJA eða DRAP NIFLUNGA](#)

[COMENTÁRIO SOBRE GUÐRÚNARKVIÐA EN NÝJA](#)

[APÊNDICES](#)

[APÊNDICE A UM BREVE RELATO DAS ORIGENS DA LENDA](#)

[APÊNDICE B A PROFECIA DA SIBILA](#)

[APÊNDICE C FRAGMENTOS DE UM POEMA HEROICO DE](#)

[ÁTILA EM ANTIGO INGLÊS](#)

NOTA DO TRADUTOR

O leitor de língua portuguesa encontrará nesta tradução algumas palavras arcaicas ou obscuras, como *atro*, *terçado* etc. Ele estará em numerosa companhia, pois também o leitor anglófono se depara, nestes e em outros poemas de Tolkien, com termos em desuso e que demandam recorrer a um (bom) dicionário. Se por um lado o uso de tais vocábulos ajuda a reproduzir em nossa língua algo do estranhamento e sabor do original – e é a isso que deveria aspirar toda tradução –, eles relembram, por outro lado, o uso formulaico dos *kennings* escandinavos, explicado pelo autor em sua introdução.

As inversões que se encontram em muitos versos tampouco deveriam representar um grande obstáculo àqueles acostumados com a dicção poética em nosso idioma. A formulação concisa, às vezes com fragmentos frasais no lugar de sentenças completas, decorre de uma característica da poesia nórdica que Tolkien expressou deste modo:

No antigo inglês visava-se à amplitude, plenitude, reflexão, ao efeito elegíaco. A poesia nórdica antiga visa a *apanhar uma situação*, a desferir um golpe que será lembrado, a iluminar um momento com um clarão de relâmpago – e tende à concisão, ao pesado acúmulo da língua com sentido e forma [...] a poesia inglesa antiga não tenta nos atingir no olho. Atingir-nos no olho era a intenção deliberada do poeta nórdico.

Naturalmente a limitação do número de sílabas é menos estrita em português do que em inglês, por ser este último um idioma em larga medida monossilábico. A tendência a palavras de uma só sílaba é sentida nos termos germânicos, especialmente nos básicos, ainda não “contaminados” pela invasão linguística normanda (como pretendia Tolkien), que aqui constituem a maior parte do vocabulário.

Menos usual é a aliteração, recurso muito raramente usado em português – de fato, quase exclusivamente na tradução de poesia aliterante, por exemplo a anglo-saxã. Importante, e quase suficiente, é notar que aliteram entre si – ou seja, iniciam pelo mesmo som (não pela mesma letra) as sílabas tônicas de certas palavras, normalmente duas no primeiro

hemistíquio (meio-verso) e uma no segundo. A esse respeito o texto introdutório de Tolkien é muito elucidativo. As poucas exceções à regra, nesta tradução, são as seguintes:

1. Em casos isolados há somente duas, não três palavras aliterantes. Isso se deve a restrições léxicas ou de sentido e é menos frequente na tradução do que no próprio original.

2. Assim como também ocorre no original tolkieniano, e no nórdico antigo, por vezes aliteram fonemas sonoros com surdos, ou então fonemas semelhantes. Desse modo, encontra-se *s* aliterando com *z* e *f* com *v*, bem como *l* com *lh*, *n* com *nh*, *r* com *rr* e todas as vogais entre si.

Dito isso, resta esperar que a presente tradução proporcione aos leitores brasileiros – e outros lusófonos – uma sensação semelhante à que o original desperta naqueles que o leem “tal e qual”.

Ronald Kyrmse



PREFÁCIO



PREFÁCIO

Em seu ensaio “Sobre contos de fadas” (1947), meu pai escreveu sobre os livros que lera na infância e disse nessa ocasião:

Eu desejava bem pouco procurar tesouros enterrados ou combater piratas, e *A ilha do tesouro* não me entusiasmava. Os peles-vermelhas eram melhores: havia nessas histórias arcos e flechas (tive e tenho um desejo totalmente insatisfeito de atirar bem com um arco), e línguas estranhas, e vislumbres de um modo de vida arcaico, e acima de tudo florestas. Mas a terra de Merlin e Arthur era melhor que isso, e melhor que tudo o norte sem nome de Sigurd dos Völsungs, e o príncipe de todos os dragões. Tais terras eram proeminentemente desejáveis.

Sem dúvida pode-se reconhecer que a poesia arcaica, em idioma nórdico antigo, conhecida pelos nomes de *Edda antiga* ou *Edda poética*, continuou sendo uma força profunda, se bem que submersa, nas obras de sua vida subsequente. Seja como for, é bem sabido que ele derivou os nomes dos anãos de *O hobbit* do primeiro poema da *Edda*, a “Völuspá”, “A profecia da sibila” – tendo observado a um amigo em dezembro de 1937, em tom sarcástico, porém característico:

Eu próprio não aprovo muito *O hobbit* e prefiro minha própria mitologia (que é apenas tangenciada), com sua nomenclatura consistente [...], a essa turba de anãos com nomes da *Edda*, tirados da “Völuspá”, a modernos hobbits e gollums (inventados em uma hora ociosa) e runas anglo-saxãs.

Mas certamente não é bem sabido, na verdade mal é sabido (apesar de poder ser descoberto nas publicações existentes), que ele escreveu dois

poemas intimamente associados entre si, tratando da lenda dos Völsungs e Niflungs (ou Nibelungos), usando o inglês moderno adaptado à métrica do nórdico antigo, totalizando mais de quinhentas estrofes: poemas que até agora nunca foram publicados, nem foi citado qualquer verso deles. Esses poemas levam os títulos de “Völsungakviða en nýja”, a nova Balada dos Völsungs, e “Guðrúnarkviða en nýja”, a nova Balada de Guðrún.

A erudição de meu pai de modo algum se limitava ao “anglo-saxão”, mas estendia-se a um conhecimento especialista dos poemas da *Edda antiga* e da língua nórdica antiga (um termo que no uso geral equivale mormente ao antigo islandês, já que de longe a maior parte da literatura nórdica sobrevivente está escrita em islandês). Na verdade, por muitos anos após ter-se tornado professor de Anglo-Saxão em Oxford, em 1925, foi professor de Nórdico Antigo, apesar de não existir tal título; deu conferências e aulas sobre a língua e a literatura nórdica em todos os anos desde 1926 até 1939 pelo menos. Mas, a despeito de suas realizações nesse campo, que eram reconhecidas na Islândia, ele jamais escreveu nada especificamente sobre um assunto nórdico para ser publicado – exceto talvez pelas novas baladas, e para isso, até onde sei, não há evidências nem contra nem a favor, a não ser que sejam sugeridas pela existência de um manuscrito de amanuense, de data desconhecida e sem qualquer outro interesse. Mas sobreviveram muitas páginas de anotações e rascunhos para suas conferências, por muito que em sua maior parte fossem escritas com grande rapidez, e frequentemente na iminência da ilegibilidade, ou além.

As Novas baladas surgiram desses estudos e pertencem a esse tempo. Minha tendência é datá-las mais nos últimos que nos primeiros anos de sua vida em Oxford antes da Segunda Guerra Mundial, talvez no início da década de 1930; mas isso é pouco mais do que uma intuição indisputável. Os dois poemas, que creio guardarem uma relação próxima em termos de período de composição, constituem uma obra muito substancial, e parece possível, como mera conjectura, já que não há quaisquer evidências para confirmá-lo, que meu pai se tenha voltado para os poemas nórdicos como um novo empreendimento poético após ter abandonado a Balada de Leithian (a lenda de Beren e Lúthien) perto do final de 1931 (*The lays of Beleriand**, p. 304).

Esses poemas mantêm uma relação complexa com suas antigas fontes; de forma nenhuma são traduções. Essas próprias fontes, de natureza

variada, apresentam obscuridades, contradições e enigmas, e a existência desses problemas esteve na base do propósito expresso de meu pai ao escrever as Novas baladas.

Bem poucas vezes (que eu saiba) ele se referiu a elas. De minha parte, não consigo recordar nenhuma conversa com ele sobre esse assunto até bem perto do fim de sua vida, quando me falou delas e tentou, sem êxito, encontrá-las. Mas mencionou a obra brevemente em duas cartas a W. H. Auden. Na de 29 de março de 1967 (*Cartas de J. R. R. Tolkien*, editadas por Humphrey Carpenter, n. 295), agradecendo a Auden a remessa de sua tradução da “Völuspá”, disse que esperava lhe mandar em retorno “se eu conseguir lhe pôr as mãos (espero que não esteja perdido) algo que fiz muitos anos atrás quando tentava aprender a arte de escrever poesia aliterante: uma tentativa de unificar as baladas sobre os Völsungs existentes da *Edda antiga*, escritas na antiga estrofe fornyrðislag de oito versos” (esse é o nome dado à métrica nórdica de estrofes aliterantes empregada na maior parte dos poemas *eddaicos*, a “Métrica da Antiga Tradição”^{**}). E no ano seguinte, em 29 de janeiro de 1968, escreveu: “Creio que tenho, jogado em algum lugar, um longo poema inédito chamado ‘Völsungakviða en nýja’, escrito em inglês, em estrofes fornyrðislag de oito versos: uma tentativa de organizar o material da *Edda* que trata de Sigurd e Gunnar”.

“Unificar”, “organizar” o material das baladas da *Edda antiga*: foi assim que se expressou uns quarenta anos depois. Falar apenas da “Völsungakviða en nýja”, seu poema, como narrativa é essencialmente *ordenamento* e *clarificação*, extração de um desenho ou estrutura compreensível. Mas devem ser sempre mantidas em mente estas suas palavras: “As pessoas que escreveram cada um destes poemas [da *Edda*] – não os colecionadores que mais tarde os copiaram e deles fizeram excertos –, *escreveram-nos como coisas distintas e individuais, para serem ouvidas isoladas, tendo em mente apenas o conhecimento geral da história*”.

Pode-se dizer, como me parece, que ele apresentou sua interpretação das fontes em um modo que pode ser recebido independentemente das dúvidas e dos debates da erudição *eddaica* e *nibelunga*. As próprias “Novas baladas”, elaborados poemas moldados nas baladas eddaicas tanto na maneira como na métrica, são, portanto, soberanas e são apresentadas aqui em textos simples sem qualquer interferência editorial; tudo o mais, no livro, é subordinado.

Requer explicação o fato de que, ainda assim, há no livro tantas outras coisas. Pode-se achar que deveria ser feito algum relato sobre a verdadeira natureza do tratamento peculiar que meu pai deu à lenda. Proporcionar um relato abrangente dos problemas, largamente discutidos, que ele procurou resolver conduziria com demasiada facilidade à primeira publicação das Novas baladas, após uns oitenta anos, tendo suspenso ao pescoço um grande peso de discussão erudita. Nem há como pensar nisso. Mas parece-me que a publicação de seus poemas proporciona uma oportunidade para ouvir o próprio autor, através das notas que preparou para suas conferências, falando (por assim dizer) em tons característicos sobre aqueles mesmos elementos de dúvida e dificuldade que se encontram nas antigas narrativas.

Deve-se também dizer que seus poemas não são fáceis de acompanhar em todos os pontos, e isso se deve especialmente à natureza dos poemas antigos que lhe serviram de modelo. Em uma de suas conferências ele disse:

No antigo inglês visava-se à amplitude, plenitude, reflexão, efeito elegíaco. A poesia nórdica antiga visa a *apanhar uma situação*, a desferir um golpe que será lembrado, a iluminar um momento com um clarão de relâmpago – e tende à concisão, ao pesado acúmulo da língua com sentido e forma [...].

Ver-se-á que esse “apanhar uma situação”, “iluminar um momento”, sem um claro desdobramento da sequência narrativa ou de outras matérias que dizem respeito ao “momento”, é uma característica marcante das Novas baladas, e aí pode-se buscar alguma orientação adicional às breves declarações em prosa que ele acrescentou a algumas seções da “Völsungakviða en nýja”.

Após muito deliberar, portanto, incluí ao final de cada poema um comentário que pretende esclarecer referências e trechos que possam parecer obscuros e também destacar os pontos em que meu pai se desviou significativamente das fontes nórdicas antigas ou entre narrativas variantes, indicando suas opiniões em tais casos, quando possível, com referência ao que ele disse em suas conferências. Deve-se enfatizar que nada nessas notas sugere que ele tivesse escrito, ou pretendesse escrever, seus próprios poemas sobre o assunto; por outro lado, como seria de esperar, muitas

vezes pode ser observada a congruência entre as opiniões expressas em suas notas de conferência e o tratamento das fontes nórdicas em seus poemas.

Como introdução geral à *Edda antiga*, neste livro, citei extensamente uma conferência mais bem-acabada com esse título e, seguindo-a, contribuí com breves declarações sobre o texto dos poemas, a forma dos versos e alguns outros tópicos. Ao final do livro forneci um breve relato das origens da lenda e citei alguns outros poemas correlatos de meu pai.

Assim, fazendo largo uso das anotações de meu pai e de suas discussões esboçadas sobre a “Matéria do Nórdico Antigo” e da tragédia dos Völsungs e dos Niflungs, redigidas às pressas e inacabadas como se encontram, resolvi tentar fazer deste livro, como um todo, tanto quanto possível a sua própria obra. Dada sua natureza, ele não deve ser julgado pelas opiniões predominantes na erudição contemporânea. Ele pretende ser, isso sim, uma apresentação e um registro de suas percepções, em seus próprios dias, de uma literatura que ele admirava muito.

Nos comentários refiro-me aos dois poemas como a Balada dos Völsungs (“Völsungakviða”) e a Balada de Gudrún (“Guðrúnarkviða”). Mas no nome do livro, *A lenda de Sigurd e Gudrún*, adotei o título subordinado que meu pai deu à “Völsungakviða” na página inicial do manuscrito, “Sigurðarkviða en mesta” [A mais longa balada de Sigurd], a respeito do qual vide [“Comentário sobre Völsungakviða en nýja” em DEILD \(Contenda\)](#).

As seções deste livro são precedidas de desenhos executados pelo sr. Bill Sanderson. Eles derivam estritamente de entalhes em madeira que enfeitam os largos batentes da igreja de Hylestad, no sul da Noruega, datada do século XII, e que estão agora preservados na Oldsaksamlingen da Universidade de Oslo.

As cenas representam, em séries verticais contínuas de cada lado do portal, a história da mais famosa façanha de Sigurd, que na Balada dos Völsungs é contada na seção V, *Regin*: o assassinio do dragão Fáfnir, que deu a ele o nome de *Fáfnisbani*. Os entalhes começam pelo forjamento de espadas pelo ferreiro Regin, que são postas à prova. Seguem-se depois o assassinio de Fáfnir; Sigurd provando seu sangue com o dedo, o que lhe permitiu compreender as vozes dos pássaros (estrofe 41 da Balada); o assassinato de Regin (estrofe 45); e Grani, cavalo de Sigurd, famoso na

lenda e cria de Sleipnir, o mítico cavalo montado por Ódin: aqui ele se mostra carregado com o tesouro do dragão, que porém não é representado por esse artista como uma carga tão enorme como na “Völsunga Saga” e na Balada (estrofe 48). O entalhe contínuo termina com uma cena diferente: Gunnar tocando a harpa no poço de serpentes de Atli (A balada de Guðrún, estrofe 135): nesta versão, tocando-a com os pés, pois tem as mãos atadas (vide [“Comentário sobre Völsungakviða en nýja”](#)).



Ver-se-á que neste livro não há referência às óperas de Richard Wagner que se conhecem pelo título geral de *Der Ring des Nibelungen*, ou *O anel*.

Em sua obra, Wagner baseou-se primariamente na literatura nórdica antiga. Suas principais fontes, que ele conhecia em tradução, foram as baladas da *Edda poética* e a Saga dos Völsungs, como foram também de meu pai. O grande poema épico “Das Nibelungenlied”, escrito por volta do começo do século XIII em médio alto alemão, de nenhum modo foi fonte dos libretos de Wagner no mesmo sentido que as obras nórdicas, por muito que esse fato seja superficialmente disfarçado por seu uso das formas nominais alemãs (Siegfried, Siegmund, Gunther, Hagen, Brünnhilde).

Mas a forma como Wagner tratou as formas nórdicas antigas da lenda foi menos uma “interpretação” da antiga literatura do que um impulso novo e transformador, apanhando elementos da velha concepção setentrional e colocando-os em novas relações, adaptando, alterando e inventando em ampla escala, de acordo com seu próprio gosto e suas intenções criativas. Assim, os libretos de *Der Ring des Nibelungen*, apesar de realmente erguidos sobre antigas fundações, têm de ser vistos menos como continuação ou desenvolvimento da muito duradoura lenda heroica do que como uma obra de arte nova e independente, com a qual, em espírito e propósito, a “Völsungakviða en nýja” e a “Guðrúnarkviða en nýja” guardam pouca relação.



* *The Lays of Beleriand* é um dos 12 volumes de *The History of Middle-earth*, um relato da composição d'O *Senhor dos Anéis* e d'O *Silmarillion* editado por Christopher Tolkien. (N. T.)

** Inglês: “Old Lore Metre”. (N. T.)

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Muitos anos atrás meu pai se referiu às obras de William Morris acerca do que este chamava de “A Grande História do Norte”, que, insistia, deveria ser para nós “o que o ‘Conto de Troia’ era para os gregos”, e que no futuro distante “deveria ser para aqueles que nos sucedem não menos do que o Conto de Troia tem sido para nós”. Sobre isso meu pai observou: “Quão longínquas e remotas soam agora as palavras de William Morris! O Conto de Troia tem caído no esquecimento, desde aquela época, com surpreendente rapidez. Mas os Völsungs não ocuparam o seu lugar”.

Obviamente é desejável que um tema e um modo tornados tão exóticos sejam “introduzidos” de alguma maneira; e para esta primeira publicação dos poemas “nórdicos” de meu pai pensei que seria ao mesmo tempo interessante e adequado que tal introdução pudesse ser suprida pelo autor, e não pelo editor.

Em nenhum lugar de seus papéis nórdicos há qualquer referência às Novas baladas, exceto por uma coleção de quatro bilhetinhos de papel, de data desconhecida, nos quais meu pai escreveu às pressas observações interpretativas sobre elas (são mostradas em Notas do autor sobre os poemas). Apesar de serem muito interessantes por si, não constituem uma ampla visão do modo e da matéria de suas baladas nórdicas em contexto histórico; e, na ausência de qualquer escrito dessa espécie, ousei incluir aqui uma parte substancial da conferência de abertura (com o cabeçalho “Introdução geral”) de uma série da Faculdade de Inglês em Oxford denominada *A Edda antiga*.

É preciso ter em mente que esse é um rascunho e registro de uma conferência oral para uma pequena plateia. Nenhuma ideia de publicação poderia estar remotamente presente. Seu propósito era comunicar sua visão em pinceladas amplas e claras. Colocou a *Edda*, forçosamente, em um vasto contexto temporal e transmitiu eloquentemente seu próprio conceito

dessa poesia e de seu lugar na história do Norte. Em outras conferências, sobre determinados poemas ou tópicos específicos, é claro que se expressou com cautela; mas aqui pôde ser ousado, ou mesmo extravagante, sem restringir cada afirmação com qualificações, em um assunto em que a discórdia sobre provas duvidosas espreita cada passo. De fato, “talvez” e “provavelmente”, “alguns afirmam” e “pode-se pensar” estão notavelmente ausentes deste relato, tal como ele o escreveu.

É minha impressão que essa foi uma composição relativamente precoce, e mais tarde ele acrescentou diversas qualificações às suas afirmativas originais. Sobreviveu também um esboço de conferência, mais antigo e muito mais tosco, com o título de *Edda antiga*. Ele foi expressamente apresentado a um “clube” anônimo; mas foi a base da conferência, bem desenvolvida, de que aqui se apresenta uma parte. Meu pai tratou aquele primeiro texto de modo característico, retendo frases em meio a muitas reescritas e adições, e produziu um manuscrito novo. É difícil duvidar de que a conferência, na sua forma anterior, foi o que ele leu sob aquele título diante da Exeter College Essay Society* em 17 de novembro de 1926. Mas é impossível dizer quanto tempo se passou entre os dois textos.

É primariamente para ouvir a voz do autor dos poemas apresentados neste livro, escrevendo (com o fim de falar) pessoal e vitalmente acerca da *Edda poética*, assunto sobre o qual ele nunca foi ouvido desde a última vez em que palestrou sobre o antigo nórdico, em Oxford, uns setenta anos atrás, que a publico aqui, na forma mais tardia.

O texto foi escrito depressa e não é perfeitamente legível em todos os pontos, e aqui foi levemente editado e um tanto abreviado, com o acréscimo de algumas explicações em colchetes e de algumas notas de rodapé.



* Sociedade de Ensaio, do Exeter College em Oxford. (N. T.)

INTRODUÇÃO À *EDDA ANTIGA*

A poesia que atende por este título enganoso e infeliz ocasionalmente atrai de longe pessoas de vários tipos – filólogos, historiadores, folcloristas e outros dessa laia, mas também poetas, críticos e conhecedores de novas sensações literárias. Os filólogos (em sentido amplo) fizeram, como de costume, a maior parte do trabalho, e seu ardor foi, não mais do que de costume (provavelmente menos do que em *Beowulf*), desviado de uma avaliação pelo menos inteligente do valor literário desses documentos.

Aqui, é incomumente verdadeiro que o real julgamento e a avaliação desses poemas – cuja obscuridade e dificuldade é tal que apenas o labor dedicado de muitos filólogos os tornou acessíveis – dependem da posse pessoal de conhecimento dos problemas críticos, métricos e linguísticos. Sem o filólogo, é claro, não haveríamos de saber o que significavam muitas das palavras, como fluíam os versos ou como as palavras soavam: este último ponto é, na antiga poesia escandinava, talvez até mais importante do que de costume. Os poetas despendiam uma parcela incomum de sua engenhosidade garantindo que, de qualquer modo, o ruído do poema fosse agradável.

Ainda assim, continua sendo verdade que, mesmo desprovidos de sua forma peculiar e excelente, e de sua própria língua, cuja forma e peculiaridades estão intimamente conexas à atmosfera e às ideias dos próprios poemas, eles possuem um poder: o de impelir muitos, mesmo nos dias de escola ou pré-escola, em formas filtradas de tradução e adaptação pueril, a um desejo de maior familiaridade.

Resta também o impacto da primeira audição desses objetos, depois que terminou nossa luta preliminar com o antigo nórdico e lemos pela primeira vez um poema eddaico, percebendo sentido suficiente para prosseguir. Poucos que atravessaram esse processo podem ter deixado de

notar o súbito reconhecimento de que haviam encontrado, inopinadamente, algo imbuído de tremenda força, algo que em certos trechos (pois possui vários trechos) ainda está dotado de uma energia quase demoníaca, a despeito da ruína de sua forma. Sentir esse impacto é uma das maiores dádivas que a leitura da *Edda antiga* confere. Se a sensação não surgir cedo durante o processo, é improvável que seja capturada em anos de estudiosa servidão; uma vez percebida, jamais poderá ser sepultada por montanhas ou montículos de pesquisa e tolerará labuta longa e cansativa.

Isso é diferente do antigo inglês, cujos fragmentos sobreviventes (em especial *Beowulf*) – pelo menos foi essa minha experiência – só revelam sua maestria e excelência lentamente, e muito tempo depois de passadas a primeira labuta com o idioma e a primeira familiaridade com a poesia. Há verdade nessa generalização. Ela não deve ser forçada. É claro que o estudo detalhado ampliará nosso sentimento pela *Edda antiga*. A poesia inglesa antiga exerce em alguns trechos uma atração imediata. Mas a poesia inglesa antiga não tenta nos atingir no olho. Atingir-nos no olho era a intenção deliberada do poeta nórdico.

E assim é que os melhores (especialmente os mais impetuosos dos poemas eddaicos *heroicos*) parecem transpor de um salto a barreira do difícil idioma e nos agarram durante o próprio ato de decifrá-los verso por verso.

Que ninguém que escuta os poetas da *Edda antiga* vá embora imaginando que escutou as vozes da primitiva floresta germânica, ou que nos vultos heroicos contemplou as feições de seus ancestrais, nobres apesar de selvagens – tais como os que combateram ao lado dos romanos, com estes ou contra estes. Digo isso com toda a ênfase possível – e, no entanto, é tão poderosa a ideia de antiguidade respeitável e primeva que se adere ao nome (bastante recente) de *Edda antiga* na fantasia popular (na medida em que seja possível dizer que a fantasia popular jogue com um tema tão remoto e inaproveitável) que, por muito que a história devesse começar com o século XVII e um bispo erudito, vejo-me imperceptivelmente principiando pela Idade da Pedra.

As terras escandinavas, diz a arqueologia, foram habitadas desde a Idade da Pedra (sem entrar nas finezas de *paleo* e *neo*). A continuidade cultural jamais foi rompida: foi modificada e renovada diversas vezes, principalmente desde o sul e o leste. Na Escandinávia, estamos mais

justificados – mais do que o usual – ao dizer que a maioria da gente que agora lá vive sempre esteve ali.

Por volta de 400 d.C., ou antes, começam nossos vislumbres inscricionais (rúnicos) do idioma nórdico. Mas essa gente, apesar de falar uma língua germânica – ao que parece, de forma um tanto arcaica –, não participou da grande era heroica germânica, exceto por deixar de ser escandinava. Isto é: os povos que mais tarde chamamos de suecos, *gautar*, dinamarqueses etc. são descendentes de povos que, em geral, não partiram nas aventuras, nos tumultos e nos desastres daquele período. Muitos dos povos que partiram vieram, em última análise, da Escandinávia, mas perderam toda conexão com ela: burgúndios, godos, lombardos.

Esses povos receberam ecos em forma de “novidades”, de estranhas notícias e novas canções importadas prontas ou feitas em casa com a matéria-prima das notícias, a partir daqueles eventos agora obscurecidos e confusos. O material dos contos e dos poemas veio até eles – e encontrou nas terras escandinavas condições bem diferentes das que o haviam produzido: sobretudo não encontrou ricas cortes, no sentido meridional; nem quartéis-generais de poderosas forças bélicas, nem grandes capitães de exércitos ou reis que encorajassem e financiassem a composição poética. As lendas locais e os mitos locais foram modificados, mas continuaram escandinavos, e não poderiam ser tomados como compensação pela perda de quase tudo que pertencia à Germânia mais meridional, nem que os possuíssemos, e muito menos isso se aplica aos fragmentos esfarrapados de suas posteriores lembranças desarticuladas, menos que tudo como equivalente virtual daqueles objetos desaparecidos. Eram relacionados, mas eram diferentes.

Então as coisas se confundiram ainda mais com o desenvolvimento de uma era heroica escandinava privada – a chamada era dos vikings, após 700 d.C. Os que não saíam de casa começaram a percorrer o mundo todo – mas sem perder o controle de suas antigas terras e mares. Apesar de então surgirem condições palacianas, jamais a *poesia épica* se desenvolveu naquelas terras. Os motivos são pouco compreendidos – as respostas à maior parte das questões realmente pertinentes raramente são dadas – e de qualquer forma aqui precisamos nos contentar com o fato. As causas podem ser buscadas na disposição mental dos tempos e da gente, e da sua língua, que era seu reflexo. Foi só relativamente tarde que os “reis” do Norte se tornaram ricos o bastante ou poderosos o bastante para manter

cortes esplêndidas, e quando isso ocorreu a evolução foi diversa – a poesia desenvolveu sua forma local, breve, incisiva, estrófica, muitas vezes dramática não em direção aos versos *épicos*, mas sim para as elaborações espantosas e eufônicas, porém formais, da poesia escáldica (vide “Introdução” em A Edda em prosa, de Snorri Sturluson). Na poesia eddaica ela pode ser vista em forma “rudimentar” (se é que a poesia “estrófica” pode, em qualquer lugar ou tempo, “evoluir” para a épica por gradações insensíveis, sem interrupção, salto, esforço deliberado) – rudimentar, fique claro, pelo lado formal, apesar de fortalecida e expurgada. Mas mesmo aí o que encontramos é a forma “estrófica” – a seleção do momento dramático e impetuoso –, não o lento desdobramento de um tema épico.

Este último, na medida em que está representado, foi realizado em prosa. Na Islândia, colônia norueguesa, evoluiu a singular técnica da *saga*, do conto em prosa. Era mormente um conto da vida cotidiana; era frequentemente a última palavra em polimento sofisticado, e seu campo natural não era a lenda. Isso, é claro, deve-se à disposição mental e ao gosto da plateia, não ao significado real da palavra – meramente algo dito ou contado, não cantado; e assim “saga” também se aplicou naturalmente a objetos como a “Völsunga Saga”, parcialmente romanceada, que é bem diversa da saga islandesa típica. No uso nórdico, os Evangelhos ou Atos dos Apóstolos são uma “saga”.

Mas na Noruega da época que estamos examinando, a Islândia não havia sido fundada, e não havia nenhuma corte de um grande rei. Então surgiu Harald, o Louro, e subjugou essa orgulhosa terra de muitos chefes obstinados e chefes de família independentes – para então perder, nesse processo, muitos dentre os melhores e mais altivos, na guerra ou no êxodo para a Islândia. Nos primeiros sessenta anos, mais ou menos, dessa colonização uns cinquenta mil chegaram àquela ilha vindos da Noruega, quer diretamente, quer da Irlanda e das Ilhas Britânicas. Ainda assim, foi na corte de Harald, o Louro, que começou o florescente tempo da poesia nórdica ao qual pertencem os poemas eddaicos.

Essa poesia norueguesa, então, fundamenta-se na antiga mitologia e nas crenças religiosas nativas, que remontam sabe Deus até onde ou quando; lendas e contos populares e histórias heroicas de muitos séculos, encaixados uns nos outros, alguns locais e pré-históricos, outros ecoando movimentos no Sul, alguns locais e da era viking ou mais tardios – mas desenredar seus diversos estratos exigiria, para ter êxito, uma compreensão

do mistério do Norte, há tanto tempo oculto de vista, e um conhecimento da história de suas populações e sua cultura, que provavelmente jamais possuiremos.

Na forma – e portanto provavelmente também em parte de seu conteúdo mais antigo – ela é aparentada a outros objetos germânicos. É claro que é em um idioma germânico; porém suas métricas mais antigas estão intimamente ligadas com, digamos, a métrica do antigo inglês; mais – ela possui fórmulas, hemistíquios* – sem falar em nomes e em alusões a lugares e pessoas e lendas, que de fato têm voga independente no antigo inglês, ou seja, é descendente de uma poesia e tradição poética germânica comum, que agora nos escapa: nem dos temas dessa antiga poesia báltica nem de seu estilo nos restou nada senão as sugestões fornecidas pela comparação do nórdico com o inglês.

Mas essa forma, na *Edda*, permaneceu mais simples, mais direta (compensando a extensão, a plenitude, a riqueza pela força) do que a que evoluiu, digamos, na Inglaterra. Claro que é verdade que, por muito que enfatizemos o caráter e a atmosfera noruegueses desses poemas, eles não estão isentos de importação. Temas efetivamente importados – como, proeminentemente, as histórias dos Völsungs, dos burgúndios e dos hunos – não somente adquiriram um lugar de destaque na *Edda*, mas pode-se até dizer que receberam no exílio seu mais belo tratamento. Mas isso é porque foram tão completamente naturalizados e tornados noruegueses: o próprio fato de serem desarraigados libertou os contos para um manuseio artístico não impedido pela história ou pelo antiquarianismo, para um recolorir pela imaginação setentrional e para associação com os vultos que surgiam dos deuses do Norte.

A única modificação realmente importante que precisa ser feita é a favor dos godos – por mais que seja difícil decifrar as alusões que sobrevivem às eras; fica claro que esse povo de origem escandinava, mas a quem o destino marcou para uma história e tragédia especial, foi seguido passo a passo pelo povo do Norte e se tornou, junto com seus inimigos, os hunos, o principal tema dos poetas – tanto assim que em dias posteriores *gotar* restou como palavra poética para “guerreiros”, quando os velhos contos foram encobertos e mesclados com outros assuntos. Dos godos vieram as runas, e dos godos veio (ao que parece) Óðinn (Gautr), o deus da sabedoria rúnica, dos reis, do sacrifício. E ele é de fato importante – pois o

espantoso fato de ele ser claramente de origem não escandinava não consegue alterar o fato de que se tornou o maior dos deuses do Norte.

Essa é mais ou menos a imagem da evolução. Aquela poesia popular, local, de origem intrincada, foi então subitamente elevada pela maré da riqueza e glória dos vikings, para adornar as casas dos reis e nobres. Foi desbastada e melhorada, sem dúvida, em estilo e modos, tornada mais digna (usualmente), porém manteve de forma singular o temperamento mais simples e incisivo, uma proximidade com o solo e a vida ordinária, que raramente se encontram tão intimamente conexos com as graças da “corte” – isto é, com a mestria do artista deliberado e desocupado, mesmo ocasionalmente com o pedantismo do genealogista e filólogo. Mas isso está de acordo com o que sabemos dos reis daquela corte e de seus homens.

É preciso recordar que os tempos eram pagãos – possuindo ainda tradições especiais, tradições locais pagãs que por muito tempo haviam ficado isoladas; de templos organizados e sacerdócios. Mas a “crença” já declinava, a mitologia e, ainda mais, qualquer coisa que mais propriamente pudesse ser chamada de “religião” já se desintegravam sem ataque direto do exterior – ou talvez, mais precisamente, sem conquista nem conversão e sem destruição de templos ou organizações pagãs, pois a influência das ideias estrangeiras e da súbita dilaceração do véu que cobria o Norte (dilacerado por homens de dentro) não pode ser desprezada. Aquele foi um período transicional especial – um período de equilíbrio entre o velho e o novo, inevitavelmente breve, não podendo ser mantido por muito tempo.

Em larga extensão, o espírito desses poemas, que tem sido considerado (um ramo do) “espírito germânico” comum – há alguma verdade nisso: Byrhtwold* em Maldon dar-se-ia bem na *Edda* ou na Saga –, é na verdade o espírito de um tempo especial. Poderíamos chamá-lo de *Ateísmo*** – confiança em si mesmo e na vontade indômita. Não é sem significado o epíteto aplicado a personagens reais que viviam naquele momento da história – o epíteto *goðlauss*, com a explicação de que o credo deles era *at trúa á mátt sín ok megin* [confiar em seu próprio poder e força]. (*Nota do autor, acrescentada mais tarde:* Porém inversamente é necessário recordar que isso se aplicava apenas a certos personagens dominadores e implacáveis e de qualquer forma não valeria a pena ser dito se muitos, de fato a grande maioria, dos homens não tivesse continuado acreditando e praticando o culto pagão.)

Isso se aplica mais ao *heroico*, é claro, do que ao *mitológico*. Mas não deixa de ser verdade a respeito do mitológico. Tais contos acerca dos deuses são de uma espécie que pode muito bem sobreviver até uma época em que são mais temas de histórias do que objetos de cultos, mas ainda assim até uma época que não substituiu os deuses por nada novo e ainda está familiarizada com eles e interessada neles. Nem, é claro, haviam desistido do *blót* [banquete sacrificial pagão]. O paganismo ainda era muito forte, porém mais na Suécia do que na Noruega. Não havia sofrido a extirpação de dentro dos antigos fanos [templos] e residências locais que lhe é tão fatal – como mostrou ser na Inglaterra.

O fim do período começou com o violento apostolado daquele grande vulto pagão e herói do Norte – o rei cristianizante Ólaf Tryggvason. Após sua queda, e a queda de muitos dos maiores homens por meio dele ou com ele, houve uma recaída no paganismo. Mas ela rapidamente terminou graças aos esforços cristianizantes não menos vigorosos, porém muito mais sábios, de Ólaf, o Santo, que na época em que Eduardo, o Confessor, reinava na Inglaterra deixou a Noruega completamente cristianizada e a tradição pagã destruída.

A tenacidade e o conservadorismo do Norte, no entanto, podem ser medidos não somente pelos esforços que tiveram de ser empreendidos por grandes vultos como os Ólafs, mas também de outras formas menores: assim como a sobrevivência das runas, tão íntima, se bem que acidentalmente, associadas com as tradições pagãs, mesmo depois que o Norte aprendera a escrever à moda latina. Isso ocorreu principalmente na Suécia, porém em toda a Escandinávia as runas permaneceram em uso (por tradição direta, não restabelecimento) para coisas como inscrições memoriais até o século XVI.

Não obstante, após 1050, certamente após 1100, a poesia que dependia da tradição pagã estava moribunda ou morta na Escandinávia – e isso quer dizer a poesia escáldica sobre qualquer assunto, tanto quanto baladas que de fato versavam sobre mitos, pois a poesia e a linguagem escáldica dependiam do conhecimento desses mitos pelo escritor e pelo ouvinte, que eram ambos, normalmente, o que chamaríamos de aristocratas – nobres, reis e cortesãos à moda do Norte.

Na Islândia ela sobreviveu durante algum tempo. Ali a mudança (por volta do ano 1000) fora bem mais pacífica e menos amarga (um fato que provavelmente não deixa de estar ligado à remoção e colonização). De fato,

a poesia tornou-se uma lucrativa indústria de exportação da Islândia por algum tempo; e somente na Islândia ela jamais foi coletada ou anotada. Mas o antigo conhecimento decaiu depressa. Os fragmentos, muito desconjuntados, foram coletados outra vez – mas no restabelecimento antiquário e filológico dos séculos XII e XIII. Talvez seja mais acertado não dizer restabelecimento antiquário, e sim ameno sepultamento. Aquela foi uma nova piedade que remontou os fragmentos sem compreendê-los por completo: de fato, muitas vezes sentimos que nós os compreendemos melhor. Certamente a antiga religião e sua mitologia concomitante, como um todo conexo ou algo parecido com um “sistema” (se é que jamais possuiu um, o que é provável dentro de certos limites), não foram preservadas em nenhuma medida e certamente não estavam ao alcance do grande artista prosador, perito métrico, antiquário e político implacável Snorri Sturluson, no século XIII. O quanto se perdeu pode ser estimado por quem quer que reflita sobre quão pouco sabemos hoje, mesmo sobre os principais detalhes dos templos extremamente importantes e seu “cultus” ou sobre a organização sacerdotal na Suécia ou na Noruega.

A *Edda menor* ou *Edda em prosa* de Snorri Sturluson foi uma piedosa coleção de fragmentos – para auxiliar na compreensão e confecção de poemas que necessitavam de um conhecimento dos mitos – quando a erudição branda, até tolerante e irônica, sobrepujara a luta entre as religiões.

Depois disso os deuses e heróis descem ao seu Ragnarök¹, derrotados, não pela serpente que cerca o Mundo ou pelo lobo Fenris, nem pelos homens de fogo de Múspellsheim, mas por Marie de France, e por sermões, pelo latim medieval e pelas informações úteis, e pelo troco miúdo da cortesia francesa.

Porém os séculos XVI e XVII, no momento mais obscuro, viram uma ressurreição após o Ragnarök, quase como se ali se realizassem as palavras que a *Völva* (sibila que profetiza no poema eddaico “Völuspá”) profere a respeito do ressurgimento de uma nova terra, e do retorno dos homens e deuses para encontrarem e admirarem os fragmentos dourados na grama, onde foram outrora as mansões nas quais os deuses jogavam xadrez (vide a décima estrofe do poema “A profecia da sibila” dado no Apêndice B).

A descoberta dos fragmentos caídos do antigo esplendor foi muitas vezes accidental, e a pesquisa que levou à recuperação era oriunda de vários

motivos. Na Inglaterra o zelo teológico estava poderosamente combinado com a curiosidade histórica e linguística que ele gerara por acidente. No Norte não foi assim. Mas, quaisquer que fossem os motivos, o resultado foi não apenas a salvação dos fragmentos que possuímos da ruína do tempo, mas também o rápido reconhecimento de sua virtude e pesar pela perda dos demais. Isso foi especialmente verdadeiro no caso da *Edda*.

O resgate das ruínas deixadas pelas perdas naturais, pelos acidentes do tempo, pela negligência e pelo esquecimento dos homens e pelas devastações da guerra e do fanatismo (quer teológico, quer clássico) foi escasso. Ainda assim, o século XVIII parece ter evidenciado sua censura desses ossos “góticos” exumados das sepulturas com dois incêndios que conseguiram destruir parte do que fora salvo e por pouco não destruíram tudo o que era melhor. Em 1728, no incêndio de Copenhague, grande parte do que lá fora coletado virou fumaça. Três anos depois foi parcialmente queimada a coleção Cotton em Londres. *Beowulf* foi gravemente chamuscado. Porém escapou, por pouco – para estorvo das posteriores Escolas de Inglês. Em Copenhague, parece que as perdas incluíram a transcrição em pergaminho feita pelo próprio descobridor do manuscrito da *Edda antiga*. Seja como for, está perdida. Mas o manuscrito propriamente dito sobreviveu. Porém os deuses e heróis quase sofreram um Ragnarök final e fatal, que teria reduzido a um estado totalmente diverso nosso conhecimento e nossa estimativa da literatura setentrional.

Quando se menciona a *Edda antiga*, praticamente nos referimos a um só manuscrito – o de n. 2365 4º da Coleção Real em Copenhague: conhecido agora como *Codex Regius (da Edda antiga)*. Ele contém 29 poemas. Restam 45 de suas folhas. Após a folha 32, um caderno, provavelmente de oito páginas, se perdeu². Parece que não houve perdas no começo e no final – onde as perdas frequentemente ocorrem.

Isto é tudo o que sabemos sobre esse notável sobrevivente do tempo, do fogo e da enchente. Em 1662 o rei Frederico III da Dinamarca enviou o renomado Thormod Torfæus com uma carta aberta ao celebrado Brynjólfr Sveinsson. Desde 1639 Brynjólfr era bispo de Skálholt na Islândia e ávido colecionador de manuscritos. Torfæus foi incumbido de obter sua ajuda, visando coletar para o rei materiais para a história antiga e quaisquer antiguidades, curiosidades ou raridades que pudessem ser encontradas na Islândia. Em 1663 o bispo enviou ao rei os pontos altos de sua coleção.

Entre esses tesouros, agora inestimáveis, estava o *Codex Regius*. Não se sabe onde o bispo o encontrara ou qual fora sua história pregressa, exceto pelo fato de que o apanhara vinte anos antes: pois na página de rosto ele escrevera seu monograma e uma data (LL 1643, isto é, *Lupus Loricatus* = Brynjólfr), exatamente como haveríamos de escrevinhar nosso nome e a data em uma nova e interessante aquisição de um sebo.

Duzentos e cinquenta anos se passaram³ – de exame, perplexidade, interpretação, etimologia, análise, teoria, debate e argumentos peneirados, de afirmação e refutação, até que, por breve que seja seu conteúdo, a “literatura” eddaica se tornou uma terra e um deserto por si só. De todo esse estudo, em meio a vasta discordância, algumas coisas chegaram, mais ou menos, a se tornar consenso oficial de opiniões.

Agora sabemos, seja como for, que essa coleção de poemas nem deveria ser chamada de *Edda*. Essa é a perpetuação de um ato de batismo realizado pelo bispo, em que ele agiu *ultra vires**. A coleção não tinha nenhum título abrangente, até onde saibamos ou o manuscrito nos mostre. *Edda* é o título de uma das obras de Snorri Sturluson (morto em 1241), uma obra baseada nesses mesmos poemas e em outros semelhantes, agora perdidos, e é o título dessa obra apenas, por direito; uma obra que se ocupa primariamente, mesmo nas partes iniciais, escritas em forma narrativa ou dialogada, com os detalhes técnicos da poesia do Norte, que ela resgatou do olvido para nós. Portanto o nome é bem inaplicável a uma coleção de poemas verdadeiramente antigos, coletados mormente por seus méritos como poesia, não como exemplares de um ofício.

Além disso pouco podemos dizer sobre o manuscrito. Parece que o *Codex Regius* pertence paleograficamente, digamos, a por volta de 1270 (o começo da segunda metade do século XIII) e é ele próprio, aparentemente, cópia de um original datado de 1200 (mais antigo segundo alguns). Pertence de fato, assim como o recebemos, a um período trinta anos após a morte de Snorri; mas, mesmo que não fosse verdade que Snorri usou esses mesmos poemas substancialmente assim como os temos agora, internamente é bastante claro que a matéria, o modo e a linguagem dos poemas os autorizam ao nome de “antiga”.

Quanto à época em que foram escritos, não temos informações senão as reveladas pelo exame dos próprios poemas. Naturalmente as datações diferem, em especial no caso de poemas individuais. Nenhum deles, em termos de composição original, provavelmente é muito mais antigo do que

900 d.C. Como uma espécie de período central, que possivelmente não pode ser estendido para antes ou para depois, podemos dizer 850-1050 d.C. Esses limites não podem ser ampliados – especialmente para trás. Nada nos poemas pode ter sido composto na forma que conhecemos (ou melhor, nas formas em que nosso manuscrito muitas vezes nos oferece um descendente corrompido), exceto por versos, alusões ou frases ocasionais, antes do ano 800. Sem dúvida depois disso eles foram corrompidos oral e graficamente – e mesmo alterados: quero dizer que, adicionalmente à mera corrupção que produz absurdos ou pelo menos versos mal escandidos, houve de fato variantes em circulação. Mas no geral essas coisas foram produtos de autores individuais que, não importa o que tenham usado da velha tradição, até mesmo poemas mais antigos, escreveram coisas novas que antes não existiam.

A antiguidade e a origem da mitologia e das lendas que encontramos nos poemas são um caso à parte. Em geral, não é realmente tão importante para a crítica (por muito que seja atraente à curiosidade) saber que respostas podem ser dadas a esse tipo de questão quanto o é recordar que, onde quer que tenham obtido seu material, os autores viveram nos derradeiros séculos do paganismo na Noruega e na Islândia e trataram seu material no estilo e no espírito daquelas terras e épocas. Mesmo a etimologia formal raramente tem muito a dizer, por muito que eu pessoalmente a ache atraente. Mesmo quando, como ocorre com frequência, conseguimos identificar um nome com sua forma em outras línguas germânicas, isso não nos diz muita coisa. Assim, *Jörmunrekkr* é *Ermanaríks*, e seu nome é um eco da história dos godos, de seu poderio e de sua ruína (vide nota da estrofe 86); Gunnarr é Gundahari, e sua história é um eco dos eventos na Alemanha do século V (vide Apêndice A, em [“I Átila e Gundahari”](#)). Mas isso não nos diz muita coisa do estado em que esses contos primeiro chegaram ao Norte, ou das trilhas (certamente variadas) que percorreram. E menos ainda nos ajuda a desemaranhar os problemas literários acerca do variado tratamento do tema burgúndio na Escandinávia.

Mas, por intrigante que seja todo esse questionamento, podemos concluir pelo ponto que tocamos antes: ele não é de importância primordial. Muito mais importante que os nomes dos vultos ou as origens dos detalhes da história (exceto quando isso nos ajuda a entender o que é incompreensível ou a resgatar um texto da corrupção) são a atmosfera, o

colorido, o estilo. Esses são apenas em pequeno grau os produtos da origem dos temas: refletem mormente a época e o país em que os poemas foram compostos. E não erraremos muito se considerarmos as montanhas e os fiordes da Noruega, e a vida de pequenas comunidades naquele país desconexo, como fundo físico e social desses poemas – uma vida de um tipo especial de agricultura, combinado com navegação e pesca aventurosas. E a época: dias do desvanecimento de uma cultura especial, individual, pagã, não elaborada materialmente, porém de muitas maneiras altamente civilizada, uma cultura que possuía não somente (em algum grau) uma religião organizada, mas também um estoque de lendas e poesia parcialmente organizadas e sistematizadas. Dias do desvanecimento da crença, quando em uma súbita mudança do mundo o Sul ardeu em chamas e seus despojos enriqueceram as mansões de madeira dos chefes nórdicos até que reluzissem com ouro. Então veio Harald, o Louro, e uma grande realeza, e uma corte, e a colonização da Islândia (como um incidente em uma vasta série de aventuras), e as ruinosas guerras de Ólaf Tryggvason, e o desfalecer da chama, rumo à branda combustão latente da Idade Média, impostos e regulamentos comerciais, e o lerdo trote de porcos e arenques.



Pode ser que meu pai tenha terminado essa conferência com um tal floreio característico; seja como for (apesar de o texto manuscrito prosseguir e logo se transformar em um exame de poemas individuais), este parece um bom lugar para encerrá-la.

Acrescento aqui algumas notas e breves declarações sobre vários tópicos que é melhor tratar em separado, como segue.

- 1 A *Edda em prosa*, de Snorri Sturluson
- 2 A saga dos Völsungs (*Völsunga Saga*)
- 3 O texto dos poemas
- 4 A grafia dos nomes nórdicos
- 5 A forma de versificação dos poemas
- 6 Notas do autor sobre os poemas



§ 1 A *EDDA EM PROSA*, DE SNORRI STURLUSON

O nome *Edda* pertence por direito apenas a uma celebrada obra do islandês Snorri Sturluson (1179-1241). É um tratado sobre a característica arte da poesia islandesa que estava se extinguindo nos dias de Snorri: as antigas regras métricas desprezadas, o antigo conhecimento mitológico que lhe era essencial atacado por um clero hostil a qualquer sobrevivência do paganismo. Esse livro, em três partes, é uma nova versão, em narrativa de prosa, de antigos mitos e lendas; um relato e uma explicação da estranha dicção da velha “poesia da corte”; e exemplificação de suas formas de verso.

Na conferência de meu pai, ele observou que a aplicação do nome *Edda*, pelo bispo Brynjólf de Skálholt, aos poemas do grande *Codex* que ele adquiriu em 1643, não tinha justificativa histórica. No tempo de Brynjólf, começava-se a supor, entre os islandeses interessados na literatura antiga, que devia ter existido “uma *Edda* mais antiga” da qual derivara a obra de Snorri. O próprio Brynjólf escreveu em uma carta, em 1641, antes de saber da existência do *Codex*:

Onde estão agora aqueles enormes repositórios de todo o conhecimento humano escritos por Sæmund, o Sábio, e acima de tudo aquela mui nobre *Edda*, da qual agora possuímos, além do nome, mal uma milésima parte; e de fato o que possuímos teria sido totalmente perdido, não nos tivesse o epítome de Snorri Sturluson deixado, antes a sombra e os rastros do que o verdadeiro corpo dessa antiga *Edda*.

Sæmund, o Sábio (1056-1133), foi um sacerdote cuja prodigiosa erudição se tornou lendária, mas para o título *Sæmundar Edda* que Brynjólf deu ao *Codex* não havia fundamento. Assim surgiu o conceito das duas *Eddas*, a *Edda poética* ou antiga e a *Edda em prosa* ou menor. Não se sabe por que a obra de Snorri foi chamada de *Edda*, mas houve várias explicações: alguns relacionam o nome à palavra *óðr* no sentido de “poema, poesia”, como se significasse “poética”, outros o derivam do topônimo Oddi no sudoeste da Islândia, centro de erudição islandesa onde Snorri se criou.

Da *Edda poética* emergiu o adjetivo *eddaico* (e *édico*), usado em contraste com *escáldico* (um derivado moderno da palavra nórdica antiga

skáld, que significa “poeta”). Da poesia escáldica meu pai escreveu em sua conferência sobre a *Edda antiga*:

Foi só relativamente tarde que os “reis” do Norte se tornaram ricos o bastante ou poderosos o bastante para manter cortes esplêndidas, e quando isso ocorreu [...] a poesia desenvolveu sua forma local, breve, incisiva, estrófica, muitas vezes dramática, não em direção aos versos *épicos*, mas sim para as elaborações espantosas e eufônicas, porém formais, da poesia escáldica.

Essa “poesia da corte”, como também pode ser chamada, era uma arte extraordinariamente intrincada e característica, com extrema elaboração de formas de versos sujeitas a regras de exigente severidade: “elaborações”, nas palavras de meu pai, “em que vários tipos de rima plena e semirrima, interna e final, tanto vocálica quanto consonantal, estão entretecidos com os princípios do ‘peso’ e do acento e da aliteração, com o fim deliberado de utilizar plenamente o vigor, a força e a pulsação retumbante da língua nórdica”. A isso se deve acrescentar o enorme vocabulário poético e o extraordinário cultivo (descrito a seguir) do artifício do *kenning*.

Ele escreveu:

Para nós, que pensamos na *Edda antiga*, “eddaico” significa a linguagem mais simples, mais direta da poesia heroica e mitológica, em contraste com a linguagem artificial dos escaldos. E normalmente pensa-se também nesse contraste como sendo de idade: a antiga simplicidade dos bons e velhos dias germânicos, infelizmente abandonada em favor de um novo gosto por poesia que se tornou um elaborado enigma.

Mas a oposição entre a poesia “eddaica” e “escáldica” é bem irreal como oposição de *tempo*, como se fosse entre mais velha e mais jovem, como um belo modo popular antigo sendo expulso por uma moda mais jovem, mais nova. São produções relacionadas, ramos da mesma árvore, essencialmente conexos, às vezes até, possivelmente, pelas mesmas mãos. Pode-se encontrar escaldos escrevendo em *fornyrðislag*, a mais antiga das antigas métricas; *kennings* escáldicos podem ser encontrados em baladas eddaicas.

Tudo o que permanece sendo verdadeiro nesse contraste de eras é o fato de que as métricas mais simples, por exemplo *fornyrðislag* e o estilo que a acompanha, são muito mais antigas, por exemplo, mais próximas a outros objetos germânicos, à poesia do antigo inglês, do que da poesia e maneira especialmente escáldica. Os poemas eddaicos que possuímos pertencem ao mesmo período que os escáldicos, mas as tradições e os estilos métricos que empregam ainda perpetuam, sem alteração fundamental, algo da tradição germânica comum. A velha e a nova métrica andavam ombro a ombro – foi, como já vimos, um período de transição, um período de equilíbrio entre o velho e o novo, que não podia ser mantido por muito tempo.

É a poesia escáldica, altamente artificial, que é o assunto da instrução de Snorri em sua *Edda*, e na verdade a grande maioria do que sobreviveu deve essa sobrevivência a ele. Na segunda parte do livro, *Skáldskaparmál* (“Dicção poética”), ele trata sobretudo dos *kennings*, com grande número de poemas exemplificantes por escaldos de renome: mas muitíssimos desses *kennings* são totalmente incompreensíveis sem que se conheçam os mitos e as lendas aos quais eles se referem – e tais temas não são caracteristicamente o assunto dos próprios poemas escáldicos. Na primeira parte da *Edda* (o *Gylfaginning*), Snorri valeu-se extensamente da poesia eddaica; e na *Skáldskaparmál* também contou as histórias em que se baseiam certos *kennings*. Segue-se um único exemplo.

Hvernig skal kenna gull? Como há de se chamar o ouro?

Assim: chamando-o Fogo de Ægir; Folhas de Pinheiro de Glasir; Cabelo de Síf; Faixa da Cabeça de Fulla; Lágrimas de Freyja; Gota, ou Chuva, ou Aguaceiro de Draupnir (o anel de ouro de Ódin, do qual caíram outros anéis); Resgate da Lontra; Pagamento Forçado dos Æsir; [...]

Seguindo uma lista como esta, Snorri deu explicações para essas locuções.

Hver er sök til þess, at gull er kallat otrgjöld? Qual é a razão pela qual o ouro é chamado de resgate da lontra?

Conta-se que quando os Æsir, Ódin e Loki e Hœnir saíram para explorar o mundo, chegaram a certo rio, e seguiram pelo rio até uma cachoeira; e junto à cachoeira estava uma lontra [...]

E é assim que temos a história do ouro de Andvari, contada tanto pelo autor da *Völsunga Saga* quanto por Snorri Sturluson ([vide o comentário da Balada dos Völsungs](#)); mas aqui, de fato, Snorri prosseguiu com sua narrativa fazendo um resumo de toda a história dos Völsungs.

Resta acrescentar que a fama do livro de Snorri nos séculos seguintes, e muito especialmente da *Skáldskaparmál*, faz que antes da emergência do *Codex Regius* o termo *Edda* fosse amplamente empregado para significar, expressamente, as regras técnicas da antiga poesia “da corte”, ou “escáldica”. Naqueles tempos os poetas se queixavam da tirania da *Edda*, ou apresentavam desculpas por sua falta de proficiência na arte da *Edda*. Nas palavras de Gudbrand Vigfússon: “Um poeta inculto que chamasse as coisas por seus verdadeiros nomes, sem descrevê-las com circunlóquios mitológicos, seria desdenhado como ‘isento de *Edda*’ (*Eddu-lauss*, ‘que não tem arte eddaica’)”. Assim, o termo “eddaico”, como se usa agora, *oposto a* “escáldico”, é uma perfeita inversão de seu significado primitivo.



§ 2 A SAGA DOS VÖLSUNGS (*Völsunga Saga*)

O *Codex Regius* da *Edda poética* é uma coleção de poemas de grande diversidade, compostos por poetas que viveram a séculos uns dos outros; mas foi compilado e ordenado com cuidado inteligente. A maioria dos poemas heroicos trata da história dos Völsungs e dos Niflungs; e esses o compilador da coleção arranjou, na medida em que lho permitiam a estrutura e o escopo variados de cada balada, em sequência narrativa, acrescentando trechos explicativos em prosa no começo e no fim de muitas baladas e vínculos narrativos no seu decurso.

Mas grande parte do material assim arranjado é extremamente difícil. Alguns poemas são desordenados ou defeituosos, ou mesmo colchas de retalhos de origens bem diferentes, e há muitíssimas obscuridades de detalhe; e pior do que tudo, o quinto caderno do *Codex Regius* desapareceu muito tempo atrás, com a perda de toda a poesia eddaica da parte central da lenda de Sigurd.

Nessa situação, existe um auxílio essencial para a compreensão da lenda nórdica. É a “*Völsunga Saga*”, escrita provavelmente na Islândia no século XIII, apesar de o manuscrito mais antigo ser bem posterior: um conto em prosa do destino de toda a estirpe Völsung, desde os remotos antepassados de Sigmund, pai de Sigurd, prosseguindo até a queda dos Niflungs e a morte de Atli (Átila) e mais além. Fundamenta-se ao mesmo tempo em baladas eddaicas que sobreviveram e em outras fontes agora perdidas; e “é somente das baladas que usou”, disse meu pai em uma conferência, “que deriva seu poder e a atração que exerce sobre todos os que a encontram”, pois ele não tinha em alta conta a capacidade artística do autor.

Esse autor estava diante de tradições totalmente divergentes (vistas nas baladas eddaicas preservadas) acerca de Sigurd e Brynhild: histórias que não podem ser combinadas, pois são essencialmente contraditórias. No entanto, ele as combinou e assim fazendo produziu uma narrativa que é certamente misteriosa, mas (no ponto central) insatisfatória, como um quebra-cabeça que é apresentado como terminado, mas no qual o desenho buscado é incompreensível e está em desacordo consigo mesmo.

No comentário que segue cada poema deste livro, destaquei muitos pontos em que meu pai se desviou da narrativa da “*Völsunga Saga*”, muito

especialmente no caso de sua Balada dos Völsungs, em que a saga tem importância muito maior como fonte. Ele não parece ter redigido nenhum relato crítico da saga como um todo, ou, se o fez, este não sobreviveu; mas suas observações sobre a obra do autor em trechos individuais serão encontrados no comentário (vide [“Comentário sobre Völsungakviða en nýja”](#) em [FÆDDR SIGURÐR](#) (*Nasce Sigurd*); [BRYNHILDR](#) e em [Nota sobre Brynhild](#)).



§ 3 O TEXTO DOS POEMAS

Fica óbvio de imediato que o manuscrito das duas baladas é uma cópia passada a limpo, pretendendo ser final, pois a caligrafia de meu pai é clara e uniforme em toda a sua extensão, quase sem correções feitas ao tempo da redação (e isso pode ser dito sobre muito poucos de seus manuscritos, não importa quão “final” a intenção). Apesar de não poder ser demonstrado que é assim, de qualquer forma não há indicação de que os dois poemas não tenham sido escritos consecutivamente.

É um fato notável que apenas umas poucas páginas sobrevivem do trabalho nos poemas que precedeu o texto final, e essas páginas se relacionam exclusivamente com a abertura (“Upphaf”, o Início) de “Völsungakviða en nýja”, com a seção I, “O ouro de Andvari”, e com uma pequena parte da seção II, “Signý”. Além desse ponto não há vestígio algum de rascunhos anteriores; mas o material manuscrito mais antigo é interessante, e eu o discuti na *Trabalhos precoces em “Völsungakviða en nýja”*.



O manuscrito final dos poemas, porém, sofreu correções em algum momento posterior. Uma contagem grosseira revela umas oitenta a noventa retificações, espalhadas pelos dois textos, desde mudanças de uma só palavra até (bem raramente) a substituição de diversos hemistíquios; alguns versos estão marcados para alteração, mas sem uma reposição estar fornecida.

As correções estão escritas a lápis, rápida e às vezes indistintamente, e todas tratam de vocabulário e métrica, não da substância da narrativa. Tenho a impressão de que meu pai releu o texto muitos anos depois (o fato de umas tantas correções estarem à esferográfica vermelha aponta para uma data tardia) e rapidamente emendou os pontos que chamaram sua atenção enquanto lia – talvez com vistas a uma possível publicação, apesar de eu não ter nenhuma evidência de que ele alguma vez a tivesse proposto de fato.

Incluí virtualmente todas essas correções tardias no texto dado neste livro.

Há duas diferenças notáveis na apresentação de “Völsungakviða en nýja” e “Guðrúnarkviða en nýja” no manuscrito. Uma diz respeito à efetiva

organização do poema. A Balada dos Völsungs, depois da seção de abertura “Upphaf” (“Início”), está dividida em nove seções, às quais meu pai deu títulos nórdicos sem tradução, como segue:

- I Andvara-gull (O ouro de Andvari)
- II Signý
- III Dauði Sinfjötla (A morte de Sinfjötli)
- IV Fœddr Sigurðr (Nasce Sigurd)
- V Regin
- VI Brynhildr
- VII Guðrún
- VIII Svikin Brynhildr (Brynhild traída)
- IX Deild (Contenda)

Mantive esses títulos no texto, mas acrescentei traduções, conforme acima, àqueles que não são simplesmente nomes próprios. Na Balada de Gudrún, por outro lado, não há divisão em seções.

Às seções I, II, V e VI da Balada dos Völsungs, mas não às outras cinco, foram acrescentadas notas de cabeçalho explicativas em prosa (talvez imitando as notas em prosa inseridas pelo compilador do *Codex Regius* da *Edda*).

As indicações marginais dos falantes em ambos os poemas estão dadas exatamente como aparecem no manuscrito, assim como as indicações de novos “momentos” na narrativa.

A segunda diferença de apresentação entre os dois poemas diz respeito às divisões dos versos. Apenas em “Upphaf” dentre as seções da Balada dos Völsungs, mas em toda a Balada de Gudrún, as estrofes estão escritas em oito versos curtos: ou seja, a unidade de verso, o hemistíquio ou *vísuorð*, é escrita separada:

Já houve uma era
de oco e vazio

(a abertura de “Upphaf”). Mas à parte de “Upphaf” toda a Balada dos Völsungs está escrita em versos longos (sem espaço métrico entre as metades):

Já houve uma era em que Ódin andava

(a abertura de “Andvara-gull”). No topo dessa página, porém, meu pai escreveu a lápis: “Tudo isto deveria ser escrito em forma de versos curtos, que têm melhor aspecto – como em ‘Upphaf’”. Portanto dispus o texto da Balada dos Völsungs desse modo.



§ 4 A GRAFIA DOS NOMES NÓRDICOS

Julguei melhor seguir de perto a prática de meu pai a respeito da grafia dos nomes nórdicos em um contexto inglês. Os pontos mais importantes, que aparecem com grande consistência em seu manuscrito dos poemas, são estes:

O som *ð* de *th* sonoro, como no inglês “then”, é substituído por *d*: assim, *Guðrún* se torna *Gudrún*, *Hreiðmarr* se torna *Hreidmar*, *Buðli* se torna *Budli*, *Ásgarðr* se torna *Ásgard*.

Como mostram dois destes exemplos, a terminação nominativa *-r* é omitida: portanto *Frey*, *Völsung*, *Brynhild*, *Gunnar* por *Freyr*, *Völsungr*, *Brynhildr*, *Gunnarr*.

A letra *j* é mantida, como em *Sinjfjötli*, *Gjúki*, quando se pronuncia como o *y* inglês em “you” (o nórdico *Jórk* é “York”).

O único caso ao qual impus consistência é o do nome do deus que em nórdico se chama *Óðinn*. Nas suas notas de conferência, meu pai naturalmente usou a forma nórdica (que mantive no texto da conferência sobre a *Edda antiga*). Por outro lado, no manuscrito, escrito com capricho, das Novas baladas ele o “anglicizou”, trocando *ð* por *d*, mas (como geralmente fazia em tais casos) mantendo o acento agudo que indica vogal longa. Porém usou duas formas, preferindo uma ou a outra em diferentes partes da Balada dos Völsungs: *Ódin* e *Ódinn*. Mas na seção VI, *Brynhildr*, em que o nome frequentemente ocorre na forma *Ódinn*, ele escreveu (estrofe 8) *Sou esta, que Ódinn atou, que de Ódin fui eleita*. Isso porque no genitivo nórdico *nn* se muda em *ns*: *Óðins sonr*, “filho de Ódin”.

Vendo que na seção VIII, estrofe 5, em que o nome está repetido, *Ódin o ouça, pois Ódinn resolveu!*, meu pai mais tarde cancelou o segundo *n* de *Ódinn*, e, visto que me parece que a inconsistência da forma do nome não serve a nenhum propósito, decidi-me por *Ódin*. No caso do nome que em nórdico se diz *Reginn* meu pai escreveu *Regin* em toda parte, e acompanhei esse uso.



§ 5 A FORMA DE VERSIFICAÇÃO DOS POEMAS

A forma métrica destas baladas foi evidentemente um elemento primário nos propósitos de meu pai. Como ele disse em suas cartas a W. H. Auden, escreveu “na antiga estrofe *fornyrðislag* de oito versos”; e dou aqui um relato abreviado de sua natureza.

Há três métricas que se encontram nos poemas eddaicos, *fornyrðislag*, *malahátt* e *ljóðahátt* (sobre esta última vide a nota da Balada dos Völsungs, seção V, versos 42-44; mas aqui só precisamos considerar a primeira, na qual é composta a maior parte dos poemas narrativos da *Edda*. Acredita-se que o nome *fornyrðislag* signifique “métrica da Antiga História” ou “métrica da Antiga Tradição”^{*} – um nome que, observou meu pai, só pode ter surgido depois de terem sido inventadas e familiarizadas elaborações posteriores; ele dava preferência à opinião de que o nome mais antigo era *kviðuhátt*, significando “o ‘modo’ para poemas chamados *kviða*”, visto que os antigos poemas em *fornyrðislag*, quando seus nomes têm alguma conotação métrica, são normalmente chamados *-kviða*; daí seus nomes *Völsungakviða* e *Guðrúnarkviða*.

A antiga métrica germânica dependia, nas palavras de meu pai, da “utilização dos principais fatores da fala germânica, *duração e acento*”; e a mesma estrutura rítmica que se encontra na poesia inglesa antiga também pode ser encontrada em *fornyrðislag*. Essa estrutura foi exposta por meu pai em um prefácio à edição revisada (1940) da tradução de *Beowulf* por J. R. Clark-Hall, e reimpressa em *The monsters and the critics and other essays*^{**}, de J. R. R. Tolkien (1983). Nesse relato ele definiu a natureza da estrutura dos versos em antigo inglês nestas palavras:

O verso em antigo inglês compunha-se de dois grupos de palavras opostos ou “metades”^{***}. Cada metade era um exemplo, ou uma variação, de um dentre seis modelos básicos.

Os modelos se compunham de elementos *fortes* e *fracos*, que podem ser chamados de “altas” e “baixas”. A alta padrão era uma sílaba *longa e tônica* (normalmente com tom relativamente alto). A baixa padrão era uma sílaba *átona*, longa ou breve, de tom baixo.

O que se segue são exemplos em inglês moderno* das formas normais dos seis modelos:

A decrescente-decrescente *bravos \ homens*
 4 | 4 |

B	crescente-crescente	<i>no v<u>a</u>s \ to m<u>a</u>r</i> 1 4 1 4
C	em colisão	<i>dos gr<u>ã</u>os \ m<u>o</u>ntes</i> 1 4 4 ou 3 1
D	{ a decrescente por etapas	<i>v<u>ã</u>o \ r<u>á</u>pidos</i> 4 3 2 1
	b decréscimo rompido	<i>m<u>a</u>is \ f<u>o</u>rtes s<u>ã</u>o</i> 4 3 1 2
E	decrécimo e crescimento	<i>el<u>m</u>os ao \ s<u>o</u>l</i> 4 2 1 4 ou 3

A, B, C têm pés iguais, cada um contendo uma alta e uma baixa. D e E têm pés desiguais: um consiste em uma única alta e o outro tem inserido um acento subordinado (marcado assim).

Esses são os modelos normais de quatro elementos aos quais as palavras do inglês antigo se conformavam naturalmente e aos quais as palavras do inglês moderno ainda se conformam. Podem ser encontrados em qualquer trecho de prosa, antiga ou moderna. Versos desse tipo diferem da prosa *não* porque rearranjam as palavras para se encaixar em um ritmo especial, repetido ou variado em versos sucessivos, mas sim porque escolhem as disposições mais simples e compactas das palavras e eliminam o material estranho, de modo que essas disposições se coloquem opostas umas às outras.

As disposições *escolhidas* tinham todas aproximadamente o mesmo peso métrico⁴: o efeito da sonoridade (combinado com a duração e a altura da voz), conforme julgado pelo ouvido em conjunto com a *significância* emocional e lógica⁵. Assim, o verso era essencialmente um *equilíbrio* de dois blocos equivalentes. Esses blocos podiam ter, e usualmente tinham, diferentes disposições e ritmos. Consequentemente não havia uma melodia ou um ritmo comum, compartilhado pelos versos em virtude de serem “da mesma métrica”. O ouvido não devia atentar para tal coisa, mas sim escutar a forma e o equilíbrio das metades. Assim, *no vasto mar bravos homens** não é métrico porque contém um ritmo “iâmbico”** ou “trocaico”***, mas sim porque é um equilíbrio de B + A.

Esses modelos também se encontram em *fornyrðislag* e podem ser prontamente identificados nas baladas nórdicas de meu pai: assim, por exemplo, na estrofe 45 da Balada de Gudrún, versos 2-6:

A	<i>rúnes of héaling,</i>
D (a)	<i>wóords wéll-gràven</i>
B	<i>on wóod to réad</i>
E	<i>fást bìds us fáre</i>
C	<i>to féast gládly</i>

Nas variações dos modelos básicos (“sobrepeso”, “extensão” etc.) descritas no relato de meu pai existem de fato diferenças entre o antigo nórdico e o antigo inglês, tendendo aquele a maior brevidade; mas comentarei apenas a diferença mais radical e importante entre as formas de versificação, a saber, o fato de que toda a poesia nórdica é “estrófica”, isto é, composta em estrofes. Isso é um nítido contraste com o antigo inglês, em que quaisquer arranjos de tal espécie eram totalmente evitados; e meu pai escreveu a esse respeito (vide [“Prefácio”](#)):

No antigo inglês visava-se à amplitude, plenitude, reflexão, do efeito elegíaco. A poesia nórdica antiga visa a apanhar uma situação, a desferir um golpe que será lembrado, a iluminar um momento com um clarão de relâmpago – e tende à concisão, ao pesado acúmulo da língua com sentido e forma, e gradativamente à maior regularidade na forma do verso.

Ele disse:

A norma da estrofe (de *fornyrðislag*) são quatro versos (oito hemistíquios) com uma pausa completa no fim, e também uma pausa (não necessariamente tão nítida) ao fim do quarto hemistíquio. Mas, pelo menos na forma como foram preservados, os textos dos manuscritos não se encaixam regularmente nesse plano, e grande baralhamento e produção de lacunas têm ocorrido entre os editores (de modo que nunca se consegue dizer, com precisão de uma ou duas estrofes, a que as referências se referem nas diferentes edições).

Observando que essa variabilidade do comprimento das estrofes ocorre em alguns dos textos mais antigos e menos corrompidos, e que “*Völundarkviða*, sem dúvida um poema antigo, é especialmente irregular e especialmente assolado pelos editores (que são muito mais ousados e voluntariosos no antigo nórdico do que no antigo inglês)”, ele aceitava a opinião de que, em geral, essa liberdade deveria ser vista como característica arcaica. “A estrofe estrita ainda não se tinha desenvolvido plenamente, do mesmo modo que o verso estrito, limitado em termos de sílabas”; em outras palavras, a forma estrófica era uma inovação nórdica e só se desenvolveu pouco a pouco.

Nas Baladas de meu pai a forma estrófica é inteiramente regular, e o hemistíquio tende à brevidade e à limitação das sílabas.

Aliteração

A poesia nórdica antiga segue precisamente os mesmos princípios em termos de “aliteração” que a inglesa antiga. Esses princípios foram assim formulados por meu pai em sua descrição da métrica inglesa antiga, citada antes.

Uma alta plena de cada hemistíquio tem de aliterar. A “aliteração-chave” era sustentada pela *primeira alta* do *segundo* hemistíquio. (Snorri Sturluson chamava esse som de *höfuðstafr*, de onde deriva o termo “suporte principal”^{*} usado em livros ingleses.) Com o suporte principal *precisa* aliterar a alta mais forte do primeiro hemistíquio, e podem aliterar ambas as altas. No segundo hemistíquio, a segunda alta *não pode* aliterar.

Assim, na seção inicial da Balada dos Völsungs, “Upphaf”, na 13a estrofe, versos 5-6, *the deep Dragon/ shall be doom of Thór*, o *d* de *doom* é o suporte principal, enquanto na terminologia de Snorri o *d* de *deep* e o de *Dragon* são os *stuðlar*, as escoras ou os apoios. O *Th* de *Thór*, a segunda alta do segundo hemistíquio, não alitera. Ver-se-á que em “Upphaf” ambas as altas do primeiro hemistíquio de fato aliteram com o suporte principal na maioria dos casos.

É importante reconhecer que na poesia germânica a “aliteração” refere-se não a *letras*, mas sim a *sons*; é a concordância dos *elementos tônicos* que começam pela *mesma consoante* ou por *nenhuma consoante*: todas as vogais “aliteram” entre si, assim como no verso inicial de “Upphaf”, *Of old was an age/ when was emptiness*. Em inglês, a concordância fonética muitas vezes fica oculta dos olhos pela grafia: isso

ocorre na mesma estrofe, onde os versos 5-6 aliteram em “r”, *unwrought was Earth,/ unroofed was Heaven*; ou na estrofe 8 da seção IV da Balada dos Völsungs, em que os versos 1-2 aliteram no som “w”: *A warrior strange, / one-eyed, awful*.

As combinações consonantais *sk*, *sp* e *st* normalmente só aliteram consigo mesmas; assim, na Balada dos Völsungs, seção IV, estrofe 9, versos 3-4, *the sword of Grímnir/ singing splintered* não demonstra aliteração em ambas as altas do segundo hemistíquio, nem a seção V, estrofe 24, versos 3-4, *was sired this horse,/ swiftest, strongest*.



§ 6 NOTAS DO AUTOR SOBRE OS POEMAS

Com o manuscrito das Novas baladas foram colocados alguns bilhetinhos em que meu pai faz algumas observações interpretativas a respeito delas. Foram escritas muito rapidamente à tinta ou a lápis, e no caso de (iv) a lápis sobrescrito e acrescentado à tinta, claramente à mesma época. Parece impossível datá-las mesmo que em termos relativos; um sentido de distância e afastamento pode ser artificial.

(i)

Após a introdução mítica e o relato do tesouro, a balada se volta para a família dos Völsungs e acompanha a história de Völsung, Sigmund e Sigurd. A parte principal é a tragédia de Sigurd e Brynhild, que é interessante por si só, mas o todo recebe unidade como estudo da maneira como um ato voluntarioso de Loki, o assassinato despropositado de Otr, e seu método cruel de arrancar a Ódin e a si mesmo do perigo em que esse ato os colocou, põe em movimento uma maldição que por fim leva Sigurd à morte.

O pleno funcionamento dessa maldição é somente apressado pelas intervenções do próprio Ódin – fornecer a Sigurd um cavalo e uma arma adequados à sua tarefa e fornecer-lhe uma noiva adequada, a mais bela de todas as valquírias de Ódin, Brynhild. (Parece que através de Sigurd Ódin pretende punir a família de Hreidmar (Fáfnir e Regin) por exigirem o resgate de Otr.) Na história de Sigurd

Aqui se interrompe esse texto.

(ii)

Grímhild, esposa de Gjúki, rei dos burgúndios (ou Niflungs), é a principal agente do mal, não por causa de algum previdente plano de perversidade: ela é, isso sim, um exemplo daquela perversidade que apenas contempla cada situação à medida que esta ocorre e não recua diante de nada para dela ganhar o que pareça imediatamente proveitoso. Ela é “grisalha e sóbria”, pois é uma bruxa de tradição, e ainda mais hábil na leitura de mentes e corações para usar suas fraquezas e loucuras. Sua vontade domina a filha Gudrún e Gunnar, o filho mais velho.

Gudrún é uma donzela simples, incapaz de qualquer grande plano de lucro ou vingança. Ela se apaixona por Sigurd e não tem outro motivo para si. Personagem sensível, porém fraca, ela é capaz de falas ou ações desastrosas quando provocada. As ocasiões descritas, nesse sentido, são sua réplica fatal ao escárnio de Brynhild, que mais do que tudo é causa imediata do assassinato de Sigurd, e no que se segue, no Assassinio dos Niflungs, suas façanhas terríveis no fim, quando é impelida à loucura e ao desespero.

Gunnar é um personagem ardente e impaciente, dominado por Grímhild. Apesar de não ser bastante tolo para perceber a prudência, em casos de dúvida ou dificuldade, ele se torna perturbado e temerário, voltando-se à violência.

(iii)

Depois de Sigurd ser morto, Brynhild tirou a própria vida, e foram ambos queimados na mesma pira. Gudrún não tirou a própria vida, mas de pesar passou certo tempo meio demente. Não olhava para os parentes nem para a mãe e vivia apartada em uma casa no bosque. Ali, passado algum tempo, começou a tecer em uma tapeçaria a história do Tesouro do Dragão e de Sigurd.

Atli, filho de Budli, tornou-se rei dos Hunos, antigos inimigos dos burgúndios, que antes haviam matado seu pai⁺. Seu poderio, ao crescer, torna-se uma ameaça para Gunnar, que agora é rei no lugar de seu pai Gjúki; e, como seu irmão Högni previra, agora sentem falta do valor do rei Sigurd, seu irmão de juramento.

(iv)

Esta balada [isto é, “Guðrúnarkviða en nýja”] é a sequência da Balada de Sigurd, assumindo conhecimento desta, apesar de que, pelo artifício da tapeçaria de Gudrún, a história do tesouro maldito e de Sigurd é trazida à lembrança e delineada no começo.

Na primeira balada contou-se como o domínio dos deuses foi desde o início ameaçado de destruição. Ódin, senhor dos deuses e dos homens, cria no mundo muitos homens poderosos, que reúne em Valhöll para serem seus companheiros na Última Batalha. Destaca uma família em especial, os Völsungs⁺, que são todos guerreiros eleitos por ele, e um, Sigurd, filho de Sigmund, deverá ser chefe de

todos, seu líder no Último Dia; pois Ódin espera que por sua mão a Serpente seja morta ao final, e seja possível um novo mundo.

Nenhum dos deuses consegue realizar isso, mas somente alguém que tenha primeiro vivido na Terra como mortal e morrido. (Esse motivo da função especial de Sigurd é uma invenção do presente poeta ou uma interpretação das fontes nórdicas nas quais não está explícito.)

No entanto, o mal não se encontra apenas nas sempre vigilantes hostes dos inimigos dos deuses e dos homens. Encontra-se também na própria Ásgard, na pessoa de Loki, por cujas ações voluntariosas, meramente travessas ou totalmente mal-intencionadas os conselhos e as esperanças de Ódin parecem ser sempre enviesados ou derrotados.

Contudo Loki sempre é visto caminhando no mundo à mão esquerda de Ódin, que não o censura, nem o repudia, nem recusa a ajuda de sua astúcia. À mão direita de Ódin caminha outro vulto, uma sombra sem nome. Parece que este poeta (vendo que os deuses nórdicos representam, apenas em ponto maior, os modos dos homens no mundo hostil) tomou essa antiga lenda para simbolizar a prudência e a sabedoria do homem, e seu acompanhamento sempre presente de loucura e malignidade, que as derrotam apenas para produzir maior heroísmo e mais profunda sabedoria; enquanto, sempre à mão direita, caminha a sombra que não é nem Ódin nem Loki, mas em algum aspecto é o destino, a história real que precisa ser combinada de ambos. No entanto Ódin é o senhor dos Três, e o resultado final será mais semelhante à esperança de Ódin que à malignidade (mais míope) de Loki. Às vezes Ódin expressa isso, dizendo que sua esperança olha para além dos aparentes desastres deste mundo. Apesar de todos os eleitos de Ódin terem fim desventurado ou morte precoce, isso só lhes conferirá maior valor para seu propósito final na Última Batalha.

Sobre esse texto, misterioso de várias maneiras, vide o comentário do “Upphaf” da Balada dos Völsungs e o comentário da primeira seção do poema, “O ouro de Andvari”, estrofe 1.



Concluindo, este parece um lugar adequado para mencionar observações de meu pai que se referem a “Guðrúnarkviða en nýja”, apesar

de não terem nenhuma relação (pelo menos evidente) com essa obra. Em sua introdução a conferências em Oxford sobre o poema eddaico “Guðrúnarkviða en forna”, a antiga Balada de Guðrún, ele disse que “bem curiosamente” estava mais interessado em Guðrún, “normalmente menosprezada e considerada de interesse secundário”, do que em Brynhild. Por implicação, contrastava a longa agonia de Guðrún com a irrupção de Brynhild, que logo parte, “e sua paixão e morte permanecem somente no plano de fundo da história, uma tempestade breve e terrível que principia em fogo e nele termina”.



* Cada uma das metades em que o verso se divide. (N. T.)

* Byrhtwold foi um senhor anglo-saxão que resistiu ao ataque dos nórdicos na Batalha de Maldon, em território inglês, no ano 991 – e pagou por sua audácia com a vida. (N. T.)

** No original, *Godlessness*: ausência ou carência de deus(es). (N. T.)

1 O Ragnarök é “o destino dos Poderes”, “o fado dos Deuses” na mitologia nórdica; a assimilação com a palavra diversa rökr, significando “anoitecer”, “crepúsculo”, levou à interpretação *Götterdämmerung*, o crepúsculo dos deuses.

2 Meu pai acreditava ser provável que a perda fosse por causa do furto da “Balada longa de Sigurd” (vide “[Comentário sobre Völsungakviða en nýja](#)” em *DEILD (Contenda)*), que se supõe tenha sido o principal componente da poesia no caderno perdido.

3 Um número redondo! – arredondado para baixo, quer meu pai estivesse contando de 1643 ou de 1663.

* Locução latina: “com excesso de autoridade”. (N. T.)

* Inglês: “*Old Story Metre*”, “*Old Lore Metre*”. (N. T.)

** *Os monstros e os críticos e outros ensaios*, inédito no Brasil. (N. T.)

*** Estes semiversos se chamam hemistíquios, em português. (N. T.)

* Os exemplos foram traduzidos para formas análogas em português; no original, eles são: (A) *knights in \ armour*; (B) *the roar \ ing sea*; (C) *on high \ moun tains*; (D) a) *bright \ archangels*; b) *bóld \ brázenfaced*; (E) *highcrèsted \ hé lms*; na tradução, os acentos primários estão designados em **negrito sublinhado** e os secundários, em sublinhado. (N. T.)

4 A uma *alta* plena pode-se atribuir o valor 4. Os *acentos subordinados* (de força reduzida e tom mais baixo) que aparecem em compostos como *highcrèsted* podem receber o valor 2. Mas a redução também ocorre em outros casos. Por exemplo, o segundo de dois acentos em colisão em uma sentença ou a segunda de duas palavras justapostas (de igual importância quando separadas), como um substantivo e um adjetivo, tende a se reduzir a um valor aproximado de 3. Usando esses valores preliminares vemos que o valor total normal de cada modelo é 10; C tende a ser um pouco mais leve e E um pouco mais pesado.

5 E portanto não puramente fonético nem exatamente mensurável em números (como os usados anteriormente) ou por uma máquina.

* No original: *the róaring séa ról ling lándward*. (N. T.)

** Composto de iambos, conjuntos de sílaba breve + sílaba longa. (N. T.)

*** Composto de troqueus, conjuntos de sílaba longa + sílaba breve. (N. T.)

* No original: *head-stave*. (N. T.)

† Na Balada dos Völsungs, Gunnar cantou sobre o assassinato do irmão de Budli pelos burgúndios (VII.15); e o mesmo está dito na Balada de Guðrún, estrofe 4.

† Depois de os Völsungs meu pai escreveu (os eleitos), mas riscou essa expressão. Uma especulação etimológica sobre a origem do nome que (pelo menos em certa época) ele preferia associar a palavras germânicas que significam “escolher”.

**VÖLSUNGAKVIÐA EN NÝJA
eða
SIGURÐARKVIÐA EN MESTA**



VÖLSUNGAKVIÐA EN NÝJA

UPPHAF (BEGINNING)

- 1 Of old was an age
when was emptiness,
there was sand nor sea
nor surging waves;
unwrought was Earth,
unroofed was Heaven –
an abyss yawning,
and no blade of grass.
- 2 The Great Gods then
began their toil,
the wondrous world
they well builded.
From the South the Sun
from seas rising
gleamed down on grass
green at morning.
- 3 They hall and hallow
high uptowering,
gleaming-gabled,
golden-posted,
rock-hewn ramparts
reared in splendour,
forge and fortress
framed immortal.
- 4 Unmarred their mirth
in many a court,
where men they made
of their minds' cunning;
under hills of Heaven
on high builded
they lived in laughter
long years ago.
- 5 Dread shapes arose
from the dim spaces
over sheer mountains
by the Shoreless Sea,
friends of darkness,
foes immortal,
old, unbegotten,
out of ancient void.
- 6 To the world came war:
the walls of Gods
giants beleaguered;
joy was ended.
The mountains were moved,
mighty Ocean
surged and thundered,
the Sun trembled.

7 The Gods gathered
 on golden thrones,
 of doom and death
 deeply pondered,
 how fate should be fended,
 their foes vanquished,
 their labour healed,
 light rekindled.

8 In forge's fire
 of flaming wrath
 was heaviest hammer
 hewn and wielded.
 Thunder and lightning
 Thór the mighty
 flung among them,
 felled and sundered.

9 In fear then fled they,
 foes immortal,
 from the walls beaten
 watched unceasing:
 ringed Earth around
 with roaring sea
 and mountains of ice
 on the margin of the world.



10 A seer long silent
 her song upraised –
 the halls hearkened –
 on high she stood.
 Of doom and death
 dark words she spake,
 of the last battle
 of the leaguered Gods.

11 'The horn of Heimdall
 I hear ringing;
 the Blazing Bridge
 bends neath horsemen;
 the Ash is groaning,
 his arms trembling,
 the Wolf waking,
 warriors riding.

12 The sword of Surt
 smoketh redly;
 the slumbering Serpent
 in the sea moveth;
 a shadowy ship
 from shores of Hell
 legions bringeth
 to the last battle.

13 The wolf Fenrir
 waits for Óðin,
 for Frey the fair
 the flames of Surt;
 the deep Dragon
 shall be doom of Thór –
 shall all be ended,
 shall Earth perish?

14 If in day of Doom
 one deathless stands,
 who death hath tasted
 and dies no more,
 the serpent-slayer,
 seed of Óðin,
 then all shall not end,
 nor Earth perish.

15 On his head shall be helm,
 in his hand lightning,
 afire his spirit,
 in his face splendour.
 The Serpent shall shiver

and Surt waver,
the Wolf be vanquished
and the world rescued.'



- 16 The Gods were gathered
on guarded heights,
of doom and death
deep they pondered.
Sun they rekindled,
and silver Moon
they set to sail
on seas of stars.
- 17 Frey and Freyia
fair things planted,
trees and flowers,
trembling grasses;
Thór in chariot
thundered o'er them
through Heaven's gateways
to the hills of stone.
- 18 Ever would Ódin
on earth wander
weighed with wisdom
woe foreknowing,
the Lord of lords
and leaguered Gods,
his seed sowing,
sire of heroes.
- 19 Valhöll he built
vast and shining;
shields the tiles were,
shafts the rafters.
Ravens flew thence
over realms of Earth;
at the doors an eagle
darkly waited.
- 20 The guests were many:
grim their singing,
boar's-flesh eating,
beakers draining;
mighty ones of Earth
mailclad sitting
for one they waited,
the World's chosen.



VÖLSUNGAKVIÐA EN NÝJA

UPPHAF (INÍCIO)

- 1 Já houve uma era
 de oco e vazio,
 sem margem nem mar
 nem domínio de ondas;
 não se tinha Terra
 nem teto dos Céus –
 um buraco, voragem
 sem relva nenhuma.
- 2 Se engajam os Grandes Deuses
 em grão labor,
 e o mundo ameno
 com esmero constroem.
 Desde o Sul o Sol
 já sobe dos mares
 e na relva corusca
 na aurora em verdor.
- 3 Palácio e salão
 elevam mui alto,
 com telhados brilhantes
 muralhados e dourados,
 terrenos de rocha
 eretos em esplendor,
 forja e forte
 fixos e imortais.
- 4 Apraz-lhes puro gozo
 em paços numerosos
 onde homens são a obra
 da arte de suas mentes;
 sob montes do Firmamento
 que mui alto constroem
 viviam em favores
 na vez de outrora.
- 5 Vultos severos se erguem
 dos vácuos obscuros
 na margem do Mar sem Costa
 sobre montes abruptos,
 inimigos de morte,
 amigos da treva,
 anosos, não natos,
 do nada antigo.
- 6 Chegou a guerra ao mundo:
 os grandes muros dos Deuses
 gigantes agarram;
 o gozo se foi.
 Os montes se movem,
 o Mar poderoso
 em vagas troveja
 e vibra o Sol.

- 7 Os Deuses concordados,
são d'ouro seus tronos
de julgamento e morte
de há muito pesados,
pra afastar o destino,
derrotar inimigos,
remediar seu lidar,
o ardor da luz refazer.
- 8 No fogo da forja
se inflama a ira
e o malho de mais peso
a mão empunha e golpeia.
Trovão e vivo raio
o válido Thor
arremessa em seu meio,
domina-os, derruba-os.
- 9 Com medo no mundo se perdem,
inimigos imortais,
pois em ronda nas muralhas
os espreitam sem cessar;
o Mundo rematam
com mares que rugem
e na margem do mundo
montes de gelo.



- 10 A vidente dantes muda
uma melodia entoa –
as cortes escutam –
na colina põe-se ela,
de destino e atroz morte
soltando negras palavras
da batalha fatal,
dos sitiados Deuses a última.
- 11 “Eu ouço nos ares
de Heimdall a trompa;
a Ponte que Resplende em Chamas
pende sob os cavaleiros;
o Freixo, sofrendo,
desfaz-se em tremores,
o Lobo alerta,
a galope, os soldados.
- 12 De Surt o terçado fumega
sempre rubro como fogo;
a Serpente dormecendo
assanha-se no mar;
uma nau de negra sombra
da confinança do Inferno
trazendo exércitos
à conclusiva batalha.
- 13 O lobo violento Fenrir
velando à espera de Ódin,
para Frey, de bela forma,
as flamas de Surt;
o grande Dragão
que assegura a ruína de Thór –
será a partida de tudo,
há a Terra de perecer?
- 14 Se no dia fadado
um indômito sobreviver,
que a morte experimenta,
mas não morre jamais,
o que mata a má serpente,
semente de Ódin,
então nem tudo é abatido
nem a Terra perecerá.
- 15 Há de usar elmo,
astro-raio na mão,
a alma que arde,
e alva a face.
Vacila a Serpente

e oscila Surt,
o Lobo assolado
e limpo o mundo.”



16 Os Deuses, andando
em guardadas alturas,
nos mortais destinos
meditando vão.
O Sol reacendem
fazendo com que a Lua
navegue e se vá
no desvão dos astros.

17 Frey e Freyia
fazem coisas belas,
tronco e botão
e trêmula erva;
Thór em seu carro
atroa sobre eles
dos muros do firmamento
aos montes de pedra.

18 O alto Ódin
anda na terra
pesado de siso,
sábio, providente,
Senhor dos senhores
e empenhados Deuses,
semeia sua semente,
mestre de heróis.

19 Valhöll atavia
vasto e luzente;
escudos o cobrem
sobre fincadas lanças.
Dali corvos decolam
para os cantos da Terra;
a atra águia
ávida espera.

20 Diversos os convivas:
comovente seu canto,
javali têm à larga
e a valer têm bebida;
dominam o Mundo,
de malha de anéis,
vigilantes e alertas
pro eleito da Terra.



I

ANDVARA-GULL (ANDVARI'S GOLD)

Here first is told how Ódin and his companions were trapped in the house of the demon Hreidmar, and his sons. These dwelt now in the world in the likeness of men or of beasts.

1 Of old was an age
 when Ódin walked
 by wide waters
 in the world's beginning;
 lightfooted Loki
 at his left was running,
 at his right Hœnir
 roamed beside him.

2 The falls of Andvari
 frothed and murmured
 with fish teeming
 in foaming pools.
 As a pike there plunged
 his prey hunting
 Dwarf Andvari
 from his dark cavern.

3 There hunted hungry
 Hreidmar's offspring:
 the silver salmon
 sweet he thought them.
 Otr in otters form
 there ate blinking,
 on the bank brooding
 of black waters.

4 With stone struck him,
 stripped him naked,
 Loki lighthanded,
 loosing evil.
 The fell they flayed,
 fared then onward;
 in Hreidmar's halls
 housing sought they.

5 There wrought Regin
 by the red embers
 rune-written iron,
 rare, enchanted;
 of gold things gleaming,
 of grey silver,
 there Fáfnir lay
 by the fire dreaming.

Hreidmar 6 'Do fetters fret you,
folk of Asgard?
Regin hath wrought them
with runes binding.
Redgolden rings,
ransom costly,
this fell must fill,
this fur cover!'

7 Lightshod Loki
over land and waves
to Rán came running
in her realm of sea.
The queen of Ægir
his quest granted:
a net she knotted
noosed with evil.

Loki 8 'What fish have I found
in the flood leaping,
rashly roaming?
Ransom pay me!'
'I am Andvari.
Óin begot me
to grievous fate.
Gold I bid thee!'

Andvari

Loki 9 'What hides thy hand
thus hollow bending?'
'The ring is little –
let it rest with me!'
Andvari
'All, Andvari,
all shalt render,
light rings and heavy,
or life itself!'

Loki

10 (The Dwarf spake darkly
from his delv'd stone.)
'My ring I will curse
with ruth and woe!
Bane it bringeth
to brethren two;
seven princes slays;
swords it kindles –
end untimely
of Ódin's hope.'

Andvari

11 In Hreidmar's house
they heaped the gold.
'A hair unhidden
I behold there yet!
Out drew Ódin
Andvari's ring,
cursed he cast it
on accurs'd gold.

Hreidmar

Ódin 12 Ye gold have gained
a god's ransom,
for thyself and sons
seed of evil.'
'Gods seldom give
gifts of healing;
gold oft begrudgeth
the greedy hand!'

Hreidmar

13 Words spake Loki
worse thereafter:
'Here deadly dwells
the doom of kings!
Here is fall of queens,
fire and weeping,
end untimely
of Ódin's hope!'

Loki

Ódin 14 'Whom Ódin chooseth
ends not untimely,
though ways of men
he walk briefly.
In wide Valhöll
he may wait feasting –

it is to ages after
that Ódin looks.'

Hreidmar 15 'The hope of Ódin
we heed little!
Redgolden rings
I will rule alone.
Though Gods grudge it
gold is healing.
From Hreidmar's house
haste now swiftly!'



I

ANDVARA-GULL (O OURO DE ANDVARI)

Aqui conta-se primeiro como Ódin e seus companheiros ficaram aprisionados na casa do demônio Hreidmar e seus filhos. Estes viviam então no mundo à semelhança de homens ou de animais.

1 Houve uma era
quando Ódin caminhava
junto a amplas águas
na alba do mundo;
Loki leve de pés,
corre alado à esquerda,
e à direita Hœnir
corre também.

2 As cascatas de Andvari
com escuma e murmúrio
de peixes são repletas
na espuma das lagoas.
Como lúcio mergulha
em líquida caçada
Andvari, Anão ágil
em atra caverna.

3 Lá sem fome se farta
o filho de Hreidmar:
salmões escamados
muito lhe aprazem.
Lá sob clara luz come
Otr qual lontra,
que mora na margem
de fluminicas águas.

4 Com pedra o golpeia
e a pele lhe arranca
Loki, leve de mãos,
que deslacha o mal.
A pele lhe depenam,
impávidos prosseguem;
buscam abrigo
onde habita Hreidmar.

5 Lá derrete Regin
junto às rubras brasas
o raro ferro
de runas gravado;
a prata que resplende,
o ouro puro,
Lá jaz Fáfnir, o forte,
junto ao fogo a sonhar.

Hreidmar 6 “Com gemas sois afligidos,
gente de Ásgard?
Fê-las Regin, ferreiro,
com runas que atam.
De grande resgate,
fogosos anéis,
quero a pele repleta,
o pelo coberto!”

7 Loki, de leve calçado,
por aleia e onda
até Rán vai correndo
em seu reino do mar.
A mestra de Ægir
a demanda concede,
uma rede amarrando
com correias do mal.

Loki 8 “Com que peixes topei
que pulam nas águas,
vagando guapos?
Resgate me paguem!”
“Eu sou Andvari.
Óin me gerou
para árduos anos.
Ouro te peço!”

Andvari

Loki 9 “O que pegas na palma
suspeita da mão?”
“Não é nada, é um anel –
não me negues que o guarde!”

Andvari “Ávido Andvari,
o ouro entregues,
o mínimo, o máximo
e mesmo tua vida!”

Loki

10 (Renova-se do Anão
a negra fala:)
“O anel eu renego,
dou-lhe nome maldito!
Perdição nele é certa
aos desgraçados irmãos;
sete príncipes apaga,
espadas desperta –
ponto final impróprio
do que espera Ódin.”

Andvari

11 Na morada de Hreidmar
arranjam o ouro.
“A ponta de um pelo
espio ainda!”
De Andvari o anel
Ódin toma,
malévolo o lança
no lote de ouro.

Hreidmar

Ódin 12 “Ouro tu achas:
um alto resgate divino,
semente do mal
a ti mesmo e teus filhos.”
Deuses dão raramente
dádivas de cura;
antes o ouro se ressurte
da ávida tua mão!”

Hreidmar

13 Palavras mais lúgubres
disse Loki depois:
“Aqui mora a meta
imensa dos reis!
Perecem rainhas,
fogo rubro se espalha,
ponto final impróprio
do que espera Ódin.”

Loki

Ódin 14 “Por quem Ódin opta
na hora má não perece,
mesmo que ande dos homens
nos árduos caminhos.
No amplo Valhöll
há de esperar em banquete –

são as eras adiante
que Ódin contempla."

Hreidmar 15 "O que acha Ódin
é óbvio que desprezamos!
Anéis tinindo,
dominando os terei.
Os Deuses me desdenham,
mas remedia-me o ouro.
Da morada de Hreidmar
rápidos fujam!



II

SIGNÝ

Rerir was the son of the son of Ódin. After him reigned Völsung, to whom Ódin gave a Valkyrie as wife. Sigmund and Signý were their eldest children and twins. They had nine sons beside. Sigmund was of all men the most valiant, unless his sons be named. Signý was fair and wise and foresighted. She was given unwilling and against her foreboding to Siggeir king of Gautland, for the strengthening of the power of King Völsung. Here is told how hate grew between Gauts and Völsungs, and of the slaying of Völsung. The ten brothers of Signý were set in fetters in the forest and all perished save Sigmund. Long time he dwelt in a cave in the guise of a dwarvish smith. By Signý was a fierce vengeance devised and fulfilled.

1 On the coasts of the North
 was king renowned
 Rerir sea-roving,
 the raven's lord.
 Shield-hung his ships,
 unsheathed his sword;
 his sire of old
 was son of Ódin.

2 Him Völsung followed
 valiant-hearted,
 child of longing,
 chosen of Ódin.
 Valkyrie fair
 did Völsung wed,
 Ódin's maiden,
 Ódin's chosen.

3 Sigmund and Signý,
 a son and daughter,
 she bare at a birth
 in his builded halls.
 High rose their roofs,
 huge their timbers,
 and wide the walls
 of wood carven.

4 A tree there towered
 tall and branching,
 that house upholding,
 the hall's wonder;
 its leaves their hangings,
 its limbs rafters,

its mighty bole
in the midst standing.



Völsung 5 'What sails be these
in the seas shining?
What ships be those
with shields golden?'
'Gautland's banners
gift and silver
Gautland's greeting
grievous bearing.'

Signý

Völsung 6 'Wherefore grievous?
Are guests hateful?
Gautland's master
glorious reigneth.'
'For Gautland's master
glory endeth;
grief is fated
for Gautland's queen.'

Signý



7 Birds sang blithely
o'er board and hearth,
bold men and brave
on benches sitting.
Mailclad, mighty,
his message spake there
a Gautish lord
gleaming-harnessed.

Gaut 8 'Siggeir sent me
swiftly steering:
fame of Völsung
far is rumoured.
Signý's beauty,
Signý's wisdom,
to his bed he wooeth,
bride most lovely.'

Völsung 9 'What saith Sigmund?
Shall his sister go
with lord so mighty
league to bind us?'
'With lord so mighty
league and kinship
let us bind, and grant him
bride most lovely!'

Sigmund



10 Ere summer faded
sails came shining,
ships came shoreward
with shields gleaming.
Many and mighty
mailclad warriors
to the seats of Völsung
with Siggeir strode.

11 Birds sang blissful
over boards laden,
over Signý pale,
Siggeir eager.
Dark wine they drank,
doughty princes,

Gautland's chieftains;
glad their voices.

- 12 Wan night cometh;
wind ariseth;
doors are opened,
the din is silenced.
A man there enters,
mantled darkly,
hoary-bearded,
huge and ancient.

- 13 A sword he sweeps
from swathing cloak,
into standing stem
stabs it swiftly:
'Who dares to draw,
doom unfearing,
the gift of Grímnir
gleaming deadly?'

Grímnir

- 14 Doors clanged backward;
din was wakened;
men leapt forward
mighty-handed.
Gaut and Völsung
glory seeking
strove they starkly,
straining vainly.

- 15 Sigmund latest
seized it lightly,
the blade from bole
brandished flaming.
Siggeir yearning
on that sword gazing
red gold offered,
ransom kingly.

- Sigmund* 16 'Though seas of silver
and sands of gold
thou bade in barter,
thy boon were vain!
To my hand made,
for me destined,
I sell no sword
to Siggeir ever.'



- Signý* 17 'My heart is heavy
my home leaving!
Signý's wisdom
Signý burdens.
From this wedding waketh
woe and evil –
break, sire, the bonds
thou hast bound me in!'

- Völsung* 18 'Woe and evil
are woman's boding!
Fate none can flee.
Faith man can hold.
Ships await thee!
Shame to sunder
the bridal bed,
the bounden word.

- Signý* 19 'Sigmund, farewell!
Siggeir calls me.
Weak might hath woman
for wisdom's load.
Last night I lay
where loath me was;
with less liking
I may lay me yet.'

20 'Hail! toft and Tree,
timbers carven!
Maid here was once
who is mournful queen.'
Wild blew the wind
waves white-crested.
On land of Völsung
she looked no more.



21 A ship came shining
to shores foaming,
gloomy Gautland's
guarded havens.
Sigmund lordly,
sire and kindred,
to fair feasting
fearless journeyed.

Signý 22 'Father Völsung,
fairest kinsman!
Back my brethren!
This beach tread not!
A bitter drinking,
baleful meeting,
swords hath Siggeir
set to greet you.'

23 With thousand thanes,
thronging spearmen,
his guests welcomed
Gautland's master.
Ten times Völsung
towering wrathful
casque and corslet
clove asunder.

24 Through and through them
thrice went Sigmund;
as grass in Gautland
grimly mowed them.
His shield he shed:
with shining sword
smoking redly
slew two-handed.



25 Black the raven
by the body croaketh,
bare are Völsung's
bones once mighty.
In bonds the brethren
are bound living;
Siggeir smileth,
Signý weeps not.

Signý 26 'Sweet still is sight
while see one may!
A boon, my husband –
bid men linger!
Slay not swiftly
seed of Völsung!
For death is lasting,
though the doom tarry.'

Siggeir 27 'Wild and witless
words of Signý,
that pain and torment
plead for kindred!
Glad will I grant it,
grimly bind them
in the forest fettered,

- faint and hungry.'
- 28 In the forest fettered,
faint and naked,
her ten brethren
torment suffered.
There one by one
a wolf rent them;
by night after night
another sought she.
- Signý* 29 'What found ye in the forest,
my fair servants?'
'Nine brothers' bones
under night gleaming;
yet were shackles broken,
she-wolf lying
torn and tongueless
by the tree riven.'
- Servants*



- Signý* 30 'Who hath deeply delved
this dark cavern?
Dwarvish master,
thy doors open!'
'Who knocks at night
at nameless doors?
In may enter
elvish maiden!'
- Sigmund*

- 31 Brother and sister
in a bed lying,
brief love, bitter,
blent with loathing!
Answer, earth-dweller –
in thy arms who lies,
chill, enchanted,
changed, elfshapen?
- 32 Back went Signý
to Siggeir's hall,
nine months brooding
no word speaking.
Wolves were wailing,
her women shuddering,
Signý silent,
when a son she bore.



- Sigmund* 33 'Who calls so clear
at cavern's doorway,
fords so fearless
the foaming stream?
Fair one, thy father
thy face gave not!
What bringest bound
in bast folded?'

- Sinfjötli* 34 'My face is Völsung's,
father of Signý.
Signý sent me
a sword bearing.
Long years it lay
on the lap of Siggeir;
Sigmund drew it,
since hath no man.'

- 35 Thus son of Signý
came Sinfjötli,
to vengeance bred
of Völsung slain.
In the forest faring

far in warfare
long they laboured,
long they waited.

36 Wide they wandered
wolvish-coated,
men they murdered,
men they plundered.
Daylong slept they
in dark cavern
after dreadful deeds
of death in Gautland.

37 Moon was shining,
men were singing,
Siggeir sitting
in his sounding hall.
Volsung vanquished
voices chanted;
wolves came howling
wild and dreadful.

38 Doors were opened,
din fell silent.
Gautar 'Eyes we see there
like eager fire!
wolves have entered,
watchmen slaying!
Flames are round us
fire-encircled.'

39 Sigmund stood there
his sword wielding,
and Signý's son
at his side laughing.
'Pass may no man,
prince nor servant!
In pain shall perish
pride of Siggeir.'

*Sigmund
& Sinfjötli*

Sigmund 40 'Come forth, Signý,
sister fairest!
Gautland's glory
grimly endeth.
Glad the greeting,
grief is over;
avenged is Volsung
valiant-hearted!'

Signý 41 (Sigmund's sister
Signý answered:)
'Son Sinfjötli,
Sigmund father!
Signý comes not,
Siggeir calls her.
Where I lay unwilling
I now lay me glad;
I lived in loathing,
now lief I die.'



II

SIGNÝ

Rerir era filho de Ódin. Depois dele reinou Völsung, a quem Ódin deu uma valquíria por esposa. Sigmund e Signý eram seus filhos mais velhos, gêmeos. Tiveram mais nove filhos homens além deles. Sigmund era o mais valoroso de todos os homens, a não ser que se considere seus filhos. Signý era bela, sábia e providente. Foi dada contra a sua vontade e contra o seu presságio a Siggeir, rei de Gautland, para fortalecer o poderio do rei Völsung. Aqui se conta como cresceu o ódio entre os Gauts e os Völsungs e sobre o assassinato de Völsung. Os dez irmãos de Signý foram agrilhoados na floresta e morreram todos, exceto Sigmund. Por muito tempo ele viveu em uma caverna disfarçado de ferreiro anão. Por Signý foi tramada e consumada uma feroz vingança.

1 Entre os natos do Norte
 de renome era o rei
 Rerir, errante no mar,
 do rápido corvo o amo.
 Escudos embarcados,
 sacada a espada;
 o pai dos seus pais
 era prole de Ódin.

2 Völsung o vem seguindo,
 válido de coração,
 de longo anseio filho,
 eleito de Ódin.
 Valquíria propícia
 desposa Völsung,
 linda moça de Ódin,
 eleita de Ódin.

3 Sigmund e Signý,
 casal de filhos,
 dá à luz com luxo
 nos salões do rei
 de tetos altivos,
 rematadas vigas,
 e amplas as áreas
 de ótima madeira.

4 Uma árvore alta
 se ergue e ramifica,
 sustenta o teto,
 portento do palácio;

são reposteiros as tenras folhas,
são esteios os ramos,
o caule riquíssimo
fincado no meio.



Völsung 5 “Que velas eu vejo
que vêm reluzentes?
Barcaças com cascos
de escudos dourados?”
“Estandartes d’ouro e prata,
Bandeiras de Gautland,
da grã Gautland trazem
a grave saudação.”

Signý

Völsung 6 “Por que grave, pergunto?
Não agradam os hóspedes?
O senhor de Gautland
em glória reina.”
“Para o grande de Gautland
a glória já finda;
magoa o destino
de Gautland a rainha.”

Signý



7 Aves cantam álacres
no alto e embaixo,
homens bravos na briga
nos bancos se assentam.
Imenso, de malha,
lá manda a mensagem
um grande dos Gautar
pra guerra ataviado.

Gaut 8 “De Siggeir a mensagem
minha sina é trazer:
de longe é falado
o lustre do nome Völsung.
Pois Signý é bela,
pois Signý tem bom-senso,
e ao leito, galante,
a linda quer levar.”

Völsung 9 “A formosa irmã,
meu Sigmund, entregas
ao rei poderoso
pra amarrar em aliança?
“Um rei poderoso
por parente e aliado
de nós não rejeita
a noiva formosa!”

Sigmund



10 Mal vai-se o verão
vêm naus reluzentes,
acorrem à costa
com escudos a luzir.
Muitos, imensos,
em malha trajados,
guerreiros já rumam
c’o rei Siggeir a Völsung.

11 Aves cantam álacres
no ágape festivo;
Signý emaciada,
Siggeir ávido.

Bom vinho bebem
os bravos senhores,
de Gautland os grandes,
alegrando-se deveras.

- 12 O ocaso cria a noite,
alcança-os um vento;
as portas em par se abrem
e para o vozerio.
Lá entra um homem,
é atro seu traje,
a barba é branca,
bem velho é, enorme.

- 13 A espada empunha,
do capote a tira,
fincando-a no caule
de casca cinzenta:
“Quem ousa esta
com ânimo arrancar,
a graça de Grímnir
de grande brilho?”

Grímnir

- 14 Explodem as portas
desperta o vozerio;
e vários se movem
avante, depressa.
Gaut e Völsung
glória buscando,
se esforcem, porfiam,
se esfalfam em vão.

- 15 Sigmund por último,
apossando-se da arma,
do tronco o montante
retira em chamas.
Siggeir aspira
a espada possuir,
e ouro oferece,
um alto resgate.

- Sigmund* 16 “Mares mesmo de prata
a mim ofertastes
e areias douradas,
ofereces em vão!
Para a mão que é minha,
a mim destinado,
esse terçado não seja
de Siggeir jamais.”



- Signý* 17 “Eu choro de paixão,
deixando meu lar!
O bom-senso de Signý
a Signý é pesado.
O matrimônio semeia
os males e a dor –
senhor, larga os laços
que me ligam a ti!”

- Völsung* 18 “Sentimento fêmeo
são os males e a dor!
Do fado não se foge.
A fê podemos manter.
A nós naus esperam!
Desonor é deixar
o leito da aliança,
palavra jurada.”

- Signý* 19 “Sigmund, adeus!
Siggeir me chama.
Pouca força tem a fêmea
no fardo do juízo.
À noitinha deitei-me
e relutava lá estar;
com menor anuência
à noite deitarei.”

20 “Adeus, árvore e átrio,
ásperos madeiros!
Neste meio foi moça
quem lamenta como rainha.”
O vento selvagem
sopra vagas de alva crista.
A província de Völsung
não avista nunca mais.



21 Um barco com brilho
aborda a costa
de Gautland abrigada
que guarda os portos.
Sigmund, cínico
de sangue e família,
ao banquete de requinte
percorre o mar.

Signý 22 “Não pises na praia,
meu pai Völsung!
Parente querido,
favorece meus irmãos!
Hidromel amargo,
compromisso fatal,
bem sabes que Siggeir
te recebe co’a espada.”

23 Com soldados abundantes,
quantidade de lanças,
saúda as visitas
o amo de Gautland.
Dez vezes Völsung
raivoso se ergue,
os elmos e as armas
com ânsia trespassa.

24 Atravessa-os, atravessa
três vezes Sigmund;
como grama em Gautland
segando-os com fúria.
O escudo descarta:
com clara espada
de rubro clarão
arrasa a todos.



25 O corvo cruel
junto ao corpo abatido,
os ossos que eram
o ente de Völsung.
Os irmãos amarram
como miseras presas;
Siggeir risonho,
Signý não chora.

Signý 26 “Há prazer na visão
se a visão inda temos!
Senhor, fazei, por obséquio,
pausar esses homens!
Não matem num momento
a semente de Völsung!
Mesmo retardada a desdita,
perdura a morte.”

Siggeir 27 “Selvagem, bravia
é a voz de Signý,
que mágoa e tormento
demanda pros seus!
Concedo o desejo;
que sejam atados,
amarre-os na mata

famintos e débeis.”

28 Na mata os amarram,
famintos, despídos,
dela os dez irmãos
padecem tormento.
Uma loba violenta
se lança sobre eles,
e noite após noite
um novo irmão toma.

Signý 29 “Que rastros na floresta
entrando encontrais?”
“Dos nove os sinais,
na noite os ossos;
Servos há cadeias fendidas
e o cadáver da loba,
sem língua, calado,
não longe da árvore.



Signý 30 “Quem cavou a caverna
que vejo, tão funda?
Abre, amo Anão,
abre as portas!”
“Quem sem nome na noite
o anão vem chamar?
Eu abro e entras,
elfa donzela!”

Sigmund

31 Irmão e irmã
no mesmo leito,
breve amor, amargo,
misto de aversão!
Em teus braços quem abrigas,
tu que habitas na caverna –
abatida, encantada,
mutável qual elfa?

32 Às salas de Siggeir
volta Signý então,
nove meses no ninho,
nada diz, nem palavra.
Ululam os lobos,
balançam as aias,
calada está Signý
quando à luz dá o filho.



Sigmund 33 “Quem para à porta
e me pede que abra,
quem passa sem pena
as espumas do rio?
Belo rapaz, teu pai
pouco te deu do seu rosto!
O que trazes atado
contigo na palha?”

Sinfjötli 34 “Como vês, é de Völsung
minha vista, do pai de Signý.
De Signý sigo ordens
e um terçado te trago.
Muito tempo estive
na estante de Siggeir;
Sigmund, como sabes,
o saca e mais ninguém.”

35 Sinfjötli, que descende
de Signý, assim veio,
para ver se vinga
Völsung, abatido.
Na mata se metem

- em remotos combates,
labutam, emboscam,
trabalham e esperam.
- 36 Vão longe, ao léu,
é de lobo seu traje,
já matam armíferos,
palmando, furtando.
De dia eles dormem
lá dentro da cova
após grandes vinganças
que em Gautland fizeram.
- 37 A lua reluz,
os valentes cantam.
Siggeir senta-se
na sala retumbante.
De Völsung o revês
as vozes entoam;
lobos vêm ululando,
violentos, temíveis.
- 38 As portas em par se abrem
e para o vozerio.
"Olhos ali vemos
qual ávido fogo!
Os lobos se alistam
e calam os vigias!
Chamas enchendo tudo
fechando-nos o caminho."
- 39 Sigmund se apresenta
e assesta a espada,
e o que descende de Signý
dá risada a seu lado.
"Não passa, não pode,
nem príncipe nem servo!
Na dor há de findar
a vaidade de Siggeir."
- Sigmund
& Sinfjötli*
- Sigmund* 40 "Que saia Signý,
formosíssima irmã!
A glória de Gautland
com grão medo termina.
Alegremente a cumprimento,
a mágoa está finda;
vinga-se Völsung,
válido e bravo!"
- Signý* 41 (A do sangue de Sigmund,
Signý, retruca:)
"Salve, filho Sinfjötli,
e Sigmund, teu pai!
Signý não sai
Siggeir chamando.
Onde relutante deitei
retiro-me contente;
Vida adversa vivi,
envolve-me boa morte."



III

DAUÐI SINPJÖTLA (THE DEATH OF SINPJÖTLI)

- 1 Ships they laded
 with shining gear,
 gems and jewels,
 joys of Gautland.
 Wild blew the winds,
 waves were foaming;
 they viewed afar
 the Völsung shore.
- 2 Long ruled Sigmund,
 sire and uncle;
 Sinpjöti sat
 at his side proudly.
 There towered the tree,
 tall and ancient,
 birds in the branches
 were blithe again.
- 3 Ever Grímnir's gift
 gleamed in warfare;
 at Sigmund's side
 Sinpjöti strode.
 Hard, handlinkéd,
 helm and corslet
 glasswhite glittered
 with grey silver.
- 4 Seven kings they slew,
 their cities plundered;
 wide waxed their realm
 the world over.
 Of women fairest
 in war taken
 a wife took Sigmund;
 woe she brought him.
- 5 Sinpjöti came
 sailing proudly
 ships goldladen
 to the shore steering.
- Sigmund* 'Hail! Óðin's son,
 eager-hearted!
 War no longer!
 Wine is pouring.'
- 6 In came the queen
 evil pondering –
 her sire was slain
 by Sinpjöti – :
- Queen* 'Hail! Völsung fell,
 valiant-hearted!
 Weary art thou.

Wine I bring thee.

- 7 Steep stands the horn,
Stepson thirsty!’
- Sinfjötli* ‘Dark seems the drink,
deadly blended!’
Sigmund seized it,
swiftly drained it;
no venom vanquished
Völsung’s eldest.
- Queen* 8 ‘Beer I bring thee
brown and potent!’
- Sinfjötli* ‘Guile there gleameth
grimly blended!’
Sigmund seized it,
swiftly drank it;
that prince of men
poison harmed not.
- Queen* 9 ‘Ale I offer thee,
eager Völsung!
Völsungs valiant
at venom blench not;
heroes ask not
help in drinking –
if drink thou darest,
drink Sinfjötli!’
- 10 Dead Sinfjötli
drinking stumbled.
- Sigmund* ‘Woe! thou witchwife
weary-hearted!
Of the seed of Völsung
in Signý’s child
the fairest flower
fades untimely!’
- 11 There sorrowladen
Sigmund raised him,
in arms caught him;
out he wandered.
Over wood and wild
to the waves foaming
witless strayed he
to the waves roaring.
- Boatman* 12 ‘Whither bringest thou
thy burden heavy?
My boat is ready
to bear it hence.’
A man there steered,
mantled darkly,
hooded and hoary,
huge and awful.
- s13 Alone was Sigmund
by the land’s margin;
in Valhöllu
Völsung feasted:
- Völsung* ‘Son’s son welcome,
and son of daughter!
But one yet await we,
the World’s chosen.’



III

DAUÐI SINPJÖTLA (A MORTE DE SINPJÖTLI)

1 Com bens de brilho
os barcos carregam,
gemas e joias,
júbilo de Gautland.
Bravios são os ventos,
as vagas espumantes;
de longe visualizam
as colinas dos Völsungs.

2 Sigmund, senhor e tio,
persiste no domínio;
Sinpjötli senta-se
ao lado seu, altivo.
Lá ergue-se a árvore,
alta e antiga,
aos ramos regressam
passarinhos alegres.

3 A graça dada por Grímnir
na guerra rebrilha sempre;
Anda Sinpjötli junto a Sigmund
a passadas largas.
Os elmos e as armas,
íntegros, enlaçados,
cintilam qual cristal
e acinzentada prata.

4 Sete reis eles ceifam,
fazem saque nas cidades;
derramam seu reino
pelos torrões do mundo.
A mais formosa amante
tomada em guerra
com Sigmund casou-se;
pesar ela trouxe.

5 Aproxima-se Sinpjötli,
singra altivo
em naus onustas
tornando à praia.
Sinpjötli “Ó de Ódin o filho,
ávido de coração!
Não mais gritos de guerra!
Esguicha o vinho.”

6 Entra a rainha
ávida de mal –
pois seu pai com empáfia
Sinpjötli abateu – :
Rainha “Viva! Völsung feroz,
válido e bravo”
Cansado sei que estás.

- Vou trazendo teu vinho.
- 7 Alta é a taça,
enteado sedento!”
- Sinfjötli* “É sombria a bebida,
combina venenos!”
Sigmund, apossando-se dela,
seca-a de um gole;
peçonha não cerceia
o sábio filho de Völsung.
- Rainha* 8 “Com cerveja eu venho,
viva e castanha!”
- Sinfjötli* “Cintilando está o logro
malévolo que percebo.”
Sigmund, apossando-se dela,
seca-a depressa;
esse amo dos homens
não tem asco de veneno.
- Rainha* 9 “Amarga trago mais,
magno Völsung, a cerveja!
Um Völsung não vai
esquivar-se de beber;
não necessita auxílio
quando sorve o trago –
Se ousares, Sinfjötli,
consome este gole!”
- 10 Sinfjötli desaba
desfalecido ao beber.
- Sigmund* “Desgraçada feiticeira
de coração esgotado!
A vida do Völsung,
novel filho de Signý,
flor boa e bela,
desbota prematura!”
- 11 Sigmund com pesar
alçando-o vai,
nos braços o abarca;
vai embora para longe.
Pelo ermo, entre árvores,
às ondas que espumam,
desvaira e divaga
às vagas que rugem.
- Barqueiro* 12 “A que termo trazes
essa triste carga?
Meu barco está aberto
para embora levá-la.”
Ao leme alguém calado,
de largo e escuro manto,
encapuzado e grisalho,
horroroso e enorme.
- 13 A sós fica Sigmund
no solo da margem;
em Valhöllu
Völsung banqueteia:
- Völsung* “Filho do filho, bem-vindo,
e filho da filha!
Mas um ainda aguardamos,
o eleito da Terra.”



IV

FÆDDR SIGURÐR (SIGURD BORN)

1 Alone dwelt Sigmund
his land ruling;
cold was his bower,
queenless, childless.
In songs he heard
of sweetest maiden,
of Sigrínn's beauty,
Sváfínir's daughter.

2 Old was Sigmund,
as an oak gnarléd;
his beard was grey
as bark of ash.
Young was Sigrínn
and yellow-gleaming
her locks hung long
on lissom shoulder.

3 Seven sons of kings
sued the maiden:
Sigmund took her;
sails were hoisted.
The Völsung land
they viewed afar,
the windy cliffs,
the waves foaming.

Sigmund 4 'Say me, Sigrínn,
sweeter were it
young king to wed
and yellow-bearded,
or wife of a Völsung,
the World's chosen
in my bed to bear,
bride of Ódin?'



Sigrínn 5 'What sails be these
in the seas shining? –
the shields are scarlet,
ships uncounted.'

Sigmund 'Seven sons of kings
seeking welcome!
Grimnir's gift shall
gladly meet them!'

6 High sang the horns,
helms were gleaming,

shafts were shaken,
shields them answered.
Vikings' standards,
Völsung's banner
on strand were streaming;
stern the onslaught.

7 Old was Sigmund
as the oak gnarled;
his sword swung he
smoking redly.
Fate him fended
fearless striding
with dew of battle
dyed to shoulder.

8 A warrior strange,
one-eyed, awful,
strode and stayed him
standing silent,
huge and hoary
and hooded darkly.
The sword of Sigmund
sang before him.

9 His spear he raised:
sprang asunder
the sword of Grímnir,
singing splintered.
The king is fallen
cloven-breasted;
lords lie round him;
the land darkens.

10 Men were moaning,
the moon sinking,
Sigrínn sought him,
sadly raised him:
Sigrínn 'Hope of healing
for thy hurts I bring,
my lord beloved,
last of Völsungs.'

Sigmund 11 'From wanhope many
have been won to life,
yet healing I ask not.
Hope is needless.
Ódin calls me
at the end of days.
Here lies not lost
the last Völsung!

12 Thy womb shall wax
with the World's chosen,
serpent-slayer,
seed of Ódin.
Till ages end
all shall name him
chief of chieftains,
changeless glory.

13 Of Grímnir's gift
guard the fragments;
of the shards shall be shaped
a shining blade.
Too soon shall I see
Sigurd bear it
to glad Valhöll
greeting Ódin.'

14 Cold came morning
o'er the king lifeless
and woeful Sigrínn
her watch keeping.
Ships came sailing
to the shore crowding,
rovers northern
to the red beaches.

15 The bride of Sigmund
as a bondwoman

over sounding seas
sadly journeyed.
Wild blew the winds,
waves them lifted;
she viewed afar
the Völsung land.

16 Wind was wailing,
waves were crying,
Sigrlinn sorrowful,
when a son she bore.
Sigurd golden
as a sun shining,
forth came he fair
in a far country.

Woman 17 'O woman woeful
in war taken,
who was thy husband
while his house lasted?
What father begot
such fair offspring? –
grey steel glitters
in his gleaming eyes.'

Sigrlinn 18 'The sire of Sigurd
Sigmund Völsung;
Seed of Odin
songs shall call him.'

Woman 'Fair shall be fostered
that father's child;
his mother be mated
to a mighty king.'



IV

FÆDDR SIGURÐR (NASCE SIGURD)

1 A sós vive Sigmund,
apossado de sua terra;
desolado seu leito,
isolado, sem rainha ou prole.
Nos ares ouve cantar
da mais alva donzela,
da formosíssima Sigrínn,
de Sváfnir a filha.

2 Pesados de Sigmund os anos,
torcido como um carvalho;
são como casca de freixo
as câs da barba.
Mocinha é Sigrínn
e reluzentes, dourados,
seus cachos caem longos
nos cálidos ombros.

3 A donzela é cobiçada
por sete filhos de reis:
Sigmund a recebe;
alçaram-se as velas.
Veem a terra dos Völsungs,
avistam-na ao longe,
nas penhas soprando vento,
espuma nas ondas.

Sigmund 4 “Vais dizer-me, Sigrínn,
se assim melhor seria:
tomar um moço rei
da mais loura barba
ou a um Völsung ver-se casada,
vera noiva de Ódin,
em meu leito dar à luz
o eleito da Terra?”



Sigrínn 5 “Que velas vejo
que avançam no mar? –
não se contam os cascos,
os escudos são rubros.”

Sigmund “Desejam bem-vindos ser
sete filhos de reis!
O gume de Grímnir
com gosto os encontrará!”

6 Os elmos se realçam
e alto soam as trompas,

- os escudos sacodem
e ecoam as lanças.
Vê-se dos vikings o estandarte
e de Völsung a bandeira,
espalham-se na praia;
impávido o ataque.
- 7 Pesados de Sigmund os anos,
torcido como o carvalho;
da espada pega
o punho rubro.
O destino o mantém
alentado a avançar,
a lentura da batalha
tinge-lhe o ombro.
- 8 Com um só único olho
dá asco um guerreiro
que entrando o detém
aquietando-o, de pé,
enorme o notam
de negro capuz.
De Sigmund o terçado
ressoa diante dele.
- 9 A lança ele eleva;
a lâmina se rompe
de Grímnir da grã espada,
o gume estilhaça.
Derruba o rei
e rompe-lhe o peito;
os nobres de renome jazem,
uma nuvem cobre a terra.
- 10 Muitos se lamentam
e mingua a lua.
Sigrínn sai na busca,
com pesar o ergue:
- Sigrínn* “Esperando curar-te
as feridas aqui venho,
meu amo, o último
homem dos Völsungs.”
- Sigmund* 11 “Da vã esperança à vida
voltam muitos,
mas não peço nem espero
repor minhas forças.
Ódin do alto chama
no último dia.
Não se deita, perdido,
o derradeiro Völsung!
- 12 Darás logo à luz
o eleito da Terra,
o que mata a má serpente,
semente de Ódin.
Sabem os séculos
a sina desse homem:
chefe dos chefes,
cheio de glória.
- 13 Do gume de Grímnir
guarda os pedaços;
lâmina que reluz
será dali reforjada.
Mui cedo, bem sei,
Sigurd a trará
à redoma de Valhöll
saudando a Ódin.”
- 14 Amaina mui fria a manhã
e morto é o rei,
e Sigrínn, séria,
assenta-se e vela.
Navios vêm,
navegam até a praia,

nas vermelhas margens
caminham os do norte.

15 Do falecido Sigmund
como serva vai a viúva
pelos mares que murmuram
em caminho de pesar.
Bravios são os ventos,
as vagas se erguem;
nos desvãos ela vê
dos Völsungs a terra.

16 Os ventos revoltos,
as vagas exclamam;
Sigrlinn com pesar
recebe seu filho,
como o sol reluzindo,
Sigurd dourado
de rosto sorrindo
na paragem longínqua.

Mulher 17 “Ó senhora acabrunhada
apanhada em combate,
teu marido, venturoso,
quanto durou, quem foi?
Tão belo rebento,
que bom pai o gerou?
Brilha o aço nos seus olhos
ávidos e cinzentos.”

Sigrlinn 18 “Fez nascer a Sigurd
Sigmund, o Völsung;
em música vão chamá-lo
semente de Ódin.”

Mulher “Belo cresça, eu creio,
a cria de tal pai;
sua mãe será amada
por mui grande rei.”



V

REGIN

The king of that land took Sigrlinn to wife. Sigurd was sent to be fostered by Regin, of whom it has been told above. Regin dwelt now in the forest and was deemed wise in many other matters than smithwork. Regin egged Sigurd to slay Fáfnir. With the sword Gram and the horse Grani, of which it is here spoken, he accomplished this, though Regin had concealed from him both the great power of Fáfnir and the nature of the hoard that the serpent guarded. Here also are given the dark words of Regin in which the undermeaning is that the real cause of the serpent's death is Regin, who should therefore have the gold (though this he has promised, at least in large share, to Sigurd); but that Regin should slay the slayer of his brother. Sigurd deeming him only weighed with the thought of his guilt in brother-murder, dismisses his words with scorn. Nor does Sigurd heed the dragon's words concerning the curse, thinking them merely the device of greed to protect the gold even though its guardian be slain. This indeed was the dragon's chief purpose in revealing the curse at the hour of his death. Yet that curse began to work swiftly.

1 The forge was smoking
 in the forest-darkness;
 there wrought Regin
 by the red embers.
 by the red embers.
 There was Sigurd sent,
 seed of Völsung,
 lore deep to learn;
 long his fostering.

2 Runes of wisdom
 then Regin taught him,
 and weapons' wielding,
 works of mastery;
 the language of lands,
 lore of kingship,
 wise words he spake
 in the wood's fastness.

Regin 3 'Full well couldst thou wield
wealth and kingship,
O son of Sigmund,
a sire's treasure.'

Sigurd 'My father is fallen,
his folk scattered,
his wealth wasted,
in war taken!'

Regin 4 'A hoard have I heard
on a heath lying,
gold more glorious
than greatest king's
Wealth and worship
would wait on thee,
if thou durst to deal
with its dragon master.'

Regin 5 'Men sing of serpents
ceaseless guarding
gold and silver
greedy-hearted;
but fell Fáfnir
folk all name him
of dragons direst,
dreaming evil.'

Regin 6 'Dragons all are dire
to the dull-hearted;
yet venom feared not
Völsung's children.'

Sigurd 'Eager thou urgest me,
to though of age untried –
tell me now truly
why thou tauntest me!'



Regin 7 'The falls of Andvari
frothed and spouted
with fish teeming
in foaming pools.
There Otr sported,
mine own brother;
to snare salmon
sweet he thought it.

8 With stone smote him,
stripped him naked,
a robber roving
ruthless-handed;
at Hreidmar's house
ruthless-handed;
hailed my father,
that fairest fell
for food offered.

9 There wrought Regin
by the red embers
rough iron hewing
and runes marking;
there Fáfnir lay
by the fire sleeping,
fell-hearted son,
fiercely dreaming.

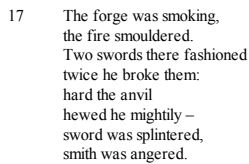
(Hreidmar) 10 "Redgolden rings,
ransom costly,
this fell must fill,
this fur cover."
From the foaming force
as a fish netted
was Dwarf Andvari
dragged and plundered.

11 All must Andvari,

<i>(Regin & Fáfnir)</i>	12	“Shall not brethren share in brother’s ransom their grief to gladden? – gold is healing.”
<i>(Hreidmar)</i>		“The wreathed rings I will rule alone, as long as life is they leave me never!”

14 In dragon's likeness
darkling lies he;
deep his dungeons,
and dread he knows not.
A helm of horror
his head weareth
on Gnitaheiði
grimly creeping.'

Regin 16 'A sire avenged
were sweet to Regin;
the gold thy guerdon,
the glory thine.
A sword for Sigurd
will the smith fashion,
the blade most bitter
ever borne to war.'



19 The forge was flaring,
the fire blazing:
a blade they brought him
with blue edges;
they flickered with flame,

as it flashed singing –
the cloven anvil
clashed asunder.

20 The Rhine river
ran by swiftly;
there tufts of wool
on the tide he cast.
Sharp it shore them
in the sheer water:
glad grew Sigurd,
Gram there brandished.

Sigurd 21 ‘Where lies the heath
and hoard golden?
Now rede me Regin
of roads thither!’

Regin ‘Far lies Fáfnir
in the fells hiding –
a horse must thou have,
high and sturdy.’

22 In Busiltarn ran
blue the waters,
green grew the grass
for grazing horse.
A man them minded
mantled darkly,
hoary-bearded,
huge and ancient.

23 They drove the horses
into deep currents;
to the bank they backed
from the bitter water.
But grey Grani
gladly swam there:
Sigurd chose him,
swift and flawless.

Man 24 ‘In the stud of Sleipnir,
steed of Ódin,
was sired this horse,
swiftest, strongest.
Ride now! ride now!
rocks and mountains,
horse and hero,
hope of Ódin!’



25 ‘In the stud of Sleipnir,
steed of Ódin,
was sired this horse,
swiftest, strongest.
Ride now! ride now!
rocks and mountains,
horse and hero,
hope of Ódin!’

26 ‘In deep hollow
on the dark hillside
long there lurked he;
the land trembled.
Forth came Fáfnir,
fire his breathing;
down the mountain rushed
mists of poison.

27 The fire and fume
over fearless head
rushed by roaring;
rocks were groaning.
The black belly,
bent and coiling,
over hidden hollow
hung and glided.

- 28 Gram was brandished;
grimly ringing
to the hoary stone
heart it sundered.
In Fáfnir's throe
were threshed as flails
his writhing limbs
and reeking head.
- 29 Black flowed the blood,
belching drenched him;
in the hollow hiding
hard grew Sigurd.
Swift now sprang he
sword withdrawing:
there each saw other
with eyes of hate.
- Fáfnir* 30 'O man of mankind!
What man begot thee?
Who forged the flame
for Fáfnir's heart?'
- Sigurd* 'As the wolf I walk
wild and lonely,
no father owning,
a flame bearing.'
- Fáfnir* 31 'A wolf was thy sire –
full well I know it!
Who egged thee eager
to mine undoing?'
- Sigurd* 'My sire was Sigmund,
seed of Völsung;
my heart egged me,
my hand answered.'
- Fáfnir* 32 'Nay! Regin wrought this,
rogue and master!
O son of Sigmund!
sooth I tell thee:
my guarded gold
gleams with evil,
bale it bringeth
to both my foes.'
- Sigurd* 33 'Life each must leave
on his latest day,
yet gold gladly
will grasp living!'
- Fáfnir* 'Fools! saith Fáfnir –
with fate of woe
this gold is glamour'd.
Grasp not! Flee thou!'
- Sigurd* 34 'A fool, saith Sigurd,
could not fend himself
with helm of horror –
hell now seize him!
In the heather had hidden
as a hare cowering
the fear-daunted smith;
forth now crept he.
- Regin* 35 'Hail! O Völsung
victory-crown'd,
of mortal men
mightiest hero!'
- Sigurd* 'In the halls of Ódin
more hard to choose!
many brave are born
who blades stain not.'
- Regin* 36 'Yet glad is Sigurd,
of gold thinking,
as Gram on the grey
grass he wipeth!
'Twas blood of my brother
that blade did spill,
though somewhat the slaying
I myself must share.'

Sigurd 37 'Far enow thou fleddest,
when Fáfnir came.
This sword slew him,
and Sigurd's prowess.'

Regin 'This sword I smithied.
Yet would serpent live,
had not Regin's counsel
wrought his ending!'

Sigurd 38 'Nay, blame not thyself,
backward helper!
Stout heart is better
than strongest sword.'

Regin 'Yet the sword I smithied,
the serpent's bane!
The bold oft are beaten
who have blunt weapons.'

39 Thus heavy spake Regin
Ridil unsheathing,
fell Fáfnir's heart
from the flesh cleaving.
Dark blood drank he
from the dragon welling;
deep drowsing fell
on dwarvish smith.

Regin 40 'Sit now, Sigurd!
Sleep o'ercomes me.
Thou Fáfnir's heart
at the fire roast me.
His dark thought's dwelling
after drink potent
I fain would eat,
feast of wisdom.'

41 Sharp spit shaped he;
at shining fire
the fat of Fáfnir
there frothed and hissed.
To tongue he touched
testing finger –
beasts' cry he knew,
and birds' voices.



first bird 42 'A head shorter
should hoary liar
go hence to nether hell!
The heart of Fáfnir
I whole would eat
if I myself were Sigurd.'

second bird 43 'Who a foe lets free
is fool indeed,
when he was bane of brother!
I alone would be lord
of linkéd gold,
if my wielded sword had won it.'

first bird 44 'A head shorter
should hiding dwarf
deprived of gold perish!
There Regin rouses
in rustling heather;
Vengeance he vows for brother.'



45 Round turned Sigurd,
and Regin saw he

in the heath crawling
with hate gleaming.
Black spilled the blood
as blade clove him,
the head hewing
of Hreidmar's son.

46 Dark red the drink
 and dire the meat
 whereon Sigurd feasted
 seeking wisdom.
 Dark hung the doors
 and dread the timbers
 in the earth under
 of iron builded.

47 Gold piled on gold
 there glittered palely:
 that gold was glamoured
 with grim curses.
 The Helm of Horror
 on his head laid he:
 swart fell the shadow
 round Sigurd standing.

48 Great and grievous
 was Grani's burden,
 yet lightly leaped he
 down the long mountain.
 Ride now! ride now
 road and woodland,
 horse and hero,
 hope of Ódin!



49 Ever wild and wide
 the wandering paths;
 long lay the shadow
 of lone rider.
 Birds in the branches
 blithe were singing:
 their words he heard,
 their wit he knew not.

Raven 50 'High stands a hall
 on Hindarfell,
 fire it fenceth
 flaming-tongued;
 steep stands the path,
 stern the venture,
 where mountains beckon
 to mighty heart.'

Finch 51 'A maid have I seen
 as morning fair,
 golden-girdled,
 garland-crowned.
 Green run the roads
 to Gjuki's land;
 fate leads them on,
 who fare that way.'

Raven 52 'Slumber bindeth
 the sun-maiden
 on mountain high,
 mail about her.
 Thorn of Ódin
 is thrust in bosom –
 to what shall she wake,
 woe or laughter?'

Finch 53 'The Gjókings proudly,
 Gunnar and Högni,
 there rule a realm
 by Rhine-water.
 Guðrún groweth

golden-lovely,
as flower unfolded
fair at morning.

Raven 54 'Too peerless proud
her power wielding,
victory swaying
as Valkyrie,
she heard nor heeded
hests of Ódin,
and Ódin smote
whom Ódin loved.'



V

REGIN

O rei daquela terra tomou Sigrlinn por esposa. Sigurd foi enviado para ser criado por Regin, de quem já se falou antes nesta obra. Regin habitava agora na floresta e era considerado sábio em muitos outros assuntos além do ofício de ferreiro. Regin instou para que Sigurd matasse Fáfnir. Com a espada Gram e o cavalo Grani, de que aqui se fala, ele o realizou, apesar de Regin lhe ter ocultado tanto o grande poder de Fáfnir quanto a natureza do tesouro que o lagarto guardava. Aqui são mencionadas também as tenebrosas palavras de Regin, cujo sentido oculto é que Regin, sendo a verdadeira causa da morte do lagarto, deveria portanto possuir o ouro (apesar de tê-lo prometido, ao menos em grande parte, a Sigurd); mas que Regin haveria de matar o matador de seu irmão. Sigurd, crendo-o apenas oprimido pela ideia de sua culpa no assassinato do irmão, repudia suas palavras com desprezo. E nem Sigurd dá atenção às palavras do dragão acerca da maldição, acreditando serem meramente um artifício da cobiça para proteger o ouro mesmo após a morte do seu guardião. Esse era de fato o principal propósito do dragão ao revelar a maldição na hora da morte. Porém essa maldição rapidamente começou a ter efeito.

1 A forja em fumos envolta
no fundo da mata,
ali laborou Regin
junto às rubras brasas.
Ali mandam o moço Sigurd,
semente de Völsung,
aprende e compreende
cumprindo sua sina.

2 Então Regin sábias runas
corretas lhe ensina
e o uso das armas,
e obras de maestria;
a língua do longe,
palavras de realeza,
falas sábias dizendo

nas sendas da mata.

Regin 3 “És tu que contemplas
fortuna e realeza,
que descendes de Sigmund,
tesouro do pai.”

Sigurd “O povo é disperso,
meu pai está morto,
a fortuna distante,
retida na guerra!”

Regin 4 “De um tesouro eu soube
que no urzal está,
dourado, mais glorioso
que o do rei maior.
Riqueza e culto
são coisas que te esperam,
se ousares o assalto
ao sórdido dragão.”

Sigurd 5 “Propalam-se serpentes
que não param de vigiar,
ávidos, o ouro
e a prata;
mas o feio Fáfnir,
assim o referem,
é o mais medonho deles,
sedento de mal.”

Regin 6 “São medonhos, dizem,
para os duros de coração;
mas salvam-se da peçonha
os que descendem de Völsung.”

Sigurd “Com impulso me impeles,
mas provas ainda não sofri –
denúncia, sincero,
por que me insultas.”



Regin 7 “As cascatas de Andvari
com escuma e jorro
de peixes são repletas
na espuma das lagoas.
Lá meu irmão Ötr
em divertimento está;
salmões que a mão pega
muito lhe aprazem.

8 Com pedra o golpeia
e a pele lhe arranca
o que no mundo se move,
de mãos implacáveis;
na morada de Hreidmar
vai reto ao meu pai
e a pele que pilha
contra pasto quer trocar.

9 Lá derrete Regin
junto às rubras brasas
ferro bem feito
e faz nele runas;
lá jaz Fáfnir, o forte,
junto ao fogo a dormir,
exausto, em sonho,
ferocíssimo filho.

(Hreidmar) 10 “De grande resgate,
fogosos anéis,
quero a pele repleta,
o pelo coberto.”
Num impulso, qual peixe,
da espuma arrancam
o pobre Andvari, pilhado
e posto na rede.

11 O ávido Andvari

o ouro entrega,
o mínimo, o máximo
e mesmo sua vida.
Na morada de Hreidmar
arranjou-os aos montes,
anel sobre anel,
enorme reparação.

- (*Regin & Fáfnir*) 12 “Podem tomar os irmãos
do irmão o resgate
e assim reduzem a dor? –
pois remedia o ouro.”
- (*Hreidmar*) “Anéis bonitos,
dominando os terei,
ao viver aproveito-os,
não vão nunca deixar-me!”

- 13 De Fáfnir com força
se inflama o coração;
a Hreidmar derrota
que sereno dorme.
Como fogo se inflama
de Fáfnir o coração:
não reparte sua parte
nem compensa a Regin.

- 14 Em guisa de dragão
com gosto se deita;
são fundos seus fossos,
nada o faz temer.
Um elmo de ódio
tem alto na testa,
gigante de agouro
em Gnitaheiði.”

- Sigurd* 15 “Que torpe parentela
a ti aflige, Regin!
A chama sua, a peçonha
não assustam a mim!
Por que requeres
que contra ele eu vá –
é por desforra de filho
ou de Fáfnir pelo ouro?”

- Regin* 16 “Para Regin é correto
desforrar-se pelo pai;
pega tu a recompensa,
apanha o ouro e a glória.
Um terçado para Sigurd
vai fazer o ferreiro,
a lâmina mais malévola
que se leve em combate.”



- 17 Sobem fumos da forja,
o fogo reluz.
Duas espadas prepara,
rompidas foram duas:
a grande bigorna
com vigor ele golpeia –
irado está o ferreiro,
pois racha-se a espada.

- Sigurd* 18 “Sigrínn, não sabes
se é certa a notícia
das peças que lampejam
da espada de Grímnir?
O que descende de Sigmund
requisita que as entregues –
pois Regin, o ferreiro,
a rija Gram vai refazer!”

- 19 Sobem fumos do forno,
o fogo tremula:
uma lâmina ele leva
amolada de azul;
o gume fulgura

com grito e clarão –
com golpe agudo
a bigorna é fendida.

- 20 Está o rio Reno
 correndo a li perto;
 ele leva e lança à água
 da lâ vários tufos.
 São fofos, mas fende-os
 o fio da espada:
 Gram que o grande Sigurd
 com gosto empunha.

Sigurd 21 “Onde é a urze
 do ouro oculto?
 Que rota, ó Regin,
 que rumo tomar?”

Regin “A furna de Fáfnir
 está feita mui longe –
 montaria vigorosa
 e rija necessitas.”

- 22 Em Busiltarn brilham
 e brotam as águas,
 pra montaria a relva
 é serena e verde.
 No meio monta guarda,
 de manto escuro,
 um ancião colossal;
 é cinza sua barba.

- 23 Vão levando os cavalos
 às valas profundas;
 com medo ao remanso
 da margem retornam.
 Mas o grande Grani
 com gosto ali nada:
 Sigurd para si o toma,
 velocíssimo e perfeito.

Homem 24 “Da criação de Sleipnir,
 corcel de Ódin,
 provém este cavalo,
 mui vivo e mui forte.
 Cavalga! cavalga!
 passai vales e montes,
 homem e alto corcel,
 de Ódin a esperança!”



- 25 Regin cavalgando Gand
 e Grani com Sigurd;
 é amplo o ermo,
 árido e vazio.
 Trinta braças abaixo
 do assombroso penhasco
 a grandes goles bebe
 o dragão arqueado.

- 26 Há fenda profunda
 na fralda da colina;
 a terra toda
 treme à sua espreita.
 Do fundo sai Fáfnir,
 é fogo seu sopro;
 névoas de veneno
 inundam a encosta.

- 27 O fogo e os fumos
 sobre a forte cabeça
 voam revoltos;
 envergam-se as rochas.
 O ventre perverso
 encurvado em espiras
 pende e despenca
 nas penhas ocultas.

28 Gram está seguro;
com rigor ressoa
e fende até o fundo
as frestas da rocha.
Em espasmo e desespero
entorpece-se Fáfnir,
remexe os membros
e as fumaças do crânio.

29 Negro salta o sangue,
ensopa o herói
oculto na cova,
o implacável Sigurd.
Empunha a espada
de um pulo, veloz:
com olhos de ódio
um viu o outro.

Fáfnir 30 “De que homem és obra,
ô homem mortal?
De que forja é o fogo
que a Fáfnir ameaça?”

Sigurd “Violento e isolado
como o lobo eu caminho,
nenhum pai me espera
e porto uma chama.”

Fáfnir 31 “Teu antepassado, bem sei,
é certo que foi lobo!
Quem de longe, zeloso,
impeliu-te contra mim?”

Sigurd “Descendo de Sigmund,
sêmen de Völsung;
o coração me incita,
assente-lhe a mão.”

Fáfnir 32 “Não! Regin, o reles,
irado enviou-te!
Se descendes de Sigmund,
sincero te digo:
maligno reluz
meu lúcido ouro,
transtorno ele traz
aos opositores.”

Sigurd 33 “A vida se vai
quando velhos somos,
mas o ouro, ávidos,
os vivos andam a buscar!”

Fáfnir “Bufões! diz Fáfnir –
de um fado de mágoa
o tesouro é pesado.
Desiste! Foge!”

Sigurd 34 “O insensato, diz Sigurd,
não consegue defender-se
com elmo de ódio –
vá ele ao inferno!”
Dissimulado como lebre
na folhagem escondeu-se
o ferreiro temeroso;
arrasta-se para fora.

Regin 35 “Viva, ó Völsung,
envolto em vitória,
máximo mortal
entre os humanos!”

Sigurd “Nas alas de Ódin
não é óbvia a escolha!
Muitos nascem magníficos
mas nunca mancham a espada.”

Regin 36 “Mas Sigurd tem prazer
pensando no ouro,
esfregando Gram
na grama a limpando!
De meu irmão derramou-se
num momento o sangue,
mas um tanto esta matança
compartilho eu também.”

Sigurd 37 “Tua fuga foi fácil
quando Fáfnir veio.
Esta espada lhe impôs morte,
e respeito por Sigurd.”

Regin “Esta espada eu compus.
A serpente inda viveria
se o rápido conselho de Regin
não causasse seu terrível fim!”

Sigurd 38 “Nesta causa não tens culpa,
oculto ajudante!
Melhor é grande argúcia
que gume de espada.”

Regin “Mas a espada eu compus,
da serpente foi o fim!
Muitos audazes já perderam
por andarem com armas cegas.”

39 Regin, assim discorrendo,
a Ridil desembainha,
do grande dragão Fáfnir
resgata o coração.
O sangue que sai do monstro
ele absorve e bebe;
um sopro de sono acomete,
pesado, o anão ferreiro.

Regin 40 “Agora senta-te, Sigurd!
O sono me domina.
Do forte Fáfnir assa-me
no fogo o coração.
A massa do seu pensamento
após magna beberagem
comer é o que tenho em mente,
alimento de sabedoria.”

41 Sigurd prepara espeto afiado;
ao lampejo do fogo
a feia carne de Fáfnir
ferve e chia.
À língua ele leva
o dedo, lambe e prova –
revela-se a fala selvagem
e a voz das aves ele entende.



primeira ave 42 “Deve perder o reles
traidor a cabeça,
no inferno que se enfie!
De Fáfnir o coração
por certo assado eu comeria
se Sigurd eu fosse.”

segunda ave 43 “É tolo quem libertar
e soltar um celerado,
inimigo do próprio irmão!
Eu mesmo me apossaria
do ouro, em aros forjado,
se minha arma o ganhasse.”

primeira ave 44 “Deve perder o reles
escondido anão a cabeça,
morrer sem dourada presa!
Ali Regin se oculta
na urze, arma vingança,
com ódio desforra pro irmão.”



45 Assim Sigurd se volta
divisando no arbusto
Regin que se arrasta

morrendo de ódio.
Faz com que surja o sangue
transpassando-o com a espada,
rápido arranca a cabeça
ao filho de Hreidmar.

46 Rubra é a beberagem
e atroz a carne
que pra ser sábio consome
Sigurd em banquete.
As portas são pretas
e os postes terríveis
no fundo do fosso
de ferro revestido.

47 Ouro sobre ouro
ante ele rebrilha:
encantos mesquinhos
tomam conta do ouro.
O Elmo de Ódio
ele usa na cabeça:
assusta a sombra
que Sigurd projeta.

48 Grave e grande
de Grani é o fardo,
mas leve ele galopa
pela longa encosta.
Cavalga! Cavalga!
Rochas cavadas e montes,
homem e alto corcel,
de Ódin a esperança!



49 Os caminhos dos montes
são muitos e ermos;
do silente cavaleiro
é longa a sombra.
As aves nas árvores
álacres cantam:
suas vozes o previnem,
mas ouvindo ele não entende.

Corvo 50 “Eleva-se um palácio
longe, em Hindarfell,
um forte de fogo
com flamas o cerca;
a trilha é restrita,
atroz a tarefa,
no monte clamando
ao magno coração.”

Tentilhão 51 “Como na manhã sonhando
vi senhora bela,
de ouro com arte cingida,
coroadada de grinalda.
São verdes as vias
às divisas de Gjúki;
quem a tanto se aventura,
o destino o guia.”

Corvo 52 “A donzela do sol,
o sono a prende
na altíssima montanha
rematada e cercada.
No peito a transpassa
o espinho de Ódin –
desperta em desespero
ou respira sorrindo?”

Tentilhão 53 “O gosto dos Gjúkings,
Gunnar e Högni,
lá regem um reino
do Reno à margem.
Guðrún, seu orgulho,
está grande e bela
como flor em folha

na fria manhã.”

Corvo 54 “Mais altiva que todos,
tonta de poder,
a inquieta valquíria
que canta a vitória
nem ouve nem reage
de Ódin ao chamado,
e quem Ódin ama
por Ódin é abatida.”



VI

BRYNHILDR

Here is told of the awakening of Brynhild by Sigurd. Doomed by Ódin to go no longer to warfare but to wed, she has vowed to wed only the greatest of all warriors, the World's chosen. Sigurd and Brynhild plight their troth, amid great joy, although of her wisdom she foresees that great perils beset Sigurd's path. They depart together, but the pride of Brynhild causes her to bid Sigurd depart and come back to her only when he has won all men's honour, and a kingdom.

- 1 Ever wide and wild
 the wandering path;
 long lay the shadow
 of lone rider.
 Ever high and high
 stood Hindarfell,
 mountain mighty
 from mist rising.
- 2 A fire at crown,
 fence of lightning,
 high to heavenward
 hissed and wavered.
 Greyfell Grani,
 glory seeking,
 leaped the lightning
 lightning-sinewed.
- 3 A wall saw Sigurd
 of woven shields,
 a standard streaming
 striped with silver;
 a man there war-clad,
 mailclad, lying,
 with sword beside him,
 sleeping deadly.
- 4 The helm he lifted:
 hair fell shining,
 a woman lay there
 wound in slumber;
 fast her corslet
 as on flesh growing –
 the gleaming links,
 Gram there clave them.



Brynhild 5 'Hail! O Daylight
awakening and Day's children!
Hail, Night and Noon
and Northern Star!
Hail, Kingly Gods,
Queens of Asgard!
Hail, Earth's bosom
all-abounding!

6 Hands of healing,
hear and grant us,
light in darkness,
life and wisdom;
to both give triumph,
truth unfailing,
to both in gladness
glorious meeting!



Brynhild 7 'Brynhild greets thee,
O brave and fair!
What prince hath pierced
my pale fetters?'

Sigurd 'A man fatherless,
yet man-begotten,
here red from battle
raven-haunted.'

Brynhild 8 'Ódin bound me,
Ódin's chosen;
no more to battle,
to mate doomed me.
An oath I uttered
for ever lasting,
to wed but one,
the World's chosen.'

Sigurd 9 'In the halls of Ódin
it were hard to choose
man there mightiest,
most renownéd.'

Brynhild 'Yet one they wait for,
in wide Valhöll,
the serpent-slayer,
seed of Ódin.'

Sigurd 10 'Seed of Ódin
is Sigmund's child,
and Sigurd's sword
is serpent's bane.'

Brynhild 'Hail, son of Sigmund,
seed of Völsung!
Warriors wait for thee
in wide Valhöll.'

Sigurd 11 'Hail, bright and splendid!
Hail, battle-maiden,
bride of Völsung
Brynhild chosen!'
Troth in triumph
twain there plighted

alone on mountain;
light was round them.

Brynhild 12 'A beaker I bring thee,
O battle-wielder,
mighty-blended
mead of glory,
brimmed with bounty,
blessed with healing,
and rimmed with runes
of running laughter.'

Sigurd 13 'I drink, all daring:
doom or glory;
drink of splendour
dear the bearer!'

Brynhild 'Dear the drinker!
Doom and glory
both me bodeth,
thou bright and fair!'

Sigurd 14 'I flee nor flinch,
though fey standing,
words of wisdom,
woe, or gladness.'

Brynhild 'Words of wisdom
warning darkly
hear thou and hold,
hope of Ódin!

15 Be slow to vengeance,
seed of Völsung!
In swearing soothfast,
the sworn holding.
Grim grow the boughs
in guile rooted;
fair flowers the tree
in faith planted!

16 Where the witch-hearted
walks or houses
linger not, lodge not,
though lone the road!
Though beauty blindeth
bright as morning,
let no daughter of kings
thy dreams master!

17 Hail, Sigmund's son!
Swift thy glory,
yet a cloud meseems
creepeth nigh thee.
Long life, I fear,
lies not before thee,
but strife and storm
stand there darkly.'

Sigurd 18 'Hail, Brynhild wise!
Bright thy splendour
though fate be strong
to find its end.
Faith ever will I hold
firm, unyielding,
though strife and storm
stand about me.'

19 Faith then they vowed
fast, unyielding,
there each to each
in oaths binding.
Bliss there was born

when Brynhild woke;
yet fate is strong
to find its end.



20 Ever wild and wide
 the wandering paths;
 on roads shining
 went riders two.
 High towered the helm;
 hair flowed in wind;
 mail glinted bright
 on mountain dark.

Brynhild 21 ‘Here, Sigmund’s son,
 swift and fearless,
 is our way’s parting,
 to woe or joy.
 Here, lord, I leave thee,
 to my land turning;
 hence Grani bears thee
 glory seeking.’

Sigurd 22 ‘Why, Brynhild wise,
 bride of Völsung,
 when at one are the riders
 do our ways sunder?’

Brynhild ‘I was queen of yore,
 and a king shall wed.
 Lands lie before thee –
 thy lordship win!’

23 To her land she turned
 lonely shining;
 green ran the roads
 that Grani strode.
 To her land she came,
 long the waiting;
 in Gjúki’s house
 glad the singing.



VI

BRYNHILDR

Aqui se conta como Brynhild foi despertada por Sigurd. Sentenciada por Ódin a não mais combater, e sim a casar-se, ela jurou desposar somente o maior de todos os guerreiros, o eleito da Terra. Sigurd e Brynhild tornam-se prometidos em meio a grande alegria, porém ela, em sua sabedoria, prevê que grandes riscos cercam a trilha de Sigurd. Partem juntos, mas a altivez de Brynhild faz que ela mande que Sigurd se vá e só volte a ela quando tiver conquistado a honra de todos os homens e um reino.

- 1 Os caminhos dos montes
são muitos e ermos;
do silente cavaleiro
é longa a sombra.
Alto, muito alto
é Hindarfell,
monte imenso
que emerge da névoa.
- 2 Acesa no cimo
há cerca de raios
que monta ao firmamento
com muitos chiados.
O grande Grani,
a glória buscando,
é lépido como relâmpago,
de relâmpago seus tendões.
- 3 Vê Sigurd uma cerca
de trançados escudos,
estandarte desfraldado
bandado de prata;
um guerreiro de couraça
de ferro ali jaz,
c' o a lâmina ao lado,
inabalável seu sono.
- 4 Ergue-lhe o elmo:
são de ouro os cabelos,
é uma dama que se deita
enredada em sonho;
é firme e fixo
nos flancos seu colete –
os elos de aço,
ávido Gram os parte.



Brynhild 5 “Ó claridade do Dia
despertando e do Dia os filhos!
Ó Noite sem nuvem
e do Norte o Astro!
Ó Deuses de diadema
e as Mandantes de Ásgard!
Ó da Terra inteira
o turgido ventre!”

6 Mãos que remendam
com comandos nos enviai,
consolo e conselhos,
siso e vida;
a ambos triunfo,
ampla verdade,
a ambos, êbrios
de honra e glória!”



Brynhild 7 “Ó bravo e belo,
Brynhild te saúda!
Que príncipe parte
meus pálidos grilhões?”
Sigurd “É um que por homem foi gerado,
mas é homem sem pai,
armado, vermelho do combate,
alarmado pelos corvos.”

Brynhild 8 “Sou esta, que Ódin atou,
que de Ódin fui eleita;
agora nem mais guerra
nem algum companheiro me cabe.
O meu juramento
é firmado para sempre:
só compartilhar o leito
com o eleito da Terra.”

Sigurd 9 “Nas alas de Ódin
não há, assim creio,
varão nem guerreiro
mais reto ou famoso.”
Brynhild “Mas aguardam com gana
na grande Valhöll
o que mate a má serpente,
semente de Ódin.”

Sigurd 10 “A semente de Ódin
certamente provém de Sigmund,
e de Sigurd o terçado
é a sina da serpente.”
Brynhild “Salve, filho de Sigmund,
certa semente de Völsung!
Os da guerra te aguardam
na grande Valhöll.”

Sigurd 11 “Salve, acesa flama,
salve, ó guerreira,
bela nubente do Völsung,
Brynhild eleita!”
Votos convêm ambos
pela vida toda

a sós no cimo;
cerca-os a luz.

Brynhild 12 “Uma taça eu trago
a ti, combatente,
potente mistura
de tanta glória;
transborda de bem,
é benta de cura
e carrega runas
de riso corrente.”

Sigurd 13 “Tomo-a e tudo enfrento:
triunfo ou destino;
copo benquisto,
é cara quem o traz!”

Brynhild “Caro és tu que o tomas!
Triunfo e destino,
por ambos opto,
ô alvo e belo!”

Sigurd 14 “Não fujo nem refugo,
por fortes que sejam
palavras de alerta,
de luto ou alegria.”

Brynhild “Palavras de alerta
que logo direi,
ouve-as e usa-as,
de Ódin esperança!

15 Não te vingues em vão,
de Völsung semente!
Não jures ligeiro
e sujeita-te à jura.
Ficam tortos os troncos
assentados na malícia;
é belo o arbusto
cuja base é fiel!

16 Onde o coração do feitiço
se assenta ou caminha,
não demores, não mores,
mesmo misera a estrada!
Se a beleza reluz
qual lúcida alba,
não consignes à princesa
os sonhos que tens!

17 Salve, de Sigmund filho!
Sinto tua glória,
mas uma sombra, percebo,
se aproxima de ti.
Longa vida, bem vejo,
à vista não está,
mas tormenta em teu caminho
é um mal que prevejo.”

Sigurd 18 “Salve, sábia Brynhild!
É certo teu brilho,
mas o fado é forte
e seu fim encontrará.
Terei fé na defesa
firme, irremovível,
se a tormenta em meu caminho
for o mal que prevês.”

19 Votos de fé são feitos,
fortes, irremovíveis,
e um ao outro
se une com juras.
Bênçãos brotam

com Brynhild já desperta;
mas o fado é forte
e seu fim encontrará.



20 Os caminhos dos montes
são muitos e ermos;
nas sendas luzentes
é um casal cavalgando.
Alto é o elmo;
nos ares esvoaça o cabelo;
ilumina-se a cota de malha
no monte obscuro.

Brynhild 21 “Neste sitio, filho de Sigmund,
é certa a encruzilhada:
tu partes e me separo,
cumprindo riso ou dor.
Retorno à minha terra
partindo de ti, senhor;
daqui vai carregar-te Grani
a glória buscando.”

Sigurd 22 “Por qual sina, sábia Brynhild,
de Sigmund noiva, do Völsung,
com pressa se separam
os passos que se uniram?”

Brynhild “Rainha fui antes,
e hei de ter um rei.
Terras tens tu à frente –
trata de conquistá-las!”

23 À terra que lhe pertence
ela torna, reluzente;
são verdes as vias
onde vai Grani.
À terra donde partiu
ela tarda, mas chega;
na grã casa de Gjüki
o gozo é de alegria



VII

GUÐRÚN

Guðrún 1 'O mother, hear me!
Mirth is darkened,
dreams have troubled me,
dreams of boding.'

Grimhild 'Dreams come most oft
in dwindling moon,
or weather changing.
Of woe think not!'

Guðrún 2 'No wind, nor wraith
of waking thought –
a hart we hunted
over hill and valley;
all would take him,
'twas I caught him:
his hide was golden,
his horns towering.

3 A woman wildly
on the wind riding
with a shaft stung him,
shooting pierced him;
at my knees he fell
in night of woe,
my heart too heavy
might I hardly bear.

4 A wolf they gave me
for woe's comfort;
in my brethren's blood
he bathed me red.
Dreams have vexed me,
direst boding,
not wind or weather
or waning moon.'

Grimhild 5 'Dreams oft token
the dark by light,
good by evil,
Guðrún daughter!
Lift up thine eyes
eager shining!
Green lie the lands
round Gjúki's house.'

Guðrún 6 'The roads run green
to the Rhine-water!
Who rides here lone,
arrayed for war?
His helm is high,
his horse fleeting,
his shield is shining
with sheen of gold!'

7 Thus Guðrún gazed,

- Gjúki's daughter,
 from wall and window
 in wonder looking.
 Thus Sigurd rode,
 seed of Völsung,
 into Gjúki's courts
 gleaming-harnessed.
- 8 There Gjúki dwelt
 his gold dealing
 in Niflung land,
 the Niflung lord.
 Gunnar and Högni
 were Gjúki's sons,
 mighty princes;
 men them hearkened.
- 9 There Grimhild dwelt,
 guileful in counsel,
 grimhearted queen
 grey with wisdom,
 with lore of leechcraft,
 lore of poison,
 with chill enchantment
 and with changing spells.
- 10 As ravens dark
 were those raven-friends;
 fair their faces,
 fierce their glances.
 With Huns they waged
 hate and warfare,
 gold ever gathering
 in great dungeons.
- 11 Silent they sat
 when Sigurd entered
 Gunnar greeting,
 Gjúki hailing.
- Gjúki* 'Who comes unbidden
 in battle's harness,
 helm and hauberk,
 to halls of mine?'
- Sigurd* 12 'The son of Sigmund,
 Sigurd Völsung,
 a king's son cometh
 to kingly house.
 Fame of Niflungs
 far is rumoured,
 not yet hath faded
 fame of Völsung.'
- 13 There swift for Sigurd
 seat was ordered;
 the feast grew fair,
 folk were mirthful.
 There Gunnar grasped
 his golden harp;
 while songs he sang
 silence fell there.
- Of these* 14 By mighty Mirkwood
things sang on the marches of the East
Gunnar the great Goth-kings
 in glory ruled.
 By Danpar-banks
 was dread warfare
 with the hosts of Hunland,
 horsemen countless.
- 15 Horsemen countless
 hastened westward;
 the Borgund lords
 met Budli's host.
 In Budli's brother
 their blades reddened
 the glad Gjúkings,
 gold despoiling.

Of these 16 Then Sigurd seized
things sang the sounding harp;
Sigurd hushed they hearkened
in the hall listening.
The waste lay withered
wide and empty;
forth came Fáfnir,
fire around him.

17 Dark hung the doors
on deep timbers;
gold piled on gold
there glittered wanly.
The hoard was plundered,
helm was lifted,
and Grani greyfell
grievous burdened.

18 High Hindarfell,
hedged with lightning,
mountain mighty
from mists uprose.
Brynhild awakened,
bright her splendour –
song fell silent,
and Sigurd ended.

19 By Gjúki's chair
Grimhild hearkened,
of Guðrún thinking
and the golden hoard.
Gunnar and Högni
gladly bade him
in league and love
long to dwell there.



20 The Borgund lords
their battle furnished;
banners were brodered,
blades were sharpened.
White shone hauberks,
helms were burnished;
under horses' hooves
Hunland trembled.

21 Grim was Gunnar
on Goti riding;
under haughty Högni
Hölkvir strode;
but fleeter was Grani,
foal of Sleipnir;
flamed all before
the fire of Sigurd.

22 Foes were vanquished,
fields were wasted,
grimly garnered
Gram the harvest.
Where Gjókings rode
glory won they,
ever glory Sigurd
greater conquered.

23 Wide waxed their realm
in world of old;
Dane-king they slew,
doughty princes.
Dread fell on folk;
doom they wielded;
victory rode ever
with the Völsung lord.

24 High they honoured him,
in heart loved him,
Hun-gold gave him
in the hall sitting.

But his heart remembered
house of Völsung,
and Sigmund slain
on sands afar.

25 A host he gathered,
help of Gjúkins;
to the sea he rode
and sails hoisted.
His ship was shining
with shields and mail;
it was dragon-headed,
dire and golden.

26 As fire and tempest
to his father's land
came Sigurd sailing;
the sand was reddened.
Clashed the cloven
casque and hauberk;
shields were splintered,
shorn was corslet.

27 Men learned there lived yet
line of Völsung!
Now of Völsung land
was a Völsung lord.
But the house once high
was hollow, roofless;
the limbs were rotten
of their leafy tree.

28 A man there walked
mantled darkly,
his beard was flowing,
and blind his eye:

Grimnir 'Grimnir hails thee,
glorious Völsung!
Far hence hath flown
the fate of Sigurd.

29 Where Sigmund drew
sword of Grimnir,
Gram shall shine not.
Go thou, Völsung!
Now king thou art
of kings begotten,
a bride calls thee
over billowing seas.'



30 His fleet went forth
with flaming sails;
goldladen ships
came glad to shore.
Steeds went striding,
stonefire glinted,
horns were sounded;
home rode Sigurd.

31 A feast they fashioned,
far proclaimed it,
their highroofed halls
hung with splendour;
boards and beakers,
benches, gilded;
mead poured and ale
from morn to eve.

32 A king sat Sigurd:
carven silver,
raiment gleaming,
rings and goblets,
dear things dealt he,
doughty-handed,
his friends enriching,

fame upraising.

- 33 (There spake Grimhild
to Gjúki's ear:)
- Grimhild* 'How long shall last
league unbounden?
Here is worthiest lord
of world's renown!
Were a daughter offered,
he would dwell for ever,
our strength in strife,
standing bulwark.'
- Gjúki* 34 'The gifts of kings
are gold and silver;
their daughters fair
are dearly wooed!'
- Grimhild* 'Gifts oft are given
to greedy hand;
wives oft are wooed
by worthless men!'
- 35 Sigurd sat silent;
the singing heard not
but in heart Brynhild
bright with splendour:
'A queen was I once,
and a king shall wed.'
Soon, thought he, soon
I will seek my own.



- 36 Grimhild went forth
to guarded bower;
deep horn she filled
that was darkly written.
She drink of power
dreadly blended;
it had strength of stone,
it was stained with blood.
- Grimhild* 37 'Hail, guest and king!
Good go with thee!
Drink now deeply
dear love's token!
A father hast thou found,
and fond mother,
brothers sit nigh thee.
O bravest, hail!'
- 38 Deep drank Sigurd,
drained it laughing,
then sat unsmiling,
the singing heard not.
In came Guðrún
golden-lovely,
as moon uprising
marvellous shining.
- 39 In came Guðrún
gleaming-robéd,
as flower unfolded
fair at morning.
Sigurd wondered,
silent gazing;
his mind was glaucoured,
mood confounded.



VII

GUÐRÚN

- Guðrún* 1 “Ó mãe, me ouve!
O humor é obscuro,
sonhos me assaltaram,
sonhos de previsão.”
- Grimhild* “Os sonhos soem vir
no decrescer da lua
ou virar das marés.
Pesarosa não fiques!”
- Guðrún* 2 “Nem sopro nem assombro
do pensar desperto –
um cervo perseguiamos
por cima dos morros;
cada homem anda à caça,
mas fui eu quem o pegou:
da cor d’ouro a crina,
os cornos mui altos.
- 3 Uma dama audaz
andando ao vento
atirou e feriu-o,
perfurou-lhe a pele;
em meu colo despencou
na inquieta noite;
meu coração, de pesar,
eu mal soube conter.
- 4 Um lobo pra consolar-me
a meu lado puseram;
esparziu-me de carmesim
c’o sangue de meus irmãos.
Os sonhos me assolam
com cenas de previsão,
nem sopro, nem o céu,
nem o sítio da lua.”
- Grimhild* 5 “Na intriga os sonhos trocam
treva por luz,
gozo por agouro,
Guðrún, minha filha!
Ergue teus olhos,
ávidos, brilhantes!
Na grande casa de Gjúki
a grama é verde.”
- Guðrún* 6 “Ao rio Reno
as rotas correm verdes!
Que cavaleiro ao longe
pra batalhar vem disposto?
É alto seu elmo,
é ágil seu cavalo,
e o recurvo escudo
é broquel dourado!”

- 7 Gudrún, filha de Gjúki,
sua chegada contempla,
da muralha e do peitoril
admirada fitando.
Chega assim Sigurd,
que descende de Völsung,
à grã corte de Gjúki,
com bom gosto ornado.
- 8 Lá o augusto Gjúki,
carregado de ouro,
é senhor de Niflungs,
dos Niflungs da terra.
Gunnar e Högni
de Gjúki são filhos,
digníssimos senhores
de renome e respeito.
- 9 Lá a arguta Grímhild,
de grandes conselhos,
grisalha e sóbria,
é a sua rainha;
conhece venenos,
conhece as curas,
feitiços pratica
e mutantes encantos.
- 10 Obscuros quais corvos,
dos corvos são comparsas;
os rostos que sorriem
ferozes espiam.
Contra os hunos, com ódio,
ousam guerrear,
têm depósitos plenos
de puro ouro.
- 11 Quietos se encontram
quando à corte vem Sigurd,
a Gunnar cumprimenta,
a Gjúki saúda.
- Gjúki* “Quem vem de improviso
em vestes de combate,
de couro e broquel,
à casa que é minha?”
- Sigurd* 12 “De Sigmund descendo,
sou Sigurd Völsung,
o filho do rei acorrendo
à régia casa.
A fama dos Niflungs
se nota ao longe;
à minha volta inda vive
de Völsung a fama.”
- 13 Assim para Sigurd
o assento aprestam;
no banquete da corte
se encanta a gente.
Ali Gunnar agarra
a grande harpa d’ouro;
sua voz é ouvida
e os convivas se calam.
- Destas* 14 Na atroz Floresta das Trevas
coisas cantou sobre as tribos do Leste
Gunnar os grandes reis godos
em glória reinavam.
Nas cercaduras de Danpar
renhídisimos combates
travaram com vagas de hunos,
de vastos cavalos.
- 15 Vastos cavalos
levaram-nos para oeste;
os nobríssimos Borgunds
de Budli a hoste enfrentaram.
O rubor do sangue beberam
do irmão de Budli
os Gjúkings com rigor,
pegando todo o ouro.

Destas 16 Então Sigurd acende
coisas cantou o som da harpa;
Sigurd silentes, calados,
no salão escutaram.
O ermo era árido,
amplo e vazio;
Fáfnir com fogo
à frente chegou.

17 Eram pretas as portas
em suportes enormes;
ouro sobre ouro
arde pálido.
Foi arrasado o tesouro,
alçado o elmo,
e o grande Grani
levou grave fardo.

18 O alto Hindarfell
coroadado de raios,
monte imenso,
emerge da névoa.
Brynhild abriu os olhos,
era belo seu esplendor –
encerra-se a canção
e Sigurd se cala.

19 Junto ao grão trono de Gjúki
Grimhild escuta,
pensando em sua Gudrún
e no tesouro dourado.
Gunnar e Högni,
advogando por si,
pedem que em pacto
comprido ali fique.



20 Os nobríssimos Borgunds
esboçam batalha
rebordando estandartes,
lapidando as lâminas.
Realçam os elmos,
são alvas as couraças;
as ferradas montarias
arrasam a terra dos hunos.

21 O guapo Gunnar
em Goti montado,
o ancho Högni
em Hölkvir cavalga;
mais graça tem Grani,
orgulho de Sleipnir;
só flamas à frente
do fogo de Sigurd.

22 Inimigos reprimidos,
consumidos os campos,
segando com gosto
vai Gram no combate.
Cavalgando, os Gjúkingss
glória conquistam,
mas grossa glória
e grande obtém Sigurd.

23 Estendem-se incontáveis
suas terras de outrora,
trucidando o rei dos danos
e denodados príncipes.
Os povos com espanto
se perdem diante deles;
o vivo triunfo cavalga
com o Völsung senhor.

24 Com altas honras
o amam de coração,
o ouro dos hunos lhe dão

em alto paço assentado.
Mas evoca e vê seu coração
de Völsung a casa
e o assassinio de Sigmund
nas distanciadas areias.

- 25 Uma hoste ele arma
para viagem com os Gjúkings;
à beira do mar se muda
e manda içar velas.
Sua nau eminente
onera d'armas e escudos;
apronta e prende a cabeça
na proa de dourado dragão.

- 26 Ventando, agitado e ardente
à terra de seu pai
aproxima-se Sigurd;
o sangue tinge a areia.
Os cascos e broquéis
arrancados e fendidos,
lascados os escudos,
nos corpos rompidas as couraças.

- 27 A provar que vive ainda
de Völsung a linhagem,
na terra de Völsung, válido,
senhor Völsung ele se torna.
Mas é casa que nada cobre
a corte, outrora altiva;
os ramos da nobríssima árvore
rotos e podres estão.

- 28 De manto muito escuro
caminha um homem ali;
é cego de um olho só,
tem densíssima a barba:

Grimnir “Grimnir é grato de ver-te,
glória dos Völsungs!
Distante daqui soltou-se
o destino de Sigurd.

- 29 Onde descerra Sigmund
o terçado de Grimnir
Gram nenhuma graça tem.
Agora vai-te, Völsung!
És rei verídico,
de reis descendes,
há uma amada clamando
dos mares além.”



- 30 A frota se afasta
com flamas nas velas;
os barcos com bens d'ouro
embicam na praia.
Montarias arribam,
fogaréu se acende,
as trompas atroam;
a estrada ao lar ele toma.

- 31 Um banquete criam
e proclamam ao longe,
as salas guarhecendo
com celsos adornos,
tábulas, taças
enfeitadas de ouro,
chovendo cerveja
da véspera à aurora.

- 32 Sigurd presentes dá:
preciosos objetos de prata,
trajes lustrosos,
taças e anéis,
distribui caros bens
com boa intenção,
promove os amigos

e aumenta-lhes a fortuna.

- 33 (Assim sussurra Grimhild,
disfarçada, a Gjúki.)
- Grimhild* “Quanto tempo sem ser atado
este trato durará?
É o senhor de mais renome
e denodo deste mundo!
Com nossa filha por oferta
ele fica para sempre,
forte braço no combate,
base sólida e firme.”
- Gjúki* 34 “O que os reis oferecem
é dourado e prateado;
sou franco, às suas filhas
fazem todos a corte!”
- Grimhild* “Presentes são oferecidos
a sôfregas mãos às vezes;
homens sem mérito almejam
estimáveis mulheres em geral!”
- 35 Sigurd, sem nada dizer,
as canções não escuta,
mas lembrando-se de Brynhild
seu brilho à mente lhe vem:
“Rainha já fui antes,
e hei de ter um rei.”
O que me cabe vou buscar,
em curto prazo, reflete.



- 36 Entra agora Grimhild
à guarda de seu aposento;
põe carga em corno profundo
com escuras inscrições.
Beberagem poderosa
e pavorosa mistura;
numa xicara como rochedo,
manchada de sangue.
- Grimhild* 37 “Salve, forâneo e rei!
A segurança contigo!
Toma esta taça
que te atesta o amor!
Com novo pai topaste
e te preza u'a mãe,
tens irmãos aproximados.
Ó mais bravo, salve!”
- 38 A poção toma Sigurd,
com risada bebe,
depois senta-se sério,
as canções não escuta.
Aí entra Gudrún
áurea e amável,
como a lua que se eleva,
de beleza radiante.
- 39 Aí entra Gudrún
de alvas vestes,
como flor que se desfralda
com forma bela de manhã.
Sigurd, com admiração
e moderação a fita;
entusiasmada sua mente,
seu humor desconcertado.



VIII

SVIKIN BRYNHILDR (BRYNHILD BETRAYED)

- 1 Brynhild abode
a blossomed summer,
homing harvest,
hoary winter.
A year followed year;
yearning seized her:
the king came not;
cold weighed her heart.
- 2 Of her wealth and splendour
wide spread the word;
kings came riding,
her courts thronging.
Her mood was troubled,
her mind darkened;
fell greeting found they,
and few returned.
- 3 One armed and mantled
as ancient king
wild steed there rode
than wind fleeter.
Spear upholding
spiked with lightning
her hall he entered,
hailed her darkly:
- King* 4 'Bond unbroken
shall be bounden oath,
dreed and endured
be doom appointed.
Brynhild full soon
shall bridal drink;
choosing not the slain,
shall choose the living.
- 5 Brynhild must drink
the bridal feast,
ere winters two
o'er the world be passed.
A queen thou wert,
a king shalt wed:
Ódin dooms it;
Ódin hearken!'
- 6 Fire forth blossomed,
flames were kindled,
high up-leaping
hissed and wavered.
In hall standing
hedged with lightning,
'one only', thought she

'can enter now!'



- 7 In Gjúki's house
glad the singing.
A feast they fashioned,
far men sought it.
To blissful Guðrún
the bridal drank
there golden Sigurd
glorious shining.
- 8 Morning woke with mirth,
merry came evening;
harp-strings were plucked
by hands of cunning;
mead poured and ale,
men were joyful,
of peerless kings
praise uplifting.
- 9 Oaths swore Sigurd
for ever lasting,
a bond of brotherhood
in blood mingled,
help in venture,
in hate and battle,
in need and desire,
nowhere failing.
- 10 Gunnar and Högni
gladly swore it,
as Grimhild counselled
grey with wisdom.
Gunnar and Högni
good they deemed it;
glad was Guðrún
gleaming-lovely.
- 11 Guðrún walked in joy,
gladness round her;
mornings came with mirth,
mirth at sleeping.
Sigurd dwelt as king
sweet days and nights;
high hope he had,
yet in heart a shadow.



- 12 Wide went the word
of woman mighty,
of Brynhild queen
bright in splendour.
Grimhild hearkened,
grimly pondered,
of Gunnar thinking
and of Gjúki's power.

Grimhild 13 'Hail, Gjúki's son!
Good go with thee!
Fair flowers thy state,
thy fame riseth.
Who could woo as he wills,
a wife yet lacketh,
though his might few match,
or might of friends.'

Gunnar 14 'Lo! Gjúkings' mother
grey in counsel,
what wife shall Gunnar
woo or look for?
Fairest must be woman,
of fame mightiest,

that Gunnar seeketh
his gold dealing.'

Grimhild 15 'Of the one fairest
fame is rumoured:
Brynhild the queen
bright in splendour.
Wide walks the word
of her wealth and might;
though high nor humble
her halls enter.'

Gunnar 16 'Proud and peerless
in peril woven,
a queen would she be,
our courts' glory!
Gunnar Gjüki's son
glory seeking
at thy rede shall ride
to her realm afar.'

Grimhild 17 'The son of Sigmund
thy sister holds,
Sigurd the mighty
is thy sworn brother.
At right hand in aid
he shall ride with thee;
counsels potent
shall my cunning find you.'



18 Gunnar rode Goti,
on Grani Sigurd,
Högni Hölkvir,
horse night-swarthy.
Steeds were striding,
stonefire glinting,
high wind rushing
over helm and mane.

19 Over fell and lowland
and forest gloomy,
over rocks and rivers
their roads led them.
Golden gables
gleaming saw they;
a light was lifted
o'er the land afar.

20 Fire forth blossomed,
flames up-leaping,
trees of lightning
twisted branching.
Gunnar smote Goti:
the ground spurning
he reared him backward,
nor rowel heeded.

21 Sigurd unsmiling
silent waited,
in his shrouded heart
a shadow deepened:

Sigurd 'For what waits Gunnar,
Gjúking fearless?
Here the queen dwelleth
that our quest seeketh!'

Gunnar 22 'A boon grant me,
O blood-brother!
Goti will not bear me,
now Grani lend me!'
Gunnar smote Grani:
on the ground moveless
grey-hewn he stood
as of graven stone.

23 Gunnar rode not
the glittering flame.
Oaths swore Sigurd,
all fulfilled them.
In hope or hate
help unfailing,
he Grimhild's counsel
grim refused not.

24 Counsels potent
had her cunning furnished
of chill enchantment
and changing spell.
In Gunnar's likeness
on Grani leaped he;
gold spurs glinted,
Gram was brandished.

25 The earth shivered;
angry roaring
fire flaming-tongued
flashed heavenward.
With sword smitten
snorting leaped he,
Grani greyfell;
the ground trembled.

26 The fire flickered;
flame wavered,
sank to silence
slaked and fading.
Swart lay the shadow
of Sigurd riding
in helm of terror
high and looming.

27 Sigurd stood there
on sword leaning;
Brynhild waited
a blade holding.
There helméd maiden
of helméd king
name demanded:
night fell round them.

Sigurd 28 'Gunnar Gjúki's son
greeted and hailed thee.
As my queen shalt thou ride
my quest fulfilling.'
As on swaying seas
a swan glimmering
sat she sore troubled
seeking counsel:

Brynhild 29 'What shall I answer
in hour o'ershadowed,
Gunnar, Gunnar,
with gleaming eyes?'

Sigurd 'Redgolden rings,
Rhineland treasure,
mighty brideprice
shall be meted thee!'

Brynhild 30 'Gunnar, speak not
of golden rings!
Swords were me dearer
to slay my loves.
Art thou all men's master,
all surpassing? –
to only such
will I answer give.'

Sigurd 31 'Yea, swords hast thou reddened,
swords yet shalt wield;
and oaths hast thou sworn,
and oaths shalt keep.
Thy wall is ridden,
thy wavering fire:
thou art doomed him to wed
who dared to pass.'

32 In a bed them laid
 Brynhild, Sigurd;
 a sword them sundered
 set there naked.
 Gram lay between
 gleaming sheathless,
 fate lay between
 forged unyielding.

33 Dawn came on earth,
 day grew round them.
 From sleeping finger
 he slipped her ring,
 and Andvari's gold,
 old, enchanted,
 on Brynhild's hand
 bound in token.

Sigurd 34 'Wake thou! wake thou!
 Wide is daylight.
 I ride to my realm
 to array the feast.'

Brynhild 'Gunnar, Gunnar,
 with gleaming eyes,
 on day appointed
 I shall drink with thee.'



VIII

SVIKIN BRYNHILDR (BRYNHILD TRAÍDA)

- 1 Brynhild sobeja-se
por um belo verão,
por longa colheita
e gelado inverno.
Ano após ano,
a ânsia a domina:
o rei se atrasa;
desencoraja-se seu coração.
- 2 Sua fortuna faustosa
é notícia no mundo;
reis percorrendo estradas
carregam-lhe a corte.
Tem o humor cismado,
a mente obscurecida;
cruel ela os saúda,
raros homens retornam.
- 3 Um, armado e de manto
à moda dos reis antigos,
vem em corcel furiosíssimo
apressando-se mais que o vento.
Eleva a lança
de relâmpago munida,
lança-se no palácio
e a aclama, sombrio:
- Rei* 4 “Compromisso que não se remove
seja o juramento feito,
acertado e sustentado
o destino fixado.
Brynhild mui breve
há de beber nas núpcias;
não escolha os que caem,
mas escolha o que vive.
- 5 Que beba Brynhild
nas bodas suas
antes que passe e expire
um par de invernos.
Rainha foste antes,
e hás de desposar um rei:
Ódin o ouça,
pois Ódin resolveu!”
- 6 Refulge o fogo,
inflamam-se labaredas,
saltando nas alturas,
agitando-se e chiando.
Ela coloca-se no palácio
com relâmpagos à volta;
“um apenas”, pensa ela,

“pode agora entrar!”



- 7 Na grande casa de Gjúki
há gáudio e canto.
Fazem uma festa
a que os fortes acorrem.
Com a abnegada Guðrún
em goles felizes
o luzente Sigurd
sorve a taça.
- 8 Contente é a matina,
a tardinha alegre;
tocadas por cálidas mãos
as cordas das harpas;
com a cerveja que vertem
vivem felizes,
cantando e exaltando
os ditosos reis.
- 9 Votos a seu alvitre
levanta Sigurd, perpétuos,
juras dando de irmandade
com unidade de sangue,
jura prestar ajuda
e pelejar com os seus,
batalhar à larga
não falhando jamais.
- 10 Gunnar e Högni
de bom grado juram
com Grímhild instigando-os
que é gris de sabedoria.
Gunnar e Högni
julgando convir-lhes,
Guðrún com gozo
e graça singela.
- 11 Guðrún vagueia feliz,
alegria ao seu redor;
nas matinas contente,
ao deitar-se também.
Sigurd reside como rei
na doçura dos dias e noites;
esperançoso sempre,
mas com sombra no coração.



- 12 A celebridade do poder
da dama logo se espalha,
de Brynhild, bela rainha,
de brilho e esplendor.
Grímhild, com rigor,
a contragosto pondera
sobre o grande Gunnar
e Gjúki, o poderoso.

Grímhild 13 “Ó grato filho de Gjúki!
Seguro estejas sempre!
Refulge tua fama,
em flor tua condição.
Quem corteja a quem pretende
não tem ainda esposa,
apesar de na competição
ser dissimil de todos.”

Gunnar 14 “Examina, mãe dos Gjúkings,
muito sábia e grisalha,
quem pode Gunnar como esposa
propor ou procurar?
Havia de ser a mais graciosa
e célebre entre todas

que Gunnar perseguisse,
em barganha de ouro.”

Grimhild 15 “Falam da mais benfeita
cuja fama é conhecida:
Brynhild, bela rainha,
de brilho e esplendor.
A celebridade do seu poder
e cabedal se espalha;
nem à modéstia, nem ao condão
sua residência acolhe.”

Gunnar 16 “Altiva, inimitável,
entretece-se em perigos,
rainha aí haveria de ser,
desta alta corte a glória!
Gunnar, filho de Gjúki,
a glória buscando,
por ti partirá orientado
ao afastado seu reino.”

Grimhild 17 “O que descende de Sigmund,
é certo, tem tua irmã,
Sigurd poderosíssimo
é no sangue irmão teu.
À tua direita, amparando-te,
viajará contigo;
possantes conselhos
astuciosos vos darei.”



18 Gunnar montado em Goti,
em Grani Sigurd,
Högni em Hólkvir,
atro como a noite.
Ressoam dos corcéis
os reluzentes cascos,
o vento à sua volta
revolve elmo e crina.

19 Sobre cumes e campos
e escuras florestas,
sobre rochas e rios
sua rota os leva.
Fabuloso palácio
reluz, dourado,
uma luz que se eleva
ao longe, à frente.

20 Refulge o fogo,
as flamas saltam,
colunas de relâmpagos
se entrelaçam e ramificam.
Gunnar golpeia Goti:
num grande salto
refugia e foge o corcel,
mesmo firme a roseta.

21 Sigurd, sisudo,
paciente espera,
no coração crescendo-lhe
uma sombra profunda:

Sigurd “O que Gunnar aguarda,
Gjúking destemido?
Esta é a régia morada
que apurados buscamos!”

Gunnar 22 “Prestimoso para mim
sê, irmão de sangue!
Goti está refugando,
Grani empresta-me!”
Gunnar golpeia Grani:
pregado ao solo,
ele para, empaca,
como em pedra esculpido.

23 Gunnar não progrida
 onde fulgura a chama.
 Sigurd, afiançando
 e satisfazendo suas juras,
 na raiva ou esperança
 é correto e infalível;
 de Grímhild os argutos conselhos
 com rigor ele mantém.

24 Conselhos poderosíssimos
 astuciosa ela lhe deu,
 feitiços encantados
 e mutantes magias.
 Na figura de Gunnar
 em Grani ele salta;
 resplendem as esporas d'ouro
 e empunha a espada Gram.

25 Treme a terra;
 um torpe rugido
 de lume como línguas
 em relâmpago se ergue.
 A espada o pica
 e pula resfolegando,
 Grani, o gris;
 vagueia no chão que treme.

26 Por fim, do fogo
 a flama tremula,
 cai e se aquieta,
 enfraquece e abranda.
 É sólida a sombra
 de Sigurd montado,
 com elmo de ódio
 que alto assoma.

27 Está Sigurd à sua sorte,
 no terçado apoiado;
 Brynhild o embate
 com boa lâmina aguarda.
 Diante do elmo do rei,
 de elmo, a donzela
 sem mais nada seu nome indaga:
 a noite os cerca.

Sigurd 28 “Gunnar, filho de Gjúki,
 com agrado te saúda!
 Como rainha tu hás
 de ir, eis minha demanda.”
 Como no mar que se move
 mal se mexe o cisne,
 ela senta e hesita,
 conselho buscando:

Brynhild 29 “Que resposta dar posso
 aqui posta na treva,
 Gunnar, Gunnar,
 olhos grandes que brilham?”

Sigurd “Régios, dourados anéis,
 do Reno o tesouro,
 condizem com o dote
 que será dado a ti!”

Brynhild 30 “Gunnar, desse resgate
 não digamos nada!
 Mais prezo espadas
 que transpassem pretendentes.
 Es mestre dos humanos,
 mais do que todos? –
 apenas a poucos
 a resposta darei.”

Sigurd 31 “Sim, espadas tingiste,
 espadas empunharás;
 e juras fizeste,
 e juras manterás.
 Tua muralha se rende,
 teu terrível fogo:
 tua sina é desposar
 quem atravessar ousou.”

32 Ao belo leito baixam
Brynhild, Sigurd;
espada os separa,
posta ali nua.
Gram está apartando-os,
todo reluzente,
o destino apartando-os,
acertado e imutável.

33 Rompe a aurora
e raia o dia.
Da mão dela, dormindo,
ele remove o anel
e o ouro de Andvari,
o ouro encantado
como dádiva guardado
no dedo de Brynhild.

Sigurd 34 “Desperta! Desperta!
Pois o dia vai alto.
A meu reino eu rumo
e arranjo o banquete.”

Brynhild “Gunnar, Gunnar,
olhos grandes que brilham,
no dia que foi dito
brindamos nós dois.”



IX

DEILD (STRIFE)

- 1 On day appointed
 dawn rose redly,
 sun sprang fiery
 southward hasting.
 Bridal to Brynhild
 blissful drank he,
 Gunnar Gjúki's son,
 gold unsparing.
- 2 All surpassing,
 proud and ardent,
 Brynhild sat there,
 a bride and queen.
 All men's master,
 all surpassing,
 in came Sigurd
 as sun rising.
- 3 By Guðrún's side,
 Gjúki's daughter,
 she saw him seated –
 a silence fell.
 As stone graven
 stared she palely,
 as cold and still
 as carven stone.
- 4 From shrouded heart
 the shadows parted;
 oaths were remembered
 all unfulfilled.
 As stone carven,
 stern, unbending,
 he sat unsmiling
 no sign making.
- 5 Clamour rose again,
 clear the singing.
 Men were joyful –
 mirth they deemed it.
 In that hall beheld they
 heroes mightiest,
 and kings and queens
 crowned in splendour.



- 6 Forth rode Sigurd,
 the forest seeking,
 to hunt the hart;

- horns were sounded.
To the Rhine-river,
to running water,
queens went comely
with combs of gold.
- 7 Their locks they loosened.
Long one waded
to deeper pools
darkly swirling:
- Brynhild* 'The water that hath washed
thy wan tresses
shall not flow unfitting
over fairer brow!'
- Guðrún* 8 'More queenly I,
more kingly wed! –
fame all surpasses
he that Fáfnir slew!'
- Brynhild* 'Worth all surpasses
who my wavering fire,
flaming lightning
fearless vanquished!'
- 9 (Grim laughed Guðrún
Grimhild's daughter:)
- Guðrún* 'True spake the tongue
of truth unwitting!
Thy wavering fire
wildly flaming
he rode unrecking
who that ring gave thee –
did Gunnar get it
on Gnítaheiði?
- 10 Andvari's ring,
old, enchanted,
is on Brynhild's hand
bound in token.
Did Gunnar give me
the gleaming ring
from thy hand he drew,
now here on mine!'
- 11 Coldhued as death
the queen was stricken,
strode swift from stream
as stone silent;
from Rhine-river,
from running water,
her bower sought she
brooding darkly.
- 12 Dim fell evening,
dusk was starless;
her mind was as night
as she mourned alone;
alone, lightless,
made lamentation:
- Brynhild* 'Fell! fell the fates
that forged our days!
- 13 Mine own must I have
or anguish suffer,
or suffer anguish
Sigurd losing.
Yet he is Guðrún's
and Gunnar's I:
foul wrought the fates
that framed my life!'
- 14 Daylong lay she
drinking nor eating,
as in dead slumber
or dreadful thought.
Her maidens marvelled –
she minded not,
Gunnar sought her;
grim she heard him.

- 15 Then spake Brynhild
from bitter pondering:
- Brynhild* 'Whence came the gold
here gleaming pale?
Who holds the ring
from my hand taken?'
Nought spake Gunnar,
no word answered.
- Brynhild* 16 'King men call thee!
A coward rather,
from fire flinching,
fearful, quaking!
From witch-woman's
womb thou camest.
Woe to Grimhild,
woe's contriver!'
- Gunnar* 17 'Vile words to use,
thou Valkyrie,
thou slayer of men,
and sword-hearted!'
- Brynhild* 'If sword I had,
I would slay thee now,
for thy secret treason,
for thy sundered oaths!
- 18 Him only loved I
who all surpassed;
an oath uttered,
him only to wed,
him only to wed
who mine ardent fire
vanquished valorous;
I am vow-breaker.
- 19 I am oath-breaker,
dishonoured, humbled;
I am love-bereaved
and life-curséd.
In thy halls shalt thou hear
never happy voices,
no queen in thy courts
shall comely walk.'
- 20 Long there lay she
in lamentation;
afar heard folk
her fell mourning.
Guðrún she spurned,
Gunnar scorning,
and Högni mocking;
hate was kindled.



- 21 From the hunt rode Sigurd
home returning,
found halls unlit
and hearts darkened.
They brought him to seek her
for sorrow's healing;
his mood was loath,
on the morrow went he.

Sigurd 22

(He draws back the coverlet from Brynhild and wakes her, as before he had done.)

- Brynhild* 'Hail, O sunlight
and sun's rising!
Sleep no longer
and sorrow cast thou!'
- Brynhild* 'I slept on mountain,
I sleep no more!
Accursed be thy words,
cruel forswearer!'

Sigurd 23 'What grief ails thee
amid good liking,
who to glorious Gunnar
wert gladly wed?'

Brynhild 'Gladly! gladly!
Grim thou mockest me.
Him only I loved,
who all surpassed.'

Sigurd 24 'Yet glory no less
hath Gjúki's son,
my blood-brother,
best renowned.
Well he loves thee,
lord unfearing –
look now and learn
light yet shineth!'

Brynhild 25 'Nay, Fáfnir Sigurd
fearless conquered;
my wavering fire
he waded twice;
twice he waded
tongues of lightning;
so great glory
never Gunnar earned.'

Sigurd 26 'That twice he waded,
who told thee so?
Sigurd hath not said it –
why saist thou this?'

Brynhild 'Gloom was round us.
Thy gleaming eyes,
thine eyes gleaming
anguish gave me.

27 Veils of darkness
they vanquished me.
I am life-curséd
and love-bereaved.
Yet I curse thee too,
cruel forswearer,
who rendered to another
the ring taken.

28 Gudrún I curse
for cruel reproach
of bed broken
and body yielded.
Thy glory alone
seems good to thee;
of all women the worst
thou weenest me.'

Sigurd 29 'Woe worth the words
by women spoken!
Woe worth the while
this work began!
Webs enwound me
woven dreadly,
my mind shadowing,
my mood darkening.

30 Long I loved thee,
long desiring.
Thee only would I hold,
now all I know.
My mood mastering,
my mind wielding,
I sat unsmiling,
no sign making.

31 This solace sought I,
that I saw thee still,
the one hall walking
though wife of other.'

Brynhild 'Too late! too late,

love thou speakest!
To allay this evil
there leech is none.'

Sigurd 32 'Is hope all fallen,
is healing vain?
Must fate fierce-hearted
thus find its end?'

Brynhild 'This hope only,
this heart's comfort –
that Sigurd forsworn
a sword should bite!'

Sigurd 33 'Swords lightly sleep,
soon may I feel them!
Then would Brynhild die –
bitter would she deem it.'

Brynhild 'Well fall the words
from woe's maker!
Little light in life
hath he left to me.'

Sigurd 34 'Yet Gunnar would I slay,
Guðrún forsake,
from death thee to keep,
our doom o'ercoming!'

Brynhild 'I am wife of one,
I wed no other.
No lord will I love,
and least Sigurd!'



35 Forth went Sigurd
filled with anguish,
his heart was swollen
in heaving breast.
Mail-rings clutched him,
marred his breathing,
to his flesh cutting
fiercely straining.

36 There stood Guðrún
gleaming-lovely:

Guðrún 'Sleeps yet Brynhild,
sickness bearing?'

Sigurd 'Brynhild sleeps not,
brooding darkly.
She broodeth darkly
our bale and doom.'

37 Guðrún wanly
grasped him weeping:

Guðrún 'What doth Brynhild brood,
what bale purpose?'

Sigurd 'Thou shouldst know it,
needless asking.
Woe worth the words
by women spoken!'

38 (Then spake Gunnar
gloomy-hearted:)

Gunnar 'What hope of healing
harm's amending?
Shall we gold offer,
gold and silver?'

Sigurd 'Gold and silver
let Gunnar offer!
Her lord alone
her leech must be.'

39 Then Gunnar offered
gold and silver,

gold and silver
gleaming-hoarded.

Brynhild 'Gunnar, speak not
 of gold and silver;
 swords were me dearer
 to slay my life.

40 All men's master,
 all surpassing,
 such only ever
 shall earn my love.
 Than thy liege lower
 thou art less become,
 a Völsung's squire,
 a vassal's servant!

41 From thy bed parting,
 at thy board humbled
 I will leave thee alone
 to laughter of men,
 if life thou allowest
 to liege forsworn,
 if thou slay not Sigurd,
 thy sister's lord.'

Gunnar 42 'Fell-hearted thou,
 and foe of peace!
 I oaths have sworn
 for ever lasting,
 bonds of brotherhood
 in blood mingled;
 though Brynhild bid it,
 I may break them not.'

Brynhild 43 'Oaths too I swore
 for ever lasting –
 light thou heldest them!
 I am love-betrayed.
 Sigurd thou sent me,
 thy sworn brother.
 My bed he entered,
 by my body laid him,
 betrayed thy trust,
 betraying me.

44 To Guðrún he told it,
 Guðrún knoweth.
 In shame am I shrouded,
 and shamed art thou!
 Gunnar came forth
 grievous-hearted,
 daylong he sat,
 deeply brooding.

45 From mood to mood
 his mind wandered,
 from shame to shame
 shorn of friendship.
 Högni called he
 to hidden counsel,
 his true brother,
 whom he trusted well.

Gunnar 46 'Evil wrought Sigurd:
 oaths he swore me,
 oaths he swore me,
 all belied them;
 betrayed my trust,
 whom I trusted most,
 truth forswearing,
 whom most true I deemed.'

Högni 47 'Brynhild beguiles thee
 baleful-hearted,
 woe devising
 to woe stings thee;
 loathing Guðrún,
 her love grudging,
 thy love loathing,
 she lies to thee.'

- Gunnar* 48 'Brynhild, Brynhild,
I better hold her
than all women,
than all treasure.
I will life sooner leave
than lose her now,
than live lonely
for laughter of men.
- 49 Let us slay Sigurd –
forsworn is he!
Let us lords be alone
of our lands again!
Let us slay Sigurd,
this sorrow ending,
and masters make us
of his mighty hoard!'
- Högni* 50 'Woe worth the words
by women spoken!
Lords unassailed
our league made us.
The might of Sigurd
we shall mourn later,
and the sister-sons
this sire had got us.'
- 51 To Gotthorm turning,
Grimhild's offspring,
greyhearted lord,
Gunnar hailed him:
- Gunnar* 'No oaths thou swore'st,
no oaths heedest.
With his blood unblended
his blood now spill!'
- 52 Gold he promised him
and great lordship;
his bastard blood
burned with hunger.
Snake's flesh they took,
seethed it darkly,
wolf-meat gave him,
wine enchanted.
- 53 Drunk with madness,
dire and wolfish,
he grinned and gnashed
his grinding teeth.
Of guile unworthy,
no guile dreaming,
yet doom foreboding,
drear went Sigurd.
- 54 To the forest fared he,
falcon loosing,
with hounds hunting,
for harm's solace.
Gotthorm rode there,
and Grani marked he,
assailing Sigurd,
with searing words.
- Gotthorm* 55 'O werewolf's son
and war-captive,
what huntst here
where hart roameth –
thou wooer of women
and wife-marrer,
who wouldst lord all alone
our lands and queens!'
- 56 Sword touched Sigurd
swart-red flushing;
white blanched the knuckles
on hilt clenching:
- Sigurd* 'Thou drunken dog,
doom hangs nigh thee!
Now slink to kennel!
Sleep may mend thee.'

- 57 Gotthorm he left
 to grind his teeth;
 back rode Sigurd
 foreboding ill.
 Night fell starless,
 none were waking;
 asleep was Guðrún
 by Sigurd dreaming.
- 58 Dawn came wanly:
 drunk with hatred
 there Gotthorm stalked
 as glowering wolf.
 Sword leaped naked,
 sleeping stabbed him,
 pierced through to pillow,
 pinned in anguish.
- 59 Forth sprang the wolf
 by fear blinded
 of awful eyes
 that opened wide.
 Gram was brandished,
 gleaming handled,
 hissing hurled aloft
 at hasting beast.
- 60 At the door he tumbled
 dreadly crying;
 there hell took him
 hewn asunder.
 Forth crashed the head,
 feet fell backward;
 blood ran darkly
 on bower threshold.
- 61 In sweet embrace
 to sleep she went,
 to grief unending
 Guðrún awakened,
 to her bliss drowning
 in blood flowing.
 in flowing blood
 of fairest lord.
- 62 Breast white and bare
 she beat so sore
 that Sigurd raised him
 from soaking pillow.
- Sigurd* 'My wife, weep not
 for woe foredoomed!
 Brothers remain to thee –
 blame them lightly!
- 63 Brynhild wrought this:
 best she loved me,
 worst she dealt me,
 worst belied me.
 I Gunnar never
 grieved nor injured;
 oaths I swore him,
 all fulfilled them!'
- 64 Dead fell Sigurd;
 dreadly Guðrún
 cried in anguish,
 called him vainly.
 Swords rang on wall,
 and sleepers shivered;
 geese screamed shrill
 in green meadow.
- 65 Then laughed Brynhild
 in her bed listening
 with whole heart once –
 the house shuddered –
 Guðrún hearing
 in grief's torment.
 Gunnar answered

grimly speaking:

Gunnar 66 'Little thou laughest
for delight of soul,
O fell-hearted!
Fey I deem thee.
Thy colour blancheth,
cold thy cheeks are;
cold thy counsels
and accursed thy redes.'

Brynhild 67 'Cursed are the Niflungs,
cruel forswearers.
Oaths swore Sigurd,
all fulfilled them.
Ye all shall find
evil fortune,
while all men's honour
he for ever holdeth.

68 Bonds of brotherhood
in blood mingled
with murder kept ye;
he remembered them.
A sword lay naked
set between us,
Gram lay grimly
gleaming sheathless.

69 Now life no longer
will I live with you;
of love ye robbed me
with lying counsels.
Shorn I leave you,
shame enduring,
of faith and friendship,
of fame on earth.'

70 In arms he took her,
anguished begged her
her hand to stay,
hope to look for.
She thrust them from her
who thronged round her,
longing only
for her last journey.

71 (Högni only
withheld her not:)

Högni 'Little would I hinder
her last journey,
so she bide in that land
never born again.
Crooked came she forth
from curséd womb
to man's evil
and our mighty woe.'



72 Gold corslet she took,
gleaming hauberik,
helm set on head,
in hand a sword.
On the sword she cast her,
sank down wounded:
thus Brynhild ended
her bright splendour.

Brynhild 73 'A boon I beg thee,
this boon at last!
Pile high a pyre
on the plain builded;
shields hang round it
and shining cloths,
blood pour over it
for us brightly shed!

74 A hawk at each hand,
a hound at feet,
there harnessed set ye
our horses slain.
At his side lay me,
sword between us,
naked gleaming
as on night of yore.

75 Burn there Brynhild
in the blazing fire
who in flames awoke
to fell sorrow.
In flames send forth
that fairest lord
now as sun setting
who as sun did rise!’

76 Flames were kindled,
fume was swirling,
a roaring fire
ringed with weeping.
Thus Sigurd passed,
seed of Völsung,
there Brynhild burned:
bliss was ended.



77 On the hell-way hastened
the helméd queen,
never born again
from bleak regions.
In Valhöllu
Völsungs feasted:
‘Son’s son welcome,
seed of Ódin!’

78 Thus soon came Sigurd
the sword bearing
to glad Valhöll
greeting Ódin.
There feasts he long
at his father’s side,
for War waiting,
the World’s chosen.

79 When Heimdall’s
horn is heard ringing
and the Blazing Bridge
bends neath horsemen,
Brynhild shall arm him
with belt and sword,
a beaker bear him
brimmed with glory.

80 In the day of Doom
he shall deathless stand
who death tasted
and dies no more,
the serpent-slayer,
seed of Ódin:
not all shall end,
nor Earth perish.

81 On his head the Helm,
in his hand lightning,
afire his spirit,
in his face splendour.
When war passeth
in world rebuilt,
bliss shall they drink
who the bitter tasted.

82 Thus passed Sigurd,
seed of Völsung,
hero mightiest,

hope of Óðin.
But woe of Guðrún
through this world lasteth,
to the end of days
all shall hear her.



IX

DEILD (CONTENDA)

- 1 No dia que foi dito
madruga céu rubro,
o sol salta em fogo
ao sul rumando.
Às bodas com Brynhild
bebendo alegre,
Gunnar, filho de Gjúki,
com gosto seu ouro reparte.
- 2 Mais que todos vistosa,
altiva e ardente,
Brynhild bela, rainha,
às bodas prometida.
Mestre dos humanos
que domina a todos,
Sigurd lá surge
como o sol que se ergue.
- 3 Chegado a Guðrún,
de Gjúki a filha,
ela logo o vislumbra –
o silêncio se faz.
Qual pedra esculpida
ela, pálida, o fita,
sem mover-se, sem vida
qual gravada pedra.
- 4 Do coração embuçado
as sombras se apartam;
as juras que a regiam,
ela as julga violadas.
Qual esculpida pedra,
impávido, rígido,
não irrompe ele em riso
nem arrisca sinal.
- 5 Sobem as risadas,
as canções são claras.
Todos contentes –
cantando de gáudio,
no palácio contemplando
os valentes senhores,
reis, heróis, rainhas
com coroas de esplendor.



- 6 Sai Sigurd a cavalo
ao seio da floresta
caçando o cervo;
soam trombetas.
Ao rio Reno,
à corrente água,
andam rainhas formosas,
de ouro seus pentes.
- 7 Soltando as tranças,
entrando nas águas,
às profundezas vadeiam
de dia mesmo escuras:
- Brynhild* “Água limpa que lava
teus lúcidos cachos
mais bela cabeça
também lavará!”
- Gudrún* 8 “Sim, casada c’o rei,
eu sou, sou rainha! –
refiro-me à fama
do que Fáfnir matou!”
- Brynhild* “Mais valor eu aloco
ao que as lúcidas chamas,
relâmpagos largos,
batalhando venceu!”
- 9 (Com gozo ri Gudrún,
de Grímhild a filha:)
- Gudrún* “Verdade tu dizes,
verdade sem que o saibas!
Teus relâmpagos largos
que lançam mil chamas
audaz foi fendendo
quem te deu este anel –
foi Gunnar que o pegou
em Gnitaheidi?”
- 10 Do ávido Andvari
o ouro encantado
na mão da bela Brynhild
é simbólico e fiel.
Se Gunnar pegou
e entregou-me o anel,
em tua mão já não mais,
pois na minha ele está!”
- 11 Gelada e lívida,
reluta a rainha
mas logo deixa longe
a larga correnteza;
do rio Reno,
da corrente água,
aos seus aposentos
passou pensativa.
- 12 A tarde se tolda,
estrelas não surgem;
como noite sinistra
vai pensando a sós;
a sós, em sítio escuro,
assim lamenta:
- Brynhild* “Atroz! Atroz o destino
que mantém nossos dias!”
- 13 Devo ter o que me pertence
ou tortura sofrer,
se sofro tortura
a Sigurd perderei.
Agora é de Gudrún
e de Gunnar sou eu:
é torto o destino
de toda a minha vida!”
- 14 Até o crepúsculo repousa
sem pão nem bebida,
em pensar aguçado,
como em sono profundo.
Aos olhos das aias
ficou outra, pouco importa –

Gunnar chega intrigado;
de mau grado ela o ouve.

- 15 Fala Brynhild, a bela,
brava por ter refletido:
- Brynhild* “O ouro vem de onde
que arde pálido?
Quem carrega o dourado anel
tirado de minha mão?”
Nem palavra falando,
calado fica Gunnar.
- Brynhild* 16 “Tu não és monarca!
Mais nada que um covarde
que foge do fogo,
refuga com medo!
Do ventre vil
tu vens, da bruxa.
Angústia a Grímhild
que a angústia engendrou!”
- Gunnar* 17 “Não crês que é crua fala,
ó tu, valquíria,
ó que matas humanos
e tens mente qual espada?”
- Brynhild* “De espada em punho,
neste ponto matar-te-ia
por traição e aleivosia,
pois torceste tuas juras!

18 A ele apenas amo
que os outros sobrepuja;
foi sábia e pensada a jura
de a ele só desposar,
de a ele só desposar
que meu sólido fogo
derrotou valeroso;
Arrisco-me, rompo meu voto.

19 Arrisco-me, rompo meu voto,
desonrada, humilhada;
privada do vero amor,
pela vida amaldiçoada.
Voz alegre em teu palácio
nem de longe hás de ouvir,
nem princesa em tuas salas
graciosa há de passar.”

20 Longo tempo está deitada
lamentando-se deveras;
ouve a gente, mesmo longínqua,
suas juras de luto,
a Guðrún refugando,
a Gunnar desprezando,
com asco de Högni;
o ódio se inflama.



21 Da caçada vem Sigurd,
aproxima-se do lar,
acha a corte às escuras
e obscuros os corações.
Querem que ele a encontre
para cura de seu pesar;
sem grande alegria,
na seguinte manhã ele vai.

Sigurd 22

(Ele tira a coberta de Brynhild e a desperta, como fizera antes.)

“Salve, ó luz do sol
e nascer do sol!
Não mais a dormir
nem de mau humor estejas!”

Brynhild “Dormi no monte,
não mais eu durmo!

Maldito seja o que dizes,
indócil perjuro!"

Sigurd 23 "Que mal te incomoda
em meio à alegria,
tu que a Gunnar, o de glória,
com gosto desposaste?"

Brynhild "Com gosto! Com gosto!
De mau grado te ouço.
A ele apenas amo
que os outros sobrepuja."

Sigurd 24 "Mas glória igual
tem de Gjúki o filho,
irmão meu de sangue,
o mais famoso.
Seu amor por ti é imenso,
do destemido senhor –
ainda há luz brilhando,
olhando saberás."

Brynhild 25 "Não, Sigurd a sós,
só por si venceu Fáfnir;
minhas lépidas flamas
repeliu duas vezes;
duas vezes repeliu
línguas de raios:
tão grande glória
jamaís Gunnar obteve."

Sigurd 26 "Que duas vezes as repeliu,
quem disse, quem falou?
Não Sigurd, por certo –
assim, por que o dizes?"

Brynhild "O escuro nos cercava.
Eram claros teus olhos,
teus olhos tão claros
angustiam-me sempre.

27 Véus trevosos
me vencem também.
São malditos meus dias
e perdi o amor.
Mas maldigo-te, eu digo,
indócil perjuro,
que deste a outra dama
o defraudado anel.

28 Agora a Guðrún maldigo
com grã censura
que o leito relega,
livre seu corpo.
Para ti mesmo somente
é mais a tua glória;
a mais má das mulheres,
é mesmo assim que me vês."

Sigurd 29 "Palavras de desalento
as mulheres falam!
À luz do desalento
veio a lume esta obra!
Redes me enrolam,
de terror tecidas,
minha mente assombram,
meu humor obscurecem.

30 Imenso foi o amor,
imenso o desejo.
Só a ti quis ter,
mas a história sei toda.
Com domínio do humor,
comando da mente,
não sorri nem erreí
por risco ou sinal.

31 Tive só o consolo
que sabes: eu te vi
com pompa transpondo a sala,
bem que esposa de outro."

Brynhild "Muito tarde! Muito tarde,

é tardo o amor!
Nenhum médico tem mãos
este mal para curar."

Sigurd 32 "Esperar será um risco,
curar será em vão?
O destino atroz
chega ao termo assim?"

Brynhild "Isto apenas espero
que me apoie e console –
que seja Sigurd, perjuro,
passado a fio de espada!"

Sigurd 33 "As espadas pouco dormem,
em pouco as sentirei!
Amargo, esse momento
seria a morte pra Brynhild."

Brynhild "São leves as palavras
pra quem lança a aflição!
Pouco vejo que valha
na vida que me deixaste."

Sigurd 34 "A Gunnar iria perseguir à morte,
a Gudrún abandonar,
pra fim mortal de ti afastar,
o destino nosso vencer!"

Brynhild "Sou esposa apenas de um,
não desposo outro.
Meu amor ninguém domina,
e menos que todos Sigurd!"



35 Parte Sigurd ansioso,
sem consolo seu ânimo,
o coração pesado
no recinto do peito,
a couraça agarrando-o,
respirando com pesar,
os músculos dormentes
de imenso esforço.

36 Aguarda-o Gudrún,
guapa e bela:

Gudrún "A boa Brynhild
com rebelde doença repousa?"

Sigurd "A bela Brynhild não dorme,
debatem seus pensamentos.
Do nosso destino tratam,
debatendo, os pensamentos."

37 Gudrún o agarra
com grandes ares de pranto:

Gudrún "O que Brynhild debate,
que conturbado destino?"

Sigurd "Isso tudo tu o sabes,
perguntar não precisas.
Palavras de desalento
as mulheres falam!"

38 (Agora fala Gunnar
com grão pesar na alma:)

Gunnar "Que esperança de curar
e alterar este mal?
Agora pagar ouro,
pagar ouro e prata?"

Sigurd "Pagar ouro e prata
de Gunnar seja a oferta!
Só o senhor seu
seja dela a cura."

39 Agora Gunnar oferece
pagar ouro e prata,
pagar ouro e prata
em grão tesouro reluzente.

Brynhild “Não repitas, eu peço, Gunnar,
da paga de ouro e prata;
mais compete dar-me espadas
que apaguem minha vida.

40 O mestre dos humanos,
que os mestres sobrepuja,
somente esse mesmo
meu amor receberá.
Inferior a teu suserano,
mistraste, diminuíste,
servente de Völsung,
aleivoso vassalo!

41 Do teu leito vou longe,
humilhado em tua mesa
pra risada dos vassalos
a sós te deixarei,
se for certo que concedas
ao vassalo infiel a vida,
que não mates o amante
de tua irmã, que é Sigurd."

Gunnar 42 “Ó tu, de torpe coração,
que detestas a paz!
Os juramentos meus
eternamente duram,
são comuns aos irmãos
e mistos com sangue;
embora Brynhild o exija
não os abato nem rompo."

Brynhild 43 “Também meus juramentos
eternamente duram –
estás tomando-os por somenos!
Pelo amor fui traída.
Sigurd assim me enviaste,
teu certo irmão.
Em minha cama incauta entrou,
do meu corpo deitou-se ao lado,
assim fere tua fê
e falta me comete.

44 Agora a Guðrún o disse,
e Guðrún o sabe.
De vergonha não me aguento,
e vergonha sobre ti!"
Gunnar vê o engano
com grã dor no coração,
enquanto dura o dia
medita profundamente.

45 De humor em humor
sua mente vagueia,
de vergonha em vergonha,
negada a amizade.
A Högni ouve
com altos conselhos,
seu amado irmão
em quem muito confia.

Gunnar 46 “O mal tomou Sigurd:
a mim juramentos fez,
a mim juramentos fez,
com mal rompeu-os todos;
fere minha fê
em quem confio mais,
pouco dá à verdade
quem mais digno eu cria."

Högni 47 “Brynhild te obnubila,
te abate por maldade,
ao mal te remete,
o mal planejando;
renegando a Guðrún,
negando-lhe o amor,
quer morte do teu amor
e mente para ti."

Gunnar 48 “Brynhild, Brynhild,
mais bem lhe quero

que a todas, te digo,
que a todo tesouro.
Com menos dô deixo a vida
que perdê-la agora,
que viver ouvindo
o riso vil dos homens.

49 Assassínio de Sigurd –
perecer o perjuro!
Nós, senhores de novo
das nossas terras!
Assassínio de Sigurd
e o pesar terá fim,
assumamos como mestres
seu imenso tesouro!"

Högni 50 "Palavras de desalento
as mulheres falam!
A liga nossa fez de nós
senhores imbatíveis.
Prantaremos, correndo o tempo,
o poderio de Sigurd
e os filhos, de fato,
que fez em nossa irmã."

51 Agora a Gotthorm vão,
que de Grímhild é filho,
ancião de cinza cabeça,
assim Gunnar o saúda:

Gunnar "Das juras fugiste
e juras não observas.
O sangue que é seu,
seu sangue derrama!"

52 Ouro o outro promete
e alto domínio;
do bastardo o tinto sangue
arde tanto, insaciado.
Carne de cobra tomam
e cozem às ocultas,
com encantos um copo de vinho
e carne de lobo lhe dão.

53 Ébrio de ânsia,
ávido e lupino,
ri-se ele e range
um renque de dentes.
Livre de malícia,
sem malícia prever,
mas suspeitando do destino,
revoltado vai Sigmund.

54 Mete-se na mata
e manda o falcão
à caça com os cães
pra sua carga aliviar.
Gotthorm, cavalgando,
de Grani se avizinha,
acossando a Sigurd
com insanas palavras.

Gotthorm 55 "Ó que descendes do lobisomem
e da prisão da guerra,
aqui caças o quê
onde corre o cervo –
tu que enlevas mulheres
e iludes esposas,
que deter, só tu, queres
as terras e rainhas!"

56 Apanha a espada Sigurd
e põe-se todo rubro;
já as juntas dos dedos,
enojado, tem brancas no cabo.

Sigurd "Ó tu, acintoso cão ébrio,
teu destino de perto te espregueita!
Vai-te ao canil sem mais nada!
Sonhando te hás de emendar."

57 Agora deixa a Gotthorm
regougando, rangendo os dentes;

regressando, Sigurd suspeita
que um pesar está para vir.
Na noite alta, sem astros,
nenhum homem está desperto;
junto a Sigurd em sono deitada
sonha e dorme Gudrún.

58 Ébrio de ódio
na alba que pálida chega,
Gothorm, da vingança lobo,
a grandes passadas caminha.
A espada pálida salta,
apanha-o a dormir,
trespassando-o até o travesseiro,
transido de angústia.

59 De um salto, cede o lobo,
cego de pavor
dos olhos de ânsia
que se abrem diante dele.
Gram pegando,
jogando-a, o outro
a lança ao longe
no lobo que foge.

60 À porta despenca,
tropeça e berra;
lá a treva o toma,
partido em dois.
A cabeça vai tombando,
abaixo vão os pés;
o sangue ressalta
no solo do quarto.

61 Abraçada ao seu
adormeceu naquela noite,
mas gritos e angústia
a Gudrún despertam,
que em feio fluxo de sangue
afoga sua felicidade,
no fluxo feio de sangue
do mais forte senhor.

62 O peito despido e branco
com impacto tal golpeia
que Sigurd assoma
do travesseiro encharcado:

Sigurd “Esposa minha, não lamente
o mal que foi predito!
Deves pouco culpar
o par de irmãos que tens!

63 Brynhild abarca a culpa:
bem me queria ela,
mal me tramou ela,
mal me causou ela.
Não intriguei contra Gunnar
nem o paguei com maus feitos;
juramentos muitos lhe fiz
pra confirmá-los a todos!”

64 Ao solo Sigurd cai morto;
impulsiva, Gudrún
grita em angústia,
agarra-o, chama-o em vão.
Batem espadas às portas,
despertam e estremeçam os homens;
grasnam os gansos,
gritam no verde pasto.

65 Logo à larga ri-se Brynhild
no leito escutando
com cor inteiro –
a casa estremece –
a grave angústia
de Gudrún ouvindo.
Com grão augúrio
Gunnar responde:

Gunnar 66 “Tu ris com risco
para o arroubo da alma,

ó tu de torpe coração!
O transtorno te domina.
Teu olhar é lívido,
geladas tuas faces;
gelados teus falares
e malévolo teu conselho.”

Brynhild 67 “Abjuro os Niflungs,
perjuros cruéis.
Juramentos magnos fez Sigurd,
tomou-os todos a sério.
Vós todos ides encontrar
fortuna daninha,
mas dos homens a honra toda
é ele quem sempre terá.

68 Laços comuns aos irmãos
e mistos com sangue
com horrenda morte honrastes;
ele jurou e cumpriu.
Espada ali posta
separa-nos nua,
Gram apartando-nos austero,
todo reluzente.

69 Não mais vou a vida
viver contigo;
o amor me tomaste,
pois mentes nas juras.
De ti me retiro
suportando a vergonha,
na fê e na fama
não confio mais no mundo.”

70 Colhendo-a em amplexo,
implora com angústia
que reveja seu voto
e se volte à esperança.
Ela repele não poucos
que lhe empatam o caminho,
e só arde de ânsia
pela viagem derradeira.

71 (Só um, Högni,
a ela não detém.)
“Não reajo, não eu,
à viagem derradeira,
ela que saia para o sítio
de não renascer jamais.
Dum ventre envolto em mal
ela veio até aqui
para mal dos humanos
e mágoa para nós.”
Högni



72 Malha de ouro tomando,
armada de cota luzente,
alto elmo à testa,
toma ela a espada à mão.
Sobre a lâmina se lança,
abalada e ferida:
o brilho de Brynhild
se abate assim.

Brynhild 73 “Imploro que me prestes,
me prestes isto no fim!
Empilha uma pira bem alta
posta na planície,
cercando-a de escudos
e caros tecidos de cor,
e sangue em cima lhe verte,
reluzente, derramado para nós!

74 Um falcão em cada das mãos,
um cão junto aos pés,
com atavios, mas sem vida,
os cavalos nossos lá põe.

Coloca-me ao lado dele,
a brilhante espada no meio,
nua, desembainhada,
como na noite de antanho.

- 75 Queima o corpo de Brynhild
para descanso na fogueira
da que nas chamas achou
sua paixão cruel.
Em chamas vais despachar
aquele que achei mais belo,
para descer qual sol poente
o que nasceu como o sol!"

- 76 O lume já se eleva,
em volutas sobe a fumaça,
uma pira que crepita
de pranto envolta.
Assim Sigurd se vai,
nascido de Völsung,
queima-se o corpo de Brynhild:
cala-se o riso.



- 77 Na trilha da treva, com elmo
à testa corre a rainha,
não renascer é sua sina
nas sombras daquelas paragens.
Na elevada Valhöllu
Völsungs banquetei-am:
"Filho do filho,
bem-vindo, semente de Ódin!"

- 78 Assim chega Sigurd de pronto,
trazendo a espada
à redoma de Valhöll,
saudando a Ódin.
Longo tempo ali banquetei-a
não se apartando do pai,
ávido por armas e Guerra,
alto eleito da Terra.

- 79 Quando o toque da trompa
se escutar de Heimdall
e a Ponte que Resplende em Chamas
pende sob os cavaleiros,
seu braço Brynhild proverá
de bela espada e cinto,
a que lhe traz uma taça
de altiva glória repleta.

- 80 No dia fadado
ele, indômito, sobreviverá,
que a morte experimenta
mas não morre jamais,
o que mata a má serpente,
semente de Ódin:
nem tudo é abatido
nem a Terra perecerá.

- 81 Há de usar o Elmo,
astro-raio na mão,
a alma que arde,
e alva a face.
Ao término da batalha
reconstrói-se o mundo;
os que tragaram o amargor
com gáudio hão de beber.

- 82 Assim vai-se Sigurd,
nascido de Völsung,
herói poderoso,
esperança de Ódin.
Mas a angústia de Guðrún
é grande enquanto houver mundo,
até o findar dos dias
todos dela hão de ouvir.



COMENTÁRIO
sobre
VÖLSUNGAKVIÐA EN NÝJA



COMENTÁRIO

sobre

VÖLSUNGAKVIÐA EN NÝJA

O subtítulo “Sigurðarkviða en mesta” significa “A mais longa balada de Sigurd”: vide [comentário a “DEILD \(Contenda\)”](#).

Por todo o comentário, o poema “Völsungakviða en nýja” é referido como a “Balada” ou ocasionalmente a “Balada dos Völsungs”, e a “Völsunga saga” como a “Saga”. O nome *Edda* sempre se refere à *Edda antiga* ou *Edda poética*; a obra de Snorri Sturluson é chamada de *Edda em prosa*.

As nove seções do poema que se seguem a “Upphaf” são referidas com algarismos romanos e as estrofes, com algarismos arábicos: assim, “VII.6” se refere à estrofe 6 da seção “Gudrún”. As notas estão relacionadas com as estrofes, não com os versos, e uma nota geral sobre a seção precede as notas sobre estrofes individuais.

UPPHAF

Este prelúdio à Balada dos Völsungs ecoa e reflete o mais famoso poema da *Edda*, a “Völuspá”, em que a Völva, a sábia ou sibila, relata a origem do mundo, a era dos Deuses jovens e a guerra primeva, profetiza o Ragnarök, o Fado dos Deuses, e depois dele a renovação da Terra, que se ergue outra vez das águas profundas (vide a terceira parte do poema de meu pai “A profecia da sibila”, dado no Apêndice B ao final deste livro).

Mas as imagens da “Völuspá” estão aqui ordenadas em um tema inteiramente original: pois a sibila declara (estrofes 13-15) que o destino do mundo e o resultado da Última Batalha dependerão da presença de “um indômito [...] que a morte experimenta mas não morre jamais”; e esse é

Sigurd, “o que mata a má serpente, semente de Ódin”, que é o “eleito da Terra” por quem os guerreiros em cota de malha esperam em Valhöll (estrofe 20). Como é explicitado na nota interpretativa (iv) de meu pai, dada na “Introdução” em *Notas do autor sobre os poemas*, a esperança de Ódin é que Sigurd, no Último Dia, se torne o matador da maior serpente de todas, *Miðgarðsormr* (vide nota à estrofe 12 a seguir) e que através de Sigurd “seja tornado possível um novo mundo”.

“Esse motivo da função especial de Sigurd é uma invenção do presente poeta”, observou meu pai no mesmo breve texto. Parece-me pelo menos extremamente provável uma associação com sua própria mitologia, na medida em que Túrin Turambar, matador do grande dragão Glaurung, também estava reservado para um destino especial, pois na Última Batalha ele próprio iria abater Morgoth, o Senhor do Escuro, com sua espada negra. Esse conceito misterioso surgiu no antigo “Conto de Turambar” (1919 ou antes) e ressurgiu como profecia nos textos de *O Silmarillion* da década de 1930: assim, no “Quenta Noldorinwa”, “há de ser a espada negra de Túrin conferindo a Melko [Morgoth] sua morte e destino final; e assim hão de ser vingados os filhos de Húrin e todos os homens”. Muito notavelmente, uma forma desse conceito encontra-se em um breve ensaio de meu pai que data do fim de sua vida, em que escreveu que Andreth, a Sábia da Casa de Bëor, profetizou que “na Última Batalha Túrin haveria de retornar dos Mortos e antes de deixar para sempre os Círculos do Mundo haveria de desafiar o Grande Dragão de Morgoth, Ancalagon, o Negro, e desferir-lhe o golpe de morte”. A extraordinária transformação de Túrin também é vista em um registro dos “Anais de Aman”, em que se diz que a grande constelação de Menelmakar, o Espadachim do Céu (Órion), “era um sinal de Túrin Turambar, que haveria de vir ao mundo, e um presságio da Última Batalha que há de vir ao final dos Dias”¹.

Além disso, na ausência (até onde sei) de qualquer outro escrito de meu pai que verse sobre seu enigmático conceito de Sigurd, creio que a especulação sobre seu significado maior sairia dos limites editoriais que me impus neste livro.

O Ódin de meu pai de fato mantém seu antigo caráter, reunindo seus “eleitos” em Valhöll para serem seus paladinos em Ragnarök, e na Balada dos Völsungs ele surge contra Sigmund, pai de Sigurd, e o desarma em seu último combate de modo que é morto (IV.8-11). Na lenda nórdica está expressa uma crença de que Ódin, desleal, ambíguo e sinistro, desejoso de

contenda entre parentes, voltando-se por fim contra seus favoritos e abatendo aqueles a quem favoreceu, tem motivos para sua conduta: ele precisa dos seus, precisa dos favoritos contra o dia de Ragnarök (vide nota a IX.77-78).

Mas, no extraordinário complexo de ideias que cercam Ódin na antiguidade setentrional – sugerindo camadas sobre camadas de crença e simbolismo cambiantes – entrevê-se na obra de meu pai um Deus que pouco reteve da divindade sutil, sinistra e enigmática dos antigos escritos: o deus da guerra, senhor das valquírias; excitador da loucura; o iniciado, senhor da força, autossacrificado, mestre da magia obscena, inspiração da poesia; o cambiador de forma, o velho caolho, o amigo desleal, e no Último Dia a vítima do Lobo. “Pesado de siso, sábio, previdente” (“Upphaf” 18), e visto por meu pai, referindo-se a seu próprio poema e ao seu tratamento da antiga lenda, como um símbolo da prudência e sabedoria ao lado da malevolência e loucura de Loki. Ódin mais se parece com o Manwë de sua própria mitologia, e ele chama a ambos de “Senhores dos Deuses e dos Homens”.

- 1 Sobre esta estrofe vide “Introdução” em *Notas do autor sobre os poemas*. Ela ecoa a terceira estrofe da “Völuspá”, e citando o poema nórdico em uma conferência meu pai o acompanhou desta primeira estrofe de “Upphaf”, com algumas diferenças: “ondas estremecendo”, “céu não erguido”.
- 11 Na *Edda em prosa* Snorri conta que Heimdal (*Heimdallr*) era o guardião ou sentinela dos Deuses (*Æsir*), que habitava ao lado de Bifröst (“a trilha trêmula”), a ponte de arco-íris entre Ásgard, o reino dos *Æsir*, e Midgard, o mundo dos Homens (vide nota a 12), que ele guarda contra os gigantes de rocha; mas em Ragnarök (o fado dos Deuses) Bifröst será atravessada pelas hostes que virão da terra ferosa de Múspell e se romperá debaixo delas. A parte vermelha do arco é fogo ardente. A trompa de Heimdal é a Gjallarhorn, cujo toque é ouvido por todos os mundos, e ele a tocará em Ragnarök.
O Freixo é Yggdrasill, a Árvore do Mundo, cujos ramos se estendiam sobre a terra e o céu. O Lobo é Fenrir (cujo nome se

menção na estrofe 13), que os Deuses acorrentaram; mas em Ragnarök Fenrir romperá suas cadeias e devorará Ódin.

- 12 Surt (*Surtr*): o grande demônio de fogo, que em Ragnarök sairá de Múspell, a terra do fogo, contra os Deuses.

A “Serpente dormecendo” é *Miðgarðsormr*, a Serpente de Midgard, que jazia enrolada através de todos os mares que circundavam Midgard, o mundo dos Homens. O nome nórdico *Miðgarðr* corresponde ao antigo inglês *Middan-geard*, *Middan-eard*, que são a base da forma posterior *Middle-earth*^{*}.

A “nau de negra sombra” é Naglfar, feita de unhas de homens mortos.

- 13 Frey (*Freyr*): o principal deus da fertilidade, da paz e da abundância na Noruega e na Suécia; Freyja (estrofe 17) era sua irmã.
O “grande Dragão” é a Serpente de Midgard: vide nota à estrofe 12.

I ANDVARA-GULL (O OURO DE ANDVARI)

Para a história do §1 da Balada dos Völsungs as fontes são o poema eddaico conhecido como “Reginismál”, a Balada de Regin, que na verdade é menos um poema do que fragmentos de antigos versos juntados com prosa; um trecho da versão de Snorri Sturluson da lenda dos Völsungs na *Edda em prosa*; e a “Völsunga saga”. Os poucos versos de “Reginismál” que dizem respeito a esta parte da narrativa (diálogo entre Loki e Andvari e entre Loki e Hreidmar depois que o ouro foi pago) são, aqui e ali, modelos para a balada, mas apenas os versos 5-6 da estrofe 8 são uma tradução (*Andvari ek heiti, Óinn hét minn faðir*).

À parte isso, “Andvara-gull” na balada é um novo poema. É muito alusivo, e o é deliberadamente, e dou aqui em forma abreviada o decurso da história como se conhece das narrativas em prosa: na maior parte as duas versões pouco diferem.

Conta-se que três dos Æsir – Ódin, Hœnir e Loki – saíram para o mundo, e chegaram a uma cachoeira conhecida como Cascata de Andvari,

sendo Andvari o nome de um anão que ali pescava em forma de lúcio (Snorri nada diz sobre Andvari neste ponto). Naquele lugar havia uma lontra que apanhara um salmão e o estava comendo na margem do rio; mas Loki lançou uma pedra na lontra e a matou. Então os Æsir apanharam o salmão e a lontra e seguiram caminho até chegar à casa de um certo Hreidmar. Snorri o descreve como camponês, homem de posses, muito hábil em magia; na saga ele é simplesmente um homem importante e rico; mas na nota de cabeçalho desta seção da balada ele é um “demônio”.

Os Æsir pediram a Hreidmar abrigo por aquela noite, dizendo que tinham bastante comida consigo, e mostraram a Hreidmar sua presa; mas a lontra era Otr, filho de Hreidmar, que tomava forma de lontra quando pescava (o nome Otr e a palavra nórdica *otr*, “lontra”, é claro, são o mesmo vocábulo). Então Hreidmar chamou os outros filhos, Fáfnir e Regin, e estes agarraram os Æsir e os amarraram, exigindo que se resgatassem enchendo a pele de lontra com ouro, e também recobrindo-a de ouro por fora de modo que nenhuma parte ficasse visível.

Aqui se separam as versões em prosa. De acordo com Snorri (que não mencionara Andvari antes), Ódin agora mandou Loki a Svartálfaheim, a Terra dos Elfos Escuros; foi lá que ele encontrou o anão Andvari, que era “como um peixe n’água”, e Loki o tomou nas mãos. Na saga, por outro lado, a missão de Loki era buscar Rán, a esposa de Ægir, deus do mar, e obter dela a rede com que ela puxava para baixo os homens que se afogavam no mar; e com essa rede ele capturou o anão Andvari, que pescava na cachoeira em forma de lúcio. Essa é a história que meu pai seguiu (estrofe 7).

Andvari resgatou-se com seu tesouro dourado, tentando reter um único anelzinho de ouro; mas Loki o viu e o tomou dele (estrofe 9). Apenas no relato de Snorri Andvari implorou para ficar com o anel, pois com ele poderia multiplicar sua própria riqueza, mas Loki disse que não lhe deveria restar um tostão.

Andvari declarou que o anel seria a morte de qualquer um que o possuísse ou alguma parte do ouro. De acordo com Snorri, “Loki disse que isso lhe parecia muito bem e que essa condição haveria de valer, contanto que ele próprio a declarasse aos ouvidos daqueles que haveriam de receber o anel”. Então Loki retornou à casa de Hreidmar, e quando Ódin viu o anel ele o desejou e o tirou do tesouro. A pele de lontra foi preenchida e recoberta com o ouro de Andvari, mas Hreidmar, olhando-a muito de perto,

viu um fio de bigode e exigiu que eles o cobrissem também. Então Ódin tirou o anel de Andvari (*Andvaranaut*, a posse de Andvari) e cobriu o fio. Mas quando Ódin havia apanhado sua lança e Loki seus sapatos, e não tinham mais motivo para temor, Loki declarou que a maldição de Andvari haveria de se cumprir. E agora está contado (conclui Snorri) por que o ouro é chamado de “resgate da Lontra” (*otrgrjöld*) ou “pagamento forçado dos Æsir” (*nauðgjald ásanna*): vide [“Introdução” em A Edda em prosa, de Snorri Sturluson](#).

Uma diferença importante entre as duas versões em prosa é que Snorri começou seu relato da lenda dos Völsungs com “O ouro de Andvari”, enquanto que na saga essa história é introduzida muito mais tarde, tornando-se um relato contado por Regin (filho de Hreidmar) a Sigurd antes que este ataque o dragão. Mas, apesar de meu pai seguir Snorri nesse ponto, ele ainda assim seguiu a saga ao mostrar um novo relato sobre “O ouro de Andvari”, contado por Regin a Sigurd na quinta seção do poema, com alguns versos repetidos da sua primeira ocorrência (vide V.7-11).

- 1 De todas as divindades setentrionais *Loki* é a mais enigmática; a antiga literatura nórdica está repleta de referências a ele e histórias a seu respeito, e não é possível caracterizá-lo em breve espaço. Mas, visto que Loki somente aparece aqui nestes poemas e nas palavras de meu pai acerca dele que são dadas na [“Introdução” em Notas do autor sobre os poemas](#), parece ao mesmo tempo adequado e suficiente citar a descrição por Snorri Sturluson na *Edda em prosa*:

Também contado entre os Æsir é Loki, que alguns chamam de promotor de desordens dos Æsir, o primeiro pai das mentiras e a mácula de todos os deuses e homens. Loki é vistoso e belo de rosto, mas de disposição maligna e conduta volúvel. Supera todos os demais naquela esperteza que se chama de astúcia e tem manhas para todas as circunstâncias. Muitas e muitas vezes causou grandes transtornos aos deuses, mas frequentemente os tirou de transtornos graças aos seus logros.

Nessa estrofe ele é chamado de “Loki leve de pés”, e na versão de Snorri da história do ouro de Andvari está dito, como já se observou, que após o pagamento do resgate a Hreidmar Ódin apanhou sua lança “e Loki seus sapatos”. Em outro lugar Snorri escreveu sobre “esses sapatos com os quais Loki corria pelo ar e sobre a água”.

Do deus Hœnir nada mais se dizia na balada do que isto: que enquanto Loki ia à esquerda de Ódin Hœnir ia à direita. Na interpretação de meu pai, um tanto misteriosa, que são dadas na “Introdução” em Notas do autor sobre os poemas (iv), ele chama o companheiro de Ódin que caminha à sua direita de “sombra sem nome”, mas certamente esse deve ser Hœnir, ou ao menos alguém derivado dele. No entanto, se não há fim do que se conta sobre Loki nas narrativas mitológicas nórdicas, bem pouco pode-se agora dizer de Hœnir; e no meu entender nada há nos vestígios remanescentes que lance luz sobre a “sombra sem nome” que caminha ao lado de Ódin.

6 Ásgard é o reino dos Deuses (Æsir).

7 Rán: a esposa do deus do mar Ægir.

13-15 Nessas estrofes finais é claro que as referências à esperança de Ódin e à escolha de Ódin não têm contrapartida nos textos nórdicos.

II SIGNÝ

Essa é uma reprodução em versos de elementos da narrativa dos capítulos anteriores da “Völsunga saga”. Não existe nenhum poema antigo que relate ou se refira a essa história, exceto por uma única meia-estrofe (vide a nota às estrofes 37-39), mas essa seção da Balada dos Völsungs pode ser vista como uma imaginação a esse respeito. É uma seleção de momentos de força dramática, e muitos elementos da saga em prosa são omitidos; em especial são eliminadas as características mais selvagens da história (vide notas às estrofes 30-32, 37-39).

Os *Gauts* da nota de cabeçalho desta seção são os Gautar do nórdico antigo, que habitam Gautland, uma região do que é agora o sul da Suécia, ao sul dos grandes lagos. O nome *Gautar* é historicamente idêntico ao antigo inglês *Geatas*, que eram o povo de Beowulf.

1-2 Essas duas estrofes são uma redução extrema dos capítulos iniciais da saga que falam de modo prosaico dos antepassados imediatos de

Völsung; obviamente meu pai achou que isso era inadequado aos seus propósitos.

- 2 “De longo anseio filho”: a esposa de Rerir foi infértil por longo tempo.
- 4 Na saga a árvore em meio ao salão do rei Völsung é chamada de *Barnstock*, e diz-se que era uma macieira.
- 7 “Aves cantam álacles”: as aves estavam sentadas nos ramos da grande árvore que sustentava o salão; outra vez na estrofe 11, e vide III.2.
- 10 O rei Siggeir e muitos outros hóspedes foram ao banquete de casamento que se realizou no salão do rei Völsung.
- 12-13 Na saga o velho é descrito em termos que deixam claro tratar-se de Ódin, mas não se diz o seu nome. Aqui na balada ele é *Grímnir* “o Mascarado”, um nome de Ódin que não aparece em nenhum lugar da saga, mas deriva do poema eddaico “*Grímnismál*”.
O “caule” em 13 verso 3 é o tronco do *Barnstock*, no qual Ódin enfiou a espada.
- 14 “Gaut e Völsung”: os filhos e a estirpe de Völsung são muitas vezes chamados de *Völsungar*, *Völsungs*, como no nome da saga e na nota de cabeçalho desta seção.
- 16 Esse foi o começo do ódio e o motivo para o ataque de Siggeir contra Völsung e seus filhos quando eles foram a Gautland como seus convidados (21-23); Siggeir enfureceu-se com a resposta de Sigmund, mas (nas palavras da saga) “ele era um homem muito astuto e comportou-se como se estivesse indiferente”.
- 17-22 É contado na Saga que, no dia seguinte à noite do banquete de casamento (“à noitinha deitei-me/ e relutava lá estar”, 19), Siggeir partiu muito abruptamente e voltou com Signý a Gautland, tendo convidado Völsung e seus filhos a irem a Gautland a seu convite três

meses mais tarde (21). Signý encontrou-se com eles quando chegaram à terra, para avisá-los do que Siggeir lhes preparara (22), mas (de acordo com a saga) Völsung não escutou a súplica de Signý para que voltassem imediatamente à sua própria terra nem o seu pedido para que fosse permitido a ela ficar com sua própria gente e não voltar para Siggeir.

20 “Átrio”: aqui, o pátio da propriedade.

29 Na saga, os filhos de Völsung foram presos a cepos na floresta para esperarem a velha loba que vinha todas as noites. Signý, no décimo dia, enviou sua criada de confiança até Sigmund, o único sobrevivente, para lhe lambuzar o rosto com mel e pôr um pouco em sua boca. Quando a loba veio, lambeu-lhe o rosto e enfiou a língua em sua boca; nisso ele a mordeu. Então a loba recuou com violência, apoiando as patas no cepo que prendia Sigmund, de forma a parti-lo; mas ele se agarrou à língua da loba de forma que fosse arrancada pela raiz, e ela morreu. “Alguns homens dizem”, de acordo com a saga, “que a loba era a mãe do rei Siggeir, que se transformara nessa forma por feitiço”.

Enquanto na saga os cepos são um elemento importante da história nesse ponto, na balada não há insinuação de cepos, mas apenas de grilhões e correntes; a loba está “sem língua”, mas “não longe da árvore”. Vide a nota às estrofes 30-32.

30-32 Esse trecho é muitíssimo condensado, e são omitidos elementos da saga essenciais à narrativa. Assim, na saga Signý encontrou Sigmund na floresta, e fica explícito que decidiram que ele construiria uma habitação subterrânea onde Signý trataria de abastecê-lo. Na saga não há nada que explique as palavras de Signý na balada: “Abre, amo anão, abre as portas!”. No trecho em prosa que abre essa seção, está dito que Sigmund “viveu em uma caverna disfarçado de ferreiro anão”.

Nessa conexão é curioso, talvez apenas isso, observar que no poema de William Morris “The story of Sigurd the Völsung”^{*} a moradia de Sigmund é explicitamente “uma caverna rochosa” que foi outrora “uma casa dos anões”. Também está dito nesse poema (vide a nota à

estrofe 29) que por ordem de Siggeir os homens que conduziram os filhos de Völsung para a floresta derrubaram o maior carvalho que conseguiram encontrar e os amarraram nele “com elos de ferro”; e quando a loba veio em busca de Sigmund ele “rompeu seus elos” e a matou com as mãos.

Signý teve dois filhos com Siggeir, e quando o mais velho tinha dez anos ela o mandou até Sigmund, na floresta, para auxiliá-lo caso tentasse vingar Völsung; mas o menino, quando Sigmund o mandou fazer pão enquanto ele saía em busca de lenha, teve medo de tocar o saco de farinha porque havia algo vivo lá dentro. Quando Sigmund contou isso a Signý, ela lhe disse que matasse o menino, pois este não tinha coração; e Sigmund assim o fez. No ano seguinte Signý mandou o segundo filho ter com Sigmund na floresta, e as coisas aconteceram do mesmo modo.

Depois disso Signý trocou de forma com uma feiticeira, e a feiticeira dormiu com Siggeir por três noites em forma de Signý, enquanto Signý dormia com o irmão. O filho que lhes nasceu foi chamado de Sinfjötli.

33 Sobre os versos 5-6 desta estrofe, vide a nota a 35-36.

“Palha”: casca flexível, usada para fazer cestas e para amarrar.

33-34 Na saga, Sigmund sujeitou Sinfjötli ao mesmo teste que os filhos de Siggeir, e quando voltou à casa subterrânea Sinfjötli havia assado o pão, mas disse que pensara que havia algo vivo na farinha quando começara a amassá-la. Sigmund riu e disse que Sinfjötli não devia comer o pão que assara, “pois misturaste nele uma grande cobra venenosa”. Não há menção na saga de Sinfjötli sobre a espada de Sigmund (vide nota a 37-39).

35-36 Na saga, um longo trecho é dedicado às ferozes façanhas de Sigmund e Sinfjötli na floresta, onde se tornam lobisomens; e é um ponto importante Sigmund pensar que Sinfjötli fosse filho de Signý e Siggeir (cf. 33 “belo rapaz, teu pai/ pouco te deu do seu rosto”), possuindo a energia e o arrojo dos Völsungs, mas o coração mau do pai.

37-39 Na saga, Sigmund e Sinfjötli entraram no palácio de Siggeir e se esconderam atrás de barris de cerveja no recinto externo; mas os dois filhos pequenos de Siggeir e Signý brincavam com brinquedos de ouro, rolando-os pelo chão do palácio e correndo ao seu lado, e um anel de ouro rolou para o recinto onde Sigmund e Sinfjötli estavam sentados. Um dos meninos, perseguindo o anel, “viu onde estavam sentados dois homens altos e severos, com elmos salientes e brilhantes cotas de malha” e correu de volta para contar ao pai.

Signý, ouvindo isso, levou as crianças para o recinto externo e instou para que Sigmund e Sinfjötli as matassem, já que haviam revelado seu esconderijo. Sigmund disse que não mataria os filhos dela mesmo que o tivessem delatado, mas o terrível Sinfjötli fez pouco caso disso, matou ambos os meninos e lançou seus corpos no palácio. Quando Sigmund e Sinfjötli foram finalmente capturados, Siggeir mandou erigir um grande morro tumular de pedras e turfa; e no meio do morro foi posta uma enorme laje de pedra, de forma que, quando foram sepultados ali, ficaram separados e não puderam passar pela laje, mas podiam ouvir um ao outro. Mas antes que o morro fosse coberto Signý jogou para Sinfjötli um fardo de palha no qual havia carne. Na escuridão do morro Sinfjötli descobriu que a espada de Sigmund estava enfiada na carne, e com a espada puderam serrar a laje de pedra.

Eu disse que não havia poesia antiga tratando desta história exceto por uma meia-estrofe, e esses versos são citados pelo autor da saga neste ponto:

ristu af magni
mikla hellu,
Sigmundr, hjörvi,
ok Sinfjötli.

“Cortaram com força a grande laje, Sigmund e Sinfjötli, com a espada.”

Quando saíram do morro era noite, e todos dormiam; e, tendo trazido madeira, incendiaram o palácio.

40-41 Foi neste ponto, quando Sigmund pediu a Signý que saísse, que ela revelou na saga a verdade sobre Sinfjötli – isso está sem dúvida implícito na estrofe 41 da balada, “filho Sinfjötli, e Sigmund, teu pai!”. Em suas últimas palavras, de acordo com a saga, antes de voltar ao fogo, ela declarou que trabalhara tão vigorosamente para obter a vingança de Völsung que agora lhe era impossível continuar vivendo.

III DAUÐI SINPJÖTLA (A MORTE DE SINFJÖTLI)

Agora intervém na saga, após as mortes de Signý e Siggeir, a história de Helgi Hundingsbani, uma figura originalmente independente que foi ligada à lenda dos Völsungs, tendo sido feito filho de Sigmund e Borghild (a quem esta seção da balada só se refere como “a Rainha”). Nisso a saga segue as “baladas de Helgi” da *Edda*; mas meu pai, em seu poema, eliminou essa adição por completo, e Helgi não é mencionado.

As fontes dessa seção da balada são a saga e um breve trecho em prosa, na *Edda*, intitulado “Frá dauða Sinfjötla” (Da morte de Sinfjötli): o compilador do *Codex Regius* da *Edda* evidentemente o escreveu, na ausência de quaisquer versos, com o fim de concluir as histórias de Sigmund e Sinfjötli. Não há diferenças importantes entre a balada e as antigas narrativas.

- 1-2 Na saga, Sigmund, retornando à própria terra, expulsou um usurpador que ali se estabelecera.
- 3 “Graça dada por Grímnir”: vide II.12-13 e nota.
- 4 Em “Frá dauða Sinfjötla” e na saga a rainha de Sigmund se chama Borghild; na balada ela não tem nome (talvez porque meu pai considerasse que o nome Borghild não é original da lenda, mas entra com a conexão de Helgi). Nas fontes não está dito que ela foi feita prisioneira de guerra.

- 6 Em ambas as fontes Sinfjötli matou o irmão de Borghild, não o pai dela; eram pretendentes da mesma mulher. Na saga está dito que Borghild desejava que Sinfjötli fosse expulso da terra, e apesar de Sigmund não permitir isso ele lhe ofereceu, como reparação, grandes riquezas; foi no banquete funeral do irmão dela que Sinfjötli foi assassinado.
- 7 Está dito na saga, à época do incidente da assadura do pão, quando Sinfjötli misturou na massa uma cobra venenosa (vide nota a II.33-34), que Sigmund não podia sofrer dano por veneno interno nem externo, enquanto Sinfjötli só era capaz de resistir a veneno externo; o mesmo está dito em “Frá dauða Sinfjötla” e na *Edda em prosa*.
- 9-10 Em ambas as fontes Sigmund disse a Sinfjötli, quando Borghild lhe ofereceu bebida pela terceira vez: *Láttu grön sía, sonr* (“Peneire-a pela barba, meu filho”). Sigmund estava muito bêbado àquela altura, diz a saga, “e foi por isso que ele o disse”.
- 12 O barqueiro era Ódin (os versos que o descrevem aqui são repetidos de forma variada em IV.8). Isso não está dito nas antigas fontes. Nesses textos o barqueiro se ofereceu para atravessar Sigmund pelo fiorde, mas o barco era pequeno demais para comportar Sigmund e o corpo de Sinfjötli, de forma que o corpo foi levado primeiro. Sigmund caminhou ao longo do fiorde, mas o barco desapareceu. A saga conta que Borghild foi banida e morreu pouco tempo depois.
- 13 Em *Valhöllu*: a inflexão dativa nórdica é mantida em inglês por motivos métricos.

IV FÆDDR SIGURÐR (N_{ASCE} S_{IGURD})

Após a expulsão de Borghild, Sigmund tomou outra esposa muito mais jovem do que ele (IV.2), e ela foi a mãe de Sigurd. Na saga e em “Frá dauða

Sinfjötla” seu nome era Hjördis, filha do rei Eylimi, enquanto na balada ela é Sigrlinn. Essa diferença depende do ponto de vista de ter ocorrido uma transferência de nomes: originalmente, nas lendas nórdicas, Hjördis era mãe de Helgi (vide a nota a III), enquanto Sigrlinn era esposa de Sigmund e mãe de Sigurd. Após essa transferência, Sigrlinn tornou-se mãe de Helgi (e dessa forma aparece no poema eddaico “Helgakviða Hjörvarðssonar”, a balada de Helgi, filho de Hjörvarð) e Hjördis tornou-se mãe de Sigurd. No poema alemão “Nibelungenlied”, escrito por volta do início do século XIII, Sieglind (Sigrlinn) era a rainha do rei Siegmund, mãe de Siegfried (Sigurd).

Nesta seção da balada a narrativa foi alterada e reduzida em relação à saga (à qual nenhuma poesia corresponde na *Edda*). Na saga, o rei Lyngvi era rival de Sigmund pela mão de Hjördis, mas ela o rejeitou; e foi Lyngvi, não os sete pretendentes, “filhos de reis” na balada (estrofes 3 e 5), quem veio com grande violência atacar Sigmund em sua própria terra.

Hjördis, acompanhada apenas de uma serva, foi mandada à floresta e lá permaneceu durante a feroz batalha. Na saga, assim como na balada (estrofes 8-9), Ódin apareceu e a espada de Sigmund (“gume de Grímnir”, 5) rompeu-se de encontro à lança erguida do deus, e ele foi morto (sobre o significado da intervenção de Ódin vide a nota à seção “Upphaf”).

Assim como na balada, na saga Hjördis (Sigrlinn) encontrou Sigmund onde ele jazia no campo de batalha, mortalmente ferido, e ele lhe falou que não havia esperança de cura e que ele não a desejava, visto que Ódin o reivindicara (estrofe 11); ele falou também de Sigurd, seu filho por nascer, e disse a ela que guardasse os fragmentos da espada, que haveria de ser refeita.

Imediatamente após a morte de Sigmund chegou mais uma frota à costa, comandada, segundo diz a saga, por Alf, filho do rei Hjálprek da Dinamarca (estrofe 14 da balada, em que os recém-chegados não são nomeados). Vendo isso, Hjördis ordenou que a serva trocasse de roupas com ela e declarasse ser a filha do rei. Quando Alf retornou com as mulheres, ainda disfarçadas, ao seu próprio país, a verdade do subterfúgio emergiu. Alf prometeu desposar Hjördis depois que seu filho nascesse, e assim aconteceu que Sigurd foi criado no lar do rei Hjálprek. Na balada a curiosa história do disfarce de Sigrlinn (Hjördis) está reduzida às palavras “Do falecido Sigmund/ como serva vai a viúva/ pelos mares que murmuram/ em caminho de pesar”.

- 11 “Vã esperança”: desespero.
- 13 Na saga Sigmund chamou a espada que seria refeita dos fragmentos de *Gramr*; isso aparece na próxima seção da balada, V.18.

V REGIN

As fontes da história nesta seção da balada são não somente a “*Völsunga saga*”, mas também poemas da *Edda* em que a saga se baseou: a conclusão de “*Reginsmál*” (vide a nota à seção I, p. 188) e “*Fáfnismál*”; a história também é contada brevemente por Snorri Sturluson na *Edda em prosa*, e através dela ele explica por que o “ouro” é chamado em poesia de “morada de Fáfnir” e “carga de Grani”.

Há pouca coisa, em termos estritamente narrativos, nesta parte da balada que não se encontre nessas fontes, e em alguns lugares (notavelmente no diálogo entre Sigurd e Regin após a morte de Fáfnir) é seguida a tendência dos versos de “*Fáfnismál*”; mas só aqui e ali eles correspondem com alguma aproximação.

A lenda do “ouro de Andvari”, como é contada na seção I da balada, não se estende para além da partida dos *Æsir* da casa de Hreidmar após o pagamento do resgate de seu filho Otr. Na nota a essa seção, observei que Snorri Sturluson, em sua versão da lenda dos *Völsungs*, começou com o “ouro de Andvari”, enquanto na saga ele só é apresentado muito mais tarde, e entra como uma história contada pelo próprio Regin, filho de Hreidmar, a Sigurd antes do ataque deste contra o dragão. Nesta seção da balada alcançamos esse ponto.

Após contar que Sigurd cresceu na casa do rei Hjalprek, a saga nada mais diz além de que Regin se tornou seu pai de criação e que ensinou a Sigurd muitas façanhas, incluindo conhecimento das runas e de muitas línguas (vide estrofe 2). Snorri, por outro lado, continua a história de Hreidmar e do ouro de Andvari além do ponto em que meu pai a abandonou ao fim da seção I da balada.

“Que mais há para se dizer do ouro?”, escreveu Snorri e então contou esta história. Hreidmar tomou o ouro, mas seus outros filhos Fáfnir e Regin

reivindicaram para si uma parte do resgate pago pelo irmão. Hreidmar não queria lhes dar nada (“Anéis tinindo, dominando os terei”, I.15); e Fáfnir e Regin mataram o pai. Então Regin exigiu que Fáfnir compartilhasse o tesouro com ele por igual, mas Fáfnir retrucou que havia pouca chance disso, visto que ele matara o pai por causa dele; e disse a Regin que fosse embora, do contrário sofreria a mesma sorte do pai.

Então Fáfnir tomou o elmo que fora de Hreidmar e o pôs sobre a cabeça – o elmo que é chamado de *ægishjálmr*, Elmo do Terror; todas as criaturas vivas o temem. Então Fáfnir, subindo para Gnitahēiði, fez um covil para si, transformou-se em um dragão, e deitou-se sobre o ouro (como Glaurung fez em Nargothrond). Mas Regin fugiu, foi ter com o rei Hjálprek e tornou-se seu ferreiro; Sigurd foi seu filho de criação.

Tendo já contado a história da origem do tesouro, Snorri continuou então com a história das tratativas de Regin com Sigurd e o assassinato de Fáfnir. Dessa história trata esta seção da balada; mas antes de alcançá-la, conforme já observado, meu pai seguiu a saga, introduzindo aqui a história do ouro de Andvari (ou, no caso da balada, reintroduzindo-a) como história contada por Regin em resposta à pergunta de Sigurd por que ele o incitava a matar Fáfnir. Neste segundo aparecimento da história na balada, versos se repetem ou quase se repetem de modo característico (compare I.2-6, 9 com V.7-11), mas os *Æsir* são excluídos, e Loki é substituído por um anônimo “que no mundo se move, de mãos implacáveis” (8). Em V.12-14, no entanto, a história de Regin inclui agora o assassinato de Hreidmar (por Fáfnir – não se menciona que Regin tomou parte nele, nem na saga nem na balada), a contenda entre os filhos e a transformação de Fáfnir em dragão “em Gnitahēiði”.

Um importante elemento da história, como é contada na saga, está inteiramente ausente desta seção da balada. Depois da confecção da espada Gram e da aquisição do cavalo Grani, Sigurd declarou a Regin que não atacaria Fáfnir até ter vingado seu pai; e, partindo com grande hoste e frota fornecidas pelo rei Hjálprek, ele o realizou em sangrenta batalha na qual matou o rei Lyngvi. Mas uma forma da história da vingança de Sigurd aparece na balada em um ponto posterior da narrativa (VII.24-29).

- 14 Gnitahēiði: este nome é *Gnitahēiðr* em nórdico antigo, cujo segundo elemento é o antigo nórdico *heiðr*, “charneca”*, e ele se angliciza de várias formas: “Gnitahēid”, “Gnitahēith” ou “Gnitahēath”. Nos

poemas de meu pai ele aparece diversas vezes, mas sempre na combinação “em Gnitahēið”. Isso pode ser uma retenção do caso dativo ou pode ser um emprego da forma islandesa moderna da palavra, que é *heiði*.

17-18 Foi Sigurd quem quebrou as duas espadas golpeando-as contra uma bigorna; feito isso, de acordo com a saga, ele foi ter com sua mãe e perguntou se era verdade que Sigmund lhe confiara os fragmentos de sua espada, e ela lhe deu. Sobre o nome Gram (*Gramr*) vide a nota a IV.13.

20 Tanto Snorri Sturluson quanto a saga sabem do teste do fio de Gram que Sigurd realizou cortando o tufo de lã quando este flutuou na água na direção do gume da espada; mas apenas na balada o rio é chamado de Reno (*Rín* em nórdico).

22-24 Apenas na saga encontra-se a história de como Sigurd chegou a possuir seu cavalo cinzento Grani (muito frequentemente mencionado nos poemas da Edda). Mais uma vez o velho é Ódin (com a descrição daqui compare II.12, III.12, IV.8).

O nome *Busiltarn* é derivado da saga; a forma nórdica é *Busiltjörn*, que foi a primeira grafada por meu pai no manuscrito da balada, mais tarde corrigido a lápis. A palavra inglesa *tarn*, “pequeno lago”, deriva da palavra nórdica; mas na saga diz-se que o Busiltarn é um rio, assim como claramente na Balada.

Sleipnir era o nome do cavalo de oito patas de Ódin.

25 Gand: o cavalo de Regin não é nomeado em outra parte, mas essa deve ser a palavra nórdica antiga *gandr* (contida em “Gandalf”). Seu significado original ou primário é incerto, mas ela faz referência a bruxaria e magia, tanto de seres quanto de objetos, e em especial ao cajado usado na feitiçaria; também se usa acerca de lobos. A palavra *gandreid* é usada com referência à cavalgada noturna das bruxas.

Em uma conferência sobre o texto de “Fáfnismál” meu pai mencionou a imensa altura do penhasco de onde Fáfnir bebia como

sendo um bom detalhe da Saga ausente do poema, visto que assim Sigurd “teve a primeira noção do que o esperava”.

- 26 “À sua espreita”: isto é, de Sigurd. No preâmbulo em prosa de “Fáfnismál” do *Codex Regius*, assim como na saga e no breve relato de Snorri Sturluson, Sigurd cavou uma fossa na trilha que o dragão tomava quando se arrastava até a água (a “fenda” da estrofe 26, que não se diz que tenha sido feita por Sigurd); na saga um velho (Ódin) veio a Sigurd enquanto ele a escavava e o aconselhou a cavar outras trincheiras para escoar o sangue do dragão. Sobre esse assunto meu pai observou em uma conferência:

Ódin e seu conselho, porém, não parecem muito inteligíveis, e a intrusão de Ódin pode talvez ter sido imitada de outros lugares (por exemplo da escolha de Grani). As diversas fossas não parecem muito úteis, pois em qualquer caso Sigurd tem de estar em *uma*, e é somente naquela onde ele está (imediatamente abaixo da ferida) que o sangue provavelmente jorrará. A versão da saga se deve a repisar Ódin e ao reconhecimento de que o enredo herdado não pintava a matança do dragão por Sigurd (que mais tarde é referida como seu grande título à fama) na melhor luz. Não podia ser alterada em sua maneira, e portanto o dragão e seu caráter peçonhento precisavam ser ampliados; mas isso não é feito com êxito.

Sua opinião era que o significado original da fossa era permitir que Sigurd escapasse da rajada de chama que passou sobre sua cabeça (cf. 27, versos 1-3).

- 30 Em “Fáfnismál”, com repetição na saga, Sigurd retruca em resposta à questão de Fáfnir que ele é chamado de *göfugt dýr*, isto é, “nobre animal”; e uma nota em prosa nesse ponto, no *Codex Regius*, explica que “Sigurd ocultou seu nome, porque em tempos antigos se acreditava que a palavra de um moribundo poderia ter grande poder caso ele maldissesse o inimigo pelo nome”. Meu pai observou que essa nota era “sem dúvida perfeitamente correta para o autor original do poema, cuja plateia provavelmente pertencia aos ‘tempos antigos’ o bastante para não precisar da explicação!”. Disse também que “as misteriosas palavras *göfugt dýr* provavelmente têm a intenção de ser obscuras, até mesmo despropositadas”, apesar de poder ser “uma forma enigmática de dizer ‘homem’”.

33 “pesado”: encantado.

34 As palavras de Sigurd nesta estrofe se referem ao *ægishjálmr*, “Elmo do Terror” que Hreidmar possuía e que Fáfnir tomou para ele próprio usá-lo; vide estrofe 14. Às palavras “vá ele ao inferno!”, Fáfnir morreu.

36-41 Meu pai declarou o “sentido oculto” das “tenebrosas palavras” de Regin em seu preâmbulo desta seção da balada; e em notas para uma conferência (escritas a lápis com grande pressa e agora não inteiramente legíveis) discuti em detalhes o relacionamento neste episódio entre a saga e “Fáfnismál”, buscando determinar não somente como o autor da saga comprimiu e modificou os versos, mas por que ele o fez. Dou aqui, com ligeira edição, uma parte dessa discussão, visto que ela ilustra bem o tratamento crítico que ele faz de tais problemas na *Edda*.

Ele principia com um resumo do diálogo de Regin e Sigurd após a morte de Fáfnir na saga (dou entre colchetes referências às estrofes e aos versos da balada).

Após a morte de Fáfnir Regin foi ter com Sigurd e disse: “Venceste uma grande vitória: tua glória advinda daí será eterna” [35, 1-4]. Então Regin é, ou finge ser, subitamente tomado de inquietação – “olha para o chão por longo tempo” e diz com grande emoção: “foi meu irmão que mataste, e não posso ser considerado inocente disto” [36, 5-8]. Sigurd enxuga a espada na grama e responde simplesmente: “estavas muito longe no momento que testei a espada” (implicando portanto “bastante inocente!”) [37, 1-4].

Regin retruca com o fato de que ele fez a espada [37, 5]; Sigurd retruca com “coração bravo é melhor do que espada afiada em combate” [38, 3-4].

Regin não refuta, mas novamente repete “com grande emoção” quase as palavras exatas: “Mataste meu irmão etc.”. Então Regin cortou o coração do dragão, bebeu seu sangue e pediu a Sigurd como único obséquio (para o qual nenhuma razão é dada) que assasse o coração para ele.

A repetição por Regin das palavras “Mataste meu irmão e dificilmente posso ser considerado inocente” *não* consta de “Fáfnismál”. Servirá a um fim artístico – ou será apenas acidental, devido a alguma confusão na fonte do autor da saga ou à tradição da saga? Provavelmente é intencional e talvez não seja má. O autor da saga construiu um retrato de Regin já tramando a remoção de Sigurd e tentando, por assim dizer, justificar-se consigo mesmo. Desdenhosamente aliviado por Sigurd de qualquer parcela de responsabilidade, ele se contenta com mera repetição – adere ao seu remorso e a seu “Mataste meu irmão” (isto é, à sua vingança).

Depois de tais palavras Sigurd não deveria ter precisado de *igður* [as aves cujas vozes podia entender, vide 41, 8 e 43, 1-3]. Na Escandinávia aprendia-se quase que na barra da saia da mãe, certamente no colo do pai, que o irmão de alguém a quem matamos não estava em segurança – especialmente quando ele se esforçava para chamar nossa atenção para o fato.

Curiosamente está ausente a explicação do motivo pelo qual Sigurd deve assar o coração. O motivo real, claro, é que Sigurd precisa cozê-lo para escutar as aves. “Fáfnismál” fornece um motivo não irresistível, mas suficiente – *ek mun sofa ganga* (“hei de dormir”, presumimos que após o potente trago de sangue de dragão) [39, 5-8, e 40]. Se alguma vez houve motivo melhor – conexo com este resquício de crença muito antiga, de comer carne e beber sangue (especialmente dos inimigos) para obter sua sabedoria e seu poder [40, 5-8; 46, 1-4], talvez não possamos mais dizer.

Pode-se notar que Snorri Sturluson diz que Regin propôs expressamente a Sigurd, como termo de reconciliação pelo assassinato de Fáfnir, que este assasse o coração para ele.

39 Ridil: em nórdico antigo, *Riðill*, a espada de Regin; Snorri a chama de *Refill*.

42-44 Em “Fáfnismál” há sete estrofes atribuídas (em um trecho conectivo em prosa) às palavras das aves (de uma espécie chamada *igður*, de significado incerto) tagarelando na moita, cujas vozes Sigurd pôde compreender de imediato depois que o sangue do coração do dragão

tocou sua língua; mas essas estrofes estão em duas métricas diferentes. O poema “Fáfnismál” não está na forma de versificação *fornyrðislag*, na qual foi escrita a maior parte dos poemas da *Edda*, mas em *ljóðaháttir*. Nessa métrica a estrofe se divide em duas metades de três versos cada, sendo que o terceiro verso de cada metade normalmente tem três elementos tônicos e aliteração dupla (ou tripla) dentro de si. Apenas três das “estrofes das aves” são em *ljóðaháttir*, e as demais em *fornyrðislag*; meu pai argumentou vigorosa e detalhadamente que as estrofes em *fornyrðislag* provêm de outro poema (vide ademais a nota a 49-54).

As três estrofes em *ljóðaháttir*, afirmou, são faladas por duas aves, com seleção de dois motivos principais: ouro, medo da traição, e medo repetido. Essa é a base das três estrofes na balada (apesar de a sugestão em 42, 5-6, de que o próprio Sigurd deve comer o coração de Fáfnir, ser introduzida de uma das outras estrofes); mas – bem estranhamente – elas são redigidas em *ljóðaháttir*, o que aparentemente as denuncia como intrusões, visto que a balada é em *fornyrðislag*.

Para ilustrar a forma como ela aparece no nórdico antigo, dou aqui a primeira das três estrofes em *ljóðaháttir* com uma tradução próxima:

Höfði skemra láti hann inn hára þul
Fara til heljar heðan!
Öllu gulli þá kná hann einn ráða,
fjölð, því er und Fáfni lá.

(Menor por uma cabeça,/ que ele envie o mago grisalho/ daqui para o inferno! Todo o ouro/ então poderá possuir sozinho,/ a riqueza, que jazia sob Fáfnir.)

46-48 Na saga, Sigurd comeu apenas parte do coração do dragão e pôs parte de lado. O propósito disto pode ser visto mais adiante na saga, onde se diz que em certo momento, após o casamento de Sigurd e Gudrún, “Sigurd deu a Gudrún parte do coração de Fáfnir para comer, e depois disso ela ficou muito mais severa que antes, e mais sábia também”. Este elemento foi excluído da balada; meu pai o considerou “uma peça tardia de maquinário para explicar a psicologia confusa de Gudrún”.

Estes versos derivam de um trecho em prosa de “Fáfnismál”, bem semelhante ao da saga, a qual conta que, após a morte de Regin, Sigurd cavalgou em Grani seguindo os rastros de Fáfnir até seu covil, que estava aberto. As portas e os batentes eram de ferro, assim como todas as vogas da casa, que era escavada fundo na terra [46]. Lá Sigurd encontrou um vasto estoque de ouro e encheu com ele duas grandes arcas; tomou o Elmo do Terror, uma cota de malha dourada e muitas outras coisas preciosas, e carregou Grani com elas; mas o cavalo não se moveu até Sigurd saltar em seu lombo.

49 “Mas ouvindo ele não entende”: o uso da palavra “entende” parece, no contexto, equivaler a “entende o significado das vozes”.

49-54 Em “Fáfnismál”, depois de Sigurd matar Regin e comer o coração do dragão, ele novamente ouve os *igður*; e essas cinco estrofes são outra vez em *fornyrðislag* (vide a nota a 42-44). Não há indicação de quantas aves falaram, mas as duas primeiras estrofes dizem respeito a Gudrún e as três últimas, a uma valquíria no monte Hindarfell, cercada de fogo, dormindo: Ódin a espetou com o espinho, pois ela abatera um guerreiro contra sua ordem. Vide a nota a 54 a seguir.

Meu pai afirmou que essas estrofes, assim como as anteriores “estrofes das aves” em *fornyrðislag*, vieram de um poema “que ampliava a situação, e provavelmente tentava, através da tradição das aves, contar mais alguma coisa da história” – um vestígio de um poema que tentava “comprimir grande parte da história em uma única situação”. Mesmo aceitando que “é inútil discutir qual ave diz o quê”, ele acreditava que a conjectura de que uma ave diz as estrofes sobre Gudrún e a segunda as estrofes sobre a valquíria era “tão boa quanto qualquer outra”.

Na balada, porém, ele manteve esse segundo grupo de “estrofes das aves” (ou, mais precisamente, compôs estrofes que ecoam seu significado), deu-as a um corvo (as sobre a valquíria) e a um tentilhão (as sobre Gudrún) e as entrelaçou. Mas deslocou-as para *depois* que Sigurd entrou no covil de Fáfnir e carregou Grani com o tesouro que ali encontrou, de forma que essas aves falam de coisas que podem estar diante de Sigurd quando ele parte de Gnitahēði; porém em

“Fáfnismál” o trecho em prosa citado na nota a 46-48 segue o segundo grupo de “estrofes das aves”.

- 54 “tonta de poder/ a inquieta valquíria/ que canta a vitória”. Na lenda e poesia setentrional, o decurso e o resultado das batalhas era governado pelas valquírias, guerreiras demoníacas enviadas como emissárias por Ódin.

A palavra *Valkyrja* significa “escolhedora dos abatidos”: é-lhes dado determinar quem deve morrer e recompensar a vitória. Talvez o exemplo mais notável desse conceito seja encontrado no “Hákonarmál”, um poema composto no século X sobre a morte do rei Hákon, o Bom da Noruega, filho do rei Harald, o Louro. O poema começa assim:

Göndul e Skögul Gautatýr enviou
para escolherem quais dos reis da estirpe de Yngvi
deviam ir ter com Ódin e habitar em Valhöll.

Göndul e Skögul são valquírias; Gautatýr é um nome de Ódin. No poema o rei Hákon é representado sentado no chão, com o escudo partido e a cota de malha talhada, escutando as palavras das valquírias.

Então disse Göndul, apoiada na haste da lança,
“Agora se ampliará o poderio dos Deuses,
visto que convocaram Hákon com grande hoste às
suas moradas”.

O rei ouviu o que diziam as valquírias
sentadas em seus cavalos, de semblante pensativo,
com elmo na cabeça e escudos seguros à frente.

Então Hákon fala à valquíria chamada Skögul:

“Por que decidiste assim a batalha, Geirskögul?
Merecemos a vitória dos Deuses.”
“Nós fizemos”, disse Skögul, “com que mantivesses o
campo, e teus inimigos fugiram.

Agora devemos cavalgar rumo aos verdes lares dos Deuses,
para contar a Ódin que um rei poderoso vem ter com ele”.

VI BRYNHILDR

Na nota a V.46-48 dei o conteúdo do trecho em prosa que consta do *Codex Regius*, descrevendo como Sigurd entrou no covil de Fáfnir e tomou de lá o grande tesouro dourado, que carregou em arcas no seu cavalo Grani. Esse trecho é tratado nas edições da *Edda* como conclusão do poema “Fáfnismál”; mas de fato ele continua sem interrupção nem novo título rumo à história do encontro de Sigurd com a valquíria adormecida em Hindarfell, e essa parte é tratada como introdução em prosa de uma estranha obra à qual se dá o nome de *Sigrdrífumál*.

Essa última parte do trecho em prosa, que se encontra na saga de forma muito semelhante, conta que Sigurd cavalgou Hindarfell (*Hindarfjall*) acima e se voltou para o sul. Sobre a montanha ele viu uma grande luz, como de uma fogueira ardendo, que iluminava o céu; e quando chegou até lá havia um muro de escudos (*skjaldborg*) com um estandarte acima dele. Sigurd entrou no *Skjaldborg* e ali viu um homem deitado, dormindo com todas as armas e a armadura. Primeiro tirou-lhe o elmo da cabeça e então viu que era uma mulher. A couraça era tão justa que parecia ter-se fundido com a carne. Então, com sua espada Gram, ele cortou a couraça desde o pescoço, descendo por ambas as mangas, e despiu-a da couraça; ela despertou, sentou-se e viu Sigurd.

Ver-se-á que as estrofes 2-4 da balada seguem bem de perto o conteúdo desse trecho em prosa, com a “cerca de trançados escudos”, o estandarte e “firme e fixo/ nos flancos seu colete”; mas as chamas saltando de Grani são um acréscimo da balada, tirado da segunda visita de Sigurd a Brynhild, quando ele foi ter com ela na forma de Gunnar. Na ocasião de sua primeira chegada, as fontes dizem tão somente que ele “entrou” no *skjaldborg*. Essa palavra, que se encontra tanto na Saga quanto no trecho em prosa da *Edda*, aqui é muitas vezes interpretada como significando uma torre ou fortaleza, mas meu pai referiu-se em outro escrito a Brynhild “ter se cercado de um muro de chamas”.

Com as primeiras palavras da valquíria a Sigurd começam os versos do chamado *Sigrdrífumál*:

Hvat beit brynju?
Hvi brá ek svefni?
Hverr feldi af mér
fölvar nauðir?

O que mordeu a cota de malha?
Como sou despertada do sono?
Quem lançou longe de mim
os pálidos laços?

Então, na estrofe inicial, Sigurd respondeu que o filho de Sigmund com a espada de Sigurd a libertara. Essa estrofe está em *fornyrðislag*, mas o poema que se segue está em *ljóðaháttir* (vide nota a V.42-44), com algumas estrofes em *fornyrðislag*. A valquíria celebra seu despertar em versos que encontram eco na balada, nas estrofes 5-6, e depois diz:

Longo tempo dormi, longo tempo jazi no sono,
longos são os males dos homens!
Ódin ordenou que eu não pudesse romper
as runas do sono.

Então segue-se no manuscrito do *Codex Regius* outro trecho em prosa começando por “Ela chamou-se de Sigrdrífa, e era uma valquíria”; contou a Sigurd que dois reis haviam combatido, que Ódin prometera a vitória a um deles, mas que a valquíria o abatera na batalha. Em retribuição por isso “Ódin a espetou com o espinho do sono” (como nas palavras do corvo em V.52) e disse que nunca mais ela haveria de ganhar a vitória em combate, mas que haveria de se casar. “E eu disse a Ódin que em compensação eu jurava não desposar nenhum homem que conhecesse o medo” (as mesmas palavras são usadas na saga). Na versão de Snorri Sturluson ela jurou não desposar ninguém exceto o homem que ousasse passar a cavalo através do fogo que cercava sua morada. Em seu juramento na balada (VI.8) o texto original diz “renome da terra”: adotei a mudança tardia para “eleito” e usei um t maiúsculo.

O nome Sigrdríf ou Sigrdrífa da valquíria adormecida deu origem a grande número de discussões especulativas. Na última das cinco “estrofes das aves” que constituem o final de “Fáfnismál” (e que na balada estão representadas pelas estrofes V.50-54), há uma referência ao “sono de Sigrdríf”, e no trecho em prosa que acabei de citar ela é duas vezes chamada de Sigrdrífa. Supôs-se que o nome fosse irreal, um mal-entendido por parte do compilador do *Codex Regius*, que tomou a palavra na estrofe de “Fáfnismál” como nome próprio, enquanto se trata de fato de um termo descritivo de uma valquíria, significando talvez “doadora da vitória”, usado com referência a Brynhild. Na saga a valquíria em Hindarfell é chamada de Brynhild, enquanto Snorri Sturluson diz que ela se chamava Hildir (que significa “batalha”), mas acrescenta que “ela é chamada de Brynhild e era uma valquíria”.

Por outro lado, foi afirmado que Sigrdrífa e Brynhild eram originalmente duas entidades diferentes, que mais tarde foram identificadas entre si; e assim Sigrdrífa se torna um elemento do problema mais intratável da lenda nórdica dos Völsungs, o tratamento de Brynhild, nas fontes, de duas formas totalmente diversas e incompatíveis. A própria balada não proporciona evidência da opinião de meu pai sobre o nome Sigrdrífa, que não ocorre ali. Vide ademais a nota sobre Brynhild.

O trecho em prosa do *Codex Regius* termina, após as palavras da valquíria a Sigurd acerca da promessa dela, quando ele lhe pede “que lhe ensine sabedoria”, e segue-se uma estrofe na qual Brynhild lhe traz cerveja amarga produzida com bons encantamentos e *gamanrúna*, que pode ser traduzido por “runas jubilosas” ou “runas de alegria”. Baseia-se nela a estrofe 12 da balada: seus últimos versos, “carrega runas de riso corrente”, sugerem que meu pai estava pensando em runas gravadas na taça.

Sobre o “Sigrdrífumál” ele observou: “Esse poema, mais do que praticamente qualquer outro da *Edda*, é algo composto por crescimento mais ou menos accidental, e não como um poeta o deixou”; e em seguida à estrofe em que é trazida a cerveja amarga há uma longa série de versos que tratam da tradição rúnica (o uso mágico das runas, por exemplo, runas de vitória, runas de fala, runas de ondas, runas de nascimento, e os lugares em que devem ser gravadas). “Não é necessária muita persuasão”, disse ele, para “nos convencer de que todo esse material é *acréscimo*. Ele não tem

ligação com a vida posterior de Sigurd. Sua causa é *gamanrúna*. É muito interessante e importante, mas não diz respeito aos Völsungs”.

É notável que o autor da “Völsunga saga” tenha incluído todos esses versos de tradição rúnica, como versos, em seu texto. Meu pai enxergou aí um bom exemplo do método do autor de sagas: “Quase tudo isso não tem propósito nem significado para o conto, é provavelmente um acréscimo tardio, não é adequado à prosa; aqui, mais do que em qualquer lugar, havia uma oportunidade para omissão, se o compilador estivesse inspirado por uma intenção verdadeiramente artística”.

Naturalmente não há vestígio desses versos na balada. No poema eddaico, a valquíria nesse ponto dá a Sigurd uma série de onze conselhos. Esse elemento aparece, se bem que em forma muito reduzida, na balada (estrofes 15-16); meu pai acreditava que, ao contrário dos versos de tradição rúnica, fizesse parte do poema original, visto que na maior parte pode ser relacionado com a história de Sigurd.

Nada mais se pode depreender do “Sigrdrífumál” sobre o primeiro encontro entre Sigurd e a valquíria, além dos conselhos que ela lhe deu, pois não está preservado nada mais do poema: é aqui que começa a “grande lacuna” da *Edda poética*. Trata-se da perda calamitosa de todo um caderno do *Codex Regius*, provavelmente de oito folhas (vide p. 32): meu pai supunha que essas folhas contivessem talvez duzentas, trezentas estrofes. Para essa parte da lenda dos Völsungs, de vital importância, não existe poesia eddaica, exceto quatro estrofes *fornyrðislag* citadas na “Völsunga saga”; e assim, a partir desse ponto, as fontes são a saga e a versão muito breve da *Edda poética* de Snorri Sturluson. A lacuna termina, em termos da balada, na última seção da estrofe 46.

Meu pai acreditava que a promessa de fidelidade entre Sigurd e Brynhild (estrofe 19), que se encontra na saga imediatamente após uma paráfrase em prosa dos conselhos, era derivada da conclusão perdida do “Sigrdrífumál”.

20-23 A saga, após as palavras “e isso declararam um ao outro com juramentos”, continua de pronto com “Agora Sigurd parte a cavalo”. A conclusão dessa seção da balada, mencionada no preâmbulo em prosa que a precede (“Partem juntos, mas a altivez de Brynhild faz com que ela mande que Sigurd se vá e só volte a ela quando tiver

conquistado a honra de todos os homens, e um reino”), é uma evolução bem peculiar à balada.

VII GUÐRÚN

Quando, na balada, Sigurd se separou de Brynhild, sua viagem o levou de propósito à terra dos Gjúking, como se vê nas palavras (VI.23) “são verdes as vias/ onde vai Grani” junto com as do Tentilhão (V.51) “São verdes as vias/ às divisas de Gjúki”. Assim é também no relato muito condensado de Snorri.

Na saga, por outro lado, ele cavalgou desde Hindarfell até chegar à casa de um grande senhor chamado Heimir. Desposou a irmã de Brynhild, Bekkhild, que ficava em casa fazendo delicados bordados, enquanto Brynhild usava elmo e cota de malha e saía em combate (daí seus nomes em nórdico: *bekkr*, “banco”, os longos assentos dos antigos palácios escandinavos, e *brynja*, “cota de malha”). Sigurd ficou naquela casa por longo tempo, com muitas honras.

Depois ficamos sabendo que Brynhild era filha de criação de Heimir, que retornara à sua casa e vivia à parte, trabalhando em uma tapeçaria que mostrava as façanhas de Sigurd, a matança do dragão e a tomada do tesouro. Certo dia o falcão de Sigurd voou até uma alta torre e pousou em uma janela. Sigurd subiu no seu encalço e viu lá dentro uma mulher de grande beleza, trabalhando em uma tapeçaria das suas próprias façanhas, e soube que era Brynhild.

No dia seguinte foi ter com ela, e ao final de um estranho diálogo ela lhe disse: “Não é o destino que devemos morar juntos; sou uma donzela de escudo e uso elmo entre os reis guerreiros. A eles auxílio em combate; e o combate não me é odioso”. Mas quando Sigurd disse que, se assim fosse, “a dor que aí reside é mais difícil de suportar do que uma espada afiada”, Brynhild retrucou que haveria de convocar homens à batalha, “mas tu desposarás Guðrún, filha de Gjúki”. “Nenhuma filha de rei há de me seduzir”, disse Sigurd, “não tenho duplo coração e juro pelos deuses que hei de ter a ti ou nenhuma outra mulher”. Então Brynhild falou da mesma forma; Sigurd lhe deu um anel de ouro, *ok svörðu nú eiða af nýju*, “e

renovaram seus juramentos”. Então Sigurd a deixou, e termina o capítulo da saga.

Aqui Brynhild é filha do rei Budli (*Buðli*) e irmã de Atli (*Átila*), e Snorri diz o mesmo.

Dessa extraordinária evolução na história de Sigurd e Brynhild não há vestígio na balada; mas adio a discussão de como essa parte da lenda foi tratada pelo autor da saga até o fim de meu comentário sobre a balada (vide nota sobre Brynhild).

A saga volta-se agora para o reino de Gjúki, que ficava “ao sul do Reno”, sua esposa, Grímhild (descrita como feiticeira de temperamento severo), seus três filhos – Gunnar, Högni e Gotthorm – e sua filha, Gudrún (*Guðrún*). Conta-se que certo dia Gudrún falou a uma de suas aias, dizendo-lhe que estava abatida por causa de um sonho.

Com o sonho de Gudrún a balada reinicia no começo da seção VII, mas meu pai tratou esse episódio de modo bem diferente da forma que ele tem na saga. Nessa, Gudrún sonhou que tinha na mão um maravilhoso falcão de penas douradas: não se importava com nada senão com o falcão e preferiria perder toda a sua riqueza a perdê-lo. A mulher interpretou o sonho como querendo dizer que um filho de rei viria pedir por Gudrún; seria um homem excelente e ela o amaria muito. Então Gudrún disse: “Aflige-me não saber quem ele é; mas vamos em busca de Brynhild, pois ela saberá”.

E assim fizeram. Gudrún e suas criadas foram ao palácio de Brynhild, que era todo enfeitado de ouro e ficava sobre uma colina. Ali Gudrún relatou seu sonho a Brynhild: mas não o sonho de que falara antes, pois contou então do grande cervo de pelo dourado que aparece na balada. Mas em seu poema (VII.1-5) meu pai combinou e entreteceu os dois episódios, rejeitando o sonho do falcão; e a intérprete do(s) sonho(s) de Gudrún não é a aia nem Brynhild, mas sim sua mãe, Grímhild. O sonho do cervo na balada (VII.2-4) deriva seu conteúdo da saga, mas há uma diferença importante. Na saga Gudrún diz a Brynhild que foste “tu” quem abateu o cervo a seus pés, e que foste “tu” quem lhe deu um filhote de lobo que a salpicou com o sangue de seus irmãos; porém na balada é “uma dama audaz/ andando ao vento” quem abate o cervo dourado, e foram “eles”, não identificados, que lhe deram o lobo.

Na saga, quando Gudrún relatou o sonho, Brynhild lhe diz: “Vou explicar como vai ocorrer. Sigurd, que escolhi para meu marido, virá até ti.

Grímhild dará a ele hidromel com narcótico, o que trará grande aflição a todos nós. Tu o terás, mas logo o perderás; então desposarás o rei Atli. Perderás teus irmãos e depois matarás Atli”. Então Gudrún expressou seu sentimento de “opressivo pesar” ao saber de tais coisas e retornou à casa do pai.

Pode ser que esse episódio tenha sido derivado, pelo autor da saga, de um poema no qual a substância da história fosse contada profeticamente, como se vê em outros pontos da *Edda*; mas como um simples elemento da narrativa, registrando o poder de presságio de Brynhild, ele é grotesco. Como observou meu pai, “a presciência é um elemento perigoso num conto”. Na balada, é claro que ele se livrou inteiramente da visita de Gudrún a Brynhild, e Grímhild não faz nenhuma interpretação do sonho, mas tenta acalmá-la com palavras confortantes sobre as intempéries (assim como faz a aia da saga) e com a ideia de que “os sonhos trocam/ treva por luz,/ gozo por agouro”. Também sumiram Bekkhild, irmã de Brynhild, e do mesmo modo Atli, filho de Budli, como irmão de Brynhild. Não ficamos sabendo onde Brynhild morou depois de se separar de Sigurd: “À terra que lhe pertence/ ela torna, reluzente”, “À terra donde partiu/ ela tarda, mas chega” (VI.23). No início de VIII ela é vista em sua corte de “fortuna faustosa”, esperando por Sigurd (1-2).

Na saga, assim como na balada, Sigurd chega agora ao palácio do rei Gjúki, montado em Grani com seu tesouro. Foi recebido com honras, saiu a cavalgar com Gunnar e Högni e foi o mais notável dentre eles. Grímhild observou quão profundamente ele amava Brynhild e quanto falava dela, mas pensava que seria excelente caso ele, com suas grandes qualidades e sua vasta fortuna, desposasse Gudrún e ficasse entre eles. Portanto preparou uma poção e a deu de beber a Sigurd; e com aquela bebida ele perdeu toda a lembrança de Brynhild.

Na balada, no banquete feito à sua chegada, um novo elemento surge nas canções acompanhadas pela harpa e apresentadas por Gunnar (da guerra entre os godos e os hunos, 14-15) e por Sigurd (de Fáfnir e do tesouro dourado, e de Brynhild sobre Hindarfell, 16-18); há um relato de uma campanha liderada por Sigurd à velha terra dos Völsungs, como vingança pela morte de Sigmund (24-29). Na saga isso ocorreu muito antes e se efetuou com a ajuda do rei Hjálprek, enquanto na balada ele foi auxiliado pelos Gjúking. Ódin surge aqui na balada assim como na saga, mas seu papel é bem diverso. Na saga (que deriva dos versos de “*Reginismál*”), os

navios foram apanhados em uma grande tempestade, mas Ódin, de pé em um promontório, chamou-os, e quando o trouxeram a bordo a tempestade amainou. Na balada (28-29) ele surge ao fim do combate, abordando Sigurd na antiga casa de Völsung, agora sem teto e com a grande árvore que a sustentava morta, para alertá-lo de que seu destino não está na terra de seus antepassados; mas Ódin diz “És rei verídico,/ de reis descendes,/ há uma amada clamando/ dos mares além”, e após o retorno Sigurd relembra as palavras de Brynhild, “Rainha fui antes,/ e hei de ter um rei” (VI.22, VII.35).

8 “Senhor de Niflungs,/ dos Niflungs da terra”, e 12 “Niflungs”: sobre o nome *Niflungar* Snorri Sturluson foi específico: *Gjúkingar, þeir eru ok kallaðir Niflungar*, “os Gjúkings, que também são chamados de Niflungs”. Nesse comentário, concebido de forma bastante estrita como elucidação do tratamento da lenda nórdica dos Völsungs na balada de meu pai, é desnecessário abordar, mesmo superficialmente, o profundo tema das origens que estão por trás do nome Niflungs (em alemão *Nibelungen*, Nibelungos); mas diz-se algo a respeito no Apêndice A.

14 Floresta das Trevas: o nome nórdico que não ocorre na saga, *Myrkviðr*, anglicizado como *Mirkwood*, era usado com referência a uma escura floresta limítrofe, separando povos, e se encontra com diferentes aplicações nos poemas da *Edda*; mas parece provável que na origem representasse uma lembrança, na lenda heroica, da grande floresta que dividia a terra dos godos da dos hunos, muito longe ao sul e a leste. É isso que o nome significa no poema eddaico “*Atlakviða*”, a balada de Atli (Átila), e é dali que surgiu nesta balada.

Danpar: assim como Floresta das Trevas, esse nome não se encontra na saga, porém ocorre em “*Atlakviða*” e outros lugares da poesia nórdica antiga (vide ademais a nota à estrofe 86 da Balada de Gudrún). É uma sobrevivência do nome gótico do rio russo Dnieper.

15 “Nobríssimos Borgunds”: esta expressão ocorre outra vez na estrofe 20. Meu pai a derivou das notáveis palavras em um verso de

“*Atlakviða*” em que Gunnar é chamado de *vin Borgunda*, senhor dos burgúndios. Em nenhum outro lugar, em idioma nórdico, Gunnar é reconhecido como burgúndio, e nem a palavra se encontra como nome de um povo; porém muito notavelmente a mesma expressão se encontra em um dos fragmentos do poema antigo inglês “*Waldere*”, em que Guðhere é chamado de *wine Burgenda*. Tanto o *Gunnarr* antigo nórdico quanto o *Guðhere* antigo inglês descendem do nome do rei burgúndio histórico Gundahari, que foi morto pelos hunos no ano de 437. Para um relato das origens históricas dos Gjúking, vide o Apêndice A.

Irmão de Budli: na saga o assassinato do irmão do rei Budli, pai de Atli e Brynhild, pelos Gjúking é mencionado em um ponto posterior da narrativa.

- 28 “é cego de um olho só”: Ódin tinha apenas um olho, de acordo com o mito de que entregou um dos olhos como fiança para obter um gole da fonte de Mímir, a água da sabedoria junto à raiz da Árvore do Mundo.
- 38 Não está dito na balada, porém está na saga, que, após beber a poção de Grímhild, Sigurd perdeu todas as lembranças de Brynhild: “com risada bebe,/ depois senta-se sério”; mas o significado está claro com base em IX.4.

VIII

SVIKIN BRYNHILDR

(**B**RYNHILD TRAÍDA)

Na saga, seguem-se as bodas de Sigurd e Guðrún e o juramento de fraternidade entre Sigurd e os filhos de Gjúki (estrofes 7-10 da balada); está dito que a essa altura ele vivera entre os Gjúking por dois anos e meio. Depois que se casaram, Sigurd deu de comer a Guðrún parte do coração de Fáfnir: vide a nota a V.46-48. Tiveram um filho chamado Sigmund.

A vinda de Ódin a Brynhild entre os reis pretendentes (2-5) é peculiar à balada. Parece (estrofe 6) que foi somente após sua chegada que o fogo se ergueu em torno do palácio dela e que Brynhild o concebeu como barreira contra todos os que viessem, exceto por Sigurd. A descrição do fogo na balada assemelha-se àquela em VI.2, quando Sigurd, em Hindarfell, viu o fogo de Brynhild como “cerca de raios” que “monta ao firmamento/ com muitos chiados”.

Na saga seguem-se os conselhos de Grímhild a Gunnar para que corteje Brynhild (estrofes 12-17 da balada) e diz-se que Sigurd estava tão impaciente pela união quanto Gjúki e seus filhos. Mas primeiro cavalgaram até o rei Budli, pai de Brynhild, para obter seu consentimento antes de ir ao palácio de Heimir, pai de criação de Brynhild. Heimir disse que o palácio dela não ficava longe e que pensava que ela só se casaria com o homem que cavalgasse através do fogo que ardia em redor. Na balada Budli e Heimir são, é claro, eliminados.

A história da saga, da recusa do cavalo de Gunnar em entrar no fogo, do empréstimo de Grani, da recusa de Grani em levar Gunnar e da mudança de forma que lhes foi ensinada por Grímhild, é seguida na balada; a saga cita aqui duas estrofes de um poema desconhecido acerca do súbito rugido do fogo e do tremor da terra quando Sigurd ali penetrou, e de como o fogo voltou a se abater (seguidas nas estrofes 25-26 da balada).

A substância do diálogo entre Sigurd e Brynhild (28-31) deriva mormente da saga: ela sente dúvidas sobre como responder, ele promete lhe dar um grande dote, ela exige que ele mate todos os que foram seus pretendentes (estrofe 30, versos 3-4) e ele recorda a ela seu juramento. Há uma forte implicação, na estrofe 31, de que Brynhild jurara não desposar ninguém senão o homem que ousasse atravessar o fogo, e nesse ponto da saga Sigurd explicitamente lhe recorda que ela jurou acompanhar o homem que assim fizesse. Com isso, devem-se comparar as palavras de Brynhild a Sigurd em Hindarfell (VI.8):

O meu juramento
É firmado para sempre:
Só compartilhar o leito
Com o eleito da Terra.

Precisamos compreender que no pensamento de Brynhild aquele que percorre o fogo tem de ser “o eleito da Terra” e que esse é Sigurd; porém é Gunnar, e ela “hesita”, e em sua dúvida se assemelha a um cisne “no mar que se move”.

Na saga Sigurd, em forma de Gunnar, ficou três noites com Brynhild, e dormiram no mesmo leito; porém ele deitou a espada Gram entre eles, e quando ela lhe perguntou por que o fazia ele respondeu que estava escrito que ele assim realizasse suas núpcias ou então morreria.

Uma distinção importante entre a saga e a balada consiste naquilo que se diz da troca de anéis. Na saga foi dito (vide [comentário a “Gudrún”](#)) que no seu encontro no palácio de Heimir “Sigurd lhe deu um anel de ouro”, porém nada mais se diz a respeito, e agora é dito que, ao partir, “ele tomou dela o anel Andvaranaut que lhe dera e lhe deu outro anel do tesouro de Fáfnir”. Na balada (33), por outro lado, ele tirou enquanto ela dormia o anel que ela usava no dedo e pôs Andvaranaut em seu lugar. Nesse ponto a balada segue o relato de Snorri: “pela manhã ele deu a Brynhild como presente de núpcias o mesmo anel de ouro que Loki tirara de Andvari e tomou outro anel de sua mão como lembrança”. Vide ademais IX.9-10 e nota.

Depois disso, na saga, Sigurd voltou a cavalo através do fogo, e ele e Gunnar se reconverteram a seus próprios semblantes; mas Brynhild voltou para seu pai de criação Heimir e lhe contou o que ocorrera e sobre a sua dúvida: “Ele atravessou a cavalo meu fogo bruxuleante [...] e disse que se chamava Gunnar; mas eu disse que somente Sigurd faria isso, a quem jurei fé na montanha”. Heimir disse que as coisas deviam ficar como estavam; e ela disse: “Áslaug, filha de Sigurd e minha, há de ser criada aqui contigo”. Meu pai considerou a introdução de Áslaug como “grave prejuízo” à história (e vide [nota sobre Brynhild](#), [6]). Foi inquestionavelmente uma invenção feita para interligar Sigurd e Brynhild com o mais celebrado viking das lendas, Ragnar Loðbrók: na “Ragnars Saga”, largamente fabulosa, diz-se que Áslaug foi uma de suas esposas e mãe de vários dos seus numerosos filhos vikings.

4 “não escolha os que caem”: uma referência a Brynhild como valquíria.

- 17 No verso 6 “te” se refere a Gunnar; no verso 8 “vos” se refere a Gunnar e Sigurd.
- 20 “roseta”: um disco giratório, com pontas, na extremidade da espora.

IX DEILD (CONTENDA)

Como eu disse, a grande lacuna do *Codex Regius* provocou a perda de toda a poesia nórdica antiga sobre a parte central da lenda de Sigurd. O manuscrito só retoma a história perto do fim de uma balada de Sigurd que é conhecida como “Brot (af Sigurðarkviðu)”, o “Fragmento (de uma balada de Sigurd)”. Apenas umas vinte estrofes desse poema foram preservadas, e elas vêm em um ponto tardio da evolução da tragédia, após a “disputa das rainhas”, quando elas lavavam os cabelos nas águas do Reno. Meu pai observou que se pode ver, daquilo que restou do “Brot”, que foi perdida a maior parte de “um poema antigo e muito vigoroso – por exemplo o supremo vigor e a força econômica de

Mér hefir Sigurðr
selda eiða,
eiða selda,
alla logna [...]

Essas palavras de Gunnar aparecem quase no começo da parte preservada do “Brot” e encontram um eco próximo na balada, IX.46.

O que estava contido naquelas páginas removidas do *Codex Regius* foi amplamente discutido. Um fator importante é a existência, no manuscrito, de um poema chamado “Sigurðarkviða en skamma”, a Balada curta de Sigurd; mas ele compreende 71 estrofes – é quase a mais longa de todas as baladas heroicas da *Edda*. Esse título deve ter sido usado como contraste com outra coisa, muito provavelmente da mesma coleção. A opinião de meu pai sobre o assunto foi defendida de forma estrita, mas expressa como uma tentativa; como ele disse, “é preciso recordar que toda essa espécie de coisas (como a datação de poemas individuais, sobre a qual cada estudioso

parece dar, com igual certeza, uma opinião diferente) é muito ‘chutada’ e dúbia”. Ele cria ser possível que houvesse três baladas de Sigurd: “Sigurðarkviða en skamma”, preservada no *Codex Regius*; “Sigurðarkviða en meiri”, a Balada maior (mais longa) de Sigurd, que está totalmente perdida; e “um poema antigo e conciso, que se concentra principalmente na tragédia de Brynhild”, cuja conclusão está preservada no “Brot”. (Ao seu próprio poema ele deu um título alternativo, escrito abaixo do título primário na primeira página do manuscrito da balada, *Sigurðarkviða en mesta*, a mais longa balada de Sigurd, pois nela é contada a história toda.)

Seja como for, toda a narrativa desde a chegada de Sigurd à corte dos burgúndios (Niflungs, Gjúkinga) até o começo do “Brot” (a declaração de Gunnar a Högni de que Sigurd rompeu seus juramentos), nós a devemos em grande parte à “Völsunga saga”, pois Snorri conta a história com grande brevidade, e a balada de Sigurd preservada, “Sigurðarkviða en skamma”, ocupa-se principalmente com as mortes de Sigurd e Brynhild. Na opinião de meu pai, pode-se presumir que, na medida em que os capítulos relevantes da saga tinham base eddaica, eles dependiam de uma poesia muito semelhante àquela arrancada na lacuna do *Codex Regius*.

Assim, recapitulando, os poemas eddaicos acerca das mortes de Sigurd e Brynhild estão preservados de modo mais importante em “Sigurðarkviða en skamma”, e na conclusão (o “Brot” ou “Fragmento”) de outra balada de Sigurd. Eles foram usados, é claro, pelo autor da saga, e meu pai teceu sua versão independentemente a partir dessas fontes.

- 3-4 Ao final do banquete nupcial de Gunnar e Brynhild, de acordo com a saga, Sigurd lembrou-se de todos os seus juramentos a Brynhild, mas não deu sinal. Não há sugestão na saga do que está implícito na estrofe 3.
- 6-11 A disputa entre Brynhild e Gudrún, quando lavavam os cabelos no rio, segue a história como foi contada por Snorri Sturluson e na saga, exceto pelo assunto dos anéis que revelou a verdade a Brynhild: vide a nota 9-10. Um longo diálogo entre Brynhild e Gudrún que se segue na saga foi eliminado na balada.
- 9-10 Como observei antes, na saga Sigurd, em forma de Gunnar, tomou o anel Andvaranaut de Brynhild e lhe deu outro do tesouro de Fáfnir,

enquanto na balada, seguindo Snorri Sturluson, isso está invertido. Assim, aqui, nas palavras de Snorri: Gudrún riu e disse:

Pensas que foi Gunnar quem atravessou a cavalo o fogo bruxuleante? Mas penso que aquele que dormiu contigo foi o que me deu este anel de ouro; mas o anel de ouro que usas na mão e que recebeste como presente de núpcias chama-se Andvaranaut; e não penso que Gunnar o obteve em Gnitaheiði.

Sobre Gnitaheiði vide V.14.

12-20 A cena em que Brynhild se recolhe ao quarto em negro silêncio, jazendo como que morta e suas palavras a Gunnar quando ele veio ter com ela derivam de forma geral da saga; mas a longa repreensão que ela lança a ele na saga difere muito do trecho equivalente da balada (estrofes 15-19). Na saga ela começou quando enfim Gunnar a convenceu a falar, perguntando-lhe: “O que fizeste com o anel que te dei, que o rei Budli me deu em nossa última despedida, quando vós Gjúkingss viestes a ele e jurastes saquear e queimar a não ser que me obtivésseis?”. Então ela disse que Budli lhe dera duas opções, casar-se como ele desejava ou perder toda a sua fortuna e os favores dele; e, vendo que não poderia competir com ele, ela prometeu desposar aquele que atravessasse seu fogo montado no cavalo Grani com o tesouro de Fáfnir. Essa confusão adicional, surgida da visão “duplicada” de Brynhild, é mais uma vez eliminada na balada, assim como outros detalhes de história da saga: o agrilhoamento de Brynhild por Högni depois que ela ameaçou matar Gunnar, e o rasgar da tapeçaria dela.

20 Versos 3-4: Na saga Brynhild mandou abrir a porta do quarto para que seus lamentos pudessem ser ouvidos ao longe.

21-34 O diálogo entre Sigurd e Brynhild deriva a maior parte de seus elementos daquele da saga, mas na balada está muito mais comprimido e coerente. Na saga Brynhild não amaldiçoa Gudrún, e Sigurd não diz que estaria disposto até a matar Gunnar.

- 26 Na saga Brynhild disse que se admirava com o homem que entrou em seu palácio e pensava reconhecer os olhos de Sigurd, mas não conseguia ver claramente por que “sua ventura estava velada”.
- 27 Versos 7-8: vide VIII.33 versos 3-4 e IX.10 versos 5-8.
- 30 Versos 7-8: “não sorri nem errei por risco ou sinal”: vide IX.3-4.
- 35 Aqui o autor da saga citou versos de um poema que chamou de “Sigurðarkviða”, em que se diz que o pesar de Sigurd era tão grande que os elos de sua cota de malha se partiram. Sobre esses versos meu pai observou que não cria que viessem da mesma mão que o “Brot”, e portanto atribuiu-o à “Sigurðarkviða en meiri”, de resto totalmente perdida. Na balada a extravagante ideia foi caracteristicamente reduzida.
- 39-40 Estrofes 39, versos 5-8, e 40, versos 1-4, ecoam VIII.30.
- 39-50 Há elementos do arranjo do diálogo que foram alterados na balada, e o desenvolvimento foi posto sob luz mais clara e foco mais nítido. A mentira de Brynhild para Gunnar, de que Sigurd a possuía (43), leva às palavras deste para Högni (46): “a mim juramentos fez, com mal rompeu-os todos”, que são quase as primeiras palavras do “Brot”.
- 51-64 Havia duas versões distintas da história do assassinato de Sigurd, cada uma representada em poemas da *Edda*. No “Brot” ele foi morto ao ar livre, e Högni tomou parte nisso (a despeito de sua percepção de que Brynhild mentira a Gunnar, o que se vê em um verso do “Brot” ecoado na estrofe 47 da balada); mas em “Sigurðarkviða en skamma” e outros poemas ele foi morto no leito por Gotthorm. O compilador do *Codex Regius* incluiu uma nota em prosa sobre isso ao final do “Brot”:

Neste poema conta-se da morte de Sigurd, e aqui a história é que o mataram ao ar livre; mas alguns dizem que o mataram dentro de casa, em seu leito, dormindo. Mas homens alemães dizem que o mataram na floresta; e assim também está contado em “Guðrúnarkviða en forna” (a antiga Balada de Guðrún) que Sigurd e os filhos de Gjúki haviam cavalgado até o lugar do conselho quando ele foi morto. Mas todos

concordam nisto, que romperam sua promessa de fidelidade a ele e o acometeram quando ele estava deitado e despreparado.

A saga segue a história de sua morte enquanto ele dormia na casa, e também a balada adota essa versão, mas introduz (54-57) um breve episódio em que Gotthorm encontrou Sigurd a caçar na floresta e o cumprimentou de forma abusiva – talvez para conferir colorido ao que se diz na saga, repetido nas estrofes 52-3 –, dizendo que a dieta de lobo e serpente com que fora alimentado o tornara excessivamente audaz e bravio.

51 De Grímhild é filho: o autor da saga considerava Gotthorm (*Gottormr*) como irmão pleno de Gunnar e Högni e fez Gunnar dizer que deveriam persuadir Gotthorm a realizar a façanha porque era jovem e não fizera juramento. Aqui meu pai seguiu uma tradição, encontrada no poema “Hyndluljóð”, de que Gotthorm era meio-irmão de Gunnar e Högni, sendo que “de Grímhild é filho”; também Snorri Sturluson diz que Gotthorm era enteado de Gjúki.

58-59 Na saga Gotthorm foi duas vezes ao quarto de Sigurd, pela manhã, mas Sigurd olhou para ele, e Gotthorm não ousou atacá-lo por causa de seu olhar penetrante; quando foi pela terceira vez Sigurd estava dormindo.

67-69 Estas estrofes ecoam os versos finais do “Brot”, que não se estende até a morte de Brynhild.

73 Na saga, seguindo “Sigurðarkviða en skamma”, Brynhild predisse, ao morrer, toda a história posterior de Guðrún; isso não se encontra na balada.

77 Os versos 5-7 são uma repetição exata dos versos 3-5 em III.13, em que o “filho do filho” é Sinfjötli, exceto que ali a leitura é *Völsung*, não *Völsungs*. A forma plural aqui está clara, mas ainda assim pode ser errônea. Sobre a forma *Valhöllu* vide a nota a III.13.

77-82 O trecho final, claro, é peculiar à balada. Com as estrofes 79-81 cf. “Upphaf”, a seção inicial da balada, estrofes 11, 14-15.

77-78 Em um poema fragmentário do século X acerca da morte do feroz Eirik Machado de Sangue, filho do rei Harold, o Louro, e irmão de Hákon, o Bom (vide a nota a V.54), há uma notável imagem da chegada de um “herói de Ódin” a Valhöll. O poema abre com Ódin declarando que teve um sonho no qual preparava Valhöll para receber um grupo de mortos. Há um grande ruído de muitos homens se aproximando do palácio, e Ódin convoca os heróis mortos Sigmund e Sinfjötli a se erguerem depressa e irem ao encontro do rei morto que está chegando, dizendo que crê ser Eirik.

Sigmund diz a Ódin: “Por que pões esperança em Eirik, e não em outros reis?”. E o deus responde: “Porque ele avermelhou a espada em muitas terras”.

Então Sigmund pergunta: “Por que lhe roubaste a vitória, se sabias que ele era bravo?”. E Ódin responde: “Porque não se pode saber claramente...” – e nesse ponto (da forma como o texto está, pelo menos) ele se interrompe e conclui: “O lobo cinzento está fitando as moradias dos Deuses” (vide o comentário a “Upphaf” (“Início”)).



NOTA SOBRE **B**RYNHILD

No que se segue, exponho, com mínima edição, o conteúdo de algumas notas de meu pai, escritas muito depressa a lápis macio e difíceis de ler, sobre sua interpretação das narrativas embaraçadas e contraditórias que constituem a tragédia de Sigurd e Brynhild, Gunnar e Gudrún. Repetirei aqui o que disse em meu prefácio, que nada existe nestas ou em quaisquer outras notas para suas conferências sobre literatura nórdica antiga que diga respeito à questão de que se escrevera, ou pretendia escrever, poemas sobre o tema da lenda dos Völsungs; mas que as opiniões expressas nas conferências podem, muito naturalmente, esclarecer seu tratamento das fontes em suas baladas.

Em meu comentário sobre a última parte da balada fiz referência à crença de meu pai de que o fragmento de uma balada de Sigurd conhecido como “Brot”, com o qual o *Codex Regius* recomeça após a lacuna, é a

conclusão de “um poema antigo e conciso, que se concentra principalmente na tragédia de Brynhild”. Para esse poema ele usou em suas notas o título de “Sigurðarkviða en forna”, a antiga Balada de Sigurd. Em notas para uma conferência sobre o conteúdo da lacuna ele sugeriu (seguindo o grande estudioso Andreas Heusler) que o poema provavelmente começava com a chegada de Sigurd ao palácio de Gjúki e sua recepção, o juramento de fraternidade com os filhos do rei e seu casamento com Gudrún: tudo isso provavelmente breve e *sem referência a Sigurd ter conhecido Brynhild anteriormente*. Ele propôs que os principais elementos do conceito de Brynhild naquele poema eram estes:

- (1) Uma personagem semimágica, basicamente derivada de uma lenda sobre as valquírias.
- (2) Ela se cercou de uma parede de chamas e jurou desposar somente o herói que a enfrentasse – pretendendo que fosse Sigurd.
- (3) A parede de chamas é atravessada por Sigurd, mas com a aparência de Gunnar. O juramento a obriga. Ela se conforta com a lembrança da façanha de Gunnar.
- (4) Seu conforto acaba e seu orgulho é mortalmente ferido quando ela descobre que foi Sigurd, afinal de contas, quem atravessou as chamas: além disso ela foi iludida para romper o juramento e desposar o real cavaleiro.
- (5) Sua vingança toma esta forma: agora não pode ter Sigurd e portanto vai destruí-lo (e assim ferir de morte Gudrún, o objeto natural de seu ódio); mas por esse mesmo ato ela se vingará de Gunnar, envolvendo-o em um terrível perjúrio – de modo que, depois de tudo terminado, Sigurd morto e ela prestes a segui-lo, ela possa virar-se e dizer: “Sigurd é puro de toda essa vileza, somente tu, Gunnar, estás desonrado” (este é o final do “Brot”, que faz eco nas estrofes IX.67-69 da balada).
- (6) Para fazer isso ela *mente* terrivelmente contra Sigurd e si própria. Acusa-o de infidelidade quando ele se deitou em seu leito após atravessar as chamas. Essa foi sua única maneira de conseguir que Gunnar o matasse (vide estrofes IX.43, 46 e 49 da balada). Mais tarde ela revela a verdade (estrofe 68, versos 5-8).

É por isso que Áslaug é um acréscimo tão fatal na saga, mesmo que ela tenha sido concebida no alto da montanha, não na segunda travessia das

chamas.

Creio que deveríamos aceitar (escreveu ele) tal conceito para o poema, do qual tudo o que resta são as vinte estrofes do “Brot”, e para uma das mais antigas linhas de tradição. A resolução da dificuldade Brynhild-valquíria não reside na presunção de que uma era mortal (Brynhild) e a outra uma valquíria de um “mito” mais antigo, que mais tarde foram confundidas. A solução, creio, é que a valquíria é a única parte essencial de toda a história que está sempre presente. [Em uma nota separada meu pai escreveu: “Brynhild não pode ser uma personagem ‘humana’ mitificada (ou confundida com uma valquíria Sigrdrífa). É uma valquíria humanizada”.]

Mas ela foi tratada de pelo menos duas maneiras diferentes. Há o despertar, no topo da montanha, da valquíria encantada por Ódin (talvez o conceito mais especificamente escandinavo, e portanto o mais tardio, visto que a história não era originalmente escandinava). Há também a princesa ativa lograda por seu próprio estratagema (quando Sigurd atravessou o fogo, mas na forma de Gunnar) – a mais meridional. O fato de o poema mais antigo que termina no “Brot” representar a versão mais antiga, “mais meridional”, provavelmente é demonstrado pelo importante ponto em que ele concorda com as versões não escandinavas, a saber, que Sigurd foi assassinado ao ar livre em uma floresta, e que Högni teve parte nisso (no próprio “Brot” vemos Gudrún às portas do palácio quando os irmãos retornam a cavalo).

É significativo que o compilador do *Codex Regius* tenha incluído uma nota a respeito, visto que ele e seus contemporâneos claramente ficaram desconcertados com isso (vide nota às estrofes 51-64). Ele observa que a antiga Balada de Gudrún diz a mesma coisa – neste caso, que Sigurd foi morto no Thing (o lugar do conselho) e está ciente de que essa é a versão “meridional” (*þýðvestur menn*, homens alemães). A outra história, do assassinato de Sigurd na cama e nos braços de Gudrún, de acordo com a tendência nórdica ao pessoal e à concentração da ação no tempo e no espaço, está representada em “Sigurðarkviða en skamma”, a balada de Sigurd existente, e essa é a versão seguida (sem comentário) na saga e na balada.

Nestas notas meu pai não discutiu a evolução, por vias incompatíveis, vista na “Völsunga Saga”, da história de Sigurd e Brynhild na tradição nórdica. Mas sua opinião sobre a questão cardinal parece clara em uma

observação de passagem, em outro lugar, de que na sua opinião a poção de esquecimento dada a Sigurd foi “inventada pelo autor da ‘Sigurðarkviða en meiri’ perdida (vide [comentário a “DEILD \(Contenda\)”](#)) para dar conta das dificuldades criadas pelo noivado anterior de Sigurd e Brynhild”.

Concluindo, ele escreveu: Portanto, não nos resta nada senão expressar surpresa de que o autor da saga, que pôde tão decisivamente, sem hesitar, adotar um dos relatos conflitantes do assassinato, não foi capaz de adotar uma visão única de Brynhild. Visto que a adoção de uma visão única do assassinato deve decorrer de preferência artística, talvez seja apenas justo com o autor da saga presumir que a imprecisão e a incerteza da posição de Brynhild não tenha sido puramente trabalho malfeito de sua parte. Ele queria, para a tragédia central, um complexo de motivos e emoções conflitantes – para tê-los contentou-se em manter confusas as relações prévias de Brynhild e Sigurd. Era preciso, já que cada teoria contribuía com os motivos dela.

Na saga a paixão de ira e pesar de Brynhild é parcialmente devido ao orgulho – ela não se casou com o herói supremo (e odeia Gudrún por causa disso); mas também casou-se em consequência de um truque (e odeia Gunnar e Sigurd por causa disso). Seu juramento foi rompido e ela odeia a si mesma. De fato ela ama somente Sigurd: o desejo de seu coração foi frustrado, e ela preferiria matar aquele que ama a deixar uma rival compartilhá-lo. Seu noivado com Sigurd foi rompido por ambos – tanto pelo destino quanto pela magia. Está furiosa com Sigurd (e consigo mesma) por esse motivo – e, seja como for, não suportará mais seu casamento com Gunnar. Por trás de tudo paira Ódin, e sua sentença, e a vaidade dos juramentos dela – ele a sentenciou a se casar. Inextricavelmente entrelaçada está a maldição do ouro.

Complicado de fato! E, apesar de ser grandemente produto do acaso na construção, sua retenção talvez seja devido ao gosto. Podemos aceitar isso, mesmo que ainda estejamos em solo seguro quando afirmamos que um artista melhor poderia ter mantido tudo o que fosse necessário das duas heroínas-Brynhild divergentes sem torná-las tão obscuras, e de fato contraditórias e incompreensíveis.



O mais antigo material manuscrito de “Upphaf” não é fácil de interpretar. Existem duas versões, que podem ser facilmente colocadas em sequência: para facilitar a referência, vou chamá-las de texto A e texto B. A primeira, ou texto A, com o título “Upphaf”, tem quase o mesmo número de estrofes que a forma final, porém não todas na mesma ordem, e o fraseado difere constantemente, se bem que apenas superficialmente na maioria dos casos. A estrofe de abertura está entre as que sofreram mais alterações para alcançar a forma final:

Antes dos anos abriam-se
eras sem anos,
sem deserto de areia nem mar,
silenciosos, vazios;
a Terra molde não tinha
nem o eterno céu um arco:
um abismo aberto
sem beira nem relva.

A estrofe 4 (“Apraz-lhes puro gozo [...]”) não estava presente. A estrofe 13 (no texto A estrofe 12) era:

O lobo violento por Óðinn
no desenlace do mundo (> velando espera),
para Frey, de bela forma
as flamas de Surtur;
assegura de Thór a ruína
o grande Dragão:
será a partida de tudo,
e a Terra há de perecer.

Apesar de não assinaladas no manuscrito, as palavras da sibila claramente terminam aqui, e as estrofes 14-15, nas quais a sibila fala do papel de Sigurd no Ragnarök, aqui estão ausentes. Seguem-se então em A as estrofes 16-20 do texto final, a conclusão de “Upphaf”, em que os Deuses se preparam para a Última Batalha de acordo com a profecia,

terminando com as palavras “vigilantes e alertas/ pro eleito da Terra”. Em A, neste ponto, não está explicado o significado dessas palavras. Mas nesta versão são as estrofes 14-15 da forma final, aqui ausentes da profecia da sibila, que constituem a conclusão de “Upphaf”. A primeira está assim:

No dia fadado vai
ele, indômito, sobreviver,
que não morre jamais,
tendo a morte experimentado,
o que mata a má serpente,
semente de Óðinn,
defendendo os paredões,
o decidido da Terra.

E a estrofe final do texto A é virtualmente a mesma que a estrofe 15 da forma final. Assim, a profecia a respeito de Sigurd está presente em A, mas não como palavras da sibila.

O segundo texto, B, não tem o título “Upphaf”, mas sim “*A Edda antiga*” (a razão surgirá em um momento). É bem mais próximo à forma final nos detalhes do fraseado, e de fato apenas difere aqui e ali. É claro que evoluiu a partir do texto A, vistas as correções a lápis feitas em A que aparecem em B conforme foi escrito. Mas é muito mais curto do que A. A estrofe de abertura está ausente (o poema começa “Se engajam os Grandes Deuses/ em grão labor outrora”) – mas a estrofe 1 da forma final (“Já houve uma era/ de oco e vazio [...]”) está rabiscada a lápis na margem. A estrofe 4 (“Apraz-lhes puro gozo [...]”) também está ausente, assim como em A; mas muito curiosamente toda a profecia da sibila (estrofes 10-15) está faltando. O texto B, assim, tem somente doze estrofes. A última começa com “Diversos os convivas”; e os últimos versos da estrofe dizem não “vigilantes e alertas/pro eleito da Terra”, como em A e no texto final, mas sim “na expectativa estão/ da batalha final”. Assim, o motivo de Sigurd como (na esperança de Ódin) salvador em Ragnarök está ausente.

Esta versão truncada de “Upphaf” é a abertura de um ensaio lido, ou talvez mais provavelmente destinado a ser lido, para uma sociedade, presumivelmente em Oxford. As primeiras palavras depois do poema eram:

E isto, creio, é tudo o que tenho para dizer (de minha própria autoria) acerca da *Edda antiga*. Aí estão a antiga medida e estrofe em que sua maior parte foi escrita –

em que nossa própria poesia foi outrora composta e em que ainda pode ser, se quisermos aprender o ofício (que não é fácil) –, aí está o pano de fundo da imaginação de seus poetas; e, apesar de esta não ser a tradução de um poema eddaico, ela é bem semelhante, e todos os seus elementos podem ser encontrados naquele livro, a maioria deles logo no primeiro poema de todos, que trata diretamente do mesmo tema.

Só estão preservados os primeiros parágrafos do ensaio, seja porque foram escritos na mesma página que a última estrofe do poema e o resto foi descartado, seja porque o ensaio jamais passou desse ponto, pelo menos nessa forma.

Não há indicação de data. Tampouco há maneira de saber ao certo por que meu pai reduziu o poema desse modo; mas uma explicação, talvez plausível, se apresenta. O texto anterior, A, introduzira seu estranho e característico conceito da “função especial de Sigurd”, “uma invenção do presente poeta”, nas palavras dele (vide [comentário a “Upphaf” \(“Início”\)](#)). Agora ele teve a ideia de iniciar seu ensaio com um breve recital de uma peça da sua própria poesia “nórdica”; mas usar seu “Upphaf” para esse fim exigiria a omissão de todas as estrofes que dissessem respeito à ideia do “eleito da Terra”, da “função especial de Sigurd” – a imposição de novo significado ao mito.

Ele via esta breve obra, quando a escreveu, como prelúdio de um longo poema sobre a lenda de Sigurd? Parece impossível dizer (o título “Upphaf” não o implica necessariamente: pode referir-se ao conteúdo do poema, como eu tendo a supor).

Os demais textos precoces sobreviventes mencionados na [“Introdução”](#) em *O texto dos poemas*, a seção I de “Völsungakviða en nýja”, “O ouro de Andvari”, e as nove primeiras estrofes da seção II, “Signý”, permanecem até a forma final como o texto A de “Upphaf”, com constantes diferenças no detalhe do vocabulário e do fraseado.



¹ Para referências e citações dos volumes de *The history of Middle-earth* sobre esse assunto vide *The peoples of Middle-earth* (1996), p. 374-75; e para o registro nos “Anais de Aman” vide *Morgoth’s Ring* (1993), p. 71, 76.

* “Terra Média”. (N. T.)

* *A História de Sigurd, o Völsung* (inédito em português). (N. T.)

* Em inglês, *heath*. (N. T.)

* Nesta seção, quando são mencionados os manuscritos primitivos de Tolkien, seus versos foram traduzidos de maneira a manter com os da “versão final” em português uma relação semelhante à que existe em inglês. (N. T.)

GUÐRÚNARKVIÐA EN NÝJA
eða
DRAP NIFLUNGA



GUÐRÚNARKVIÐA EN NÝJA

eða

DRAP NIFLUNGA

1 Smoke had faded,
sunk was burning;
windblown ashes
were wafted cold.
As sun setting
had Sigurd passed;
and Brynhild burned
as blazing fire.

2 Their bliss was over,
their bale ended;
but Guðrún's grief
ever grew the more.
Life she hated,
but life took not
witless wandering
in woods alone.



3 Atli ariseth
armies wielding;
on the marches of the East
his might waxeth.
Goths he tramples,
gold despoiling,
his horsemen countless
hasten westward.

4 He, Budli's son,
blades remembers
that of Budli's brother
were the bane of old;
he, gold-greedy,
grimhearted king,
hath heard of the hoard
on the Heath that lay.

5 Of Fáfnir's treasure
fame was rumoured,
that Niflungs held
in Niflung-land;
of Guðrún's beauty
gleaming-lovely;
of Gjúki aged
to his grave passing.



6 From mighty Mirkwood

came message darkly:
'Atli ariseth
armies mustering.
Hate awakens,
hosts are arming;
under horses' hooves
Hunland trembles!'

7 Gunnar spake then
 gloomy-hearted:
Gunnar 'Fierce will the feud be,
 fell the onslaught!
 With gold and silver
 shall his greed be stayed,
 with gold and silver
 or gleaming swords?'
 seus ginetes inúmeros
 de renome rumam a oeste.

8 Then spake Högni,
 haughty chieftain:
Högni 'The might of Sigurd
 we mourn at last!
 Victory rode ever
 with the Völsung lord;
 now alone will war
 our land defend.'

9 Then spake Grimhild
 grey with wisdom:
Grimhild 'Guðrún is fair,
 gleaming-lovely –
 let us bind him in bonds
 as brother wedded,
 in Hunland's queen
 our help seeking!'

10 Guðrún they sought,
 grieving found her
 in woodland house
 weaving lonely;
 weaving wondrous
 webs bright-figured
 with woe tangled
 and with works of old.



11 Óðin she wrought
 old, blue-mantled;
 Loki lightfooted
 with locks of flame;
 the falls of Andvari
 framed of silver,
 the gold of Andvari
 she gleaming wove.

12 The house of Völsung
 huge was timbered,
 the Tree there tossed
 tangled branches.
 There Grímr's gift
 gleaming brandished
 Sigmund standing
 stern unbending.

13 The hall of Siggeir
 high was burning
 fire-encircled
 flame-devoured.
 Signý stood there
 Sigmund greeting,
 fire about her,
 flame behind her.

14 Shields of silver
 had the ship of Sigmund;

wild the waves were,
wind them twisted.
Sailed there slowly
Sinfjötli's bier
through stormy seas
steered by Ódin.

- 15 There Regin wrought
by the red embers;
there Gram was hammered
amid gleaming sparks.
High loomed the head
of helméd dragon;
under black belly
there was blink of gold.

- 16 Long lay the shadow
of lone rider
golden-harnessed
Gram brandishing;
sun-bright Sigurd
seed of Volsung,
on Grani riding
into Gjúki's courts.



- 17 Golden weregild
Gunnar brought her,
haughty Högni
humbly bent him.
Guðrún they hailed,
Gunnar and Högni;
head she turned not,
hate still burned her.

- 18 In came Grimhild
guileful-hearted:
Grimhild 'Dearest daughter
droop no longer!
Burnt is Brynhild,
bale is ended;
life yet shineth,
thou art lovely still!'

- 19 Guðrún lifted
her grieving eyes,
dimmed with weeping,
dark with mourning.
Dark with wisdom,
deep with purpose
were Grimhild's eyes
gazing through her.

- Grimhild* 20 'Atli ariseth,
armies wieldeth,
king of Eastland's
countless peoples.
His queen shall rule
courts of splendour,
over all women else
on earth upraised.'

- Guðrún* 21 'Of gold were the days,
gold and silver,
silver and golden,
ere Sigurd came.
A maid among maids
in mirth walked I;
only dreams and shadows,
only dreams vexed me.

- 22 A hart I dreamed
high and golden:
now is sped the shaft
and spilled the blood.
A wolf thou gavest me
for woe's comfort,

in my brethren's blood
he bathed me red.

- 23 I love them little,
I believe them not,
but my brethren's blood
is no boot for me.
How shall husband heal me
of harm I bear
in hateful Hunland
who am hopeless now?'

Grimhild 24 'Thy brothers blame not!
Brynhild wrought it,
thy wrong and sorrow –
it rues them sore.
And dreams are but dreams,
or else doom foretell;
yet doom must be dreed,
though dreams foreshow.

- 25 Hungold is bright,
Hunland is wide,
Atli mightiest
of earthly kings.
And gold is healing,
though grieve the heart;
a queen's bed better
than one cold and bare!'

Guðrún 26 'Why drivest me on
with daunting eyes
dire of purpose,
doom forestalling?
To Sigurd thou gavest me,
to sorrow it turned;
now leave me to rest,
leave thy daughter!'

Grimhild 27 'No rest for the living,
no room for tears,
who with pride and purpose
oppose their fate!
No rest I grant thee!
My reds hearken,
or rue for ever
thou wert wrought on earth!'

- 28 Dark hung her eyes
daunting Guðrún,
deep and dreadful,
dire with purpose.
For no word she waited,
wisdom knew she;
forth went Grimhild
from Guðrún's side.



- 29 Of Guðrún's beauty
glad was Atli;
of gold he dreamed him
guarded darkly;
of the serpent's hoard
that Sigurd left her,
of the wife of Sigurd
of women fairest.

- 30 Bridal drank he
blissful-hearted
to Guðrún pale
in gleaming robes.
Oaths he swore them,
to each her brothers,
and lasting truce,
league of kinship.

- 31 Dark and splendid,

dreadly builded,
and echoing vast
were Atli's halls.
Kings sat neath him,
countless chieftains,
and Hunnish horsemen
harnessed grimly.

32 High sat Guðrún
Hunland's mistress,
cold lay Guðrún
queen of Hunland.
Her lord loved her,
lovely was she;
laughter she knew not,
yet her limbs were white.

33 But longer him lasted
his lust of gold,
the gold he dreamed him
guarded darkly.
The serpent's treasure
they sent it never,
the Niflungs kept it
in Niflung-land.

34 Long he pondered,
till lust swayed him;
woes were awakened
and wars of old.
Long nights lying
he looked on her;
dark nights drowsing
he dreamed of gold.

35 Oaths he had uttered,
evil he pondered;
but his heart's purpose
was hidden under.
Yet words he muttered
in wandering sleep;
Guðrún guessed them,
gloom foreboding.

36 A feast he fashioned,
far proclaimed it;
to high-builded halls
his hosts were bidden;
all kith and kindred
called to greet him,
to dealing of rings,
drink and laughter.



37 On valiant horse
Vingi swiftly,
herald of Hunland,
hasted westward.
To Gunnar came he,
Gjúking mighty,
to halls of Rhineland
high and golden.

38 There drank they deep;
dark they eyed him,
Hun-speech hearing
in their hall ringing.
Cold fell his cry
calling loudly
under helm standing
hailing Gunnar.

Vingi 39 'Atli hath sent me
on errand speedy,
on horse hasting
through hoar forest.
Gunnar he greeteth,

Gunnar and Högni.
Be blithe he bids you,
to his boon hearken!

40 A feast he fashions,
fair he dights it,
all kith and kindred
calls to meet him.
Rings will he deal,
raiment costly,
saddles silverlaid,
and southern purple.

41 Shields shall ye choose there
and shirts of mail,
spears smooth-shafted
and splendid helms.
Gifts will he give you,
graven silver,
gold-hilted swords,
and goodly lands.'

42 His head bowed Gunnar
to Högni speaking:
Gunnar 'What saith Högni?
Doth he hear the summons?
Is not gold that glimmered
on Gnitaheiði
enough for Niflungs?
Need we bounty?

43 Is there sword in the East
that my sword matcheth?
Are there helms in Hunland
so high as ours?
Are we lieges of Atli,
lands receiving
from Hun master?
Högni answer!'

Högni 44 'Of Guðrún I think –
grim thoughts awake!
A ring she hath sent me,
a ring only.
Wolf's hair winds it,
woven round it,
wolves lie in wait
at the way's ending.'

Gunnar 45 'Yet runes she sends me,
runes of healing,
words well-graven
on wood to read;
fast bids us fare
to feast gladly,
old woes forgetting
and ancient wrong.'



46 Gifts gave Gunnar,
guerdon kingly;
wine bade men bring
to weary guest.
Deep there drank they
to day's ending,
doom they recked not;
din resounded.

47 In came Grimhild
grey with wisdom,
the runes she read,
the written tokens.
Her brows darkened
boding evil;
to Gunnar spake she
grave and slowly.

Grimhild 48 'These runes I doubt:
they are writ with cunning,
strangely twisted,
stained and darkened.
There were others under,
now overlaid –
if I read them right
they were runes of ill.'

49 Gunnar had drunken,
to his guest turned he:
Gunnar 'Ye Huns have no wine
such as here runneth!
It irks us to ride
to your ale-quaffing;
guile fills your horns –
Gunnar comes not!'

50 Laughing said *Vingi*:
Vingi 'My lord shall I tell
that in courts of Gjüki
no kings are left?
There rules a queen,
a rune-conner;
his weighty words
a woman judgeth?

51 I must haste away,
so will hide it not,
that Atli is old,
but Erp is young.
Thy sister's son
is but seven winters –
strong hands he needs
to steer his realm.

52 In Gunnar hoped he
for guide and help,
of his sister's son
the safe keeper.
He weened ye might wield
his wide kingdom –
ye are fallen afraid,
and fear shadows.'

53 Högni him answered
hard and scornful:
Högni 'Daring speeches,
and drink-begotten!
Nor hoar nor weary
is here the king,
though queens in Rhineland
be counted wise.

54 Yet Atli I heard not
too old for guile,
war to ponder,
or wealth to covet.
And fey saith my thought:
"Far lies the day
ere Erp or Eitill
after Atli rule!"

55 But loud cried Gunnar
laughing scornful,
deep had he drunken
darkly musing:
Gunnar 'Let wolves then wield
wealth of Niflungs!
Bears shall harbour
in barren courtyards.

56 Winds shall wander
where wine we drank,
but Gunnar will go
Gudrún seeking.
We fast shall follow
thy feet, *Vingi*!
Our horns shall be heard
Hunland rousing.'

- 57 (From heavy heart then
Högni answered:)
Högni 'I go with Gunnar,
though glad I am not.
Oft Grimhild's rede
we have grimly heard.
We took them ever,
though they turned awry;
truth now she teacheth,
and we trust her not.'
- 58 Then vowed Vingi
the venom-tongued –
oaths he recked not,
the oft forsworn:
Vingi 'May hell have me
and the high gallows,
may ravens rend me,
if the runes should lie!'



- 59 Niflungs rode forth
from Niflung-land;
fast their journey,
few went with them.
Grimhild stood there
grey and aged,
dark eyes were dimmed
death foreseeing.
- 60 Their word was spoken,
wills were hardened;
fate drove them on,
fey they parted.
None might hinder
near them thronging,
lords nor wisemen;
with a laugh they rode.
- 61 Steeds went striding,
stonefire glinted,
rocks were ringing,
roads resounding.
In hoar forests
harts were startled,
over hill and valley
hooves were beating.
- 62 Over river rowed they
roaring onward;
oars were bending
urged to breaking.
Foam flew from prow,
flashed and sparkled;
at bank unbound
the boats left they.
- 63 In the hoar forest
horns they sounded
Hunland rousing;
hooves were beating.
Golden harness
gleamed and sparkled;
steeds came striding
stung to madness.



- 64 From hill upon high
halls they looked on,
walls and watchtowers
wondrous-built.

- They were forest-girdled,
fenced with spearmen;
horses neighed there,
helms were glinting.
- 65 There was clamour in the courts,
cold rang the steel;
shafts were shaken,
shields them answered.
Gates found they barred,
grim doors of iron:
Högni smote them,
hewed them fiercely.
- 66 (Forth came Vingi
the venom-tongued:)
- Vingi* ‘Ye need not to knock,
for known your coming!
The greeting is prepared –
the gallows waits you.
The hungry eagle,
the hoary wolf,
the ravens are ready
to rend your flesh!’
- Högni* 67 ‘Heralds were holy –
but unhallowed liar,
thou shalt hang the first,
and hell take thee!’
From the oak-branches
with arms corded
they hung him high
in the Huns’ faces.
- 68 Huns loud clamoured,
hate was kindled;
forth rushed they fell,
fierce the onslaught.
In battle blended
Budlungs, Niflungs;
blades were brandished,
burst were helmets.
- 69 Back they beat them
broken-harnessed;
to the doors they drove them –
din was in the gates.
In leaped Högni,
held the gateway,
hewed two-handed,
hurled them backward.
- 70 The few and fearless
as a fire entered,
as roaring flame,
wrath devouring.
Wolves sprang behind,
the ways were reddened,
the walls echoed,
wailing filled them.
- 71 Steep, stone-builted,
the stair arose
to dark doorways
dreadly timbered.
There Högni halted,
hailed them loudly:
- Högni* ‘Forth, forth! O friends,
the feast begins!’
- 72 Out came Atli,
anger-clouded:
- Atli* ‘Welcome, my vassals!
Ye have well begun it.
Death the drink here,
doom the ending,
ropes here the rings –
if ransom fail.
- 73 That gold give me

that is Guðrún's right,
 that Sigurd conquered,
 the serpent's treasure!
 Högni laughed then,
 on his hilts leaning;
 Gunnar glowering
 grimly answered.

Gunnar 74 'No gold from Gunnar
 shalt thou get for ever!
 Life canst thou take
 at latest end.
 Dear wilt thou buy it
 in dread barter
 of lords and lieges,
 lives uncounted!'

Atli 75 'Fools the Niflungs,
 feud-forgetful;
 foul-stained their hands
 with friend-murder.
 Guðrún's husband
 for Guðrún's wrong
 a grim vengeance
 will gladly wreak.'

Gunnar 76 'Here Guðrún spake not!
 Golden weregild
 she looks nor longs for –
 the lust is thine!'

Högni 'For atonement now
 time is over!
 Words we need not,
 war hath entered!'

77 Horns they sounded –
 hall-walls echoed –
 strode the stairway;
 stern their onslaught.
 The stones they stained
 with streaming blood;
 snaketongued arrows
 sang about them.

78 Doors clanged backward,
 din resounded:
 Hunland's champions
 hurled upon them.
 Hard were handstrokes,
 hewn were corslets,
 as on hundred anvils
 were hammers ringing.



79 In hall sat Guðrún
 at heart weary,
 from mood to mood
 her mind wavered.
 The din she hearkened,
 deadly crying,
 as back were beaten
 the Borgund-lords.

Guðrún 80 'Little I love them,
 long I hated!
 A wolf they gave me
 for woe's comfort.
 Yet the wolf rends them,
 and woe is me!
 Woe worth the hour
 that of womb I came!'

81 Her hands she wrung
 on high standing,
 loud called she clear
 to lieges there:

Guðrún 'If any honour me

in these evil halls,
let them hold their hands
from this hell-labour!

82 Who would love requite,
who would lies disown,
who remember misery
by these masters wrought,
arm now! arm now!
aid the fearless
betrayed and trapped
by this troll-people!'

83 Atli sat there,
anger burned him;
yet murmurs mounted,
men were rising.
Goths were there many:
griefs they remembered,
wars in Mirkwood
and wars of old.

84 From the hall striding
high they shouted,
foes turned to friends
fiercely greeted:
'Goths and Niflungs
our gods helping
will hew the Huns
to hell's shadow!'

85 The few and fearless
fiercely answered
(their backs were driven
to the builded walls):
Niflungs 'Friends, come welcome!
The feast is high.
Now songs let us sing
of our sires of yore.'

86 Of the Goths' glory
Gunnar sang there;
of Iormunrek
earth-shadowing king;
of Angantyr
and old battles,
of Dylgia, Dúnheioð,
and Danpar's walls.

87 Forth went Högni,
hate rekindled,
his son Snævar
at his side leaping.
Hewn was Högni
by a Hun chieftain;
his shield was shorn
in shards falling.

88 Snævar they slew there,
their swords stabbed him;
he left his life
laughing grimly.
Högni wept not;
from his hand the shield
stooping lifted;
strode then onward.

89 The stairs they strode
streaming redly;
at dark doorways
they dinned and hammered;
into halls of Atli
hewed a pathway;
rushed in roaring,
reeking-handed.

90 Gudrún they greeted,
Gunnar and Högni:
Gunnar & 'This feast is fashioned
Högni fair and seemly!

Fell-shapen fates
will force us ever
as wife to give thee,
and a widow make thee!’

Guðrún 91 ‘If for wrongs ye wrought
ruth now moves you,
doom forestall not!
This deed forego!’

*Gunnar &
Högni* ‘At our sister’s prayer
let him slink away!
Woman’s robes ward him,
not warrior’s mail!’

92 Forth went Atli,
anguish gnawed him;
to Guðrún Högni
said grim farewell:

Högni ‘Thy price is paid,
thy prayer granted!
At life’s forfeit
we have loosed our foe.’



93 Forth sent Atli
his errand-riders;
Hunland hearkened,
hosts were arming.
Gallowsfowl to gladden
Goths and Niflungs
from the hall they hurled
the Hunnish corpses.

94 Daylight grew dim,
dark shadows walked
in echoing halls
that Atli loved.
In need most dire
the Niflung lords
doom awaited;
the doors were shut.

95 Night lapped the world
and noiseless town;
under ashen moonlight
the owls hooted.
At guarded doorways
Gunnar and Högni
silent sat they
sleepless waiting.

96 First spake Högni:
Högni ‘Are these halls afire?
Of day untimely
doth the dawn smoulder?
Do dragons in Hunland
dreadly flaming
wind here their way?
Wake, O heroes!’

97 Gunnar answered:
Gunnar ‘Guard the doorways!
Here dawn nor dragon
dreadly burneth;
the gabled houses
are gloom-shrouded,
under ailing moon
the earth is shadowed.

98 There is tramp of men
torches bearing,
clink of corslet,
clank of armour.
There is crying of ravens,
cold howls the wolf,
shields are shimmering,

shafts uplifted.'

Gunnar & 99 'Wake now, wake now!
Högni War is kindled.
Now helm to head,
to hand the sword.
Wake now, warriors,
wielding glory!
To wide Valhöll
ways lie open.'



100 At the dark doorways
they dinned and hammered;
there was clang of swords
and crash of axes.
The smiths of battle
smote the anvils;
sparked and splintered
spears and helmets.

101 In they hacked them,
out they hurled them,
bears assailing,
boars defending.
Stones and stairways
streamed and darkened;
day came dimly –
the doors were held.

102 Five days they fought
few and dauntless;
the doors were riven,
dashed asunder.
They barred them with bodies,
bulwarks piling
of Huns and Niflungs
hewn and cloven.

103 (Atli spoke then
anguish mourning:)
Atli 'My friends are fallen,
my foes living,
my kith and kindred
cloven-breasted.
I am wealth-bereaved
and wife-curséd,
of glory shorn
in the grey of years.

104 Woe and wailing
in my wide kingdom!
Where I feasted long
are fell serpents.
The proud pillars
are purple-stained
in the builded halls
that Budli reared.'

105 Then Beiti spake there
bale devising,
the king's counsellor –
he was cunning-hearted.
Beiti 'Accursed is become
thy carven house!
Better loss of little
than to lose thy all.

106 Fire still may tame
these fell serpents,
thy pillars be the pyre
of these proud robbers!
For the ruin and wrack
wrath seized Atli;
that shame he shirked not,
shorn of glory.

- 107 Flame-encircled
fearless Niflungs
in riven harness
redly glinted.
Iron-bolted walls,
ancient timbers,
creaked and smouldered,
cracked and tumbled.
- 108 There hot and smoking
fell hissing embers,
and plashed and sputtered
in the pools of gore.
Reek was round them,
a rolling smoke;
dank dripped their sweat –
the doors were held.
- 109 Their shields they raised
over shattered helmets;
they stamped the brands
on streaming floors.
Blacktongued with thirst
blood there drank they;
fell one by one
on the ways to hell.
- 110 Out burst the brethren
blackhued, grisly,
boars bleeding-tusked
at bay at last.
The Huns grasped them
helmless, shieldless,
bare and bleeding,
with broken swords.
- 111 As hounds affrighted
Huns were crying;
they were rent and riven
by reeking hands.
Necks were broken
and knees sundered,
ere the Borgund king
was bound and thrown.
- 112 Last fought Högni
alone hopeless;
his teeth tore them
as they tied him down.
The dust was bitten,
the doom fallen,
the Need of the Niflungs
and their night was come.
- 113 In dank prison
dark and evil
Högni hurled they;
Huns him guarded.
But Gunnar bound
in Guðrún's bower
was flung at the feet
of her frenzied lord.
- Atli* 114 'Too long have I looked
for this last meeting,
Budlung's vengeance
on Borgund lord.
Here lies at last
in lowly dust
lordly Gunnar!
Guðrún behold!
- 115 Sigurd remember,
and say me now,
is it sweet to see him
so sore avenged?
In my serpent-pit
snakes are waiting –
they bite more bitter
than blades of steel!

- 116 Gunnar he trampled,
Gudrún saw him:
- Gudrún* ‘Evil art thou, Atli.
May thy end be shame!
By Erp and Eitill
our own children
(sons of the sister
of these sad captives),
from the dust lift them!
Their death forego!’
- Atli* 117 ‘Let them give me the gold,
the gleaming hoard,
the serpent’s treasure
that Sigurd conquered!
The gold, the gold
that grieves my dreams –
if Gunnar will grant it,
I will grant him thee!’
- Gunnar* 118 ‘I will give thee the gold,
goodly portion,
the half yielding
which I hold my own.
Half hath Högni,
my haughty brother;
to his latest breath
he will loose it not.
- 119 Let heart of Högni
at my hand be laid
from breast bleeding
with blades severed;
then gold will I give,
gold of serpents –
all shall Atli
eager take it!’
- Gudrún* 120 ‘Yet Högni no less,
mine hapless brother,
I did beg from thee
by those born of us!’
- Atli* ‘Of his troll’s temper
yet true were the words!
The gold will I gain,
though Gudrún weep!’
- 121 Out went Atli,
evil he purposed;
but wisemen bade him
wary counsel.
The queen fearing
of cunning thought they;
a thrall they seized
and thrust in prison.



- Hjalli the* 122 ‘Woe worth the wiles
thrall and wars of kings,
if my life I must lose
in their luckless feud!
The light of morning,
labour daylong,
fire at evening,
too few my days!’
- Huns* 123 ‘Hjalli, swineherd,
thy heart give us!’
Shrilly shrieked he
at the shining knife.
They bared his breast,
and bitter wailed he;
ere the point pricked him
he piercing cried.

124	Högni heard him, to the Huns spake he:
<i>Högni</i>	'Noisome the shrieking! Knives were liever. If hearts ye wish here lies a better. It trembles not. Take it! Your toil were less.'
125	The heart then cut they from Hjalli's bosom; to Gunnar bore it on golden dish:
<i>Huns</i>	'Here lies his heart! Högni is ended.' Loudly laughed he, lord of Niflungs.
<i>Gunnar</i> 126	'I hapless see here heart of craven. Högni hath not heart that trembles. Quivering lies it; quaked it swifter beating in baseborn breast ignoble.'
127	Loudly laughed he at life's ending, when knife was come to Niflung lord. The heart they cut from Högni's bosom; to Gunnar bore it on golden dish.
<i>Gunnar</i> 128	'I haughty see here heart undaunted. Högni held it, heart untrembling. Unshaken lies it, so shook it seldom beating in boldest breast of princes.
129	Alone now living, Lord of Niflungs, the gold I hold and guard for ever! In hall nor heath nor hidden dungeon shall friend or foeman find it gleaming.
130	Rhine shall rule it, rings and goblets, in weltering water wanly shining. In the deeps we cast it; dark it rolleth, as useless to man as of yore it proved!
131	Cursed be Atli, king of evil, of glory naked, gold-bereavéd; gold-bereavéd, gold-tormented, murder-tainted, murder-haunted!'
132	Fires of madness flamed and started from eyes of Atli; anguish gnawed him:
<i>Atli</i>	'Serpents seize him! snakes shall sting him. In the noisome pit naked cast him!'



- 133 There gleaming-eyed
 Gudrún waited;
 the heart within her
 hardened darkly.
 Grim mood took her,
 Grimhild's daughter,
 ruthless hatred,
 wrath consuming.
- 134 There grimly waited
 Gunnar naked;
 snakes were creeping
 silent round him.
 Teeth were poisoned,
 tongues were darting;
 in lidless eyes
 light was shining.
- 135 A harp she sent him;
 his hands seized it,
 strong he smote it;
 strings were ringing.
 Wondering heard men
 words of triumph,
 song up-soaring
 from the serpents' pit.
- 136 There coldly creeping
 coiling serpents
 as stones were staring
 stilled, enchanted.
 There slowly swayed they,
 slumberwhelmed them,
 as Gunnar sang
 of Gunnar's pride.
- 137 As voice in Valhöll
 valiant ringing
 the golden Gods
 he glorious named;
 of Ódin sang he,
 Ódin's chosen,
 of Earth's most mighty,
 of ancient kings.
- 138 A huge adder
 hideous gleaming
 from stony hiding
 was stealing slow.
 Huns still heard him
 his harp thrilling,
 and doom of Hunland
 dreadly chanting.
- 139 An ancient adder
 evil-swollen,
 to breast it bent
 and bitter stung him.
 Loud cried Gunnar
 life forsaking;
 harp fell silent,
 and heart was still.
- 140 To the queen that cry came
 clear and piercing;
 aghast she sat
 in guarded bower.
 Erp and Eitill
 eager called she:
 dark their locks were,
 dark their glances.



- 141 Pyres they builded
proud and stately;
Hunland's champions
there high upraised.
A pyre they builded
on the plain standing;
there naked lay
the Niflung lords.
- 142 Flames were mounting,
fire was roaring,
reek was swirling
ringed with tumult.
Smoke was fading,
sunk was burning;
windblown ashes
were wafted cold.
- 143 A hall was thronging,
Huns were drinking
the funeral feast
of fallen men.
Foes were vanquished,
fire had burned them;
now Atli was lord
of East and West.
- 144 Wealth he dealt there,
wounds requiting,
worthy weregild
of warriors slain.
Loud they praised him;
long the drinking,
wild grew the words
of the wine-bemused.
- 145 Gudrún came forth
goblets bearing:
Gudrún 'Hail, O Hun-king,
health I bring thee!'
Deep drank Atli,
drained them laughing:
though gold he missed,
yet was Gunnar dead.
- Gudrún* 146 'Hail, O Hun-king,
hear me speaking:
My brethren are slain
that I begged of thee.
Erp and Eitill
dost thou ask to look on?
Ask no longer –
their end hath come!
- 147 Their hearts thou tastest
with honey mingled,
their blood was blent
in the bowls I gave;
those bowls their skulls
bound with silver,
their bones thy hounds
have burst with teeth.'
- 148 There awful cries
of anguish woke;
their heads men hid
their horror shrouding.
Pale grew Atli,
as one poison-sick,
on his face crashed he
fallen swooning.
- 149 To bed they brought him
in bower empty,
laid him and left him
to loathsome dream.
Women were wailing,
wolves were howling,
hounds were baying
the hornéd moon.

- 150 In came Guðrún
with ghastly eyes,
darkly mantled,
dire of purpose.
- Guðrún* 'Wake thou, woeful!
Wake from dreaming!'
In his breast the knife
she bitter drave it.
- Atli* 151 'Grímhild's daughter
ghastly-handed,
hounds should tear thee
and to hell send thee!
Stoned and branded
at the stake living
thou shouldst burn and wither
thou born of witch!'
- 152 Guðrún mocked him,
gasping left him.
- Guðrún* 'The doom of burning
is dight for thee!
On pyre the corpse is,
prepared the faggot!
so Atli passeth
earth forsaking.'
- 153 Fires she kindled,
flames she brandished;
the house was roaring,
hounds were yelping.
Timbers crumbled,
trees and rafters;
there sank and died
slaves and maidens.
- 154 Smoke was swirling
over sleeping town,
light was lifted
over land and tree.
Women were weeping,
wolves were yammering,
hounds were howling
in the Hun-kingdom.
- 155 Thus Atli ended
earth forsaking,
to the Niflungs' bane
the night was come;
of Völsung, Niflung,
of vows broken,
of woe and valour
are the words ended.
- 156 While world lasteth
shall the words linger,
while men are mindful
of the mighty days.
The woe of Guðrún
while world lasteth
till end of days
all shall hearken.
- 157 Her mind wavered,
her mood grew cold;
her heart withered
and hate sickened.
Life she hated,
yet life took not,
witless wandering
in the woods alone.
- 158 Over wan rivers,
over woods and forests,
over rocks she roamed
to the roaring sea.
In the waves she cast her,
the waves spurned her;
by the waves sitting
she woe bemoaned.

Guðrún 159 'Of gold were the days,
gleaming silver,
silver gleaming
ere Sigurd came.
A maid was I then,
a maiden fair;
only dreams vexed me,
dreams of evil.

160 Fell sorrows five
hath fate sent me:
they slew Sigurd,
my sorrow greatest.
In evil loathing
to Atli me gave:
too long lasting
my life's disease.

161 The heart of Högni
they hewed living:
my heart it hardened,
my hardest woe.
Gunnar heard I
in the grave crying:
my grief most grim
was that ghastly voice.

162 My sons I slew
seared with madness:
keen it bites me
most clinging woe.
There sits beside me
son nor daughter;
the world is empty,
the waves are cold.

163 They slew Sigurd:
my sorrow deepest,
my life's loathing,
my life's disease.
Sigurd, Sigurd,
on swift Grani
lay saddle and bridle
and seek for me!

164 Rememberest thou
what on marriage-bed
in love we pledged,
as we laid us down? –
the light I would leave
to look for thee,
from hell thou wouldst ride
and haste to me!

165 In the waves she cast her,
the waves took her;
in the wan water
her woe was drowned.
While the world lasteth
woe of Guðrún
till the end of days
all shall hearken.



166 Thus glory endeth,
and gold fadeth,
on noise and clamours
the night falleth.
Lift up your hearts,
lords and maidens
for the song of sorrow
that was sung of old.

GUÐRÚNARKVIÐA EN NÝJA

eða

DRAP NIFLUNGA

1 A fumaça está morta,
amaina a pira;
as cinzas que sopra o vento
são sobras frias.
Como o sol que passou
Sigurd foi-se;
e a bela Brynhild queima
como brasa ardente.

2 Deles a desdita
e a felicidade se acabam;
mas a angústia de Guðrún
mais grande se torna.
A vida a revolta,
porém à vida não renuncia,
errando sem rumo
na floresta a sós.



3 Atli se ergue
e hostes comanda;
lá longe no Leste
toma alento seu poder.
Aos godos traz guerra,
pegando-lhes o ouro;
seus ginetes inúmeros
de renome rumam a oeste.

4 Ele, rebento de Budli,
lembrando as espadas
que do irmão de Budli
antigamente foram a sina;
ele, ávido de ouro,
rei de atro coração,
soube do tesouro
que repousava na Charneca.

5 Do fulgido ouro de Fáfnir
a fama já corre,
dominada dos Niflungs
dos Niflungs na terra;
de Guðrún grã beleza,
elegante e formosa,
de Gjúki, grão ancião,
que ingressa na tumba.



6 Da Floresta das Trevas trazem

soturna mensagem:
“Atli se ergue
e hostes retine.
As hostes se armam,
o ódio desperta;
sob os cascos equinos
sacode a terra dos hunos!”

7 Agora fala Gunnar
 com grave coração:
Gunnar “Será torpe a batalha,
 o ataque cruel!
 Será prata, ouro puro,
 que para a sua cobiça,
 será prata, ouro puro
 ou espadas reluzentes?”

8 Aí fala Högni,
 alto comandante:
Högni “A sina de Sigurd
 assim pranteamos!
 A vitória o tempo todo
 estava com o Völsung;
 só a guerra agora
 assegura a defesa.”

9 Agora fala Grímhild,
 de grandes conselhos:
Grímhild “Guðrún tem grã beleza,
 é elegante e formosa –
 atemo-lo entorno
 fraterno do matrimônio,
 a rainha dos hunos,
 é esse nosso auxílio!”

10 Procuram por Guðrún,
 em angústia a encontram,
 na mata em casa humilde
 com as mãos tecendo;
 tece fantásticas
 tramas e figuras
 enleadas com ais
 e obras de outrora.



11 Assim representa a Ódin,
 ancião de manto azul;
 Loki leve de pés
 com longos cachos de flama;
 de Andvari altas cascatas
 com alas prateadas;
 o ouro de Andvari
 na obra ela tece.

12 A vivenda de Völsung
 com vigas enormes,
 a Árvore que abre
 seus amplos ramos.
 Do grande Grímnir
 envergando o presente,
 Sigmund insigne
 resiste sem curvar-se.

13 Nas salas de Siggeir
 dançando as chamas;
 são envoltas em fogo,
 por flamas devoradas.
 Lá Signý saúda
 a Sigmund, de pé,
 o fogo em volta,
 a flama por trás.

14 Caros escudos de prata
 são carga da nau de Sigmund;
 são vastas as vagas,
 o vento as retorce.

Singra outrossim
de Sinfjötli o esquife
por mares imensos;
comanda-o Ódin.

- 15 Regin, bravo, trabalha
junto às brasas rubras;
faz Gram, grande espada,
em fagulhas envolta.
Alto se ergue
o elmo do dragão;
sob seu ventre se vê
que refulge o ouro.

- 16 Do silente cavaleiro
é longa a sombra,
de arreios dourados,
segurando Gram;
como o sol, claro Sigurd
que descende de Völsung,
cavalgando em Grani
à corte de Gjüki.



- 17 Grão resgate de ouro
Gunnar lhe traz,
humilde se mostra
o magno Högni.
A Gudrún saúdam,
Gunnar e Högni;
não lhes olha ela nos olhos,
o ódio ainda a queima.

- 18 Agora entra Grimhild
com grande ardil:
Grimhild “Refaze-te, filha,
sem falha, ó querida!
Queimada a má Brynhild,
o tormento é findo;
brilha a vida,
és bela ainda!”

- 19 Gudrún vai erguendo
de angústia os olhos,
manchados de choro,
cheios de luto.
Com olhos atros de saber
e íntimos intentos,
a vista de Grimhild vai
através dela fitando.

- Grimhild* 20 “Atli se ergue,
hostes comandando,
rei do Oriente
e seu rol de povos.
Palácios belíssimos
sua mulher regerá,
mais ditosa que todos
que na terra há.”

- Gudrún* 21 “Eram ouro as horas,
de ouro e prata,
só prata, só ouro,
antes de Sigurd vir.
Donzela entre donzelas,
em sossego eu caminhava;
só sonhos e sombras,
só com sonhos tinha sustos.

- 22 Um cervo vi em sonho,
reluzente de ouro:
já a seta está lançada
e o sangue derramado.
Um lobo pra consolar
meu alento me deste,
de tanto sangue fraterno
tinge-me ele de rubro.

23 Bem pouco apreço lhes tenho,
não posso crer neles,
mas tanto sangue fraterno
não tenho por bom.
Como a mim marido curará
dos males que carrego
na terra dos hunos, a que eu
tenho ódio em meu desespero?”

Grimhild 24 “Mal aos irmãos não queiras!
Quem tramou tudo foi Brynhild,
tua sina e teu pesar –
ressentem-se disso os irmãos.
E sonhos são sonhos só,
ou a sina predizem;
mas a sina há de ser
o que os sonhos apontam.

25 Dos hunos o ouro é luzente,
dos hunos a terra é ampla,
Atli é homem poderoso
entre os altos reis da terra.
E o ouro puro repara
o peso do coração;
melhor leito de rainha
que outro gelado e árido!”

Guðrún 26 “Por que me forças e afliges
com desafio nos olhos,
predizendo minha sina
com intenção terrível?
Com Sigurd me casaste,
em pesar se tornou;
agora peço-te repouso,
peço-te, deixa tua filha!”

Grimhild 27 “Não alivio os que vivem,
não têm vez as lágrimas
para quem altiva tenta
ao destino se opor!
Repouso não me peças!
Não te oponhas a mim,
ou lamenta eternamente
que ao mundo vieste!”

28 São atros seus olhos
desafiando a Guðrún,
predizendo sua sina,
impulsivos e terríveis.
Não espera resposta;
é plena de sabedoria;
agora sai Grimhild
e a Guðrún deixa.



29 A grã beleza de Guðrún
com gozo vê Atli;
ele sonha sobre ouro
nas sombras guardado;
sobre o tesouro da serpente
que Sigurd deixou a ela,
sobre a excelsa mulher,
de Sigurd a esposa.

30 Bebe um brinde
de bom grado
à pálida Guðrún, agora
envergando luminosas vestes.
Juras faz já,
jura a cada irmão dela
trégua constante,
da parentela o laço.

31 Escuro ecoa
o caro palácio,
esplêndido, amplíssimo

é o paço de Atli.
Há reis à sua roda,
nobreza sem conta,
e com ótimas armas
os hunos que cavalgam.

- 32 Alto a rainha Gudrún,
dos hunos, se assenta;
gélida jaz Gudrún,
regendo os hunos.
Seu mestre lhe tem amor,
amável é ela;
risadas não sabe dar,
o corpo seu é branco.
- 33 Por mais tempo manteve ele
a vontade do ouro,
pois sonha sobre ouro
nas sombras guardado.
Mantém guardado do dragão
o grande tesouro,
Os Niflungs nunca o tiram
da terra dos Niflungs.
- 34 Vai pensando consigo
tê o desejo dominá-lo;
despertando contendas
e antigas guerras.
Noites longas, no leito,
olhando-a fica;
escuras noites, ruminando,
sonhando com ouro.
- 35 Tendo assumido juramentos,
no mal medita;
mas o que quer ao alcance
está oculto no fundo.
Murmura muitas palavras
nos caminhos do sono;
Gudrún, arguta, as ouve
como perigosos presságios.
- 36 Um banquete ele quer
e proclama-o ao longe;
aos largos salões
dos palácios vêm convivas;
família e amigos
cumprimentam-no ali,
recebendo belos anéis,
bebida e risos.



- 37 Num válido cavalo
Vingi se apressa,
arauto do rei dos hunos,
correndo para oeste,
até Gunnar chegando,
Gjúking poderoso,
na morada junto ao Reno,
dourada e alta.
- 38 Ali bebem com brio;
assombrados o observam,
ouvindo a fala do huno,
a voz dele em seu palácio.
Com frieza se ouve
e alto seu grito;
de elmo, apeado,
saúda a Gunnar.
- Vingi 39 “A mim Atli manda
com muita pressa,
e voo a cavalo
pela velha floresta.
A Gunnar sua graça,
a Gunnar e Högni.
Agradai-vos, ele diz,

concordai com o convite!

40 Um banquete ele quer,
conta com que seja belo,
família e amigos
cumprimentam-no ali.
Dará novos anéis,
trajes de renome,
selas realçadas de prata
e do sul a púrpura.

41 Escudos à vossa escolha
e cotas de malha,
lanças de haste lisa
e lindos elmos.
A vós dará alfaias
gravadas em prata,
espadas com pega d'ouro
e esplêndidas terras.”

42 Não aguarda mais Gunnar
e pergunta a Högni:
Gunnar “O que acha, Högni?
Ouve a convocação?
O ouro que era
na alta Gnítaheiði
aos Niflungs não basta?
Para nós, por que mais?

Högni 44 “De mau grado em Gudrún penso –
graves ideias despertam!
Um anel, mais nada, manda ela,
um anel somente.
Tem pelo de lobo enrolado,
enleia-o ao redor,
lobos lá esperam,
na calada do caminho.”

Gunnar 45 “Mas para mim runas arranja,
runas de cura ela manda,
palavras lavra
para ler na madeira;
pede-nos com pressa
fazermos parte do banquete,
descartar antigas dores
e injustiças de outrora.”



46 Gunnar dá grandes dádivas
com gosto de rei;
convoca com vinho os homens
pra conforto do hóspede.
Com brio ali bebem
até a beira da noite
sem pensar na sina;
soa vozerio.

47 Chegando Grimhild
de grandes conselhos,
desenreda as runas,
os riscos gravados.
Franzindo o cenho,
pressente o mal;
fala Grimhild a Gunnar
grave e lenta.

Grimhild 48 “Estas runas têm perigo:
são riscos de ardil,
estranhamente deformadas,
têm manchas escuras.
Sob elas havia outras,
que destarte não se veem –
se é correto, correis risco,
eram runas do mal.”

49 Com gosto Gunnar bebeu,

agora encara o hóspede:
Gunnar “O vinho vosso, dos hunos,
não é rival do nosso!
Evito a viagem
pra convosco beber;
há algum engodo em vossas taças –
Gunnar não irá!”

50 Ouvindo-o, diz Vingi:
Vingi “Pois vou contar a meu senhor
que não restam reis
nas paragens de Gjúki?
Lá rege uma rainha
que runas decifra;
as seletas palavras dele,
uma mulher as julga?

51 Eu parto às pressas
e não ponho em segredo
que Atli entra em anos
mas Erp é jovem.
Sete invernos só
tem o nascido de tua irmã –
ao reino fazem falta
fortes mãos pra guiá-lo.

52 Em Gunnar põe gosto
pra ser guia e auxílio,
pra que cuide e crie
o pequeno da irmã.
Pensa que possam reger
seu amplíssimo reino –
mas medo vós tendes
e temeis sombras.”

53 Högni, que o ouve,
áspero retruca:
Högni “Ditos audazes
urdidos pela bebida!
Não se cansa nem tem cãs
aqui nosso rei,
mas na Renânia o renome
é de nossa sábia rainha.

54 Mas Atli, como ouço,
não tem anos tantos
que a guerra não o aguce
nem goste de fortuna.
E digo-me, aturdido:
‘O dia está longe
em que Erp ou Eitill
após Atli governem!’”

55 Mas Gunnar dá um grito
e ri com grande desprezo;
bebeu com brio
e bravo então diz:
Gunnar “Pois os lobos que levem
o que amealharam os Niflungs!
Que as torres devastadas
sejam toca de ursos.

56 Os ventos que vão
aonde vinho bebemos,
mas Gunnar vai agora
com Guðrún encontrar-se.
Depressa acompanho
teus pés, Vingi!
Nossas trompas vão alertando
a terra dos hunos.”

57 (Com pesado coração
vai dizendo Högni:)
Högni “Vou agora com Gunnar,
de bom grado não é.
As argutas falas de Grimhild,
graves, muitas vezes ouvimos.
Sigo-as e não hesito,
pro receio que me deem;
o que revela agora é vero,

e não confio nela.”

- 58 Então Vingí fez votos
com vil peçonha na língua –
rejeita toda jura
o perjuro frequente:
- Vingí* “O inferno que me frite
e a força que me tenha,
os corvos que me comam,
se se esconde algo nas runas!”



- 59 Os Niflungs afastando-se
da terra dos Niflungs,
poucos os acompanham
no empenho da jornada.
Grisalha, envelhecida,
ali resiste Grímhild;
os olhos atros se turvam
diante da visão da morte.
- 60 Feita a fala,
têm força de vontade;
o destino incitando-os,
vão partindo inquietos.
A multidão audaz
impedi-los não ousa,
senhores nem nobres;
animam-se a cavalgar.
- 61 Apressando-se os corcéis,
reluzindo as pedras,
rangem as rochas
ao correrem nas estradas.
Em terríveis florestas
aterroram-se os cervos,
sobre monte, sobre vale
ressoam os cascos.
- 62 Sobre os rios remam,
rugem no avanço;
quase rompem os remos
na rota veloz.
A espuma da proa
pula e rebrilha;
na margem, sem amarras,
desmontam dos barcos.
- 63 Na terrível floresta
irrompem as trompas
pra que ouçam os hunos;
altobatem os cascos.
Arreios dourados
coruscam e brilham,
apressando-se os corcéis
que incitam à loucura.



- 64 Do topo do outeiro
contemplam o palácio,
muralhas, torretas
de régio desenho.
Fica em meio à mata
com muitos lanceiros;
relincham ali montarias,
reluzem os elmos.
- 65 Já clamam na corte,
já cravam o aço;
os dardos sacudindo,
respondendo-lhes escudos.
Topam com trancas

nos portões de ferro:
Högni, com ódio,
ávido os golpeia.

66 (Vem então Vingi
com vil peçonha na língua.)

Vingi “Não tendes que bater,
presentimos vossa vinda!
A festa está feita –
a força vos aguarda.
A águia está ávida,
uiva o lobo,
os corvos já querem
vossa carne comer!”

Högni 67 “Os que dão mensagens eram sacros,
Mas, desgraçado mentiroso,
enforco-te na frente de todos,
e o inferno te leve!”
Num forte carvalho
enfaixam-lhe os braços
e na força o levantam
à vista dos hunos.

68 Gritam alto os hunos
e o ódio se inflama;
avançam com fúria
na força do assalto.
No combate se embrenham
Budlungs, Niflungs;
empunham-se espadas,
partem-se elmos.

69 Rompem suas couraças
empurrando-os de volta;
às portas os repelem –
espoucam os portões.
Högni então entra,
fica ante o portal,
com o montante ataca
e para trás os arroja.

70 Os poucos impávidos
com impulso ígneo entram
qual raiva devorando,
rugem qual chama.
Saltam lobos logo atrás,
as colunas tornam-se rubras,
os muros murmuram,
lamentos os preenchem.

71 Inclina-se uma escada
fincada nas pedras
aos tétricos portais
de torpes madeiros.
Lá Högni faz alto,
saúda-os assim:

Högni “Comigo! Ó amigos,
começa o banquete!”

72 Vem Atli saindo,
em ódio envolto:

Atli “Sim, meus vassalos!
Começastes muito bem.
À morte mando brindar,
pois termina assim para vós,
nos pescoços cordas, não colares –
enquanto não houver resgate.

73 Pagai-me o resgate do ouro
que de Gudrún é de direito,
que Sigurd soube conquistar,
o tesouro da serpente!”
Ai Högni ri-se,
na haste da espada apoiado.
Gunnar, mui grave,
com gosto responde.

Gunnar 74 “Resgate de Gunnar não terás
em algum tempo, jamais!

A vida podes levar
ao fim de tudo.
Caro ela te custa
trocando-a, terrível,
com senhores e nobres,
inúmeras vidas!”

Atli 75 “São néscios os Niflungs,
nada lembram das rixas;
têm manchas nas mãos
dos amigos trucidados.
Pelo engano de Guðrún
de Guðrún o consorte
grave vingança
com gosto empreenderá.”

Gunnar 76 “Agora Guðrún não opina!
Resgate de ouro
ela não busca nem abona –
a cobiça é tua!”

Högni “Não é mais o momento
de tomar compensação!
São palavras ao léu,
batalhemos agora!”

77 Tocam as trompas –
retinem os muros –
escalam a escada
atacando com fúria.
Com sangue empoçado
sujam as pedras;
com pontas de serpente
passam as setas em volta.

78 Para trás abrem portais,
a turba exclama:
os mais árduos dos hunos
sobre eles se arrojam.
São grandes os golpes
que desgastam as couraças
qual centena de martelos
cantando em bigornas.



79 Com exausto coração
Guðrún senta-se no paço,
de humor em humor
sua mente oscila,
ouvindo a revolta
das vozes mortíferas,
derrota enorme apanhando
os senhores Borgunds.

Guðrún 80 “Pouco apreço lhes tenho,
meu desprezo foi longo!
Um lobo pra consolar
meu alento me deram.
Mas logo o lobo os destrói,
meu alento se vai!
Ai da hora
em que eu saí do ventre!”

81 Aperta os punhos
num posto elevado,
gritando a todos
que batalham ali:
Guðrún “Se um de vós me honra
nestes atros salões,
que não meta suas mãos
neste imundo inferno!”

82 Quem tem memória do amor
e ao que mente quer negar,
quem recorda quantos crimes
provocaram estes senhores,
às armas! às armas!
ímpeto aos intrépidos

- rendidos na armadilha
da maldita gente!”
- 83 Atli está aí,
o ódio o queima;
os murmúrios aumentam
e muitos se levantam.
Há godos em grande número:
suas angústias recordam,
batalhas de outrora
e na Floresta das Trevas.
- 84 A passos largos, barulhentos,
do salão vêm saindo,
inimigos tornados amigos
cumprimentam, ferozes:
“Godos e Niflungs,
se agrada aos deuses,
golpeiam os homens dos hunos
para os atos infernos!”
- 85 Os poucos impávidos
respondem ferozes
(acuam-nos de costas
contra as muralhas):
- Niflungs* “Vinde, bem-vindos!
Longe vai o banquete.
Cantemos cantigas
dos antigos nossos pais.”
- 86 Da glória dos godos
Gunnar ali canta;
de Iormunrek, alto
e ótimo rei;
de Angantýr
e altos combates,
de Dylgja, Dúnheið
e de Danpar os muros.
- 87 Diante vai Högni
com ódio reaceso;
Snævar, filho seu,
salta ao seu lado.
Ousa atacar Högni
um huno comandante;
o escudo faz-se em cacos
que caem estilhaçados.
- 88 O assassinio de Snævar,
transpassado de espadas,
privou-o da vida;
enquanto vivo, ria-se.
Mas Högni não lamenta;
da sua mão o escudo
levanta, curvando-se;
avança depois a bom passo.
- 89 A escada escalam,
escorrem de vermelho;
nos tétricos portais
martelam e atroam;
para o átrio de Atli
armam uma trilha;
irrompem, rugem,
a raiva nas mãos em brasa.
- 90 Saúdam Guðrún com gosto
Gunnar e Högni:
- Gunnar &
Högni* “Esta festa está feita
fina e bela!
O destino atroz
todo o tempo nos força
a casar-te em doação
e fazer-te viúva!”
- Guðrún* 91 “De vossos males, irmãos,
se vos move o arrependimento,
não apresseis a sina!
Esta ação não cometei!”
- Gunnar &* “Por amor a nossa irmã,

Högni pra muito longe ele rasteje!
 Afastai-o vestido de mulher,
 não em traje de guerreiro!”

92 Com ódio parte Atli,
 a ânsia o corrói;
 de Gudrún Högni
 com angústia se despede:

Högni “Teu preço está pago,
 o que pedes é concedido!
 Pelo que vale a vida
 livramos nosso inimigo.”



93 Com ódio manda Atli
 seus ágeis mensageiros;
 os hunos todos ouvem
 e as hostes se equipam.
 Com gosto agradam os abutres
 os godos e os Niflungs;
 do palácio lançam
 longe os corpos dos hunos.

94 Reduz-se a luz do dia,
 andando vão sombras
 nas amplas salas, com ecos,
 que Atli apreciava.
 Os senhores Niflungs
 no mais iníquo perigo
 o destino contemplam;
 os portais estão fechados.

95 O início da noite
 chega novo à vila;
 à cinza e lúgubre luz
 da lua poam corujas.
 Nas grandes portas com guarda
 Gunnar e Högni
 repousam compostos,
 esperam sem sono.

96 Antes fala Högni:

Högni “Arde este paço?
 O dia se adianta
 com claridade da aurora?
 Dragões à guisa de chama
 na grande terra dos hunos
 estão se arrastando para cá?
 Despertai, ó heróis!”

97 Agora responde Gunnar:

Gunnar “Em guarda nas portas!
 Nem crepúsculo nem serpente
 nos opõe chamas mortais;
 o escuro recobre
 as casas, seus telhados,
 tão doentia a lua
 que a terra se obscurece.

98 Há passos de não poucos homens
 que portam tochas,
 as malhas tremendo retinem,
 armamentos se chocam.
 Os corvos reclamam,
 nos cantos frios uiva o lobo,
 reluzem os largos broquéis,
 as lanças se erguem.”

Gunnar & Högni 99 “De pé, de pé!
 Desperta a guerra.
 Capacetes em cima,
 terçados à mão.
 Despertai, combatentes,
 atentos à glória!
 Avante, para Valhöll
 as vias estão abertas.”



- 100 Nos tétricos portais
 martelam e atroam
 com repique de espadas
 e impacto de machados.
 Ferreiros bravos do combate
 batem nas bigornas,
 amassando, estilhaçando
 capacetes e lanças.
- 101 Combatendo ao entrar
 atiram-nos fora,
 javalis repelindo,
 atropelando como ursos.
 Ficam escuras e encharcadas
 escadas e pedras;
 pouco a pouco faz-se dia –
 as portas resistem.
- 102 Os poucos impávidos
 repelem-nos por cinco dias;
 os portões são partidos,
 com tudo se desfazem.
 Na barricada de corpos
 que escolhem e amontoam
 dos hunos e dos Niflungs
 reúnem os restos.
- 103 (Por fim fala Atli
 aflito de luto.)
Atli “Os meus estão mortos,
 os inimigos vivem,
 família e amigos
 já não mais respiram.
 Não tenho mais fortuna,
 só feitiço da esposa,
 está gasta a glória
 na agrura dos anos.
- 104 Males e lamentos
 em meu mui amplo reino!
 No recinto de minha ceia
 estão sórdidas serpentes.
 Avermelhados os pilares
 com o líquido sangue
 nos belos ambientes
 que Budli ergueu.”
- 105 Com brio fala Beiti,
 embala-o a tristeza,
 que o rei seu aconselha –
 seu coração é astuto:
Beiti “Um feitiço abateu-se
 sobre tua morada!
 É melhor percas pouco
 do que percas tudo.
- 106 Pode o fogo pôr em fuga
 essas feias serpentes
 e a pira dos que pilham
 ser posta em tuas colunas!”
 Pela derrota do reino
 a raiva se apossa de Atli;
 não refugando a vergonha,
 de glória está privado.
- 107 Num inferno de fogo
 os filhos dos Niflungs;
 suas couraças se racham,
 são rubras e partidas.
 Muralhas ferradas,
 madeirames antigos,
 rangem rubros em brasa,
 racham e tombam.

- 108 Brásas com rubor
se abatem sobre eles,
cuspiendo se espalham
em poças de sangue.
Vapores os oprimem,
espessa fumaça;
transpiram, respingam –
as portas resistem.
- 109 Erguem armas, broquéis,
sobre elmos destroçados;
repisam as brásas
nos pisos encharcados.
Línguas negras de sede, insanos,
sangue ali bebem;
e um por um tomba
no atro caminho do inferno.
- 110 Arremetem os irmãos,
queimados, horríveis,
javalis de lábios sangrentos
encurralados por fim.
Os hunos os alçam
sem elmo, sem escudo,
despidos, ensopados de sangue,
com espadas partidas.
- 111 Como cães que se aciuam
clamam os hunos;
por mãos que fumegam
são mortos, partidos.
Quebram pescoços
e cortam joelhos
té que amarrado em derrota
o rei Borgund esteja.
- 112 Por último Högni,
só ele, combate,
com dentes mordendo-os
à medida que o atacam.
Mordido o duro pó,
consolidado o destino,
A Penúria dos Niflungs
e sua noite é chegada.
- 113 Em imunda masmorra,
tremenda e escura,
eles a Högni lançam;
hunos o vigiam.
Mas pra angústia de Guðrún
atam Gunnar em seu quarto
e o lançam em grilhões
ao louco senhor.
- Atli* 114 “Aguardei com ardor
este derradeiro encontro;
retribui assim o Budlung
ao Borgund altivo.
E já aqui jaz
despojado, ao pó,
o grande Gunnar!
Guðrún, contempla!
- 115 Pensando em Sigurd,
tu sabes dizer-me
se a vingança agora
tu gostas de ver?
Em meu poço de serpentes
esperam as cobras –
mordem mais amargo
que muitos punhais!”
- 116 Envergonha a Gunnar,
Guðrún o vê:
- Guðrún* “Atli, és ímpio,
seja atro teu fim!
Por Erp e Eitill,
nossos únicos filhos
(filhos moços da irmã
desses miseros cativos),
aparta-os do pó!
Poupa-os da morte!”

Atli 117 “Pois que ponham o ouro
da serpente em minhas mãos,
o tesouro reluzente
que Sigurd conquistou!
O ouro, o ouro
com que ávido sonho –
se Gunnar o entregar,
vou entregá-lo a ti!”

Gunnar 118 “Entregarei a dourada
generosa porção,
entrego a metade
que tenho para mim.
A outra tem Högni,
meu alto irmão;
até o último hálito
a ela não perde.

119 Assim coração de Högni
posto seja em minha mão,
do tórax cortado
e tinto de sangue;
hei de dar ouro,
ouro de serpentes –
há de ter Atli,
o ávido, tudo!”

Gudrún 120 “O meu pobre irmão,
ninguém menos que Högni,
implorei que liberasse
pelos gerados por nós!”

Atli “Do seu humor de monstro
mais é certa a fala!
Terei eu esse ouro
com os ais de Gudrún!”

121 Assim sai Atli,
a intenção é maligna,
com seus sábios fazendo
conselhos de cautela.
Temem a real dama
e um ardil imaginam;
apossando-se de um servo,
na prisão o colocam.



Hjalli, o servo 122 “Malditos os ardis,
as contendas dos reis,
se em disputa que empenham
eu perco a vida!
Despertar à matina,
o dia todo labuta,
à tardinha já durmo,
meus dias são poucos!”

Hunos 123 “Teu coração nos concede,
defensor dos porcos, Hjalli!”
Quando reluz a lâmina
soa longe seu grito.
Expõem-lhe o peito
e depressa ele uiva;
antes que o pique a ponta
ele põe-se a berrar.

124 Högni o ouve,
aos hunos assim fala:
Högni “Prefiro as facas
ao infausto berreiro!
Se o desejo é um coração,
este, sei, é melhor.
Não estremece. Tomai-o!
Será menos vosso trabalho.”

125 Então retiram o coração
do tórax de Hjalli,

- carregando-o até Gunnar
em grão prato d'ouro:
- Hunos* “Eis o órgão!
Högni está acabado.”
Riu-se a bom rir
o régio Niflung.
- Gunnar* 126 “Aqui só me apresentam
um coração de covarde.
De Högni não é
esse que estremece.
Aqui está, e treme;
mais intenso era o tremor
batendo num estúpido
tórax ignóbil.”
- 127 Riu-se a bom rir
ao escorrer da vida,
vindo o iníquo punhal
ao Niflung régio.
Então retiram o coração
do tórax de Högni,
carregando-o até Gunnar
em grão prato d'ouro.
- Gunnar* 128 “Agora sim, me apresentam
um coração impávido.
É, sim, de Högni
este que não estremece.
Aqui está, constante;
destarte não se movia
batendo no mais altivo
tórax de príncipe.
- 129 Dos guerreiros mais ricos,
rei dos Niflungs,
só eu tenho o ouro,
pelas eras o guardo!
Em paço ou pasto
ou pobre calabouço
nem amigo nem inimigo
seu mínimo brilho verá.
- 130 O Reno o arrasta,
dourados anéis e taças,
nas vagas que vertem
é fraco seu brilho.
Para o fundo se foi;
revira-se obscuro,
sem uso para os homens
como em outras eras foi!
- 131 Ai de Atli,
Amo do mal,
De honra oca,
Do ouro subtraído;
Do ouro subtraído,
Pelo ouro magoado,
Da matança infectado,
Da matança temeroso!”
- 132 Fogos de fúria
se inflamam e saltam
dos olhos de Atli;
a ira o corrói:
- Atli* “Serpentes o peguem!
Que o piquem as cobras.
Na fossa infecta
o façam lançar!



- 133 Ali Guðrún aguarda
com grão brilho nos olhos;
endurecem, obscurecem
seu rosto e coração.
Agora é grave seu ânimo,
de Grímhild filha,

- odeia sem piedade,
perdida em fúria.
- 134 Ali Gunnar aguarda
a vingança, todo nu;
serpentes se espalham
em pleno silêncio.
Presas que picam com veneno,
disparam as línguas;
os ávidos olhos
têm orbes sem pálpebras.
- 135 Manda-lhe ela uma harpa;
logo ele a segura,
toca-a com toda força,
tange-lhe as cordas.
O povo se espanta
co'as impávidas palavras
da canção que ascende
da cela das serpentes.
- 136 Enroladas, geladas,
deslizam serpentes,
como pedras elas param,
espantam-se, encantadas.
Ali lentas balançam,
leva-as o sono
quando o orgulho de Gunnar
Gunnar entoa.
- 137 Como voz em Valhöll
válida ressoando,
dos Deuses d'ouro
ele diz nomes gloriosos;
de Ódin, o alto,
de Ódin o eleito,
dos potentes da terra,
os antigos reis.
- 138 Avulta uma víbora,
revela-se num clarão,
da toca escondida
arrastando-se lenta.
Ainda hunos o ouvem
a harpa dedilhando,
o destino da terra dos hunos
cantando terrível.
- 139 Uma velha víbora
eivada de mal
no seu peito se põe
e o pica atroz.
O grito de Gunnar
é agudo e mortal;
silencia sua harpa,
o coração se detém.
- 140 A rainha ouve o grito
acre e penetrante;
consterna-se, sentada
no retiro vigiado.
Erp e Eitill
ela ávida chama:
têm cachos escuros,
escuros seus olhares.
- 
- 141 Piras empilham
bem compostas e altivas;
ali erguem bem alto
dos hunos os senhores.
Uma pira empilham
no plano do campo;
ali nus, sem mais nada,
dos Niflungs os senhores.
- 142 O lume vai longe,

- eleva-se o fogo,
o fumo das flamas
confuso e revolto.
A fumaça é morta,
amaina a pira;
as cinzas que sopra o vento
são sobras frias.
- 143 Em insólita sala
 sorvem os hunos
 o banquete daqueles
 que encontram a morte.
 Inimigos não há mais,
 consumidos pelo fogo;
 Agora no Este e Oeste
 Atli é senhor.
- 144 Reparte suas posses,
 compensa as feridas,
 resgata os que com glória
 na guerra tombaram.
 Com loas o louvam;
 longa é a bebida,
 selvagens pelo vinho
 vêm as palavras.
- 145 Gudrún vem agora
 carregando taças:
- Gudrún* “Ó rei dos hunos,
 saúde te trago!”
 Atli bebe com brio,
 com bons risos traga:
 não é seu o tesouro,
 mas vencido está Gunnar.
- Gudrún* 146 “Ó rei dos hunos,
 ouve minha fala:
 Meus irmãos estão mortos,
 era meu o desejo.
 Erp e Eitill
 teus olhos querem ver?
 Não mais o comandes –
 a morte os levou!
- 147 Tomaste com mel
 mistos seus corações,
 seu sangue se dissolve
 na poção que te dei;
 os copos são seus crânios
 cercados de prata,
 com os dentes morderam
 os ossos deles teus cães.”
- 148 Ali grandes gritos
 de angústia despertam;
 escondem e cobrem
 as caras de horror.
 Como quem sofre peçonha
 balançando está Atli,
 despencando de cara,
 cai desmaiado.
- 149 Ao leito o levam
 num salão vazio,
 o deitam e o deixam
 com odiosos sonhos.
 As amas dão ais,
 uivam os lobos,
 os cães acossam
 os cornos da lua.
- 150 Agora entra Gudrún
 com desgosto nos olhos,
 de capa escura,
 é crime seu intento.
- Gudrún* “Desperta, desprezo-te!
 Desperta do sonho!”
 No seu tronco ela enterra
 todo o punhal.
- Atli* 151 “Por vingança, de Grimhild filha,

com desgosto nas mãos,
as feras te firam
e ao inferno te mandem!
Na pira posta viva,
com pedras e brasas marcada,
consome-te em incêndio,
que nasceste de bruxa!”

152 Gudrún com chacota
ofegante o deixa.
Gudrún “O fado do fogo
está feito para ti!
Na pira está o príncipe,
prepara-se a lenha!
É este o fim de Atli,
saindo do mundo.”

153 O incêndio ela acende,
incita as chamas;
a casa já queima,
os cães uivam.
Despencando os caibros,
escoras e vigas;
donzelas e servos
fenecendo e caindo.

154 Sobre a aldeia que dorme
vai rodando a fumaça,
a luz se eleva
sobre os lenhos e campos.
As mulheres às lágrimas,
os lobos lamentam,
nas áreas dos hunos
uivam os cães.

155 Eis o fim de Atli,
saindo do mundo,
aos Niflungs destinados
a noite é chegada;
de Völsung, Niflung,
dos votos rompidos,
do desalento e valor
as palavras cessam.



156 Enquanto a terra existir
vão persistir as palavras
na memória humana
dos imensos feitos.
Enquanto a terra existir
do infortúnio de Gudrún
até o dia derradeiro
estes ditos se ouvirão.

157 Sua mente estremece,
seu humor esfria;
fenecendo o coração,
adolecendo de ódio.
A vida a revolta,
mas à vida não renuncia,
caminha demente
na mata a sós.

158 Sobre rios descorados,
florestas e bosques,
correndo sobre rochas
aonde ruge o mar.
Para as vagas avança,
as vagas a rejeitam;
o infortúnio lamentando,
vai sentar-se junto às vagas.

Gudrún 159 “Eram ouro as horas,
de álgida prata,
só prata, só brilho,
antes de Sigurd vir.
Como donzela eu crescia,

donzela bela;
só com sonhos tinha sustos,
sonhos do mal.

- 160 São cinco os pesares
que a sina enviou-me:
o assassinio de Sigurd,
meu pesar maior.
Com ânimo de ódio
a Atli me deram:
demais se demora
o mal de minha vida.
- 161 Devassado ainda aceso
o coração de Högni:
endureceu-me o coração,
a mais sólida dor.
Os gritos de Gunnar
desde a cova escutei:
minha angústia mais grave
é a fantasmagórica voz.
- 162 A meus filhos pus fim
na fúria da demência:
é imenso o remorso
da máxima dor.
Nem filho nem filha
fica ao meu lado;
o mundo é imenso,
o mar é gelado.
- 163 O assassinio de Sigurd:
meu pesar mais fundo,
da minha vida o mal,
da minha vida o ódio.
Sigurd, Sigurd,
sela teu Grani,
arreia-o rápido
correndo à minha busca!
- 164 Tu te lembras das palavras
no leito nupcial,
juramento de amor
meu e teu, ao deitarmos? –
eu saíra da alegria
procurando por ti,
do inferno, a cavalo,
virias firme até mim!”
- 165 Para as vagas avança,
as vagas a tomam,
afundando sua dor
e desdita nas águas.
Enquanto a terra existir
do infortúnio de Gudrún
até o dia derradeiro
estes ditos se ouvirão.



- 166 Agora a glória se acaba,
apagando-se o ouro,
o tumulto e os clamores,
amaina-os a noite.
Alçai os corações,
donzelas e senhores,
pro cantar que desde antanho
se entoa sobre a dor.



COMENTÁRIO
sobre
GUÐRÚNARKVIÐA EN NÝJA



COMENTÁRIO

sobre

GUÐRÚNARKVIÐA EN NÝJA

Neste comentário, “Guðrúnarkviða en nýja” é referido como a Balada de Guðrún ou, não sendo possível confusão, como a balada, e “Völsungakviða en nýja” como a Balada dos Völsungs. Como não há seções neste poema, as referências são feitas simplesmente pelos números das estrofes.

O título subordinado “Dráp niflunga” significa “A matança dos Niflungs”: sobre esse nome vide a Balada dos Völsungs, VIII.8 e nota.

A relação da Balada de Guðrún com suas antigas fontes não é essencialmente diversa daquela da Balada dos Völsungs, mas neste caso as fontes são em muito grande medida existentes nos poemas da *Edda*, e a “Völsunga Saga” tem muito menos importância. Em seu conteúdo, a Balada de Guðrún é essencialmente um complexo entrelaçamento dos poemas eddaicos “Atlakviða” e “Atlamál”, junto com alguns desenvolvimentos totalmente independentes.

Meu pai dedicou muito tempo e pensamento a “Atlakviða” e preparou um comentário muito detalhado (base para conferências e seminários) sobre este texto extraordinariamente difícil. É um poema que ele admirava muito. A despeito de sua condição, escreveu ele, “estamos em presença de um grande poema que ainda consegue nos emocionar como poesia. Seu estilo é universal e justamente elogiado: rápido, sucinto, vigoroso – enquanto mantém a caracterização, dentro de seus estreitos limites. O poeta que o escreveu sabia como produzir a atmosfera austera e mortífera que seu tema exigia. Ele vive na memória como uma das coisas da *Edda* mais repletas daquela energia e força demoníacas que encontramos na poesia nórdica”.

Mas o texto, tal como está no *Codex Regius*, com seus versos ou estrofes claramente corrompidos, defeituosos ou incompreensíveis, seus acréscimos incompatíveis, suas estranhas variações de métrica, ao longo de muitos anos inevitavelmente deu origem a grande número de análises críticas discordantes. Aqui, no entanto, nada mais preciso mencionar do que o fato de que meu pai tentou interpretar o estado de “*Atlakviða*” como retrabalho de um poema anterior, um retrabalho que então sofrera ele mesmo “melhoramentos”, acréscimos, perdas e desarranjos.

No *Codex Regius*, a “*Atlakviða*” segue-se “*Atlamál*”, o mais longo de todos os poemas heroicos da *Edda*. Quer o autor deste poema estivesse familiarizado com “*Atlakviða*” ou não (meu pai achava que era improvável), ele é decididamente mais tardio, e, ainda que conte a mesma história e mantenha os velhos nomes, sofreu não obstante uma extraordinária transposição imaginativa: poder-se-ia dizer que a história foi removida da Era Heroica e restabelecida em um modo totalmente diverso. Acerca disso meu pai escreveu: “‘*Atlakviða*’ parece preservar uma versão muito primitiva (pouco elaborada e inalterada) dos acontecimentos. Há ainda uma sensação do grande reino de Atli e dos amplos conflitos dos antigos dias heroicos; as cortes são cortes de reis poderosos – em “*Atlamál*” elas se reduziram a casas de fazenda. A geografia, evidentemente vaga, está de acordo: os Niflungs cavalgam por pântano, floresta e planície até Atli (em “*Atlamál*” parecem apenas atravessar a remo um único fiorde). Podemos notar também o antigo e tradicional *vin Borgunda* de Gunnar, e a *Myrkviðr* (“Floresta das Trevas” especialmente associada às antigas histórias dos hunos” (vide notas à Balada dos Völsungs VII.14 e 15). Mas em “*Atlamál*”, enquanto sobrevive o antigo “enredo”, o sentido de um mundo arcaico e distante, herdado através de muitas gerações, desapareceu por completo. E com ele foram-se por completo o tesouro dos Niflungs e a cobiça de Atli.

3-4, 6 Estas estrofes ecoam em sua linguagem os versos que Gunnar cantou quando chegou pela primeira vez ao palácio de Gjúki, e usam várias das mesmas frases: vide a Balada dos Völsungs, VII.14-15 e notas. Gunnar relembrava as guerras anteriores entre godos e hunos (14), e as batalhas em que “os nobríssimos Borgunds de Budli a hoste enfrentaram” e mataram o irmão de Budli (15).

O compilador do *Codex Regius* escreveu um trecho em prosa intitulado “Dráp niflunga”, “A matança dos Niflungs”, que devia evidentemente servir de introdução ao poema que se segue no manuscrito, que é “Guðrúnarkviða en forna”, a antiga Balada de Gudrún. O trecho começa assim:

Gunnar e Högni se apossaram de todo o ouro, o patrimônio de Fáfnir. Naquela época havia disputa entre os filhos de Gjúki e Atli: ele os acusava da morte de Brynhild. Foi assim que se reconciliaram: deviam dar-lhe Gudrún em casamento – e deram a ela uma poção de esquecimento, antes que ela consentisse em se casar com Atli.

Aqui, como na própria antiga Balada de Gudrún, Brynhild é filha de Budli e irmã de Atli. Visto que na versão da história escrita por meu pai Brynhild não estava associada com Atli, esse elemento está ausente da sua Balada de Gudrún. “Não há vestígio em 'Atlakviða' de Brynhild e toda essa complicação”, escreveu ele, “e na medida em que o motivo é aparente – não é explícito – são *a cobiça de Atli* e o tesouro amaldiçoado que estão na base do problema”. Sobre a poção de esquecimento vide a nota a 17-28.

10-16 “Atlakviða” e “Atlamál” só abordam a história no ponto da chegada do mensageiro de Atli aos Gjúkings. A fonte primária para a história de Gudrún após a morte de Sigurd é “Guðrúnarkviða en forna” (que conta a história de que Sigurd não foi assassinado na cama, e sim ao ar livre, vide nota a IX.51-64 na Balada dos Völsungs). Neste poema Gudrún olha para o passado, lamentando-se, e conta como foi sentar-se de noite junto ao corpo de Sigurd, que jazia na floresta; dali vagueou e chegou por fim à Dinamarca. Foi na Dinamarca, com Thora, filha de Hákon, que a tapeçaria foi tecida, e foi ali que Gunnar e Högni foram ter com ela, junto com Grímhild.

Na balada (estrofe 2) diz-se que Gudrún saiu “errando sem rumo na floresta a sós”, e quando Grímhild e seus filhos a encontraram ela ainda vivia sozinha e tecia sua tapeçaria “na mata em casa humilde” (10).

No breve texto (iii) a respeito deste poema, publicado na “Introdução” em *Notas do autor sobre os poemas*, meu pai escreveu: “Gudrún não tomou sua própria vida, mas de pesar passou certo tempo meio demente. Não olhava para os parentes nem para a mãe, e vivia

apartada em uma casa no bosque. Ali, passado algum tempo, começou a tecer numa tapeçaria a história do Tesouro do Dragão e de Sigurd”. Assim, a introdução da tapeçaria no poema eddaico tornou-se um artifício, possuindo conteúdo totalmente diferente, para interligar “Guðrúnarkviða en nýja” a “Völsungakviða en nýja”.

- 17-28 Um importante elemento em “Guðrúnarkviða en forna” que está ausente da Balada de Gudrún é a poção de esquecimento dada a Gudrún por Grímhild, que tenciona fazê-la esquecer suas injúrias e consentir em se casar com Atli. No poema, seguido pela saga, diversas estrofes são dedicadas à poção de Grímhild, e seus curiosos ingredientes são amplamente enumerados. Mas, muito estranhamente, a poção não tem nenhum efeito sobre a mente de Gudrún: nas estrofes seguintes ela resiste ferozmente às persuasões de Grímhild; e portanto foi comumente suposto que as estrofes ficaram desordenadas, sendo que as que se referem à poção foram colocadas muito no início.

Meu pai não aceitava essa explicação. Ele acreditava que a primeira poção de esquecimento, ministrada por Grímhild a Sigurd, fora inventada “para dar conta das dificuldades criadas pelo noivado anterior de Sigurd e Brynhild” (vide [“Comentário sobre Völsungakviða en nýja”](#) em *Nota sobre Brynhild*). “Aqui”, escreveu ele, “temos o mesmo mecanismo do qual se lança mão outra vez – e creio que lamentavelmente: pois a mera repetição é de mau gosto, essas beberagens de Grímhild são poderosas demais ou poderosas de menos: por que não dar uma também a Atli e fazê-lo esquecer o Tesouro?”.

Ele cria ser muito provável que as estrofes relativas à poção de esquecimento de Grímhild fossem uma interpolação de autoria posterior. Em sua Balada de Gudrún a poção desapareceu, e Gudrún (como se vê na estrofe 28) submeteu-se sem feitiço à força de propósito de sua temível mãe. Na saga suas últimas palavras a Grímhild foram: “Então assim tem de ser, mas é contra minha vontade; e nenhuma alegria daí provirá, mas sim pesar”.

- 22 O sonho de Gudrún é repetido da Balada dos Völsungs, VII.2-4; os versos 5-8 da presente estrofe, referindo-se a Atli, são repetidos de

VII.4, mudando “Um lobo [...] a meu lado puseram” para “Um lobo [...] me deste”.

32-34 Em “Atlamál” a vida de Atli e Gudrún foi um horror de ódio e discórdia; as estrofes 32 e 34 da balada sugerem antes a história vislumbrada em “Atlakviða”, em que se diz, quando Gudrún apunhala Atli em sua cama:

“Muitas vezes os caminhos do amor tinham sido melhores, quando esses dois costumavam muitas vezes se abraçar diante de sua nobre corte”. Na Balada de Gudrún Atli é explicitamente apresentado como alguém dividido entre seu amor por Gudrún e seu desejo pelo tesouro dos Niflungs.

35 Em “Atlamál” (seguido pela saga) Gudrún ouviu por acaso o que Atli e seus homens conversavam em segredo; na balada isso foi mudado, e ela ouve por acaso o que Atli balbuciou dormindo.

37-48 Os elementos narrativos do mensageiro huno e do anel e das runas enviados por Gudrún derivam-se tanto de “Atlakviða” quanto de “Atlamál”. O nome Vingi vem de “Atlamál”, mas “Com frieza se ouve e alto seu grito” (38) vem de “Atlakviða”, em que o mensageiro de Atli, ali chamado Knefröðr, *kallaði kaldri röddu* “chamou com voz fria”, o que, como observou meu pai, tinha ali um sentido distinto, “de mau agouro, fatídico”.

De “Atlakviða” vêm também os grandes presentes ofertados por Atli e as palavras de Gunnar e Högni acerca do convite de Atli. Em “Atlakviða” a advertência de Gudrún assume esta forma, nas palavras de Högni:

Hár fann ek heiðingja
riðit í hring rauðum.
Ylfskr er vegr okkar
at ríða örindi.

(Encontrei um pelo do que vaga na charneca/ enrolado no anel vermelho./ Traíçoeira como um lobo é a estrada para ti e para mim / se cavalgarmos nesta missão.) Mas em “Atlamál” o pelo do lobo foi

eliminado, e Gudrún enviou uma mensagem em runas, que Vingi alterou antes de entregá-la.

Na Balada de Gudrún ambos os motivos estão combinados (estrofes 44-5), e nisso meu pai seguiu a saga e a nota intitulada “Dráp Niflunga” do *Codex Regius*. Esta última acrescenta que o anel era Andvaranaut (tomado de Brynhild por Sigurd e dado a Gudrún: mas não foi assim na Balada dos Völsungs, vide nota IX.9-10).

42-58 Exponho aqui com alguns detalhes o entrelaçamento de fontes nesse trecho, visto que ele exibe muito claramente o método narrativo de meu pai neste poema.

Em “Atlakviða”, Gunnar pergunta ao irmão por que deveriam ser tentados pela generosidade de Atli se eles próprios possuem tanta riqueza e tantas armas (vide a balada, estrofes 42-3), e Högni, sem responder diretamente, fala do pelo de lobo torcido em redor do anel de Gudrún. Sem outra indicação direta dos pensamentos de Gunnar, ele imediatamente decide partir, exclamando *Úlfr mun ráða arfi Niflunga*, o lobo há de possuir a herança dos Niflungs, se ele não retornar. Em “Atlamál”, por outro lado, nem Gunnar nem Högni parecem hesitar nem um pouco. A mensagem rúnica que tomou o lugar do pelo de lobo de “Atlakviða” não os inquieta. É só mais tarde que Kostbera, esposa de Högni, examina as runas e percebe que elas foram sobrepostas às que originalmente estavam entalhadas; mas Högni despreza sua advertência, assim como despreza seus sonhos de alerta. Glaumvör, esposa de Gunnar, também tem sonhos opressivos, mas estes também são desprezados por Gunnar; e os irmãos partem na manhã seguinte. Kostbera e Glaumvör aparecem apenas em “Atlamál” e não são incluídas na Balada de Gudrún.

Na saga é introduzido um elemento adicional, pois Vingi, vendo que os irmãos estão embriagados, conta-lhes que Atli, agora idoso, deseja que eles se tornem os senhores de seu reino enquanto seus filhos ainda são jovens (vide estrofes 51-2 da balada). É isso que faz Gunnar se decidir pela partida, e Högni concordar com relutância, antes que ocorram o exame mais próximo das runas e o relato dos sonhos.

Na balada meu pai tomou elementos de ambas as baladas eddaicas e da saga, mas rearranjou o contexto, de forma que as implicações se alteraram um pouco. O desdém de Gunnar pela oferta de Atli e o alerta

de Högni sobre o pelo de lobo estão mantidos, mas agora Gunnar é persuadido a aceitar o convite pelo significado aparente da mensagem rúnica de Guðrún (45). É Grímhild, não Kostbera, quem adverte que as runas foram adulteradas e que o significado subjacente era bem outro – e isso leva Gunnar a dizer a Víngi que agora não irá (49). Esta é a ocasião da sedução final de Víngi (51-2); e, apesar de Högni permanecer zombeteiro e não convencido (53-4), Gunnar, que “bebeu com brio”, exclama ecoando as palavras de “*Atlakviða*”: “Pois os lobos que levem o que amealharam os Niflungs!”.

A cena termina com uma volta às runas: Högni observando pesadamente que, quando o conselho de Grímhild deveria ser obedecido, eles desprezam seu alerta, e Víngi jurando, como eco de suas palavras em “*Atlamál*”, que as runas não mentem. O caráter de Gunnar é mantido: vide [“Introdução” em Notas do autor sobre os poemas](#) (ii).

- 59 “poucos os acompanham”: em “*Atlakviða*” não há menção de quaisquer companheiros de Gunnar e Högni; em “*Atlamál*” tinham três, Snævar (nomeado nas estrofes 87-8 da balada) e Sólar, filhos de Högni, e Orkning, irmão de sua esposa.
- 59-63 Em sua viagem à terra dos hunos, como meu pai escreveu sobre o trecho de “*Atlakviða*”, “os Niflungs cavalgam por pântano, floresta e planície até Atli”. A estrofe 62 deriva de “*Atlamál*”, em que está descrita a furiosa remadura de Gunnar e Högni e seus companheiros; mas na balada a pretensão não foi expressar a cena escandinava localizada de “*Atlamál*” – estão atravessando o Danúbio.
- 62 Versos 7-8: também isto deriva de “*Atlamál*”. Meu pai observou em uma conferência que o abandono do barco pelos Niflungs, visto que não esperavam retornar, parece ser um detalhe que pertence à forma mais antiga da lenda, tal como chegou ao Norte, pois se encontra também no “*Nibelungenlied*” alemão.
- 65-67 Enquanto as grandes cortes de Atli obviamente são concebidas de forma bem diversa da fazenda de “*Atlamál*”, ainda assim deriva daí

a cena de Högni batendo às portas, assim como o assassinato de Vingi – porém em “Atlamál” o mataram a machadadas.

68-92 Em “Atlakviða” não há combate quando Gunnar e Högni chegam ao palácio de Atli. Gudrún vem ter com os irmãos quando eles entram, e lhes conta que foram traídos. Gunnar é imediatamente capturado e amarrado (e é aqui que é chamado de *vin Borgunda* “senhor dos burgúndios”, o único vestígio que sobreviveu na literatura nórdica antiga da origem burgúndia dos Gjúking: vide [“Comentário sobre Völsungakviða en nýja”](#), nota VII.15). Högni matou oito homens antes de ser aprisionado.

Em “Atlamál”, por outro lado, assim como no “Nibelungenlied” alemão, ocorre um combate feroz à chegada de Gunnar e Högni, e Gudrún, que nesse poema sai do palácio e vai ter com os irmãos do lado de fora, toma parte no combate e abate dois homens. A batalha durou toda a manhã, e dezoito homens de Atli foram mortos antes de Gunnar e Högni serem presos. Então Atli fala e lamenta seu casamento e a perda de seus homens.

Na balada esta parte da narrativa é amplamente estendida além do que se conta em qualquer das baladas eddaicas ou em “Völsunga Saga”. A saga introduz a ideia de uma interrupção do combate, que não está em “Atlamál”, quando Atli falou de sua perda e má sorte, antes de a batalha ser retomada e os irmãos entrarem no palácio à força (cf. estrofes 71ss. da balada). Mas após um feroz combate Gunnar e Högni foram feitos prisioneiros; porém na balada o resultado do ataque é que eles mantêm Atli à sua mercê – e Gudrún os convence a mostrar clemência.

A balada está muito longe de “Atlamál” no retrato que faz de Gudrún, que aqui naturalmente não é apresentada como combatente bravia; e é introduzido um elemento inteiramente novo, a presença de guerreiros godos na corte de Atli (83), a quem Gudrún pede ajuda e que se insurgem contra seus senhores hunos (81-6); vide nota 86.

68 Budlungs: homens de Budli (pai de Atli).

80 “Um lobo [...] me deram”: vide nota à estrofe 22.

86 A introdução, na balada, dos godos, novos aliados dos burgúndios nas cortes de Atli, leva a essas referências a antigos nomes góticos lembrados em antigas baladas. A estrofe é inovação de meu pai.

Iormunrek (*Jörmunrekkr*) era a forma nórdica do nome de Ermanaric, rei dos ostrogodos, o ramo oriental do povo godo, que habitava nas planícies do sul da Rússia no século IV. O vasto domínio de Ermanaric estendia-se por muitas tribos e povos desde o mar Negro rumo ao norte, em direção ao Báltico; mas por volta do ano de 375, em idade avançada, ele tomou a própria vida em face do primeiro e opressivo assalto dos nômades das estepes asiáticas, os hunos, que inspiravam amplo terror por sua selvageria e seu aspecto. Àquele tempo distante se referia a canção de Gunnar, assim como suas trovas no banquete celebrado em homenagem de Sigurd no palácio de Gjúki (Balada dos Völsungs, VII.14); a frase “alto e ótimo rei” nessa estrofe sem dúvida se refere à vastidão do império de Ermanaric.

Nos séculos seguintes Ermanaric se tornou um vulto potente nas lendas heroicas dos povos de fala germânica, com o nome turvado pelas façanhas malignas que se ligaram à sua fama. Nos poucos vestígios sobreviventes da lenda heroica em antigo inglês, ele foi lembrado como *wrað wærloga*, “cruel e traiçoeiro”, e no pequeno poema chamado “Deor” ele aparece nestes versos:

We geascodon Eormanrices
wylfenne gepoht: ahte wide folc
Gotena rices: þæt wæs grim cyning.

“Ouvimos falar da mente de lobo de Eormanric: em todo o redor dominou o povo do reino dos godos: foi um rei cruel.”

Os nomes dos versos 5-8 derivam da “Batalha dos godos e dos hunos”, um poema nórdico muito antigo e dilapidado embutido na “*Heiðreks Saga*” (também chamada de “*Hervarar Saga*”), que pode ser visto como condutor de remotas lembranças dos primeiros ataques hunos contra os godos, com antigos nomes preservados na poesia tradicional.

Desses nomes, Angantýr é um rei godo, e Dúnheiðr, cena de uma grande batalha, provavelmente contém o nórdico *Dúna*, o Danúbio. “Cercaduras de Danpar” na canção anterior de Gunnar (Balada dos

Völsungs VII.14) e “de Danpar os muros” nesta estrofe derivam do nórdico *Danparstaðir*, um resquício do nome gótico do rio Dnieper. Sobre sua ocorrência em “*Atlakviða*” meu pai observou na sua conferência que era “uma reminiscência, provavelmente do poderio e esplendor gótico nos antigos dias antes da queda de Ermanaric”.

87 Snævar é mencionado em *Atlamál* como um dos filhos de Högni (nota 59).

93-112 Essa parte da narrativa da balada é inteiramente independente das fontes nórdicas. Atli, libertado, mandou vir reforços (93), enquanto os Niflungs mantinham as portas do palácio (95) – e aí aparece a tradição alemã da lenda, porém fortemente influenciada pelo fragmento poético em antigo inglês conhecido como “O combate em Finnsburg” (que por si só não está de nenhum modo ligado à lenda dos Niflungs). Ao lado das estrofes 96-99 pode-se colocar o começo de “O combate em Finnsburg” (tradução para o inglês moderno por Alan Bliss, citado de J. R. R. Tolkien, *Finn and Hengest*, ed. Bliss, 1982, p. 147):

“[...] as empenas estão queimando.”

Hnæf falou, o aguerrido jovem rei: “Isto nem é o alvorecer do leste, nem voa aqui um dragão, nem as empenas estão em chamas; não, inimigos mortais se aproximam em prontas armaduras. Os pássaros gritam, o lobo uiva; a lança estrepita, o escudo responde à haste. Agora que brilha esta lua, vagando por detrás das nuvens, começam façanhas calamitosas que levarão a amargo fim esta bem conhecida inimizade do povo. Despertaí agora, meus guerreiros! Agarraí vossas cotas de malha, pensai em façanhas de bravura, portai-vos com altivez, sejais resolutos!”.

Na balada diz-se que a batalha durou cinco dias (102); e em “O combate em Finnsburg” diz-se o mesmo.

É interessante ver que, em notas de conferência sobre o “*Nibelungenlied*”, meu pai escreveu “comparar com Finnsburg” junto à sua referência à cena em que Hagen (Högni) e seu vigoroso companheiro Volker, o Menestrel, vigiavam à noite as portas do dormitório onde os burgúndios estavam aquartelados e viram na escuridão o reluzir de elmos. Assim, também, ele escreveu sobre o poema em antigo inglês em *Finn and Hengest* (edição mencionada acima, p. 27): “O fragmento começa com o ‘jovem rei’ observando um

ataque – como os elmos reluzindo quando o dormitório é atacado no ‘Nibelungenlied’”.

A tradição alemã está outra vez presente na destruição pelo fogo do palácio onde os Niflungs estavam sitiados. Mas no “Nibelungenlied”, e na “Thiðrekssaga” norueguesa do século XIII, baseada em contos e canções da Alemanha setentrional, a motivação é completamente diferente, pois foi Kriemhild (Guðrún na lenda nórdica) quem inspirou o convite para a terra dos hunos para obter vingança contra Gunther e Hagen (Gunnar e Högni) pelo assassinato de Siegfried (Sigurd). Foi Kriemhild quem deu a ordem para incendiar o palácio onde dormiam os nibelungos; mas na balada de Guðrún foi um certo Beiti, conselheiro de Atli, quem instigou o incêndio (105). Mas o detalhe dos guerreiros apanhados na armadilha, bebendo sangue dos cadáveres (109), deriva-se do “Nibelungenlied”.

Em “Atlakviða” Guðrún incendiou o palácio ao final do poema, após o assassinato de Atli e seus filhos, e isso aparece no fim da balada de Guðrún (153).

105 O nome de Beiti deriva-se de “Atlamál”, onde ele é camareiro de Atli (vide nota a 118-131).

112 “a Penúria dos Niflungs”. “Penúria” está escrito com maiúscula porque a frase faz eco às últimas palavras do “Nibelungenlied”: “Aqui termina a história: esta foi *der Nibelunge nôt*”*. A palavra *nôt*, que na origem é a mesma que a inglesa *need*, refere-se à terrível penúria e ao fim dos nibelungos.

113-116 O tratamento dado por Atli a Gunnar, atado diante dos olhos de Guðrún, enquanto a escarnece com a vingança de Sigurd, agora completa, não se encontra nem nos poemas eddaicos nem na “Völsunga Saga”; mas é a fonte de que Guðrún “odeia sem piedade” (133) e de sua ação, insanamente selvagem, depois que seus irmãos foram mortos: ela faz o pedido pela vida dos irmãos (116) na forma “por Erp e Eitill, nossos únicos filhos” (e em 120 “pelos gerados por nós!”).

114 “retribui assim o Budlung”: a vingança de Atli, filho de Budli.

118-131 Em “Atlakviða” Gunnar, questionado sobre se resgataria sua vida com o ouro, respondeu que “O coração de Högni tem de estar em minha mão”. Em vez disso, cortaram o coração de um certo “Hjalli, o covarde”, e o puseram diante de Gunnar, que soube não ser o coração de Högni porque ele estremecia, mas não está explicado de nenhum modo por que fizeram isso. Então cortaram o coração de Högni, e Gunnar soube que era o dele porque mal estremecia. Em “Atlamál” foi Atli quem ordenou que fosse retirado o coração de Högni, mas Beiti, camareiro de Atli, sugeriu que em seu lugar apanhassem Hjalli, cozinheiro e guardador de porcos, e poupassem Högni; agarraram Hjalli, que guinchava, mas Högni intercedeu por ele, dizendo que não conseguia suportar o barulho e que preferia “eu mesmo jogar esse jogo”. Então Hjalli foi solto e Högni morto, e não há menção da história dos dois corações.

Na saga os dois são combinados de maneira um tanto grosseira: Atli ordena que seja cortado o coração de Högni, um conselheiro de Atli propõe a substituição por Hjalli, Högni intercede por ele; então Atli diz a Gunnar que este só pode resgatar sua vida revelando onde está o tesouro, Gunnar retruca que primeiro precisa ver o coração de Högni, e assim Hjalli é novamente apanhado e lhe cortam o coração, e o restante da história é como em “Atlakviða”.

Na Balada de Gudrún as fontes são entretecidas mais habilmente: é Gunnar quem exige ver o coração de Högni como em “Atlakviða”, mas é dada uma explicação (121) do ataque preliminar contra o guardador de porcos Hjalli: “seus sábios fazendo/ conselhos de cautela” (disseram a Atli que se cuidasse), temendo a ira da rainha. Högni não intercede em favor de Hjalli, mas apenas expressa sua aversão aos guinchos, e o guardador de porcos não é poupado.

120 “Do seu humor de monstro/ mais é certa a fala!”: Atli refere-se, creio, às palavras de Gunnar (118) sobre Högni e sua metade do ouro: “até o último hálito/ a ela não perde”.

128-130 Em “Atlakviða”, quando levaram o coração de Högni a Gunnar, ele declarou que “Sempre tive uma dúvida enquanto vivíamos dois de nós; mas agora não tenho nenhuma, visto que apenas eu estou

vivo. O Reno há de possuir o ouro que incita os homens à disputa, a herança dos Niflungs. Na água revolta hão de brilhar os anéis fatais, antes que o ouro reluza nas mãos dos filhos dos hunos”.

Em “*Atlakviða*” não se faz referência à efetiva cena em que o ouro é lançado no Reno (ao contrário da balada, 130, verso 5, “para o fundo se foi”), e isso levou ao argumento de que Gunnar queria dizer tão somente que preferia ver o tesouro submerso no Reno a vê-lo enfeitando os hunos. Meu pai rejeitou isso vigorosamente, por diversos motivos: a sintaxe do trecho; a afirmação de Snorri Sturluson na *Edda em prosa* de que “antes de eles (Gunnar e Högni) partirem da terra, esconderam o ouro, a herança de Fáfnir, no rio Reno, e esse ouro nunca foi encontrado desde então”; e as referências do “*Nibelungenlied*” à submersão do tesouro no Reno. Ele cria ser provável que isso já fazia parte da lenda quando ela chegou ao Norte.

Observou também que a resposta à questão – se o tesouro estava no Reno, de que importava se Högni estava vivo ou morto? – devia ser que Högni era a única parte ciente do segredo de onde ele estava naquele grande rio; assim, na “*Völsunga Saga*”, Gunnar diz: “E agora somente eu sei onde está o ouro, e Högni não vos contará”, e Snorri: “esse ouro nunca foi encontrado desde então”. “Sem dúvida ele poderia ter sido pescado”, escreveu meu pai, “se soubessem exatamente onde procurar”. Ainda assim ele acreditava que o episódio era uma elaboração tardia (ele a chamava de “teatral-dramática”), não perfeitamente ajustada ao motivo do ouro do Reno: vide ademais a notas 148-150.

130 versos 5-8: compare os versos próximos ao final de *Beowulf*, 3166-8:

forleton eorla gestreon eorðan healdan,
gold on greote, þær hit nu gen lifað
ealdum swa unnyt, swa hit æror wæs.

Deram a antiga fortuna da terra aos cuidados,
sob a pedra o ouro, que ali ainda habita
tão infrutífero aos homens como demonstrou ser outrora.

(De uma tradução aliterante feita por meu pai de *Beowulf*, versos 3137-82.)

132-140 Em “Atlamál” está dito, e Snorri repete, que na cova das serpentes Gunnar tocou a harpa com os pés, uma ideia que pode ter surgido da observação de que estava amarrado, conforme relatado em “Atlakviða” (e na balada, 113). Na balada, seguindo “Atlakviða”, Gunnar usou as mãos. Outros traços desse episódio da balada derivam da saga: que Gudrún lhe mandou a harpa (135), que sua música pôs as serpentes para dormir (136) e que por fim ele foi mortalmente picado por uma enorme víbora (139).

141-147 As grandes piras funerárias não estão nos poemas eddaicos, mas a vingança de Gudrún contra Atli é contada em ambos – o mesmo motivo horrendo que aparece na lenda grega, contada por Ovídio nas *Metamorfoses*, de Procne, que por vingança matou seu próprio filho Ítis e deu a carne de comer ao marido, o rei Tereu da Trácia.

142 Os versos 5-8 são repetidos quase exatamente da primeira estrofe do poema, em que são usados acerca da pira de Sigurd e Brynhild.

148-150 Eu disse que meu pai “tentativamente interpretou o estado de ‘Atlakviða’ como retrabalho de um poema anterior, um retrabalho que então sofrera ele mesmo ‘melhoramentos’, acréscimos, perdas e desarranjos”. Ele acreditava que tanto o “episódio Högni-Hjalli” (vide nota 118-131) quanto a vingança de Gudrún contra Atli, através de seus próprios filhos, eram elaborações posteriores feitas pelo “poeta de ‘Atlakviða’” no poema mais antigo que este estava retrabalhando.

Essa última seção de “Atlakviða”, constantemente difícil de interpretar no detalhe de sua linguagem, não é total e abrangentemente inteligível, quer pela lógica, quer pela psicologia. Assim como ela se encontra, Gudrún foi ao encontro de Atli quando ele retornava do assassinato de Gunnar na cova das serpentes e o recebeu no banquete com uma taça dourada (cf. a balada, estrofe 145), trouxe bebida e comida ao grupo ali reunido, serviu Atli – e então declarou com espectral clareza o que ela fizera e o que eles estavam fazendo. Uma grande exclamação de horror e o ruído de choro ergueram-se dos bancos, mas Gudrún não chorou: “espalhou ouro, com anéis vermelhos

enriqueceu os homens de sua casa [...] Atli, sem desconfiar, bebera até ficar confuso; armas não tinha, não se precavera contra Gudrún” (a última frase é a tradução que meu pai fez de um verbo nórdico que aqui tem significado incerto). Segue-se depois o assassinato, por Gudrún, de Atli em seu leito, antes de ela incendiar o palácio.

“Por que a distribuição de ouro”, escreveu meu pai, “quando nenhum auxílio nem favor eram necessários a Gudrún, nem podiam ser esperados por uma declarada assassina de príncipes? Por que a tolice de Atli, que não suspeitava de Gudrún?”.

Sua solução experimental foi supor que, embora a morte do filho, ou dos filhos, de Atli possa ter sido uma parte muito antiga da lenda, ela originalmente não fazia parte da vingança de Gudrún. A forma como aqui a encontramos entrelaçada (escreveu ele) com certeza é mormente um desenvolvimento nórdico, fim de um longo processo. É provável que não estivesse presente na “fonte original” de “*Atlakviða*”, e que sua introdução e seu entrelaçamento com o tema principal da vingança sejam obra do poeta de “*Atlakviða*”.

Ele supunha que em uma forma anterior a história teria avançado, após o banquete funeral, à estrofe que descreve a doação do ouro por Gudrún, o que nesse caso naturalmente seria interpretado como uma continuidade da sua simulação de bom humor, e de aceitação, distribuindo ricos presentes para atenuar as suspeitas. Então Atli, “sem desconfiar” – porque não tinha razão para desconfiança – foi cedo para a cama, muito embriagado (e esse é um dos elementos mais antigos de toda a história, vide Apêndice A). Mas, quando entrou o motivo dos filhos assassinados, foi necessariamente introduzido no decorrer do banquete funeral. As estrofes mencionadas anteriormente foram mantidas, mas não foram bem adaptadas à inserção (“Por que a distribuição de ouro? Por que a tolice de Atli?”).

Em sua Balada de Gudrún meu pai planejou uma correção, na forma do desfalecimento de horror de Atli, que fez que os criados o carregassem ao leito (193-5).

O autor de “*Atlamál*” volta-se aqui, de repente, para uma tradição de que Högni tinha um filho que o vingou perante Atli, e diz (seguido pela saga e por Snorri) que esse filho, que não foi anteriormente

mencionado no poema, ajudou Gudrún no assassinato. Conforme esperado, isso não encontra lugar na Balada de Gudrún.

152-154 Gudrún incendiando o palácio deriva de “Atlakviða”: vide nota a 93-112.

156 Os versos 5-8 são quase iguais aos últimos versos da Balada dos Völsungs (IX.82) e também se tornam os últimos da Balada de Gudrún (estrofe 165) antes das palavras de despedida do poeta à sua plateia.

157-165 Em uma nota a lápis no manuscrito, meu pai escreveu que toda a conclusão do poema, a partir da estrofe 157, deveria ser omitida, mantendo apenas a estrofe 166, final. Riscos irregulares traçados no manuscrito, porém, mostram uma omissão que se estende somente até a estrofe 164, de forma que os últimos quatro versos de 156 são iguais aos últimos quatro de 165, logo a seguir.

159-165 As estrofes conferidas a Gudrún, sentada junto ao mar, são inspiradas pelo poema eddaico tardio “Guðrúnarhvöt”, mas há pouca correspondência estrita. A parte final dessa breve balada é um dentre vários “Lamentos de Gudrún”, mas inclui seu pesar pelo elemento final da lenda setentrional, que meu pai excluiu desses poemas para seus próprios fins.

Em “Guðrúnarhvöt” Gudrún conta que tentou se afogar no mar, mas as ondas a devolveram (como na Balada de Gudrún 158), e sua história não estava terminada. Bem cedo, uma lenda gótica totalmente diversa e muito antiga foi acrescida ao tema dos gananciosos Niflungs. Essa lenda falava da morte do rei ostrogodo Ermanaric (vide nota 86) nas mãos de dois irmãos, como vingança pelo assassinato da irmã deles; e a irmã, Swanhild (*Svanhildr*), transformou-se na esposa de Ermanaric, filha de Sigurd e Gudrún, e seus irmãos (Hamðir e Sörli) nos filhos de Gudrún, do seu terceiro e último casamento, com um rei obscuro chamado Iónakr.

Anteriormente na Balada de Gudrún, quando Gunnar cantava de antigas façanhas góticas (86), ele citou o nome de Iormunrek (Ermanaric); e isso, por si só, mostra que meu pai estava eliminando a

lenda gótica do seu poema dos Niflungs e pondo Iormunrek em contexto histórico – pois na história real Ermanaric morreu cerca de sessenta anos antes de Gundahari (Gunnar), rei dos burgúndios.

Somente em “Guðrúnarhvöt” existe alguma referência, na literatura nórdica, à forma como Guðrún morreu (autodestruição em uma pira funerária); mas na Balada de Guðrún ela profere seu lamento e, entregando-se de novo às ondas, é levada dessa vez.



* “A necessidade [carência] dos nibelungos” em médio alto alemão. (N. T.)

APÊNDICES



APÊNDICE A

UM BREVE RELATO DAS

ORIGENS DA LENDA

§ I Átila e Gundahari

Em ambas as baladas meu pai usou a expressão “noobríssimo(s) Borgund(s)”, principalmente ao se referir a Gunnar, ou a Gunnar e Högni (que são também chamados de “Gjúkings” e “Niflungs”). No comentário sobre a Balada dos Völsungs, VII.15, expliquei que ele derivou o nome “Borgund” de uma única ocorrência em “*Atlakviða*” do título *vin Borgunda* “senhor dos burgúndios”, aplicado a Gunnar, e que em nenhum outro lugar da literatura nórdica Gunnar é lembrado como burgúndio. Nesse título aparece um dos principais elementos da lenda.

Os burgúndios eram originalmente um povo germânico oriental que veio da Escandinávia; deixaram seu nome em Bornholm (em nórdico *Borgunda holm*), a ilha que se ergue do Báltico a sudeste da ponta meridional da Suécia. No poema antigo inglês “Widsith” eles são mencionados juntamente com os godos orientais (ostrogodos) e os hunos: “Átila governou os hunos, Ermanaric os godos, Gífica os burgúndios”, o que se pode considerar como lembrança de um tempo em que os burgúndios ainda habitavam na “Germânia Oriental”; mas deslocaram-se para o oeste, rumo à Renânia, e foi ali que a desgraça os acometeu.

No começo do século V estavam estabelecidos na Gália, em um reino na margem oeste do Reno centrado em Worms (ao sul de Frankfurt). No ano de 435, liderados por seu rei Gundahari, os burgúndios, ao que parece impelidos pela carência de terras, empenharam-se em uma expansão para o

oeste; mas foram subjugados pelo general romano Aetius e obrigados a implorar pela paz. Dois anos depois, em 437, foram dominados por um ataque maciço dos hunos, em que Gundahari e grande número de sua gente pereceram. Tem sido suposto comumente que o romano Aetius, cujo alvo primário era defender a Gália das transgressões dos bárbaros, chamou os hunos para destruírem o reino burgúndio de Worms. Não há razão para supor que Átila fosse o líder dos hunos nessa batalha.

Mas os burgúndios da Renânia não foram totalmente destruídos em 437, pois está registrado que em 443 foi permitido aos sobreviventes se estabelecerem como colonos na região da Savoia. Um curioso vislumbre deles encontra-se entre os escritos de Sidonius Apollinaris, um culto aristocrata galo-romano, político imperial e poeta, nascido em Lião por volta de 430, e nos seus anos mais maduros bispo de Clermont, principal cidade da Auvérnia. Ele deixou em suas cartas um retrato dos costumes e do modo de vida na estranha sociedade da Gália meridional do século V.

Mas para o exigente Sidonius os grosseiros burgúndios eram repelentes, e sua cultura carecia totalmente de interesse. Em um poema satírico, ele se queixou jocosamente de precisar sentar-se entre os bárbaros de longos cabelos (que gostavam demasiado dele) e ser obrigado a aturar a fala germânica: a elogiar, de cara atravessada, as melodias cantadas pelos burgúndios glutões de mais de dois metros de altura, que engraxavam os cabelos com manteiga rançosa e fediam a cebola. Assim, por ele nada ficamos sabendo das melodias que cantavam os contemporâneos de Gundahari e Átila, mas apenas que sua própria musa fugiu diante do barulho.

O fato de preservarem suas tradições, não importando a magnitude do desastre de 437, é sugerido por um código legal burgúndio elaborado pelo rei Gundobad, não depois do início do século VI, em que são citados os nomes de reis ancestrais: Gibica, Gundomar, Gislahari, Gundahari. Todos esses nomes aparecem nas lendas posteriores, porém não é possível saber quais eram as relações históricas entre eles. Gundahari é *Gunnarr* (*vin Borgunda*) em nórdico. Ele aparece no antigo inglês na forma dessemelhante, mas finalmente idêntica *Guðhere*: no poema “Widsith” o menestrel diz que, quando esteve “entre os burgúndios”,

me þær Guðhere forgeaf glædlicne maððum
songes to leane; næs þæt sæne cyning.

(“ali Guðhere me deu uma joia gloriosa como recompensa por meu cantar: não era um rei moroso”). Na tradição alemã ele é *Gunther*.

Gibica, na forma *Gifika*, aparece no “Widsith” antigo inglês como senhor dos burgúndios, juntamente com os senhores dos godos e dos hunos, como mencionei antes. Em nórdico o nome, pela mudança fonética regular, se transformou em *Gjúki*, que é pai de Gunnar; nas formas da tradição alemã *Gibeche* é da mesma forma pai de Gunther; mas (especialmente em vista da posição de Gifika em “Widsith”) pode ser que na história ele tenha sido um ilustre ancestral de um tempo mais remoto.

“É fácil compreender”, escreveu R. W. Chambers em sua edição de “Widsith” (1912) “por que a história da queda de Gundahari e seus homens, em combate contra os hunos, foi interessante não apenas para os burgúndios, mas a todos os vizinhos daquele, até que, com o passar dos séculos, ela se tornasse conhecida de um extremo ao outro da Alemanha. Oito séculos após sua luta Gundahari ainda era lembrado da Islândia à Áustria”.

Meu pai não concordava totalmente com essa opinião. Em notas para conferências, primariamente sobre o conhecimento da lenda dos Völsungs entre os poetas ingleses antigos, ele disse:

A história de Guðhere é um conto de ruína depois da glória – e ruína súbita, não lenta decadência –, desastre súbito e esmagador em uma grande batalha. É também a ruína de um povo que já tivera uma carreira aventureira e perturbara o estado das coisas no oeste pela sua intrusão e pelo surgimento de um poder considerável em Worms. É fácil ver como sua derrota por Aetius, apenas dois anos antes, seria transmutada, conforme o dramático modo da lenda, na derrota pelos hunos (se é que não havia uma ligação histórica efetiva, como pode ter havido).

Guðhere, já valoroso e generoso doador de ouro como benfeitor em “Widsith”, deve ter sido *muito renomado*. A mera ruína, sem glória prévia, não excitava os menestrelis à admiração e pena. No entanto, provavelmente não erraremos muito se supusermos que deve ter havido nessa história – bem cedo – algum elemento diverso do mero infortúnio que lhe conferisse o fogo e a vitalidade que ela evidentemente tinha: vivendo, como viveu, ao longo dos séculos. Mal podemos imaginar o que isso teria sido. Ouro? Pode muito bem ser que o ouro, ou a aquisição de algum tesouro (que ainda mais tarde foi associado com algum renomado ouro lendário), tenha sido introduzido para explicar o ataque de Átila. Átila (quando a lenda ou a história não está do seu lado) é representado como ávido e ganancioso. Pode ter sido assim que Guðhere acabou sendo associado ao *mais* renomado tesouro, o tesouro do dragão de Sigemund (em antigo inglês), de Sigurd (em antigo nórdico).

Meu pai não pretendia implicar que na história real Átila foi o líder do ataque aos burgúndios em 437, para o qual não há evidências. Ele viu que “Átila só aparece no relato graças a uma prévia simplificação e ampliação, lendária ou dramática, da importância da batalha em que Guðhere pereceu. Ele se tornou essencial para ela”. No século VIII o historiador lombardo Paulo, o Diácono (monge de Monte Cassino), conheceu Átila como inimigo; e pelo seu relato vê-se que àquela altura a tradição era que Gundahari não foi morto em sua própria cidade de Worms, mas sim marchou para o leste para encontrar Átila: e esse era um ponto invariável da lenda em todas as suas formas.

Por profunda que tenha sido a impressão feita na lenda germânica pelo colossal vulto de Átila, neste livro não há oportunidade para delinear a história do mais renomado de todos os reis bárbaros, que necessariamente envolve as complexidades políticas e militares, muitas vezes obscuras, de suas relações com o império desorganizado; e de fato, na evolução da lenda em nórdico, pode-se dizer que foi o modo de sua morte que valeu mais do que sua vida. Ao mesmo tempo não é preciso, creio, passar totalmente por cima do vislumbre extraordinariamente claro desse temível tirano e destruidor que sobrevive desde há mais de quinze séculos (em tal contraste com Gundahari, de cujas características pessoais nada sabemos).

Isso se deve a um historiador talentoso e bem informado chamado Prisco de Panium (que é uma cidade da Trácia), cuja grande obra em língua grega *De Bizâncio e dos eventos associados a Átila* sobrevive, lamentavelmente, apenas em fragmentos; mas um desses fragmentos contém a história de sua viagem para a Hungria como membro de uma pequena delegação diplomática enviada a Átila desde Constantinopla, capital do Império Oriental, no verão do ano de 449. Átila recebeu a embaixada romana na aldeia de construções de madeira que era seu quartel-general, posta em meio a uma vasta planície sem pedra nem árvore; e Prisco não apenas observou de perto o banquete presidido por Átila, e muita coisa mais, mas descreveu tudo com detalhes tão nítidos que parece que, ao mesmo tempo, tomava nota de tudo o que via. Nesse singular relato de um banquete bárbaro na Era Heroica, Prisco descreveu a cerimônia elaborada e interminável em que Átila bebia à saúde de cada convidado por sua vez, e o belo banquete servido em pratos de prata pilhados, com taças pilhadas de prata e ouro – em contraste com a simplicidade sem enfeites de Átila, que bebia em uma taça de madeira e comia somente carne, em um prato de madeira. Ele descreveu o espetáculo que foi apresentado: havia cantores que entoavam melodias louvando as grandes façanhas de Átila; havia um louco, e um anão bufão, que provocava risos ruidosos, mas não de Átila, que por todo esse tempo ficou sentado em severo e rígido silêncio. Mas quando Ernac, seu filho mais jovem, entrou no palácio, Prisco viu que Átila o encarou “com olhar comovido” e lhe acariciou o rosto. Ele pediu a um huno sentado a seu lado que explicasse aquilo, e ele respondeu que os adivinhos haviam contado a Átila que a ventura de sua família minguarda, mas seria restaurada em grandeza por aquele filho. A beberria continuou

até tarde da noite, mas os romanos prudentemente se retiraram muito antes que terminasse.

Uma descrição da aparência física de Átila encontra-se na obra de um historiador dos godos, do século VI chamado Jordanes, e essa descrição se deriva diretamente de Prisco, apesar de estar perdido o original. Ele era de baixa estatura, com um peito largo; seus pequenos olhos redondos estavam postos em um rosto enorme; tinha o nariz chato e a pele morena, a barba esparsa e salpicada de cinza. Seu passo era arrogante, e tinha o costume de lançar o olhar para cá e para lá, “de forma que o poder de seu grande espírito aparecia no movimento de seu corpo”.

Foi importantíssimo para a ampla evolução da lenda o grande evento do ano de 451, a mais famosa batalha daquela era. Nesse ano Átila, com um grande exército, se deslocou rumo ao oeste, na direção do Reno, desferindo um ataque contra a Gália por motivos que são obscuros. Os hunos haviam destruído o poder dos ostrogodos no leste durante o século IV, e Átila governava um grande domínio misto, assim como os godos haviam feito sob Ermanaric (vide o comentário sobre a Balada de Gudrún, estrofe 86). Em seu império, e também em seus exércitos, havia muitos povos germânicos orientais; e agora chegavam às suas hostes os ostrogodos comandados pelo rei Valamer, os gópidas sob Ardaric, rúgios, turíngios e guerreiros de mais outras nações. Contra eles vinham, em aliança apreensiva, os visigodos (godos ocidentais) de Tolosa (Toulouse) sob o idoso rei Theodoric, o general romano Aetius, burgúndios vindos de suas novas terras na Savoia, francos, até mesmo um contingente de saxões. A batalha é conhecida como das planícies catalaunenses (planície de Champagne) e planície de Mauriac; foi travada na região de Troyes (cerca de 150 quilômetros a sudeste de Paris).

Muito pouco se sabe do decurso da batalha. Jordanes, escrevendo um século mais tarde, disse que foi *bellum atrox, multiplex, immane, pertinax* (feroz, confusa, monstruosa, incessante). Theodoric, rei dos visigodos, foi um dentre o vasto número de mortos. O combate continuou noite adentro, e Átila retirou-se para seu acampamento, que havia fortificado com carroções. De acordo com Jordanes, mandou amontoar uma grande pira funerária de selas de cavalos, na qual pretendia ser queimado antes que a derrota final o alcançasse.

Mas o ataque final jamais aconteceu. A aliança contra ele se desfez. Mais uma vez, de acordo com Jordanes, a perspectiva iminente da destruição total dos hunos encheu Aetius de temor. Seu medo mais profundo era o poder do reino visigótico no sul da França, centrado em Toulouse; e a despeito da avidez do jovem rei dos visigodos, Thurismund, para se vingar dos hunos pela morte de seu pai na batalha, Aetius o aconselhou a voltar a Toulouse para que seus irmãos não se apossassem do trono na sua ausência. O conselho foi aceito por Thurismund (“sem perceber sua duplicidade”); os visigodos partiram do campo de batalha, e a Átila foi permitido escapar da Gália.

No ano de 452, em seguida à grande batalha, Átila atravessou os Alpes e desceu para a Itália vindo do nordeste. As cidades da planície setentrional italiana não somente foram devastadas pelos hunos, mas em alguns casos chegaram a ser arrasadas e postas no chão. Aquileia, na extremidade do Adriático, que era uma das mais importantes cidades do norte da Itália, tanto como fortaleza quanto como grande centro mercantil, foi tão radicalmente destruída que, quando Jordanes escrevia, um século depois, mal se podia ver algum vestígio dela. Patavium sofreu a mesma sorte, e, apesar de ter-se reerguido ao contrário de Aquileia, é um fato impressionante que Pádua não tenha resíduos romanos.

Mas Átila jamais atravessou os Apeninos rumo a Roma. Por qualquer razão que fosse, voltou à Hungria; e no ano seguinte, em 453, ele morreu. O relato de sua morte é conhecido através de Jordanes, mas ele afirmou expressamente estar seguindo a autoridade de Prisco, e pode-se crer que é história precisa.

Naquele ano Átila acrescentou mais uma às suas inúmeras esposas (*innumerabiles uxores*, nas palavras de Jordanes: os hunos eram altamente poligâmicos). Sua esposa era uma garota muito bonita chamada Ildico (tem sido comumente tomado por provável que seu nome demonstra que ela tinha origem germânica – uma forma diminutiva de *Hild* ou de qualquer nome terminado em *-hild*; quem sabe uma burgúndia). No banquete nupcial Átila ficou imensamente embriagado e recolheu-se ao leito, “pesado de vinho e sono”; e lá, deitado de costas, sofreu um violento sangramento nasal e morreu sufocado com o sangue que lhe desceu pela garganta. Tarde no dia seguinte seus servos arrombaram as portas e o encontraram jazendo

morto e coberto de sangue “sem nenhum ferimento”, com a noiva chorando, coberta pelo véu.

Jordanes descreveu o funeral de Átila, evidentemente seguindo ainda a narrativa perdida de Prisco. O corpo foi colocado em uma tenda de seda no meio da planície, e os melhores cavaleiros dos hunos cavalgaram em redor em círculos, “à moda dos jogos de circo”, e contaram suas façanhas em uma canção fúnebre. Após selvagens extremos de pesar e alegria, seu corpo foi sepultado à noite, coberto de ouro, prata e ferro, com armas tiradas de seus inimigos e muitos tesouros; e depois, “para que a curiosidade humana fosse mantida longe de tais riquezas”, os que haviam feito o trabalho do enterro foram mortos. Da mesma maneira, após a morte de Alaric, rei dos visigodos, em 410, fizeram os prisioneiros desviar do leito o rio montanhês Busento, na Calábria, e após o sepultamento do rei e a volta do rio ao leito normal foram todos executados.

Mas o vulto de Átila se ergueu da tumba e assumiu diferentes formas nos séculos que se seguiram. Entre os povos de fala latina, foi incluído no que se chamou de “mitologia eclesiástica”, e se tornou *Flagellum Dei*, o Flagelo de Deus, divinamente designado para a devastação de um mundo perverso. Nas terras da Germânia havia duas tradições radicalmente diversas a seu respeito: ele surge em uma dupla luz, como benfeitor generoso e monstruoso inimigo, e não é difícil ver como isso deve ter-se produzido. Nas planícies catalaunenses ocorreu um conflito colossal entre homens de muitas nações germânicas. Como expus, nas hostes de Átila havia homens de muitos povos germânicos orientais sujeitos aos hunos, mais notavelmente os ostrogodos, e para eles Átila era o grande rei e chefe supremo, a quem seus próprios reis eram submissos: de fato, o próprio nome *Attila* parece ser uma forma diminutiva da palavra gótica *atta*, “pai”. Na tradição alemã meridional (alto-alemã), Átila, cujo nome no decorrer do tempo foi mudado em *Etzel* pelos movimentos fonéticos, é um monarca benévolo, hospitaleiro e ineficaz, bem distante do Átila histórico.

Mas em terras mais ao norte sua imagem lendária originou-se dos seus inimigos, e daí, qualquer que tenha sido a rota pela qual chegou, os escandinavos derivaram seu severo e cobiçoso rei *Atli*, assassino dos burgúndios por causa do tesouro dos nibelungos.

A história que Jordanes, seguindo Prisco, contou do modo como Átila morreu é, sem dúvida, o fato histórico; e mais de novecentos anos depois

era conhecido de Chaucer que foi assim que ele morreu. O patife do “Vendedor de Indulgências”^{*} encontra na morte de Átila uma anedota para ilustrar o mal da embriaguez:

Looke, Attila, the gretë conquerour,
Deyde in his sleepe, with shame and dishonour,
Bledynge ay at his nose in dronkenesse;
A capitayn sholde lyve in sobrenesse.^{**}

Mas um cronista chamado Marcellinus Comes, que escreveu em Constantinopla mais ou menos na mesma época que Jordanes, conhecia uma história diferente: Átila foi esfaqueado de noite por uma mulher. Pode bem ser que essa história se tenha originado quase simultaneamente com o relato verdadeiro – ela estava bem à mão.

Em observações muito breves sobre o assunto, meu pai esboçou sua opinião da evolução posterior da lenda burgúndia, quando estava enraizada a história de que Átila foi assassinado pela noiva. Uma tal façanha tem de ter um motivo, e nenhum motivo é mais provável do que a vingança pelo assassinio do pai da noiva ou de parentes. Átila chegara a ser visto como líder dos hunos no massacre dos burgúndios em 437; agora o assassinato foi cometido como vingança pela destruição de Gundahari e seu povo. Quer Ildico fosse burgúndia ou não, seu papel no drama em evolução tinha de fazer dela uma burgúndia. E ela vinga seu irmão Gundahari.

As características essenciais da história burgúndia estão presentes então. Gundahari-Gunnar, *vin Borgunda*, foi morto por Átila-Atli, e em consequência ele foi assassinado, *no leito*, por uma mulher. E a mulher era Gudrún. Mas é claro que a origem do *ouro* é outra questão.

§ II Sigmund, Sigurd e os nibelungos

À medida que evoluía a história dos burgúndios, ela se entrelaçava com uma lenda (ou lendas) de natureza e origem distintas: o matador do dragão e seu tesouro dourado, e os misteriosos nibelungos (em alemão *Nibelungen*, em nórdico *Niflungar*). Não se pode dizer quando ocorreu essa junção e combinação, mas parece claro que foi na Alemanha, e não na Escandinávia.

Esse é um assunto que levanta muitas questões que não podem ser resolvidas com certeza, e seu estudo tem sido marcado por severas discordâncias. Meu pai interessou-se profundamente por ele; mas em suas conferências em Oxford ele o abordou primariamente a partir do desejo de transmitir uma ideia da poesia heroica, quase toda desaparecida, da antiga Inglaterra. Visto que neste livro meu objetivo é apresentar seus poemas expressamente em termos de suas próprias crenças e opiniões, parece melhor apresentar este esboço do assunto do mesmo modo, com a mesma pergunta: o que podemos aprender a seu respeito a partir dos restos e das referências fragmentárias da poesia inglesa antiga?

De fato existe apenas um texto a examinar em busca de uma resposta a essa pergunta, a saber: um trecho de *Beowulf*. Dou aqui esse trecho na tradução que meu pai fez do poema, o que, inclino-me a crer, ocorreu em época não muito distante daquela em que escreveu a Balada dos Völsungs e a Balada de Gudrún.

Retornando da sua cavalgada, que partira do palácio de Heorot para ver a lagoa onde Grendel mergulhara, agonizante, os cavaleiros foram entretidos por um menestrel do rei.

Às vezes um servo do rei, um homem carregado de altivas lembranças que tinha baladas na mente e recordava uma hoste e multidão de contos de antanho – palavra seguindo-se a palavra, cada uma fielmente ligada à outra –, esse homem por sua vez começou habilmente a tratar em poesia da demanda de Beowulf e a proferir seu vivo conto em versos fluidos, entretecendo as palavras.

Contou tudo o que ouvira a respeito das obras de bravura de Sigemund, muitas histórias estranhas, as árduas façanhas do Wælsing e suas aventuras longínquas, façanhas de vingança e de inimizade, coisas que os filhos dos homens não sabiam plenamente, exceto por Fitela, que esteve com ele. Naqueles dias ele costumava contar algo desses assuntos ao filho de sua irmã, até como foram sempre companheiros nas emergências e em cada apuro desesperado – muitos e muitos da raça gigante haviam abatido com as espadas. Pois de Sigemund proclamou-se ao longe depois do dia de sua morte não pouca fama, visto que ele, firme na batalha, matara a serpente, a guardiã do Tesouro. Sim, ele mesmo, filho de nobre casa, a sós sob a antiga rocha ousou a arriscada façanha. Fitela não estava com ele; não obstante foi sua sorte que a espada penetrou a serpente de estranha forma e ficou cravada na parede, vistosa lâmina de ferro; o dragão sofreu morte cruel. O bravo matador conquistara pela sua bravura o direito de gozar à sua própria vontade aquele tesouro de anéis; carregou o barco no mar e levou ao âmago do navio os tesouros reluzentes, prole de Wæls era ele. A serpente derreteu no seu calor.

Em toda a parte ele foi o mais renomado dos aventureiros de todo o povo humano por suas obras de bravura, esse príncipe dos guerreiros – por isso prosperou outrora – depois que sucumbiram o valor e o poder de Heremod, seu poder e sua bravura [...]

O restante do trecho diz respeito ao rei dinamarquês Heremod e não tem importância para a questão que nos ocupa aqui. Em uma conferência sobre o tema, meu pai expôs o que chamou de “pontos preliminares” – considerações oriundas apenas das evidências em antigo inglês, sem olhar mais longe. No que se segue eu as dou em forma abreviada, mas quase inteiramente nas suas próprias palavras.

Não pode haver nenhuma dúvida séria de que a referência em *Beowulf* é a uma história relacionada com as lendas dos Völsungs e nibelungos de outras terras. Os nomes Sigemund, Wælsing, Fitela (e sua relação de *nefa* para *eam* [sobrinho para tio] de Sigemund), e o dragão com seu tesouro, devem ser em última análise, com base na filologia e na lenda, os mesmos

que os antigos nórdicos *Sigmundr* filho de *Völsung*, com *Sin-fjötli*, filho de sua irmã. Isso continua verdadeiro a despeito de sérias discrepâncias: por exemplo que Sigemund (não seu filho, a cuja existência não é feita nenhuma alusão) matou o dragão ou que um barco, não um cavalo, é o veículo para o tesouro.

Não há nenhuma referência aos burgúndios em *Beowulf*. Tampouco a muitos vultos, certamente renomados, da história germânica. O argumento a partir do silêncio é peculiarmente arriscado quando se trata de resquícios tão fortuitos e esfarrapados quanto os que possuímos das tradições heroicas do antigo inglês, e pode parecer absurdo se aplicado a *Beowulf*, que é um poema, não um catálogo. No entanto ele chega a ter alguma importância nesse caso. Os nomes burgúndios eram conhecidos em antigo inglês e eram assunto de versos e contos. Não podemos ter certeza de que tal conexão não estivesse presente à mente do autor de *Beowulf*. Mas não parece ser assim.

Os burgúndios são de fato conhecidos. Mas, ali onde os encontramos no inglês antigo, damos com uma inversão exata do caso de *Beowulf*. Seja como for, nenhuma referência é feita à sua conexão com Sigemund Wælsing. O poema “Widsith”, muito antigo, revela um interesse bem amplo por um enorme nexo lendário: admitamos que é especialmente dedicado aos godos ou aos povos marítimos do norte, porém não silencia acerca de tópicos germânicos mais meridionais. Refere-se a Guðhere e a Gifca. Não se refere em absoluto a Sigemund, ou a Wælsing, ou a Fitela, ou ao dragão. (“Widsith” de fato tem uma tendência especialmente histórica.)

Uma referência segura aos “Wælsingas” no antigo inglês literário restringe-se, de fato, a *Beowulf* (meu pai acrescentou “literário” por causa do topônimo Walsingham em Norfolk). Se acrescentarmos a isso a ausência, na nomenclatura, dos nomes especiais que são peculiares a essa história na sua forma madura (Guðrún, Grímhild, Brynhild), seremos para começar forçados a concluir que é provável:

que Sigemund Wælsing não ocupava um lugar proeminente nas tradições do antigo inglês, a despeito das palavras *wreccena mærost* que se referem a ele em *Beowulf* (na tradução dada acima “o mais renomado dos aventureiros”), o que pode ser tão somente uma expressão poética para “um famoso aventureiro”;

que sua história foi, desde os tempos mais remotos, do tipo mais mítico-lendário – não uma das tradições histórico-lendárias;

que ela não tratava de burgúndios, que certamente eram originalmente figuras históricas, mas com o obscuro pano de fundo do conto que no alto alemão praticamente se desvanecera da lembrança: a parte que em antigo nórdico (apesar de remodelada e drasticamente alterada) diz respeito aos misteriosos Völsungs odínicos antes do advento de Sigurd. Os nomes são Sigemund, Fitela, Wælsing: deles podemos encontrar vestígios (mesmo fora de *Beowulf*). Os nomes – em especial os femininos – que marcam a conexão vital com os burgúndios e sua queda não podem ser descobertos na época do antigo inglês em forma inglesa antiga.

Estas são considerações apenas *prováveis*. Mas são importantes mesmo assim. Pois o tom, o modo e os detalhes das referências em antigo inglês são peculiarmente importantes. Em geral, é provável que obtenhamos em antigo inglês alusões a um estado anterior do desenvolvimento lendário, antes da confusão ou combinação de dias posteriores em outras terras. Portanto é vital observar que a interpretação mais razoável do material inglês antigo é que a história de Sigemund foi originalmente de tipo mais antigo, mais mítico; que coexistia com a lenda burgúndia, *mas ainda não estava conectada com ela*.



É claro que o principal problema levantado pelo trecho de *Beowulf*, na sua relação com a história nórdica como aparece na “Völsunga Saga”, é o fato de que em *Beowulf* Sigemund é afamado por ter matado um dragão e adquirido seu tesouro acumulado, enquanto em nórdico Sigmund nada tem a ver com nenhum dragão, e é Sigurd, filho de Sigmund, que é o famoso matador do dragão. Alguns estudiosos afirmaram que o dragão de Sigemund em *Beowulf* originalmente pertencia a Sigurd, mas foi transferido a Sigemund quando os dois foram interligados como pai e filho. Outros disseram que não há razão para supor que o autor do poema inglês antigo jamais tenha ouvido falar de Sigurd. Alguns disseram que Sigemund e Sigurd eram na origem heróis totalmente independentes; outros, que um herói foi dividido em dois.

Meu pai aceitava que sua opinião era necessariamente especulativa, mas ainda assim era forte partidário dela.

Não podemos saber se o antigo inglês sabia de um filho famoso de Sigemund. Mas a favor da resposta altamente provável ‘não sabia’ existem estas considerações. Em primeiro lugar, grandes heróis (*wreccena marost*), especialmente se estiverem desimpedidos da história, tendem a gerar filhos que continuam ou duplicam as façanhas dos pais, para satisfazer o desejo de mais, ou para introduzir novos elementos, ou para fazer a interligação com outros contos. Em segundo lugar, nenhum filho assim é mencionado em qualquer texto inglês antigo. E em terceiro lugar, quando tal filho surge, sua função é apenas conectar-se à história burgúndia e tornar-se um personagem principal dela, *trazer o ouro para dentro dela* – e, ali onde ele existe, ligam-se a ele o dragão e as proezas douradas do pai. Mas em antigo inglês estes ainda não foram desligados de Sigemund.

Em suas notas para conferências, meu pai não discutiu outras opiniões, muito divergentes, sobre o assunto, exceto por algumas observações acerca da visão de que o dragão de Sigemund *em Beowulf* é um dragão de tipo bem diverso do de Sigurd, e que na verdade eles não estavam relacionados. “Mas é um dragão”, escreveu ele.

E dragões não são comuns como atores essenciais nas histórias germânicas – a despeito da impressão causada pelo fato de que são proeminentes nas histórias dos Völsungs e em *Beowulf*. É altamente improvável – mesmo sendo diferente em detalhe – que não haja conexão entre o *wyrn** de Sigemund e Fáfnir. É claro que isso se fortalece imensamente se acreditarmos que, para fazer conexão com as histórias de Guðhere (Gundahari, Gunnar), foi dado um filho a Sigemund (naturalmente seu nome começa com *Sige-*), mas que essa etapa, presumivelmente alcançada primeiro na Baixa ou Alta Alemanha, não foi alcançada no antigo inglês (que provavelmente se baseava em fontes arcaicas e não refletia o estado da lenda contemporânea na Escandinávia e na Alemanha por volta do ano 800 ou depois).

Ele também cria que a origem da *reforjadura* da grande espada Gram (*Gramr*) – portada tanto pelo pai quanto pelo filho – pode ser encontrada aqui. O fato de não ser constante o segundo elemento do nome do filho parecia ser significativo. Em nórdico antigo ele é *Sigurðr*, derivado de uma forma anterior deduzida *Sigiwarð*, em antigo inglês *Sigeward*, mais tarde *Siward*; enquanto o nome alemão é bem diverso: *Siegfried* (*Sîfrit*) corresponde ao antigo inglês *Sigefrīþ*. O fato de ser constante o elemento *mund* do nome do pai demonstra, pensava ele, ser essa forma a mais antiga.

Sua crença de que, como dizia, estamos em presença da *duplicação* de um herói e de sua maravilhosa espada de estranha origem – em oposição ao juízo de que pai e filho foram outrora seres inteiramente distintos e sem conexão – leva ao conceito, nas palavras dele, de um herói lendário de suprema bravura e beleza, cujo nome começava com o elemento *Sige-*, “vitória”. Os olhos reluzentes de Sigurd (Balada dos Völsungs VIII.29, IX.26, 59) são provavelmente um traço original. Com toda a probabilidade suas façanhas mais renomadas diziam respeito a um dragão e um tesouro, e – possivelmente – a uma noiva misteriosa, semissobrenatural.

São fundamentais à gênese da lenda as questões de como o “herói do Dragão” veio a se intrometer na história de Átila e dos burgúndios, por que o tesouro desse herói era chamado de Tesouro dos Nibelungos e por que os próprios burgúndios vieram a ser chamados de nibelungos. Nas únicas notas de conferência de meu pai sobre esses assuntos, ou pelo menos nas únicas que sobreviveram, ele indicou muito brevemente suas próprias

opiniões (e não em todos os pontos de modo fácil de interpretar), sem dúvida porque sua principal preocupação era com o trecho de Sigemund em *Beowulf*. Portanto, não farei nenhum relato detalhado das numerosas tentativas de resolver essas questões desconcertantes e atormentadoras, mas somente esboçarei alguns aspectos essenciais. Também evitei, necessariamente, referências à tradição alemã, representada primariamente pelo “Nibelungenlied”, exceto quando sua evidência é essencial mesmo dentro desses limites.

Uma teoria amplamente sustentada, mas nem por isso incontestada, baseia-se na interpretação do nome *Nibelung* (*Niflung*) como tendo relação etimológica com um grupo de palavras germânicas que significam “escuridão” ou “névoa” (o alemão moderno mantém a palavra *Nebel*, “névoa”). Isso se interliga com certas coisas que se dizem dos nibelungos. Snorri Sturluson disse dos netos do rei Gjúki que eram “negros como um corvo na cor dos seus cabelos, como Gunnar e Högni e os outros Niflungar”. Em um poema muito anterior (do século IX) eles são chamados *hrafnbldair*, “negros como corvos”; na Balada dos Völsungs (VII.10) é dito: “Obscuros quais corvos, dos corvos são comparsas”.

Um elemento essencial nessa teoria é a figura de Högni, assim como aparece na tradição alemã. No “Nibelungenlied” seu nome é Hagen, e ele não é irmão dos burgúndios, mas sim seu parente e vassalo. Feroz e cruel, odiando Siegfried e tendo-o de fato assassinado, ele é bem diferente do Högni nórdico. Na “Thiðrekssaga”, uma grande compilação feita em Bergen, na Noruega, em meados do século XIII, porém baseada em histórias que então corriam na Alemanha setentrional, Högni, como se chama na obra, é meio-irmão dos burgúndios, pois um elfo ou incubo dormiu com sua mãe, e o resultado da união foi Högni. Na “Thiðrekssaga” seu aspecto é de um troll, e diz-se que ele era todo escuro, com cabelo e barba negros. É especialmente notável que o nome Hagen/ Högni não alitera com G, mostrando que originariamente ele nem pertencia ao clã burgúndio.

Uma evidência importante aparece no início do “Nibelungenlied”. Quando Siegfried chegou à corte burgúndia em Worms, Hagen contemplou de uma janela no alto o magnífico cavaleiro que entrara montado com uma bela companhia; deduzindo quem era, contou ao rei Gunther uma história acerca de uma grande proeza de Sigurd. Com ar de inserção fortuita, a

história de Hagen é brevemente relatada no poema de modo muito obscuro, e aqui me referirei somente a pontos essenciais para esse fim.

Certo dia Siegfried cavalgava a sós junto a uma montanha, e topou com muitos homens reunidos em torno de um enorme tesouro que haviam tirado de uma caverna. Por razões que não são claramente explicadas, Siegfried entrou em conflito com “os audazes nibelungos”, os dois príncipes chamados Nibelung e Schilbung, e matou eles e os amigos deles. Também lutou com um anão chamado Alberich e o subjugou, mas não o matou: mandou levar o tesouro de volta à caverna de onde viera e fez de Alberich o seu guardião. Era agora senhor de Nibelungeland, possuidor do grande tesouro, e pelo restante da primeira parte do “Nibelungenlied” é apoiado por guerreiros de Nibelungeland, que são chamados de nibelungos. Mas na segunda parte do poema alemão, que se supõe baseado em uma fonte poética bem diversa, o nome “nibelungos” é aplicado, de modo muito estranho e bem perturbador em uma primeira leitura, em um sentido totalmente diferente: agora significa os burgúndios, exatamente como em nórdico.

Hagen também sabia, e contou a Gunther, que Siegfried matara um dragão e se banhara no sangue dele, tendo sua pele ficado tão córnea que nenhuma arma a feria. Mas isso não está associado de modo algum ao tesouro dos nibelungos.

No “Nibelungenlied” o tesouro está associado a um anão e uma caverna na montanha. Qual o significado dos anões?

Na mitologia nórdica nos deparamos, tanto nos poemas mitológicos da *Edda* quanto no tratado de Snorri Sturluson, com inúmeras alusões e observações esparsas acerca dos seres menores do mundo sobrenatural pagão, imensamente rico e populoso. É desconcertante na sua totalidade; e sem dúvida houve outrora todo um mundo de pensamento e crença acerca desses seres, agora quase totalmente perdido. No entanto, mantendo-se em mente que Snorri escrevia no século XIII e que por trás dele se estendem séculos e mais séculos de crenças não registradas, várias e cambiantes, podemos notar o que ele diz: ou seja, que existem os Elfos da Luz, *Ljósálfar*, e os Elfos Escuros, *Dökkálfar*. Os Elfos da Luz habitam em um lugar glorioso chamado *Álfheimr* (Lar dos Elfos, Mundo dos Elfos), mas os Elfos Escuros “vivem na profundidade da terra, e são diferentes dos Elfos da Luz no aspecto, porém muito mais diferentes na natureza. Os Elfos da Luz

são mais belos de se olhar do que o sol, mas os Elfos Escuros são mais negros que piche”.

Até onde podemos dizer agora, parece haver pouca diferença entre os Elfos Escuros escandinavos, negros como piche e vivendo no subsolo, e os *Dverg*, anões; na verdade Snorri mais de uma vez se refere aos anões como habitantes de Svartálfaheimr, a Terra dos Elfos Escuros. De acordo com Snorri, o anão Andvari, dono original do tesouro de Fáfnir, morava na Terra dos Elfos Escuros (vide o comentário à Balada dos Völsungs): ali ele guardava seu tesouro dentro de uma rocha, e ali Loki o apanhou.

Pode-se mencionar brevemente as características dos anões na literatura nórdica antiga. São acima de tudo mestres artesãos, artífices de tesouros admiráveis e armas maravilhosas. Os objetos mais renomados dos mitos nórdicos foram feitos por anões: a lança Gungnir de Ódin, o martelo Mjöllnir de Thór e Skíðblaðnir, navio do Deus Freyr, capaz de levar todos os Deuses, porém tão intrincadamente feito que podia ser dobrado como um lenço e posto em uma bolsa.

Os anões sempre viveram sob a terra ou dentro de rochas (um eco era chamado de *dverg-mál*, “fala de anão”) e possuíam vastos conhecimentos. Se fossem apanhados ao ar livre depois do nascer do sol, transformavam-se em pedra. Há um poema na *Edda*, o “Alvíssmál”, em que o deus Thór faz muitas perguntas a um anão chamado Allviss (“Todo-Sábio”); e Thór o mantém respondendo às suas perguntas até o sol nascer. O poema termina com Thór exclamando: “Anão, estás *uppi dagaðr*”, estás “sobrediurnado”, o sol te apanhou.

A linha de pensamento que emerge de tudo isso ficará clara, assim como a conclusão. Os Elfos Escuros, negros como piche, e os anões, intimamente relacionados, se não idênticos, na mitologia nórdica, guardiões de tesouros em cavernas e rochas; Alberich e Andvari; a origem do nome nibelungo em conexão com palavras de “escuridão”; o nascimento “élfico” de Hagen, seu aspecto escuro e semelhante a um troll na “*Thiðrekssaga*”. De acordo com essa teoria, eis o que eram na origem os nibelungos: eram seres da treva, Elfos Escuros ou anões, e Siegfried/Sigurd roubou deles o grande tesouro.

A teoria “mitológica”, ou alguma forma dela, é radicalmente recusada por outros estudiosos. A partir de topônimos e antropônimos da região de

colonização burgúndia, existem evidências interpretadas no sentido de que *Nibelung* era o nome de uma poderosa família ou clã dos burgúndios. Colocando o assunto na forma mais simples, supõe-se nesta base que ou o clã nibelungo da Burgúndia (puramente humano) possuía enorme fortuna como fato histórico, ou então muito cedo essa fortuna lhes foi atribuída; e “o tesouro dos nibelungos” era o tesouro familiar dos reis burgúndios.

É evidente que meu pai apoiava a teoria “mitológica” de alguma forma; mas sua opinião sobre o processo pelo qual os burgúndios se tornaram nibelungos em nenhum lugar está clara ou plenamente expressa nos seus escritos. Ele havia sugerido que a conexão do “herói do Dragão” com o rei burgúndio Gundahari começou com o “ouro” como motivo para explicar o ataque de Átila (quando Átila se tornou o líder dos hunos na destruição do reino burgúndio de Worms). À medida que Gundahari se esvanecia no passado (escreveu ele), antigas lendas de tesouros élficos localizados no Reno naturalmente foram sendo ligadas ao famoso rei em Worms: “Esse tesouro provavelmente já tinha guardiões demoníacos ou anânicos, mas originalmente não precisava ter sido o mesmo que o ouro de Sigemund, por muito que possa ter sido”.

“Certamente parece”, disse ele, “que o herói áureo que se intromete nos burgúndios já reunira *Niflungar inimigos* em redor de si, que lhe roubaram a vida, a noiva e o tesouro. Os burgúndios históricos parcialmente tomam esse lugar, e apesar de jamais ocorrer uma fusão completa eles são obscurecidos”. Ele também tinha como virtualmente certo que o “*Nibelungenlied*” é mais original “por fazer do demoníaco e cruel Hagen não um irmão, mas sim um associado vagamente ligado aos burgúndios. Muito provavelmente Hagen/Högni é relíquia de alguma antiga figura mitológica, conexa na origem com o ouro, ou pelo menos com a parte mítica, pré-burgúndia, da história de ‘Sigurd’”.

De observações como essas nas suas anotações, pode-se talvez suspeitar que meu pai via desse modo a gênese da parte central da lenda. O herói do Dragão já era o ladrão do Tesouro dos escuros e demoníacos nibelungos (a quem meu pai via expressamente como “os donos originais”) e trouxe consigo, para dentro da lenda burgúndia, a história de como os nibelungos o mataram por vingança e tomaram o tesouro.

Com a fusão das duas lendas, os príncipes burgúndios necessariamente se tornaram seus inimigos: ele tinha de ser morto para que eles pudessem

se tornar possuidores do ouro, e eles absorveram em si, por assim dizer, algo da natureza escura dos nibelungos. Foi do lado “nibelungo” da lenda composta que veio no final das contas o “demoníaco e cruel” Hagen, com (no “*Nibelungenlied*”) sua avidez pelo ouro, que guardou até a morte, e seu ódio implacável de Siegfried, que provocou seu assassinato. Hagen tornou-se mais ou menos assimilado aos burgúndios, e em nórdico (como Högni) inteiramente assimilado; mas os burgúndios, por seu lado, se tornaram nibelungos, ou Niflungar.

Meu pai também suspeitava que a noiva demoníaca fazia parte do complexo lendário trazido à história burgúndia com o herói do Dragão; e que, quando ele trouxe consigo seus inimigos nibelungos, eles vieram não somente como ladrões de sua vida e seu tesouro, mas também de sua prometida. “Parece provável”, disse ele, “que os *Niflungar* que roubam a noiva de Sigurd fazem parte do antigo enredo lendário que foi transferido aos burgúndios. E a noiva valquíria, durante todo o tempo, manteve demasiadas características ferozes e inumanas para ter um tratamento completamente bem-sucedido”.

Assim, finalmente, o tesouro roubado de Sigurd tornou-se (por curiosa ironia) o Tesouro dos Nibelungos (como sempre fora); pois os burgúndios eram agora os nibelungos. E Gunnar adquiriu a valquíria.



* Um dos personagens dos Contos de Canterbury de Chaucer. (N. T.)

** O trecho em médio inglês, traduzido, fica: “Vede, Átila, o grande conquistador./ morreu dormindo, com vergonha e desonra./ sangrando pelo nariz na embriaguez./ um capitão deveria viver na sobriedade”. (N. T.)

* “Lagarto; dragão” em antigo inglês. (N. T.)

APÊNDICE B

A PROFECIA DA SIBILA

Incluo este poema de meu pai, em pares rimadas, como acompanhamento do “Upphaf” da Balada dos Völsungs, totalmente diverso, visto que também ele foi inspirado pelo poema eddaico “Völuspá” (vide o comentário à balada, vide Comentário sobre [Völsungakviða en nýja](#)).

Ele se encontra em um único manuscrito decorado, muito bonito; não há mais vestígio de trabalhos anteriores. Não há qualquer tipo de evidência para sua data, mas em bases gerais eu tenderia a atribuí-lo à década de 1930.

A PROFECIA DA SIBILA

Do Leste virá o Gigante de outrora
com escudo de pedra de fora a fora;
a Serpente enorme que ata o mundo
moverá o Mar Externo profundo
e em fúria imensa o fará desatado
até tudo soltar que já foi amarrado.

Liberto por fim partirá muito forte
o navio de sombra que chega do Norte;
a hoste de Hel cruzará o mar
e Loki se irá da cadeia livrar,
e junto c’o lobo os monstros hão
de assolar o mundo sem nenhum perdão.

Surtur então do Sul virá logo
e pra tragar árvores chega com fogo
que claro qual sol nas espadas se abate
das hostes divinas no grande combate;
os morros de pedra sofrerão fendas;
os homens da morte irão pelas sendas.

A luz do sol será obscurecida
e a Terra debaixo do mar submergida,
e do céu partido, do firmamento,
as estrelas hão de tombar num momento;
em espiras que rugem subirá o vapor
e o fogo o teto do céu vai compor.



Não enxerga o sol uma certa casa,
escura, na praia onde a onda vaza
e vagas arrasam a Costa Mortal
e pro norte se volta o atro portal;
peçonhenta chuva cai de repente
na muralha, cada gota é uma serpente.

Encharcados de água caminham ali
os perjuros, os que afastaram de si
a fé dos amigos; ali o covarde
assassino sofre uma sina que arde:
o dragão que ainda de Yggdrasil
as raízes rói onde covas abriu.

Em voo obscuro há de vir o dragão
por sobre as praias, vazio o seu chão,
subindo das Inferiores Plagas
trazendo cadáveres cheios de chagas,
depois mergulhar pra debaixo do mar
e os malditos e mortos pra sempre ocultar.



Por fim, erguer-se-á lenta, outra vez
do Oceano a Terra em verde altivez,
e cascata de água prevejo que caia
do seu topo, luzente, lá embaixo na praia;
ali a águia com vago grito
voltará a pescar no monte bonito.

Os deuses mais jovens hão de se avistar
e nos pastos de Idavellir andar,
os contos do que passou falarão,
do fogo, da treva e do Dragão,
e dos Deuses o velho rei vai lembrar
do poder e juízo que tinha, sem par.

Outra vez acharão, é assombro assim,
lançado ao solo, em meio ao capim,
o xadrez de ouro, fora a fora,
que em Ásgard eles jogavam outrora,
quando as cortes eram repletas de ouro
no antigo gozo de bom agouro.

Vejo casa que se ergue ali, brilhante,
mais bela que o Sol que reluz adiante:
as telhas de ouro a Gimlé enobrecem,
nem tristeza nem mal dentro dela aparecem,
e os homens dignos, fiéis e honrados
terão muito prazer em dias incontados.

Os campos de trigo crescerão sem cultivo
à chegada de Baldur, que faz tudo vivo;
os salões rompidos da hoste de Ódin,
as torres do vento nas costas sem fim,
refeitas serão com graça eterna,
será tudo novo quando Baldur governa.



APÊNDICE C

FRAGMENTOS DE UM POEMA HEROICO

DE ÁTILA EM ANTIGO INGLÊS

Estes versos em métrica aliterante, em antigo inglês, foram compostos em data desconhecida, mas creio ser pelo menos muito provável que pertençam ao mesmo período de todos os escritos deste livro, os anos iniciais de meu pai em Oxford após sua partida de Leeds.

Em conteúdo e sequência interna, ambos os fragmentos baseiam-se de perto na “Atlakviða” nórdica antiga. Há mais de uma cópia de cada um, com melhorias progressivas de pequena monta. Em cada caso acrescentei uma tradução e algumas notas explicativas.

I

Este texto corresponde às oito primeiras estrofes de “Atlakviða”. Fazem parte de um poema nórdico que apresenta muitas dificuldades e dúvidas; e parece concebível que meu pai as tenha escolhido precisamente porque são o começo do poema, como se em algum momento ele pretendesse transformá-lo deste modo por inteiro. Para o trecho correspondente da Balada de Gudrún, vide [“Guðrúnarkviða en nýja”](#), estrofes 37-44.

Ætla Guðhere ar onsende 5
cenne ridend – Cneofrið hatte – :
com to gearдум Gifecan, Guðheres healle;
beornas ymb heorðe beore gefægон.
Druncon dryhtguman on dreorsele,
mod miðende meldan sæton; 10

Huna hetepanc hæleþ ondreordon.
Secg suðlendisc sliþan reorde,
Cneofrið ciegde cuma on healle:
‘Hider on ærende Ætla mec sende

geond Wistlawudu wegas uncuðe 15
mearh ridendne midlbætdne;
het inc gretan wel, Guðhere, beodan
þæt nit helmum þeahte to his ham cwomen.
Þær git sceld sculon agan ond sceaft smeðne,

helm goldhrodene, Huna mænigo, 20
sadol seolforweredne, serc scynestan,
blancan betstan bitolhæbbendne,
wæde wealhbeaswe, ond wacne gar.
Cwæþ þæt he giefan wolde inc Gnitanhæðe,

weald þone widan on gewæld sellan,
ofer giellendne gar ond gylden stefn,
maðmas micle, mearce Dænepes,
ond þæt mære holt – Myrcwudu hatte.’

helm goldhrōdene, Huna mænigo, 20
sadol seolforweredne, serc scynestan,
blancan betstan bitolhæbbendne,
wæde wealhbeaswe, ond wacne gar.
Cwæþ þæt he giefan wolde inc Gnitanhæðe,
weald þone widan on geweald sellan,
ofer giellendne gar ond gylden stefn,
maðmas micle, mearce Dænepes,
ond þæt mære holt – Myrcwudu hatte.’

Ða heafod hylde helm Burgenda, 25

Hagenan sægde: ‘þa wit hyraþ swelc, 30
hwæt rædeþ unc se rinc, runbora geonga?
On Gnitanhæðe ic gold ne gefrægn
þæt wit opres ne ahten efnmicle sped.
Wit seld agon seofon sweordum gefyllled,
þára sint hiltu gehwilces heawen of golde; 35
mearh is mín mærest, mece betsta,
helm hwitesta ond hilderand
ahyped of horde hean Caseres –
þonne ealra Huna an is min betera.’

þára sint hiltu gehwilces heawen of golde; 35
mearh is mín mærest, mece betsta,
helm hwitesta ond hilderand
ahƿed of horde hean Caseres –
þonne ealra Huna an is min betera.’

Hagen ‘Hwæt biecnede seo bryd þa heo unc beag sende, 40
weargloccum wand? wearnunge geteah!
þy ic wriðen fæste þær wulfes hær
hares hæpstapan on hringe fand,
wylfen, þæs ic wene, bið uncer wap heonan.’



Atla mandou a Guðhere audaz mensageiro
a cavalo – Cnéofrið era seu nome:
chegou às cortes de Gifeca, ao palácio de Guðhere;
ao redor da lareira os guerreiros se compraziam na cerveja amarga.
Os homens daquela companhia bebiam no sombrio salão,
os *meldan* sentados, ocultando seus pensamentos;

os guerreiros temiam o ódio dos hunos. 10
O homem do sul exclamou com voz bravia,
Cnéofrið, o estrangeiro no salão:
“Para cá mandou-me Ætla em missão
em caminhos desconhecidos através da floresta do Vístula 15
cavalgando a montaria de freio e rédea;
mandou-me saudar-vos os dois, Guðhere, e pedir
que venhais cobertos de elmos à sua habitação.
Lá haveis de ter escudo e lança alisada,
elmo enfeitado de ouro, grande companhia de hunos, 20
sela prateada, cota de malha muito reluzente,
o melhor cavalo que usa rédea,
trajes de escarlate estrangeiro e chuço delgado.
Disse que vos daria Gnitanheath,
daria em vossas mãos a ampla floresta, 25
lança que guincha e proa dourada,
grandes tesouros, as habitações do Dniéper,
e a mata renomada chamada Floresta das Trevas”.

Então o senhor dos burgúndios voltou a cabeça, 30
a Hagena falou: “Quando ouvimos tais coisas,
o que nos recomenda o jovem conselheiro?
Não ouvi falar de tesouro dourado em Gnitanheath
que nós dois não possuíssemos outro de igual abundância.

Temos sete salões repletos de espadas, 35
cada uma com punho esculpido em ouro;
meu cavalo é o mais renomado, minha espada a melhor,
meu elmo o mais brilhante, meu broquel de batalha
pilhado do tesouro do grande imperador –
o meu por si é melhor que [o de] todos os hunos”.

Hagena “O que quis dizer a noiva quando nos mandou um anel, 40
envolveu-o com pelo de lobo? Deu-nos um alerta!
Bem preso ao anel encontrei um pelo de lobo,
do cinzento vagante na charneca:
lupina, segundo creio, será nossa viagem daqui.”

Notas

1 *Ætla, Guðhere*: as formas em inglês antigo dos nomes nórdicos Atli e Gunnar.

2 *Cnéofrið*: o nome do mensageiro de Atli em “Atlakviða” é Knefröðr: vide o comentário à Balada de Guðrún, estrofes 37-48.

3 *Gífica*: a forma em inglês antigo do nome nórdico Gjúki, pai de Gunnar: vide Apêndice A, em “I *Átla* e *Gundahari*”.

5-6 Em uma conferência sobre o texto de “Atlakviða” meu pai interpretou o significado do verso nesse ponto como que havia alegria ruidosa no palácio entre a gente de Gunnar, mas que os enviados hunos estavam sentados em silêncio, ocultando seus pensamentos. Mas seus versos em inglês antigo podem não provir dessa interpretação.

A palavra inglesa antiga *melda* significa alguém que declara, conta, informa ou trai. O homem em *Beowulf* que roubou o cálice do tesouro do dragão e conduziu Beowulf e seus companheiros ao covil é chamado de *melda*. Mas não sei que significado meu pai atribuiu à palavra nesse verso.

11 *Wistlanudu*. Este nome ocorre no poema “Widsith”:

þonne Hraða here ful oft þær wig ne alæg,
heardum sweordum

ymb Wistlawudu wergan sceoldon
ealdne eþelstol Ætlan leodum.

“Raramente o combate se aquietou, quando a hoste dos Hrædas [godos] em torno da floresta do Vistula teve de defender com as espadas sua antiga habitação da gente de Átila.”

A referência a *Wistlawudu* é um vestígio de uma tradição muito antiga, pois foi por volta do final do século II que os godos partiram em uma vasta migração rumo ao sudeste desde a costa báltica e o vale do Vistula e por fim se estabeleceram nas planícies ao norte do mar Negro. Mas em “Widsith”, “a floresta do Vistula” é imaginada como a floresta primeva que separa os territórios dos godos e dos hunos e deve ser equiparada a *Myrkviðr* (vide o comentário à Balada dos Völsungs, VII.14): em “Atlakviða” Knefröðr diz que cavalgara através de *Myrkvið inn ókunná*, a inexplorada Floresta das Trevas.

20 A oferta de Ætla (seguindo “Atlakviða”) de “Gnitaneath”, onde Fáfnir tinha seu covil como se fizesse parte de seu domínio, constitui um problema para o qual foram propostas várias soluções. Meu pai acreditava ser provável que houvesse uma antiga associação entre Gnitaneath e um tesouro dourado da qual nada sabemos, e que isso fez que o nome fosse atraído por Fáfnir, isto é, que mais tarde se tornasse o nome da região onde ficavam seu covil e seu tesouro. Não consigo explicar a forma *Gnitaneath*.

27 A palavra *runbora* parece não ter sido registrada em antigo inglês, mas presumo que signifique “alguém que leva *run*” no sentido de “conselhos (secrets)”, portanto “conselheiro”, equivalente à palavra registrada *rædbora* de igual significado.

36 *Hagena*: Högni.

37 *weargloccum*, “pelo de lobo”: em antigo inglês a palavra *wearg* designava exclusivamente um proscrito ou criminoso caçado, mas o nórdico *vargr* mantinha adicionalmente o sentido de “lobo”. Daí derivou-se o nome dos *wargs* da Terra Média.

39 A palavra *hæðstapa*, “vagante na charneca”, ocorre em *Beowulf*, em que designa um veado. Em “Atlakviða” a palavra empregada é *heiðingi*, de significado semelhante: vide o comentário à Balada de Guðrún, estrofes 37-48, em que é citado o verso do poema nórdico.

II

Este segundo texto corresponde a versos muito mais adiante em “Atlakviða”, começando na estrofe 24, *Hló þá Högni [...]*, “Então Högni riu [...]”. O trecho da Balada de Guðrún é das estrofes 127-130.

Após o verso 19 meu pai evidentemente rejeitou um trecho de seu poema, visto que ele não está repetido na cópia acabada. O poema em antigo inglês retoma a narrativa e conclui com “Atlakviða” estrofe 32, *Lifanda gram [...]*, “o príncipe vivente [...]”.

þa hlog Hagena þe man heortan scear 5
of cwican cumbolwigan – cwanode lyt;
blodge on beode to his breðer gæf.
þa se gar-niflung Guðhere spræc:
‘Her is me heorte Hagenan frencan,
ungelic heortan eargan Hellan; 10
bifaþ heo lythwon nu on beode liþ,
efne swa lyt bifode þa on breoste læg.
Swa scealtu, Ætla, ealdum maðmum,
leohte life samod beloren weorðan!
Her æt anum me is eal gelang 15
hord Niflunga, nu Hagena ne leofað:
a me twegra wæs tweo on mode;
untweo is me, nu ic ana beom.
Rin sceal rædan readum golde
wrohtweccendum, wealcende flod
entiscum yrfe Ealdniflunga;
blican on burnan beagas wundene,
nealles on handum Huna bearna!’



Leod lifigendne on locan setton 20

Huna mænigo. Hringbogan snicon, 25
wyrmas gewriðene wagum on innan.
Slog þa Guðhere gramhycgende
hearpan on heolstre. Hringde, dynede,
streng wið fingre. Stefn ut becwom
headotorht hlynnan þurh harne stan
feondum on andan. Swa sceal folccynning
gold guðfrea wið gramum healdan.



Então Hagen riu quando cortaram o coração 5
do guerreiro vivente – pouco gemeu;
num prato, sangrando, deram-no ao seu irmão.
Então falou Guðhere, o Niflung da lança:

“Aqui tenho o coração de Hagen, o bravo, 10
diverso do coração do covarde Hella;
pouco estremece agora que jaz no prato,
tão pouco estremeceia quando estava no peito.

Assim tu, Ætla, hás de ser privado

dos antigos tesouros, da luz e da vida juntas; 15
a mim somente pertence
todo o tesouro dos Niflungs, agora que Hagen não vive.
Um de dois, sempre tive dúvida em minha mente;
nenhuma dúvida tenho agora que estou só.

O Reno há de reger o ouro vermelho
que incita os homens à contenda, o fluxo ondulante [há de reger]
a herança dos antigos Niflungs, provinda de gigantes.
Os anéis retorcidos hão de reluzir no rio
e de nenhum modo enfeitar as mãos dos filhos dos hunos.”



O rei vivente puseram em local cercado, 20

a hoste dos hunos. Serpentes arrastavam-se, 25
cobras enroladas dentro das paredes,
mas Guðhere, de coração colérico, tocou
a harpa em seu esconderijo. Soou, retiniu
corda contra dedo. Sua voz veio
clara como grito de guerra através da rocha cinzenta
em fúria contra seus inimigos. Assim um rei do povo,
um senhor marcial, há de vigiar seu ouro contra os adversários.

Notas

- 2 O elemento *cumbol* na palavra composta *cumbolwiga* significava uma flâmula, um estandarte.
- 4 *gar-niflung*. Em formas anteriores desse trecho meu pai escreveu aqui *gimneoflung*, no verso 12 *hord Neoflunga* e no verso 17 *Ealdneoflunga*. Não consigo explicar essas formas do nome, mas, seja como for, no texto final ele voltou a *Niflung*, *Niflunga*. Nas formas anteriores (apenas) ele escreveu a palavra *gar*, “lança”, ao lado de *gim*, “joia”, em *gimneoflung*; mas, visto que o poema em “*Atlakviða*” tem *Mærr kvað þat Gunnarr, geir-Niflungr* (“falou o glorioso Gunnar, o Niflung da lança”), adotei *gar*.
- 6 *Hella*: em “*Atlakviða*” e na Balada de Guðrún o nome do servo é Hjalli.
- 17 *entiscum yrfe*. Este verso enigmático depende de outro, muito discutível, em *Atlakviða*, em que a palavra *áskunna*, “de raça divina”, precede *arfi Niflunga*, “herança dos Niflungs”. Em seus comentários a respeito, meu pai parece ter preferido *áskunna Niflunga*, “os Niflungs de raça divina”, mesmo confessando que não é claro o que isso quer dizer, em vez de usar a frase com *arfi*, dizendo que “é muito duvidoso que se possa falar de um tesouro como sendo ‘de raça divina’”.
- Em sua versão em antigo inglês, aqui ele escreveu primeiro *óscund yrfe* (em que *óscund* significa “de raça divina, divino”, sendo a palavra *ós* o equivalente etimológico do nórdico *áss*, plural *ásir*), depois alterou para o adjetivo *entisc* (e em seguida *entiscum*), “gigante, de gigantes”, do substantivo *ent* (do qual se derivou o nome dos Ents da Terra Média). Em uma cópia subsequente escreveu *óscund* na margem ao lado de *entisc*, como se ainda estivesse em dúvida.
- 25-26 É notável que palavras quase iguais

stefn in becom
headotorht hlynnan under harne stan

aparecem em *Beowulf*, versos 2552-3, em que se referem ao grande grito de desafio de Beowulf à aproximação do dragão.





martins fontes
seio martins

Muitos anos atrás, J. R. R. Tolkien compôs sua própria versão, publicada agora pela primeira vez, da grande lenda da antiguidade setentrional, em dois poemas estreitamente relacionados: a nova Balada dos Völsungs e a nova Balada de Gudrún.

Na Balada dos Völsungs é contada a linhagem do grande herói Sigurd, matador de Fáfnir, o mais celebrado dos dragões, cujo tesouro ele tomou para si. Fala-se de como ele despertou a valquíria Brynhild; de como foram prometidos um para o outro; e de sua chegada à corte dos grandes príncipes Niflungs (ou nibelungos), com os quais obteve uma fraternidade de sangue. Nessa corte nasceu grande amor, mas também grande ódio, provocado pelo poder da feiticeira, mãe dos Niflungs.

Em cenas de dramática intensidade, de identidades confundidas, paixão frustrada, ciúme e amarga contenda, a tragédia de Sigurd e Brynhild, do Niflung Gunnar e de sua irmã Gudrún escala, até o desfecho, com o assassinato de Sigurd pelas mãos de seus irmãos de sangue, o suicídio de Brynhild e o desespero de Gudrún, contam-se seu destino após a morte de Sigurd, seu casamento a contragosto com o poderoso Atli, soberano dos hunos (o Átila histórico), como este assassinou seus irmãos, senhores dos Niflungs, e como ela se vingou de modo horrendo.

Numa versão derivada primariamente dos detalhados estudos da antiga poesia norueguesa e islandesa conhecida por *Edda Poética*, J. R. R. Tolkien empregou uma forma poética de estrofes curtas cujos versos corporificam em inglês os exigentes ritmos aliterantes e a energia concentrada dos poemas da *Edda*.

CHRISTOPHER TOLKIEN

J. R. R. TOLKIEN nasceu em 1892 em Bloemfontein. Após servir na Primeira Guerra Mundial, Tolkien empreendeu uma notável carreira acadêmica e foi reconhecido como um dos maiores filólogos do mundo. No entanto, ele é mais conhecido como criador da Terra Média e autor de obras de ficção clássicas e extraordinárias como *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*, todas publicadas pela Martins Fontes. Seus livros foram traduzidos para mais de 40 línguas e venderam muitos milhões de exemplares no mundo todo. Ele recebeu o título de CBE [Comandante da Ordem do Império Britânico] e um doutorado honorário em Letras da Universidade de Oxford em 1972. Faleceu em 1973 aos 81 anos.

CHRISTOPHER TOLKIEN, nascido em 1924, é o terceiro filho de J. R. R. Tolkien. Designado por Tolkien como seu testamenteiro literário, desde a morte do pai, ele tem se dedicado a editar publicar seus escritos inéditos, notavelmente *O Silmarillion* e as coleções intituladas *Contos Inacabados* e *The History of Middle-earth* [A História da Terra Média, ainda não traduzida para o português. Ele e sua esposa Baillie vivem na França desde 1975.

OUTROS TÍTULOS DO NOSSO CATÁLOGO

Dahl, R.

A Fantástica Fábrica de Chocolate

Marley, C.

One Love

Norton, M.

Os Pequeninos Borrowers

Oesterheld, H. G. e López, F. S.

O Eternauta

Tolkien, J. R. R.

As aventuras de Tom Bombadil

Tolkien, J. R. R.

O Senhor dos Anéis

Vol. 1 – A Sociedade do Anel

Vol. 2 – As Duas Torres

Vol. 3 – O Retorno do Rei

Volume único